

**David
Morrell**

PRIMEIRO SANGUE

**PARA LER DE
UM SÓ FÔLEGO**







DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Table of Contents

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

PRIMEIRO SANGUE

DAVID MORRELL

Tradução de WILMA RONALD DE CARVALHO

Conversão para e-book: TVCINESOM

EDITORIA RECORD

Título original norte-americano FIRST BLOOD

Copyright (c) 1972 by David Morrell.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S A.

Av. Erasmo Braga, 255 - Oitavo andar - Rio de Janeiro, RJ que se reserva a
propriedade literária desta tradução Impresso no Brasil

PRIMEIRA PARTE

Chamava-se Rambo. Qualquer pessoa que o visse ali, de pé, ao lado da bomba de gasolina, no posto situado na periferia de Madison, Kentucky, pensaria que era um rapaz comum. Possuía uma longa e espessa barba, os cabelos cobriam-lhe as orelhas e o pescoço, e mantinha o dedo polegar erguido na tentativa de pegar uma carona com um carro que parasse ali para abastecer. Ao vê-lo, encostado num dos lados, uma garrafa de Coca Cola nas mãos, um saco de dormir enrolado perto das botas sobre a pista de asfalto, ninguém poderia imaginar que, na quinta-feira, ele estaria fugindo da Guarda Nacional do Kentucky, da polícia de seis condados e de uma boa quantidade de cidadãos que gostava de atirar. Porém, àquela altura, vendo-o esfarrapado e empoeirado no posto de gasolina, ninguém poderia supor o tipo de rapaz que era ou aquilo que estava prestes a desencadear.

Contudo, Rambo sabia que ia haver barulho. Muito barulho, se alguém não tomasse cuidado. O carro no qual tentara pegar uma carona quase passou por cima dele ao sair do posto. O rapaz que trabalhava no posto enfiou no bolso uma nota e um livreto de selos, fazendo uma careta na direção das marcas deixadas pelo pneumático sobre o asfalto quente, próximo aos pés de Rambo. Logo depois, uma radiopatrulha saiu do meio do tráfego dirigindo-se para seu lado. O rapaz percebeu que tudo ia recomeçar novamente e ficou tenso.

"Não, pelo amor de Deus. Desta vez, não. Não serei forçado a nada."

Na radiopatrulha, estava pintado: CHEFE DE POLÍCIA, MADISON.

O carro parou junto de Rambo, a antena balançando, e o policial inclinou-se sobre o banco dianteiro, abrindo a porta oposta à sua. Ficou olhando para as botas recobertas de lama, os jeans amarrotados, rasgados nas bainhas e remendados numa das coxas, a camisa azul molhada de suor e respingada de alguma coisa que parecia sangue seco, e a jaqueta de pele de gamo. Deu uma olhadela rápida na barba e nos cabelos compridos. Não, não era isso que o estava incomodando. Era algo mais e não conseguia entender completamente o quê.

- Muito bem, entre - disse.

Mas Rambo não se mexeu.

- Disse para entrar - repetiu o homem. - O calor deve estar tremendo aí fora, ainda mais com essa jaqueta de pele de gamo.

Contudo, Rambo limitou-se a beber a Coca-Cola, olhou para um lado e outro da rua, os carros passando, dirigiu o olhar para o policial na radiopatrulha e ficou exatamente onde estava.

-. Há alguma coisa errada com sua audição? - Perguntou o policial. - Trate de entrar logo antes que me enfeze.

Rambo examinou-o exatamente da mesma maneira como tinha sido esquadrihado: baixote e gorducho por detrás do volante, rugas em volta dos olhos e marcas de varíola, pouco profundas, que conferiam um aspecto de madeira esburacada às faces.

- Não fique olhando estatelado para mim - disse o policial. Não obstante, Rambo continuou a estudá-lo: a farda cinzenta, camisa aberta junto ao pescoço, gravata frouxa, a parte da frente da camisa escurecida devido ao suor que a empapava. Rambo olhou para a arma, porém não pôde discernir qual o tipo dela. O policial mantinha o coldre à esquerda, do lado oposto ao do passageiro.

- Estou-lhe dizendo - falou o policial. - Não gosto que fiquem olhando para mim.

- E quem gosta?

Mais uma vez, Rambo lançou uma olhada a sua volta, depois agarrou o saco de dormir. Tão logo entrou na radiopatrulha, colocou a sacola entre ele e o policial.

- Já faz muito tempo que está esperando? - Indagou o policial.

- Uma hora. Desde que cheguei.

- Poderia ter esperado muito mais do que isso. O pessoal daqui não costuma parar para dar carona. Principalmente para: alguém como você. A lei não o permite.

- Para alguém como eu?

- Não banque o espertinho. Dar carona é contra a lei, estou-me referindo a isso. Muitas pessoas param na estrada para dar carona a um rapaz e, logo depois, são roubadas e talvez mortas. Feche a porta.

Antes de fazer o que lhe fora ordenado, Rambo tomou um gole da Coca-Cola bem devagarinho. Olhou para o empregado do posto que continuava sorrindo ao lado da bomba, enquanto o policial metia-se no meio do trânsito e rumava para o centro da cidade.

- Não precisa preocupar-se - disse Rambo ao policial. - Não tentarei roubá-lo.

- Essa é muito boa! Caso não tenha reparado no emblema pintado na porta, sou o Chefe de Polícia. Teasle. Wilfred Teasle. Porém não vejo necessidade de lhe dizer meu nome.

Continuou dirigindo, até alcançar um cruzamento principal onde a luz do sinal estava ficando amarela. Mais adiante, em ambos os lados da rua havia uma porção de lojas, umas grudadas nas outras -- uma farmácia, um salão de sinuca, uma loja de armas e equipamentos, e mais uma dúzia de outras.

Bem distante, na direção do horizonte e por cima dos telhados, erguiam-se as montanhas, altas e verdes, manchadas, aqui e ali, de vermelho e amarelo devido às folhas que começavam a morrer.

Rambo observou a mancha de uma nuvem que deslizava sobre as montanhas.

- Para onde pretende ir? - Escutou Teasle lhe perguntar.

- Isso faz diferença?

- Não. Foi algo que me veio à cabeça. Acho que não faz muita diferença saber isso. Mas, de qualquer modo... para onde está indo?

- Para Louisville, talvez.

- E talvez não.

- Correto.

- Onde dormiu? No meio do mato?

- Exatamente.

- Parece-me bastante seguro agora. As noites estão ficando mais frias e as cobras gostam de ficar dentro dos buracos, ao invés de saírem para caçar.

Assim mesmo, pode ser que uma dessas noites você descubra uma companheira na cama que está louca pelo calor de seu corpo.

Ultrapassaram um local para lavagem automática de carros, um supermercado da cadeia A&P e um trailer que vendia hambúrgueres com um descomunal Dr. Pepper pintado numa das janelas.

- Dê uma olhada nessa monstruosidade - disse Teasle. - Colocam essa coisa aqui, na rua principal e, desde então, tudo o que vemos são carros estacionados, os garotões tocando as buzinas e atirando lixo na calçada.

Rambo tomou um gole da Coca-Cola.

- Alguém da cidade deu-lhe carona? - Indagou Teasle.

- Caminhei. Estou andando desde que o dia clareou.

- Esteja certo de que sinto muito ao saber disso. Acho que minha carona vai lhe ajudar um pouco, não?

Rambo não respondeu. Sabia o que estava para acontecer. Passaram por uma ponte e um riacho, alcançando a praça da cidade, um tribunal de pedra no final do lado direito, e mais algumas lojas, grudadas umas nas outras, de ambos os lados da rua.

A delegacia fica bem ali, ao lado do tribunal - explicou Teasle.

Contudo, continuou a dirigir, ultrapassou a praça, desceu a rua até onde só havia casas, primeiro bem cuidadas e fluorescentes, depois casas de madeira rachadas e cinzentas, com crianças brincando diante delas em meio à sujeira. Alcançou uma elevação na estrada, no meio de dois penhascos, num local onde não havia nenhum tipo de construção, apenas campos de milho totalmente maduros e que esturricavam ao sol. Logo depois de uma tabuleta, na qual se lia: AGORA VOCÊ ESTÁ SAINDO DE MADISON. DIRIJA COM

CUIDADO.

Teasle deixou o asfalto e parou sobre o cascalho do acostamento.

- Tenha cuidado - disse.

- E não se meta em encrencas - respondeu Rambo. - Não era isso o que ia dizer?

- É isso aí! Já estive antes nesse caminho. Portanto, não preciso perder tempo explicando de que maneira rapazes que se parecem com você costumam criar transtornos. - Levantou o saco de dormir que Rambo tinha posto entre os dois, colocou-o sobre o colo do rapaz e inclinou-se por cima dele para abrir a porta do lado direito. - Agora, tenha cuidado.

Rambo saiu do carro bem devagarinho.

- Até qualquer dia - disse, e bateu à porta com força.

- Não - respondeu Teasle, através da janela aberta do outro lado. - Acho que não nos veremos mais.

Pôs o carro em movimento, avançou um pouco mais estrada acima, fez uma volta em U e rumou para o centro da cidade, apertando a buzina ao passar por Rambo.

O rapaz ficou olhando, enquanto a radiopatrulha desaparecia por entre dois penhascos. Tomou o que restava da Coca-Cola, atirou o casco num buraco e, com o saco de dormir balançando sobre um dos ombros, recomeçou a caminhar de volta à cidade.

O ar estava saturado com gordura de fritura. Rambo notou que a senhora de idade, por trás do balcão, observava-o por cima dos óculos bifocais, examinando suas roupas, cabelos e barba.

- Dois hambúrgueres e uma Coca-Cola - pediu o rapaz.

- Sirva-o, para que se vá - ouviu alguém dizer atrás dele.

Rambo olhou para a imagem refletida no espelho atrás do balcão e viu Teasle parado junto à entrada, mantendo a porta de tela aberta, para depois batê-la com violência.

- E trate de trabalhar rápido, está bem, Merle? - Disse Teasle. - Esse rapaz está com muita pressa.

Havia muitos poucos clientes no local, alguns sentados junto ao balcão, e outros, nos reservados. Enquanto paravam de mastigar e dirigiam os olhares para ele, Rambo observou-os refletidos no espelho. Porém, quando Teasle encostou-se à vitrola automática, colocada junto à porta, dando a impressão de que nada demais iria acontecer todos voltaram a se preocupar com a comida. A senhora de idade, atrás do balcão, mantinha a cabeça branca inclinada para um dos lados, intrigada.

- Está tudo bem, Merle. E enquanto está preparando esse pedido, que tal me arranjar um café bem depressa? - Indagou Teasle.

- Como queira, Wilfred - respondeu a senhora, ainda intrigada, e foi servir o café.

Isso deixou o campo livre para que Rambo visse, pelo espelho, o olhar de Teasle preso nele. O Chefe de Polícia possuía uma condecoração da Legião Americana presa à camisa do lado oposto ao escudo. "De que guerra", perguntou Rambo a si mesmo. "Você é um pouco jovem demais para a Segunda."

Rambo girou no banco e encarou o outro.

- Coréia? - Perguntou, apontando para a condecoração.

- Acertou - retrucou Teasle, sem reação. E continuaram a se observar mutuamente.

Rambo desviou os olhos para o lado esquerdo de Teasle, para a arma que ele carregava. Foi uma surpresa, não se tratava do revólver normalmente usado pela polícia, mas de uma pistola semiautomática e, pela coronha bastante grande, Rambo achou que se tratava de uma Browning de nove milímetros. Já tinha usado, em determinada ocasião, uma arma como aquela. A coronha era grande porque tinha capacidade para receber um pente com treze balas, ao invés das sete ou oito de uma pistola normal. Não se podia matar alguém com um tiro apenas, mas era possível fazer um estrago bem grande, e mais dois disparos acabariam com qualquer pessoa e ainda sobravam dez tiros para qualquer outra coisa que surgisse. Rambo foi obrigado a admitir que Teasle também a carregava muito bem. O Chefe de Polícia tinha um metro e sessenta e cinco, talvez um e sessenta e sete, e para um homem baixo essa pistola grande deveria parecer estranha, mas tal não sucedia. É preciso ser bem forte para conseguir segurar essa coronha avantajada, pensou Rambo. E então olhou para as mãos de Teasle, espantando-se com o tamanho delas.

- Já o adverti sobre esse olhar - disse Teasle.

Encostado à vitrola automática, desgrudou a camisa empapada do peito.

Canhoto, pegou um cigarro do maço enfiado no bolso da camisa, acendeu-o, partindo ao meio o palito de fósforo que usara; em seguida, balançou a cabeça divertido, enquanto dirigia-se para o balcão, sorrindo de maneira estranha para Rambo, sentado no tamborete.

- Muito bem, você me fez de tolo, disso não tenho dúvida - Não estava pensando nisso.

- Certamente. Está claro que não estava. Mas assim mesmo me fez de tolo, não foi?

A senhora de idade colocou o café de Teasle sobre o balcão e encarou Rambo.

- Como deseja os hambúrgueres? Puros ou cheios de folhinhas?

- O quê?

- Puros ou com molho?

- Com bastante cebola.

- Como queira - disse ela, afastando-se para fritar os hambúrgueres.

- Sim, você o fez - disse Teasle, e sorriu novamente de maneira estranha. -

Você realmente conseguiu marcar um ponto.

Olhou de cara amarrada para o sujo saco de dormir preso ao tamborete ao lado de Rambo e disse com relutância. - Sabe de uma coisa? Você age como se fosse esperto. E fala como se fosse inteligente, por isso, - é claro, pensei que fosse seguir meu conselho. Contudo, depois, você volta para cá e me faz de tolo. Isso é o suficiente para fazer alguém pensar que, afinal de contas, nada tem de inteligente. Há algo errado com você? É isso?

- Estou com fome.

- Muito bem... isso não me interessa, de maneira alguma - disse Teasle, colocando o cigarro na boca.

Este não tinha filtro, e depois de o policial ter aspirado a fumaça, tirou alguns pedacinhos de tabaco que tinham ficado presos nos lábios e na língua.

- Um camarada como você deve ter bastante discernimento para carregar sempre consigo algo para comer. Para quando se vir diante de uma emergência, como lhe está acontecendo agora.

Levantou o bule de creme para colocar no café, porém olhou para o fundo e a boca ficou amarga, ao deparar com os coalhos amarelos que estavam presos ali.

- Precisa de um trabalho? - Perguntou baixinho.

- Não.

- Quer dizer que já tem um emprego?

- Não, também não tenho um emprego. Não quero trabalho algum.

- Isto costuma ser chamado de vagabundagem.

- Pode chamar com quiser, a mim pouco importa.

A mão de Teasle bateu com força sobre o balcão, ressoando como um tiro.

- Cuidado com o que diz.

Todos os presentes viraram a cabeça na direção de Teasle. Este passou os olhos à sua volta e sorriu como se tivesse dito alguma coisa engraçada.

Inclinou-se sobre o balcão para tomar o café.

- Isto dará a eles motivo para falar. - Sorriu tirou mais uma tragada do cigarro, retirando mais pedacinhos de fumo da língua. A brincadeira tinha terminado.

- Escute aqui, não estou entendendo. Essas roupas, o cabelo e tudo mais.

Não sabia, quando descia a rua principal, que haveria de chamar tanta atenção quanto um negro? Cinco minutos após sua volta, meus homens transmitiam a notícia através do rádio.

- Por que demoraram tanto?

- Cuidado com a boca - disse Teasle. - Já o adverti a respeito.

Parecia que ele estava pronto para dizer mais algumas coisas. Porém, nesse momento, a senhora de idade entregou a Rambo um saco de papel e disse: - Um dólar e trinta e um centavos.

- Por quê? Só por esse pouquinho de comida?

- Você disse que queria o molho.

- Trate de pagar. - Disse Teasle.

A senhora ficou agarrada ao saco de papel até que Rambo lhe entregou o dinheiro.

- Muito bem. Vamos andando - disse Teasle.

- Para onde?

- Para onde eu o levar. - Esvaziou a xícara em quatro rápidos goles e deixou vinte e cinco centavos sobre o balcão. - Obrigado, Merle.

Todos olharam para eles, enquanto os dois se dirigiam para a porta.

- Ah, quase me esquecia - disse Teasle. - Ei, Merle, mais uma coisa. Que tal dar uma limpeza no fundo desse bule de creme?

A radiopatrulha estava estacionada em frente ao bar.

- Entre - disse Teasle, puxando a camisa suada. - Puxa! Está quente demais para primeiro de outubro. Não sei como aguenta essa jaqueta.

- Não suo.

Teasle olhou para ele.

- Estou certo de que não.

Teasle jogou o cigarro dentro de um bueiro junto ao meio-fio e os dois entraram no carro. Rambo observou o trânsito e as pessoas que passavam.

Sentia os olhos arderem devido à claridade intensa do sol, depois da escuridão junto ao balcão. Um homem que passou pela radiopatrulha acenou para Teasle, este retribuiu o cumprimento e depois afastou-se do meio-fio, aproveitando uma brecha no trânsito. Desta vez, ele dirigia depressa. Passaram por uma loja de ferragens, uma agência de carros usados, por homens fumando charutos sentados nos bancos, e mulheres empurrando carrinhos de bebês.

- Veja essas mulheres - comentou Teasle. - Não têm a sensatez de deixar os filhos em casa num dia escaldante como este.

Rambo nem se deu ao trabalho de olhar. Limitou-se a fechar os olhos e recostar-se de encontro ao banco. Quando voltou a abri-los, a radiopatrulha subia à toda a estrada ladeada pelos dois penhascos, dirigindo-se para o local onde o milho torrava ao sol.

Logo depois da tabuleta AGORA VOCÊ ESTÁ SAINDO DE MADISON, Teasle parou o carro de repente no acostamento e virou-se para Rambo.

- Agora, trate de dar o fora - disse. - Não quero um garotão como você que não quer nada com o trabalho em minha cidade. Dentro de pouco tempo, uma porção de amigos seus apareceria por aqui, pedindo comida, talvez roubando, talvez tomando drogas. Como as coisas estão, tenho alguma razão para prendê-lo devido ao trabalho que já me deu. Contudo, encaro o fato de uma maneira diferente, pois um rapaz como você tem o direito de errar. Como se seu discernimento não estivesse tão desenvolvido quanto o de um homem mais velho, e por isso sou forçado a fazer concessões.

Porém, caso torne a voltar, darei um jeito em você, e não vai saber se seu traseiro foi incomodado, amassado ou bicado pelos corvos. Falei bastante claro para que me possa entender?

Rambo agarrou o saco de papel com os sanduíches, o saco de dormir e saiu do carro.

- Fiz-lhe uma pergunta - disse Teasle na direção da porta aberta. - Quero saber se me ouviu dizer para não voltar?

- Ouvi sim. - Replicou Rambo, batendo a porta com força.

- Pois então trate de fazer o que lhe foi dito!

Teasle apertou o acelerador, e a radiopatrulha afastou-se do acostamento, espalhando cascalho, na direção do asfalto liso e quente. Fez uma volta em U bem fechada, os pneus cantando, e dirigiu-se a toda para a cidade. Desta feita, não tocou a buzina ao passar pelo rapaz.

Rambo ficou olhando o carro ir diminuindo de tamanho, desaparecer entre os dois penhascos, e quando já não conseguia mais distingui-lo, olhou para os campos de milho, para as montanhas distantes e para o sol pálido no céu sem nuvens. Deixou-se deslizar pelo barranco, deitou-se sobre a relva espessa e coberta de poeira para abrir o saco de papel.

Que porcaria de hambúrguer! Tinha pedido bastante cebola e só conseguira uma rodela amassada. A fatia de tomate era fina e amarela. O pão redondo estava engordurado e a carne, cheia de cartilagens de porco. Mastigando sem vontade, tirou a tampa do copo plástico cheio de Coca-Cola, bochechou e engoliu. Tudo desceu pela garganta abaixo com um sabor adocicado. O que devia fazer, resolveu, era poupar o refrigerante para que fosse suficiente para os dois sanduíches, pois assim não sentiria o gosto deles.

Assim que terminou, colocou o copo e os dois pedaços de papel impermeável que envolviam os hambúrgueres dentro do saco de papel, acendeu um fósforo e ateou fogo. Ficou segurando o saco, observando as chamas se propagarem, calculando até quando aguentaria firme antes que o fogo alcançasse suas mãos, obrigando-o a largar tudo. As labaredas lamberam seus dedos e chamuscaram os pelos nas costas das mãos, antes que ele soltasse o saco sobre a relva, deixando que se transformasse em cinzas. Em seguida, amassou-as com as botas e depois, espalhou-

as. "Meu Deus", pensou ele, "já fazia seis meses que voltara da guerra e ainda sentia necessidade de destruir todos os restos daquilo que comera, a fim de não deixar nenhum vestígio de onde estivera."

Sacudiu a cabeça. Pensar na guerra tinha sido um erro. Imediatamente, todos os outros hábitos da guerra voltariam a sua mente: dificuldade para pegar no sono, acordando ao menor ruído, a necessidade de dormir ao ar livre, o buraco onde o tinham mantido prisioneiro, tudo isso muito nítido em sua lembrança.

- É melhor pensar em qualquer outra coisa - disse alto, e então se deu conta de que falava consigo mesmo. - O que vai acontecer? Qual o caminho?

Olhou para o ponto onde a estrada dirigia-se para a cidade, para aquele em que se afastava e, então, tomou uma decisão. Agarrou a corda do saco de dormir, atirou-o por sobre o ombro e, mais uma vez, recomeçou a caminhar na direção de Madison.

No sopé da colina que ficava na cidade, as árvores ladeavam a estrada, meio verdes, meio vermelhas, mas as folhas avermelhadas sempre ficavam nos galhos que sombreavam o asfalto. Por causa da fumaça dos canos de escape, pensou Rambo. A fumaça provoca sua morte prematura.

Animais mortos jaziam aqui e ali pela lateral da estrada, provavelmente atingidos pelos carros, inchados e crivados de moscas sob o sol. Primeiro um gato, rajado como um tigre - parecia ter sido um bonito exemplar -

depois um Cocker Spaniel, depois um coelho, em seguida um esquilo.

Havia uma outra coisa que a guerra lhe tinha proporcionado. Prestava mais atenção às coisas mortas. Não com pavor. Apenas com a curiosidade de descobrir de que maneira tinham terminado.

Caminhou, passou por eles pelo lado direito da estrada, o polegar erguido para arranjar uma carona. As roupas estavam recobertas com uma fina camada de poeira amarela, os cabelos compridos e a barba estavam salpicados de sujeira, e todas as pessoas que passavam por ele lançavam uma olhadela e ninguém parava.

"Por que, então, não se limpa um pouco?", pensou. "Faça a barba e corte os cabelos. Arrume as roupas. Desta maneira conseguirá quantas caronas desejar."

Por quê? Um aparelho de barbear será mais uma coisa para diminuir as economias que levava consigo. Um corte de cabelo levará o dinheiro que pode gastar com

comida e, de qualquer maneira, onde iria barbear-se? Não é possível dormir no meio do mato e sair de lá com a aparência de um príncipe.

"Então, por que perambular assim, dormindo no meio do mato? E por causa disso, a memória deu uma guinada e viu-se de volta à guerra. Pense em alguma coisa diferente", disse para si mesmo. "Por que não dava meia-volta e afastava-se? Por que razão ia voltar para aquela cidade? Nada tinha de especial."

Por quê? Tenho o direito de resolver por mim mesmo se ficarei aqui ou não. Não permitirei que ninguém decida isso por mim.

"Contudo, esse tira foi mais simpático do que todos os outros. Mais razoável. Por que provocá-lo? Faça o que ele disse."

O fato de alguém sorrir para mim ao me entregar um saco de porcarias, não quer dizer que eu deva pegá-lo. Pouco me importa que ele seja simpático.

O que importa é aquilo que faz.

"Porém, seu aspecto é um pouco violento, a impressão que dá é que arranjará barulho. Isto é um ponto a favor dele."

Mas também tenho um. Isto aconteceu comigo em quinze cidades diferentes. Esta será a última. Não permitirei que me expulsem de novo.

"Por que não lhe explica isso? Por que não se limpa um pouco? Ou deseja enfrentar o problema que está por vir? Será que está desejando um pouco de ação, é isso? Para que lhe possa mostrar o quanto vale?"

Não lhe devo explicações nem a qualquer outra pessoa. Depois de tudo porque passei, tenho o direito de não dar explicações.

"Pelo menos fale com ele, a respeito da medalha que recebeu; afinal, o que custa?"

Já não podia mais impedir a mente de completar o círculo. Mais uma vez voltara à guerra.

Teasle o estava observando. Assim que ultrapassou o rapaz, lançou uma espiada para o espelho retrovisor e lá estava o jovem, refletido pequeno e nítido. Porém o rapaz não se movia. Estava de pé do mesmo lado da estrada onde o vira pela última vez, observando a radiopatrulha imóvel onde se encontrava, ficando cada vez menor, os olhos presos no carro.

"Bem, o que é que há, rapaz?", pensou Teasle. "Ande logo, desapareça."

Contudo, o rapaz não sumiu. Continuou de pé, ficando cada vez menor no espelho, olhando na direção da radiopatrulha. E, então, a estrada que conduzia à cidade desceu abruptamente entre os penhascos e Teasle já não conseguia mais vê-lo refletido no espelho retrovisor.

"Meu Deus, está mesmo intencionado a voltar mais uma vez", percebeu de repente, sacudindo a cabeça e soltando uma gargalhada. "Na realidade, está pretendendo voltar."

Virou à direita, entrando numa rua lateral e andou uns quatrocentos metros ao longo de uma fileira de casas de tábuas cinzentas. Manobrou o carro num caminho de acesso de uma das residências, saiu de marcha à ré e estacionou de tal maneira que a radiopatrulha ficou de frente para a estrada principal de onde acabara de sair. Em seguida, deixou-se escorregar por trás do volante e acendeu um cigarro.

Pelo olhar que vira estampado no rosto do rapaz, sabia que estava realmente decidido a voltar. Mas Teasle não conseguia entender o porquê.

De onde estava estacionado, podia ver todos os veículos que passassem pela estrada principal. Não havia muito trânsito... o que sempre acontecia nas segundas-feiras de tarde: o rapaz não poderia andar pela calçada do outro lado e passar despercebido, escondido pelos carros que circulavam.

Portanto, Teasle ficou à espreita. A rua na qual estava encontrava-se com a estrada principal formando um T. Havia carros e caminhões seguindo em ambas as direções da autoestrada, uma calçada do lado mais afastado, depois dela um rio que acompanhava a rodovia, e mais adiante o velho Madison Dance Palace. Este fora condenado no mês anterior. Teasle recordou-se do tempo em que frequentava o

ginásio, de como tinha trabalhado ali nas noites de sexta-feira e dos sábados, cuidando do estacionamento dos carros. Hoagy Carmichael quase tinha tocado ali, de uma feita, porém os proprietários do local não lhe tinham podido pagar o suficiente.

Onde estava o rapaz?

Talvez não voltasse. Talvez tivesse mesmo ido embora.

"Vi a expressão do rosto dele. Vai voltar, não tenho dúvida."

Teasle deu uma tragada bem grande no cigarro e dirigiu o olhar para cima, na direção das montanhas verdes e marrons que ficavam bem próximas ao horizonte. Sentiu uma lufada de vento frio que cheirava a folhas secas e que logo depois passou.

- Teasle chamando a delegacia - disse junto ao microfone do rádio do carro.

- A correspondência já chegou?

Como de hábito, Shingleton, o rádio operador, respondeu-lhe sem demora, a voz estalando devido à estática.

- Claro que sim, Chefe. Já dei uma olhadela. Receio que não tenha nada da parte de sua mulher.

- Alguma coisa de um advogado? Ou, quem sabe, algo postado na Califórnia no qual não tenha colocado o nome do remetente?

- Também já verifiquei, Chefe. Sinto muito. Não há nada.

- Aconteceu alguma coisa importante que eu devesse tomar conhecimento?

- Apenas um conjunto de sinais de trânsito que entrou em curto, mas já providenciei tudo e está sendo reparado.

- Então, se isso é tudo, ainda levarei alguns minutos para chegar aí.

Esperar por aquele rapaz era uma idiotice. Queria voltar para a delegacia e telefonar para ela. A mulher partira, já fazia três semanas, prometera que lhe escreveria o mais tardar naquele dia e eis que não o fizera. Já não se importava

mais em manter a própria promessa de não lhe telefonar, iria fazê-lo, hoje, de qualquer maneira. Talvez tivesse refletido melhor e mudado de ideia.

Porém, duvidava muito.

Acendeu outro cigarro e deu uma espiada para o lado. As mulheres da vizinhança tinham ido para as varandas e o observavam, na esperança de descobrir o que ele fazia por ali. Isto era o fim, resolveu. Atirou o cigarro através da janela da radiopatrulha, girou a chave da ignição e dirigiu-se para a estrada principal para verificar onde se tinha metido aquele rapaz infernal.

Nada a vista.

"Claro. Foi-se embora, aquele olhar era apenas para me fazer pensar que voltaria."

Então, resolveu rumar para a delegacia e ligar para ela. Quando, três quarteirões adiante, viu, inesperadamente, o rapaz encostado ao gradil de ferro que bordejava o rio na calçada do lado esquerdo, a surpresa foi tão grande que apertou o pedal do freio com violência, sem dar tempo ao motorista do carro seguinte de evitar a batida contra a traseira da radiopatrulha.

O jovem que se chocara com ele estava sentado rigidamente, por trás do volante, a mão sobre a boca. Teasle abriu a porta da radiopatrulha, encarou o homem por um segundo antes de se encaminhar para onde estava Rambo, encostado contra a grade.

- Como conseguiu entrar na cidade sem que eu o visse?

- Mágica.

- Entre no carro.

- Creio que não.

- Reflita um pouco mais.

Havia uma porção de carros enfileirados atrás daquele que bateu na radiopatrulha. Naquele instante, o motorista estava de pé, no meio da rua, olhando para a lanterna traseira arrebentada, sacudindo a cabeça. A porta esquerda da radiopatrulha aberta sobre a pista contrária diminuía o fluxo do trânsito. Os motoristas apertavam as

buzinas; caixeiros e fregueses das lojas situadas no lado oposto enfiavam as cabeças para o lado de fora.

- Escute uma coisa - disse Teasle. - Vou dar um jeito nesse trânsito.

Quando terminar, quero vê-lo dentro da radiopatrulha.

Encararam-se. Teasle estava ao lado do homem que batera no carro da polícia. Este ainda balançava a cabeça diante do estrago causado.

- Carteira de motorista, seguro e certificado de propriedade - disse Teasle. -

Por favor. - Afastou-se e fechou a porta do carro.

- Não tive a menor chance para parar.

- Estava agarrado em minha traseira.

- Mas o senhor apertou o freio muito depressa.

- Isso não vem ao caso. A lei diz que o carro de trás está sempre sem razão.

Você estava perto demais para poder ter um reflexo certo diante de uma emergência.

- Mas...

- Não estou a fim de discutir com você - falou Teasle. - Por favor, entregue-me a carteira de motorista, o seguro e o certificado de propriedade. - Olhou para o local onde deixara Rambo e, é claro, este tinha sumido.

Rambo continuou andando às claras para que não houvesse dúvidas de que não tentava esconder-se. Talvez Teasle desistisse da brincadeira, àquela altura, e o deixasse sozinho; caso contrário o Chefe de Polícia estava procurando barulho, não ele.

Caminhou pela calçada do lado esquerdo, olhando na direção do rio, largo e que corria rápido sob o sol. Do outro lado da corrente, estavam a parede amarela viva e recém-pintada de um prédio com balcões que se abriam sobre as águas e uma tabuleta bem no alto MADISON HISTORIC

HOTEL.

Rambo procurou imaginar o que havia de histórico num edifício que dava a impressão de ter sido construído no ano anterior.

No centro da cidade virou à esquerda e entrou numa ponte grande e cor de laranja, deslizando a mão pela suave pintura do corrimão metálico até que alcançou a metade do caminho. Parou para olhar a água lá embaixo. A tarde estava escaldante, a água corria rápida e parecia fresca.

Junto a ele, soldada ao corrimão, havia uma máquina com a parte superior em vidro repleta de chicletes de bola. Pegou um centavo no bolso do jeans, já ia colocá-lo na abertura, mas deteve-se em tempo. Tinha-se enganado. A máquina não estava cheia com chicletes de bola. Estava apinhada de bolinhas ásperas de comida para peixes. Havia uma pequenina placa de metal presa à máquina.

Lia-se: ALIMENTE OS PEIXES. 10 CENTAVOS. OS LUCROS

DESTINAM-SE A CORPORAÇÃO JUVENIL DO CONDADO DE

BASALT. JUVENTUDE OCUPADA GERA JUVENTUDE FELIZ.

"Claro que sim", pensou Rambo. E quem cedo madruga Deus ajuda."

Tornou a olhar para baixo na direção da água. Não se passou muito tempo e escutou alguém andando por trás dele. Não se deu ao trabalho de verificar quem era.

- Entre no carro.

Rambo concentrou toda a atenção na água.

- Quer olhar para todos os peixes que há lá embaixo? - Disse. - Deve haver uns dois mil. Qual é o nome daquele grandão dourado? Não pode ser um peixe japonês. Não desse tamanho.

- É uma truta Palomino - ouviu alguém responder às suas costas. - Entre no carro.

Rambo tentou ver o que havia mais para o fundo.

- Deve ser uma qualidade nova. Nunca ouvi falar dela.

- Ei, rapaz, estou falando com você. Olhe para mim. Mas Rambo não o fez.

- Costumava pescar com frequência - disse, olhando para baixo. - Quando era jovem. Agora, a maioria dos rios está sem peixes ou poluída. É a cidade quem cuida desse aqui? É por isso que há tantos peixes lá embaixo?

Essa era a razão, por certo. A cidade vinha tratando do rio sempre, pelo menos desde que Teasle era um garotinho. O pai dele costumava levá-lo até ali frequentemente, e ficavam observando os operários do viveiro estadual de peixes cuidarem deles. Os homens carregavam caçambas desde o caminhão até o rio, declive abaixo, colocavam-nas sobre a água, abriam-nas para que os peixes pudessem sair, peixes do tamanho da mão de um homem, luzidios e, às vezes, coloridos como arco-íris.

- Meu Deus, olhe para mim! - Disse Teasle.

Rambo sentiu uma mão agarrar-lhe a manga da camisa. Deu um puxão para se libertar.

- Tire as mãos de cima de mim - disse, olhando para a água. Mais uma vez tornou a sentir a mão agarrando-o e desta feita, rodopiou sobre si mesmo. -

Estou avisando! - Disse. - Tire as mãos de cima de mim!

Teasle deu de ombros.

- Está certo, pode bancar o valentão, se isso lhe satisfaz. Não ligo a mínima. - Abriu as algemas que estavam presas ao cinturão do revólver. -

Estenda os pulsos.

Rambo continuou com os braços caídos ao lado do corpo.

- Não estou brincando! Deixe-me em paz!

Teasle riu.

- Está falando sério? - Perguntou, e soltou uma gargalhada. - Não está brincando? Parece que não compreendeu que eu também não estou pilheriando. Mais cedo, ou mais tarde, vai entrar naquela radiopatrulha.

O único problema é saber qual a força que terei de empregar para fazê-lo obedecer. - Colocou a mão sobre a pistola e sorriu. - Entrar na radiopatrulha é uma coisa tão fácil. Acho melhor você não criar caso.

As pessoas que passavam olhavam para os dois cheios de curiosidade.

- Você sacaria essa arma - disse Rambo, observando a mão do outro sobre a pistola. - No começo, pensei que fosse diferente. Mas, agora, estou sabendo que já conheci outros antes, tão loucos quanto você!

- Pois então está levando vantagem sobre mim - retrucou Teasle. - Pois nunca tive oportunidade de conhecer alguém igual a você. - Parou de sorrir e a mão enorme apertou com força a coronha da arma. - Ande!

"Então era assim", pensou Rambo. "Um deles ia ter que recuar, ou então Teasle se iria dar mal. Isso era ruim." Observou a mão do Chefe de Polícia colocada sobre a pistola no coldre e pensou: "Seu tira idiota, antes que saque essa arma, poderia arrebentar-lhe as pernas e braços nas juntas.

Poderia esmigalhar seu pomo-de -adão, e atirar você por cima do corrimão.

Aí sim, os peixes teriam realmente com que se alimentar.

"Não por uma coisa daquelas", disse de repente para si mesmo. "Não por uma coisa assim." Só de pensar no que poderia fazer com Teasle foi o suficiente para satisfazer sua raiva e controlar-se. Era um autodomínio que jamais havia

conseguido antes, e pensando sobre o próprio controle fê-lo sentir-se melhor também. Seis meses antes, quando terminara o período de convalescença no hospital, não tinha sido capaz de controlar seus impulsos.

Um sujeito, num bar de Filadélfia, ficara empurrando-o para a frente, a fim de ver a Go Go Girl tirar a calcinha e ele tinha quebrado o nariz do homem.

Um mês mais tarde, em Pittsburgh, tinha cortado a garganta de um negro imenso que o ameaçara com uma faca enquanto dormia, uma noite, ao lado de um lago num parque. O crioulo estava acompanhado por um amigo que tentara escapar. Rambo correrá atrás dele, por todo o parque, até que, finalmente, o agarrou ao tentar dar partida em seu carro conversível.

"Não, não por uma coisa dessas", disse para si mesmo. "Você agora já está bom."

Foi a vez de ele sorrir.

- Está bem, vamos dar outra voltinha - disse a Tease. - Contudo, não sei para quê. Voltarei para a cidade novamente.

A delegacia estava localizada numa velha escola. "E ainda por cima vermelha", pensou Rambo, enquanto Teasle dirigia-se para o estacionamento ao lado. Quase perguntou ao Chefe de Polícia se aquela pintura vermelha tinha sido uma piada de alguém, porém sabia que nada daquilo era uma brincadeira, e ficou pensando se não seria melhor desistir de tudo aquilo.

"Você nem ao menos gosta deste lugar. Não sente o menor interesse por ele. Se Teasle não o tivesse agarrado, teria continuado o caminho."

"Isso não faz diferença."

Os degraus de cimento que conduziam até a porta principal da delegacia pareceram-lhe novos, a porta de alumínio brilhante era nova, disso não tinha dúvida, e, lá dentro, havia um cômodo muito branco que ocupava a largura total do prédio e metade do comprimento do mesmo e cheirava a terebintina. A peça estava cheia de mesas, porém somente duas delas estavam ocupadas, um policial que estava escrevendo a máquina e outro falando num equipamento de rádio instalado na parede na direita, ao fundo.

Os dois imobilizaram-se assim que o viram, e Rambo esperou para ver o que iria acontecer.

- Mas que visão triste - disse o homem sentado em frente à máquina de escrever.

Aquilo nunca deixava de suceder.

- Claro - replicou Rambo. - E agora deverá perguntar o que sou eu, uma garota ou um rapaz. E, em seguida, deverá dizer, se sou tão miserável a ponto de não poder tomar um banho e cortar os cabelos, fará uma lista de donativos a meu favor.

- Não é a aparência dele que me preocupa - disse Teasle - mas sua boca.

Shingleton, há alguma novidade que eu deva saber? - Perguntou, dirigindo-se ao homem encarregado do rádio.

O homem sentou-se ereto e firme. O rosto dele era praticamente um retângulo perfeito, com costeletas muito bem cuidadas que desciam até abaixo das orelhas.

- Carro roubado. - Respondeu.

- Quem está tomando conta disso?

- Ward.

- Ótimo - disse Teasle, e virou-se para Rambo. - Vamos. Acabemos logo com isso.

Atravessaram a sala e percorreram um corredor que conduzia ao fundo do prédio. Ruído de passos e vozes saíam pelas portas abertas em ambos os lados, funcionários civis na maioria das salas, policiais nas outras. O

corredor era de um branco acetinado, o cheiro da terebintina era mais forte ali. No final, havia um andaime por debaixo de uma área verde e suja no teto que fora deixada sem pintar. Rambo leu o aviso que estava preso ao andaime: A TINTA BRANCA ACABOU, PORÉM AMANHÃ CHEGARÁ MAIS.

TEMOS A TINTA AZUL QUE DESEJAM PARA COBRIR A PINTURA VERMELHA DA PARTE EXTERIOR.

Logo depois, Teasle abriu a porta de um escritório situado no fim do hall, e Rambo hesitou por um momento.

"Tem certeza de que deseja continuar com essa comédia?", perguntou a si mesmo. "Ainda não é tarde demais para tentar e conseguir livrar-se."

Livrar de quê? Não fiz nada errado.

- Ora, vamos, entre aí - disse Teasle. - Foi isso o que andou procurando.

Cometera um erro não entrando na sala imediatamente. O fato de ter-se mantido junto à porta dava a impressão de que estava com medo e era exatamente isso o que não desejava. Mas, agora, se entrasse depois de Teasle tê-lo mandado fazer, pareceria que estava obedecendo, e isso ele também não queria. Tratou de entrar antes que Teasle tivesse outra oportunidade para mandar nele.

O teto do escritório ficou bem próximo de sua cabeça, e Rambo sentiu-se tão preso que desejou curvar-se, porém não se permitiu tal atitude. No chão havia um tapete verde e gasto, como um gramado que tivesse sido cortado muito rente ao solo. À esquerda, por trás de uma escrivaninha, havia um armário de armas de mão. Concentrou a atenção numa Magnum 44 e lembrou-se de que eram usadas no

campo de treinamento das Forças Especiais: a mais poderosa das armas jamais fabricadas, capaz de perfurar uma camada de doze centímetros e meio de aço ou derrubar um elefante, porém com um coice tão violento que ele mesmo jamais gostara de usá-la.

- Sente-se no banco, rapaz - disse Teasle. - Qual é o seu nome?

- Trate-me apenas de rapaz - replicou Rambo.

O banco estava colocado junto à parede direita. Rambo colocou o saco de dormir contra ela e sentou-se bem ereto e tenso.

- A brincadeira já terminou, rapaz. Diga-me seu nome.

- Também sou conhecido como rapaz. Pode chamar-me assim, se o desejar.

- Você tem razão, é o que farei - retrucou Teasle. - Cheguei a um ponto tal que estou disposto a chamá-lo por qualquer merda que me dê vontade.

O rapaz era muito mais detestável do que Teasle seria capaz de suportar.

Tudo quanto desejava era ver-se livre para que pudesse telefonar. Já eram quatro e meia e, calculando a diferença do fuso horário, seriam o quê? Três e meia, duas e meia, uma e meia, na Califórnia? Talvez não estivesse na casa da irmã naquele momento. Talvez tivesse saído para almoçar com alguém. Quem? Perguntou a si mesmo. Onde? Aí estava a razão por que estava perdendo tanto tempo com o rapaz, porque estava impaciente para telefonar. Não permitia que os problemas particulares interferissem no trabalho. Mantinha a vida privada em casa, onde era o lugar dela. Se os problemas o faziam apressar-se para terminar alguma coisa, obrigava-se a diminuir o ritmo e procurava realizá-la o melhor que lhe era possível.

Neste caso, talvez fosse melhor tirar algum proveito. O rapaz não queria declinar o próprio nome, e a única razão pela qual as pessoas não davam o nome era o fato de terem algo a esconder e recearam um controle no fichário dos fugitivos. Talvez se tratasse de algo mais, além de um rapaz que se recusava a aceitar conselhos.

Pois muito bem, teria calma e descobriria tudo. Sentou-se na ponta da escrivaninha, do lado oposto ao banco onde Rambo estava e acendeu um cigarro com a maior tranquilidade.

- Quer um cigarro? - Perguntou a Rambo.

- Não fumo.

Teasle fez um sinal afirmativo com a cabeça e tragou com prazer.

- Que tal tentarmos mais uma vez? Qual é o seu nome?

- Não é da sua conta!

"Santo Deus!", pensou Teasle. Lutando contra si mesmo, afastou-se da escrivaninha e deu alguns passos na direção do rapaz. "Vá devagar", disse intimamente. "Calma!"

- Não pode ter dito isso. Não posso acreditar que tenha ouvido bem.

- Ouviu muito bem. Meu nome só é da minha conta. Não me deu nenhuma razão para que fosse da sua também.

- Está falando com o Chefe de Polícia.

- Esta razão não é suficientemente boa.

- É a melhor que possa haver em todo o mundo - replicou e esperou que o suor escorresse pelo rosto. Com tranquilidade, disse: - Deixe-me ver sua carteira.

- Não tenho.

- Entregue-me o cartão de identidade.

- Também não tenho.

- Não tem carteira de motorista, não possui cartão de assistência social, nem certificado de reservista, nem certidão de nascimento, nem...

- Correto - interrompeu-o o rapaz.

- Não tente enganar-me. Entregue-me seu cartão de identidade.

Àquela altura, o rapaz nem se dava mais ao trabalho de olhar para ele.

Estava virado para o armário das armas, apontando para a medalha colocada logo acima da fileira de troféus de tiro.

- A Cruz por Serviços Relevantes. Você deve ter sido infernal na Coréia, não foi?

- Muito bem. - Disse Teasle. - Fique de pé.

Aquela era a segunda medalha mais alta que alguém poderia receber, situando-se acima da Estrela de Bronze, da Estrela de Prata, do Coração de Púrpura, da Medalha do Mérito Aeronáutico, Medalha do Mérito Militar.

Somente a Medalha de Honra conferida pelo Congresso norte-americano estava acima dela. "Ao Sargento-Ajudante, Fuzileiro Naval, Wilfred Logan Teasle. Pela notável e corajosa liderança diante do jogo inimigo", dizia o diploma. "Campanha do Reservatório de Chosin. 6 de dezembro de 1950."

Contava então vinte anos e agora não estava disposto a deixar um rapaz, que parecia ter aquela idade, zombar dele.

- Ponha-se de pé. Já estou cansado de falar tudo duas vezes. Ponha-se de pé e vire os bolsos para fora.

O rapaz encolheu os ombros e levou algum tempo para erguer-se. Passou de um bolso do jeans para o outro, puxando-os para fora e nada havia dentro deles.

- Você não pôs para fora os bolsos da jaqueta - observou Teasle.

- Meu Deus, tem razão!

Ao virá-los, surgiram dois dólares e vinte e três centavos e uma caixa de fósforos.

- Por que tem uma caixa de fósforos? - Indagou Teasle. - Acabou de me declarar que não fuma.

- Preciso deles para acender o fogo e cozinhar.

- Não tem dinheiro nem trabalho. Onde consegue o necessário para cozinhar?

- O que espera que lhe diga? Que roubo?

Teasle olhou para o saco de dormir do rapaz encostado ao lado do banco imaginando onde estaria o cartão de identidade. Desamarrou-o e desenrolou-o sobre o chão. Havia uma camisa limpa e uma escova de dentes. Assim que começou a apalpar a camisa, o rapaz disse: - Ei, levei um tempão passando essa camisa. Tenha cuidado para não a amarrotar.

E, inesperadamente, Teasle sentiu que estava cheio dele. Apertou o interfone que estava sobre a escrivaninha - Shingleton, você viu esse rapaz quando passamos por aí? Quero que transmita a descrição dele para a polícia estadual, através do rádio. Diga-lhes que desejo que o identifiquem o mais rápido possível. Em seguida, veja se corresponde a alguma descrição contida em nossos arquivos. Não possui trabalho e nem dinheiro, porém está com um aspecto de bem nutrido. Quero saber o porquê.

- Então, está mesmo disposto a continuar com isso - disse o rapaz.

- Errado. Não sou eu quem está forçando as coisas.

A sala do Juiz de Paz tinha um aparelho de ar-condicionado. Este zumbia um pouco, chacoalhava com tamanha frequência e tornava a sala tão gélida que Rambo não podia evitar os arrepios de frio. O homem sentado por detrás da mesa estava enfiado num suéter maior do que ele. Chamava-se Dobzyn, pelo menos era esse o nome escrito na tabuleta presa à porta.

Estava mascando fumo e, tão logo deu uma olhada em Rambo que entrava, parou de mastigar.

- Muito bem. – Disse, e empurrou a cadeira de rodas para longe da mesa. -

Quando me telefonou, Will, devia ter-me dito que o circo estava na cidade.

Sempre havia alguma observação. Sempre. Aquele assunto estava começando a ficar sem controle, Rambo sabia que seria melhor entregar os pontos logo, pois os dois poderiam complicar bastante as coisas, se assim não o fizesse. Mas eis que tudo estava contra ele novamente, eles não iriam desistir, e, Deus, não poderia suportar aquilo.

- Escute, filho - dizia Dobzyn. - Na verdade, tenho uma pergunta para lhe fazer. - O rosto dele era muito redondo. Quando falava, enfiava o fumo de rolo numa das bochechas e ela aumentava ainda mais. - Vejo os rapazes na televisão, fazendo passeatas e greves e tudo o mais, e....

- Não sou um manifestante.

- O que desejo saber é se esse cabelo não lhe faz cócegas no pescoço.

Eles sempre faziam as mesmas perguntas.

- No começo fazia, sim.

Dobzyn coçou a sobrancelha e refletiu sobre a resposta.

- É, acho que a gente pode acostumar-se com qualquer coisa desde que se esteja disposto a isso. Mas o que me diz da barba? Com todo esse calorão, ela não lhe provoca coceiras?

- Às vezes.

- Então, por que deixou ela crescer?

- Tenho uma erupção na pele do rosto e por isso não é aconselhável que me barbeie.

- Como se eu tivesse uma dor na minha bunda e não devesse limpá-la. -

Observou Teasle, junto à porta.

- Ei espere um pouco, Will. Talvez ele esteja falando a verdade.

Rambo não pôde resistir.

- Não estou não.

- Então por que disse tudo isso?

- Já estou cheio de ouvir as pessoas me perguntarem por que deixei crescer a barba.

- Por que deixou crescer a barba?

- Tenho uma erupção na pele do rosto e por isso não é aconselhável que me barbeie.

Parecia que Dobzyn tinha sido esbofeteado. O ar-condicionado zumbiu e soltou um estouro.

- Ora, ora! - Disse baixinho e bem devagar. - Acho que caí nessa. Não caí, Will? Fiz papel de bobo. - Procurou soltar um risinho. - Caí como um patinho. Não há dúvida que sim. Puxa! Claro que sim! - Mascou o fumo. -

Qual é a acusação, Will?

- São duas. Vagabundagem e resistência à prisão. Porém servirão apenas para mantê-lo por aqui enquanto tento descobrir se está sendo procurado em qualquer outro lugar. Suponho que tenha cometido um roubo em algum lugar.

- Primeiro, vamos tratar da vagabundagem. Você é culpado, filho?

Rambo declarou que não.

- Tem um emprego? Possui mais de dez dólares? - Rambo respondeu negativamente.

- Então, não vejo como contornar as coisas, meu filho. Você é vagabundo.

Isso vai lhe custar cinco dias na prisão ou cinquenta dólares de fiança. Qual das duas prefere?

- Acabei de lhe dizer que não tenho dez dólares, portanto, que inferno, onde poderia conseguir cinquenta?

- Isto aqui é uma corte de justiça - disse Dobzyn, inclinando-se para frente, imediatamente. - Não tolerarei palavras desrespeitosas em meu tribunal. -

Passou-se um instante, antes que se inclinasse novamente na cadeira e recomeçasse a mastigar o fumo, pensando. - Do jeito que as coisas estão, não sei como poderia afastar sua atitude da minha mente, no momento de sentenciá-lo. E quanto a esse assunto da resistência à prisão.

- Inocente.

- Ainda não lhe formulei essa pergunta. Espere até que o faça. Que história é essa de resistência à prisão, Will?

- Encontrei-o pedindo carona. Fiz o favor de levá-lo até fora dos limites da cidade. Achei que seria melhor para todos se continuasse seu caminho. -

Teasle encostou a cadeira de encontro à grade desconjuntada que separava o escritório da sala de espera junto à porta. - Porém ele voltou.

- Tinha esse direito.

- Então, tratei de levá-lo até fora da cidade, novamente. Mais uma vez voltou, e quando lhe disse para entrar na radiopatrulha, recusou-se a obedecer-me. Afinal, fui obrigado a ameaçá-lo para que me ouvisse.

- Pensa que entrei no carro porque estava com medo de você?

- Não me quis dizer qual é o seu nome.

- Por que deveria fazê-lo?

- Declarou não possuir cartão de identidade.

- Por que, diabo, precisaria disso?

- Escutem aqui, não posso ficar sentado aqui a noite inteira enquanto vocês dois acertam suas diferenças - declarou Dobzyn. - Minha mulher está doente e eu deveria estar em casa, às cinco horas, para preparar o jantar das crianças. Já estou atrasado. Trinta dias na cadeia ou uma fiança de duzentos dólares. Qual delas prefere, filho?

- Duzentos dólares? Meu Deus, acabei de declarar que não tenho nem dez.

- Portanto, serão trinta e cinco dias de prisão - Declarou Dobzyn e levantou-se, desabotoando o suéter. - Estava quase anulando os cinco dias por vagabundagem, porém sua atitude é intolerável. Preciso ir embora.

Estou atrasado.

O aparelho de ar-condicionado começou a soltar mais estouros do que zumbidos, e Rambo não sabia dizer se os tremores que o sacudiam eram de frio ou de raiva.

- Ei, Dobzyn - falou, agarrando-o quando passou a seu lado - Ainda estou esperando que me pergunte se sou culpado da acusação de resistência à prisão.

As portas em ambos os lados do corredor agora estavam fechadas. Rambo passou pelo andaime dos pintores junto ao fim do hall rumando para a sala de Teasle.

- Não, desta vez o caminho é outro - disse o Chefe de Polícia. Apontou para a última porta à direita, uma porta com grades colocadas numa abertura pequenina na parte de cima, e aproximou-se com uma chave na mão para destrancá-la, quando se deu conta de que ela já estava ligeiramente entreaberta. Aborrecido com aquilo, sacudiu a cabeça, empurrou a porta até escancará-la e fez um sinal com a mão para Rambo na direção de uma escada com balaustrada de ferro e degraus de cimento, que se dirigiam para baixo, e luzes fluorescentes presas ao teto. Assim que Rambo obedeceu, Teasle seguiu-o, trancando a porta. Começaram a descida, as batidas dos pés arranhando o cimento dos degraus e ressoando no ar.

Antes de alcançarem o porão, Rambo escutou o esguicho de água. O chão cimentado estava molhado e refletia as lâmpadas fluorescentes do teto e, na extremidade mais afastada, um policial franzino molhava com uma mangueira o

chão de uma cela, a água correndo por entre as grades e por uma calha. Assim que avistou Teasle e Rambo, apertou o bocal com força.

A água fez um arco amplo e parou de repente.

A voz de Teasle ecoou: - Galt. Por que diabos aquela porta lá de cima está destrancada de novo?

- Fui eu que deixei assim. Não temos mais prisioneiros. O último acabou de acordar e deixei que se fosse.

- Não importa se temos prisioneiros ou não. Se se acostumar a deixar a porta aberta quando não temos ninguém por aqui, poderá começar a se esquecer de trancá-la quando tivermos gente aqui embaixo. Portanto, faço questão de vê-la sempre trancada, não importa quais sejam as circunstâncias. Não gosto de dizer isto... talvez seja difícil acostumar-se com um trabalho e uma rotina novos; contudo, se não aprender logo a ser cuidadoso, serei forçado a procurar outra pessoa.

Rambo estava com tanto frio quanto o que sentira na sala de Dobzyn. As lâmpadas no teto estavam muito perto dele; mas, apesar disso, o local parecia um breu. Ferro e cimento. "Jesus, jamais deveria ter permitido que Teasle o levasse até ali. Poderia ter derrubado o Chefe de Polícia, quando voltavam da sala do juiz e escapado. Qualquer coisa seria melhor, mesmo que se transformasse num fugitivo, do que trinta e cinco dias naquele buraco."

"Mas que outra coisa esperava?", perguntou a si mesmo. "Foi você quem procurou isso, não foi? Não deveria ter oferecido resistência."

"Que diabo, é verdade, não devia. Mas assim mesmo não pude controlar-me. Só porque ficarei por trás das grades, não quer dizer que esteja acabado. Lutarei por isto até onde puder. Quando chegar o momento de me pôr em liberdade, ele ficará exultante por se ver livre de mim."

"Está claro que você vai lutar. Sobre isso não restam dúvidas. Olhe para si mesmo. Já está tremendo todo. Já sabe o que esse local o faz recordar.

Bastarão dois dias passados nessa cela exígua, e fará pipi nas calças."

- Tem que compreender que não posso ficar dentro disso. - Não pôde impedir-se de dizer. - A umidade. Não aguento ficar trancado num local úmido. - Ele estava pensando no buraco, a cabeça fervilhando. A grade de bambu na parte de cima. A

água pingando através da imundície, as paredes partindo-se, os centímetros de lama pegajosa sobre a qual tinha que tentar dormir.

"Conte-lhe isso, pelo amor de Deus."

"Coragem, terá que lhe implorar."

Mas claro, quando já era tarde demais, o rapaz estava querendo mudar de opinião e tentando dar um jeito de se livrar de tudo aquilo. Teasle não podia ignorar a inutilidade de tudo aquilo, nem a maneira como o rapaz fizera de tudo para acabar ali embaixo.

- Pois fique grato por estar molhado - disse ao rapaz. - Agradeça por molharmos tudo aqui embaixo. Metemos os bêbados dos fins de semana aqui e, quando chega a segunda-feira e os mandamos embora, eles vomitaram as paredes e por todos os cantos.

Deu uma espiada nas celas, e a água no chão dava-lhes um aspecto de limpeza impecável.

- Galt, pode ter sido descuidado com relação à porta lá de cima - disse ao policial. - Porém, fez um bom trabalho nas celas. Quer-me fazer um favor?

Vá até lá em cima, apanhe roupas de cama e uma roupa para este rapaz, certo? Quanto a você - falou, dirigindo-se a Rambo - acho que ficará bem acomodado na cela do meio. Entre, tire as botas, as calças e a jaqueta.

Fique com as meias, a roupa de baixo e a camiseta. Retire todas as joias, qualquer cordão que use em volta do pescoço, o relógio... Galt, o que está olhando?

- Nada.

- O que me diz da roupa que o mandei apanhar?

- Estava apenas olhando. Já vou buscá-las. - Assim falando, subiu a escada correndo.

- Não lhe vai recomendar novamente para trancar a porta? - Indagou o rapaz.

- Não há necessidade.

Teasle escutou o barulho da porta ao ser destrancada. Esperou, então ouviu quando Galt tornou a trancá-la.

- Comece pelas botas - ordenou ao rapaz.

E o que mais ele podia esperar? O rapaz tirou a jaqueta.

- Já recomeçou outra vez. Disse-lhe para começar pelas botas.

- O chão está molhado.

- Disse, também, para entrar ali.

- Não vou entrar em nenhum lugar mais cedo do que deva.

Rambo dobrou a jaqueta, deu uma olhada para a água sobre o chão e colocou o casaco sobre a escada. Pôs as botas ao lado dele, tirou os jeans, dobrou-os, e colocou-os sobre a jaqueta.

- Que cicatriz é essa sobre o joelho esquerdo? - Indagou Teasle. - O que aconteceu?

O rapaz não lhe respondeu.

- Parece uma cicatriz provocada por uma bala - comentou Teasle. - Onde a arranjou?

- Minhas meias estão molhadas por causa de toda essa aguaceira no chão.

- Pois, então, trate de tirá-las.

Teasle foi obrigado a dar um passo atrás para não ser atingido por elas.

- Agora, tire a camiseta - ordenou.

- Para quê? Não me diga que ainda está procurando o meu cartão de identidade.

- Digamos, apenas que gosto de uma busca detalhada, que quero ver se tem qualquer coisa escondida sob os braços.

- Como o quê? Droga? Erva?

- Sabe-se lá? Já aconteceu antes.

- Ora, comigo não. Já abandonei essas coisas há muito tempo. Que inferno, é ilegal.

- Muito engraçado. Trate de tirar a camiseta.

Por uma vez, o rapaz fez o que lhe fora ordenado. O mais lentamente que lhe foi possível, é lógico. Os músculos do estômago estavam retesados e tinha, no peito, três cicatrizes retas.

- Onde arranjou isso? - Indagou Teasle, surpreso. - Cicatrizes de faca.

Afinal, que merda andou fazendo?

O rapaz olhou de esguelha para as luzes e não deu resposta. Tinha, na parte superior do peito, uma mancha triangular, bem grande e formada por pelos.

Duas das cicatrizes passavam por ela - Levante os braços e rode - mandou Teasle.

- Isso não é necessário.

- Se houvesse uma maneira mais rápida de dar uma busca em você, não tenho dúvida de que descobriria. Dê a volta.

Havia dúzias de pequeninas cicatrizes irregulares espalhadas pelas costas do rapaz.

- Meu Deus, o que aconteceu com você? - Indagou Teasle. - Essas marcas são de correia de chicote. Quem o andou chicoteando?

O rapaz continuou sem lhe dar resposta.

- A polícia estadual vai enviar um relatório interessante sobre você.

Hesitou. Tinha chegado o momento que detestava.

- Muito bem, abaixe a cueca.

O rapaz fitou-o. E continuou encarando-o.

- Não me lance olhares constrangidos - disse, sem gostar daquilo. - Todos passam por isso e ainda continuam intactos quando acabo a inspeção.

Abaixe as cuecas, apenas. Isso é o bastante. Pare onde está e ajoelhe-se.

Não quero ver nada mais além daquilo que tenho que ver. Fique onde está.

Quero ver se há alguma coisa escondida. As duas mãos não. Uma só.

Apenas as pontas dos dedos.

Mantendo-se a distância, Teasle curvou-se e olhou para a virilha do rapaz de diversos ângulos. Os testículos estavam juntos e agrupados na parte de cima. Chegara, então, a pior parte de todas. Mandaria alguém como Galt fazer aquilo, porém não gostava de delegar aos outros as tarefas desagradáveis. - Gire e incline-se.

O rapaz encarou-o.

- Vá se divertir com outra pessoa qualquer. Não vou continuar com essa história.

- Sim, vai sim. Além daquilo que pode ter escondido aí, não sinto o menor interesse pela sua bunda fedorenta. Trate de fazer o que mandei. Agora abaixe-se e separe as nádegas. Vamos com isso. Não gosto desse tipo de visão. Aí. Sabe de uma coisa, quando trabalhei em Louisville, um dos prisioneiros tinha introduzido no rabo uma faca de sete centímetros e meio dentro de uma bainha de couro. Sempre fiquei intrigado, pois não posso compreender como conseguia sentar-se.

Lá em cima, Galt estava destrancando a porta e a abrindo.

- Muito bem, está limpo - disse Teasle ao rapaz. - Pode puxar a cueca para cima.

Teasle ficou prestando atenção enquanto Galt fechava e passava a chave na porta e, em seguida, descia os degraus de cimento arrastando os sapatos.

Trazia um uniforme de brim desbotado, um colchão fininho, um travesseiro de borracha e um lençol cinzento. Olhou para o rapaz de cueca e em pé, e disse a Teasle: - Ward acabou de se comunicar a respeito daquele carro roubado.

Encontrou-o perto da pedreira que fica ao norte daqui.

- Diga-lhe para não se afastar e peça a Shingleton para se comunicar com a polícia estadual, solicitando uma equipe de datiloscopia.

- Shingleton já os convocou.

Galt entrou na cela. O rapaz começou a segui-lo, os pés descalços chapinhando na água que cobria o chão.

- Ainda não - aconselhou Teasle.

- Muito bem, decida-se. Primeiro queria que eu entrasse. Agora já não quer mais. Quem me dera se eu adivinhasse o que deseja.

- O que quero é que você entre debaixo daquele chuveiro lá no fundo. E

quero que tire a cueca e lave-se muito bem antes de vestir o uniforme limpo. Não deixe de lavar esse cabelão. Quero você bem limpinho antes de colocar as mãos nele.

- O que está querendo dizer com colocar as mãos nele?

- Terei de cortá-lo.

- De que está falando? Não vai cortar meu cabelo. Não vai se aproximar de qualquer ponto de minha cabeça, segurando um par de tesouras.

- Já te disse que todo o mundo tem que passar por isso. Todos, desde ladrões de carro até os bêbados são examinados como você, tomam uma chuveirada e os cabelos são cortados. O colchão que lhe estamos dando está limpo e queremos recebê-lo de volta limpo, sem nenhum percevejo ou pulgas trazidas de onde tem andado dormindo, em barracos, campos, e sabe Deus onde mais.

- Não vai cortá-lo.

- Basta apenas um pouco mais de provocação e poderei dar um jeito para que fique mais outros trinta e cinco dias aqui. Procurou desesperadamente por isso. Agora vai ter que aguentar todo o resto. Por que não trata de se enfiar logo debaixo do chuveiro e torna tudo mais fácil para nós dois? Galt, por que não sobe, pega a tesoura, o creme de barbear e uma navalha?

- Só concordo com a chuveirada - disse o rapaz.

- Por enquanto, isso é o bastante. Cada coisa de uma vez. Enquanto o rapaz encaminhava-se, lentamente, para o local onde se encontrava o chuveiro, Teasle tornou a olhar para as marcas de chicote em suas costas. Já eram quase seis horas. Dentro em pouco, estaria recebendo o relatório da polícia estadual.

Pensando nas horas, fez os cálculos intimamente e viu que eram três horas na Califórnia, sem ter muita certeza se deveria ou não dar o telefonema. Se ela tivesse mudado de ideia, já teria entrado em contato com ele. Portanto, se telefonasse, estaria apenas exercendo pressão sobre ela e afastando-a ainda mais.

Porém, apesar disso, tinha que tentar. Talvez mais tarde, quando tivesse terminado com o rapaz, fizesse uma chamada e se limitaria a manter um bate-papo sem tocar no divórcio.

"A quem está procurando enganar? A primeira coisa que lhe irá perguntar é se ela mudou de ideia."

Dentro do boxe, o rapaz virou-se, sob o jato d'água.

O buraco tinha três metros de profundidade, e a largura era apenas suficiente para que se sentasse com as pernas estiradas. Algumas vezes, durante as noites, eles apareciam com lanternas para dar uma olhadela nele, metido lá embaixo, através da grade de bambu. Pouco depois do nascer do dia, retiravam a grade e o içavam para que ele executasse as tarefas diárias.

Era o mesmo acampamento na selva onde o tinham torturado, as mesmas cabanas cobertas de colmo e as viçosas montanhas verdes. Por uma razão que não tinha entendido de início, tinham-lhe tratado dos ferimentos enquanto estivera inconsciente: os cortes no peito, onde o oficial tinha enfiado uma faca fina e puxado a lâmina de lado a lado, arranhando-a contra as costelas; as lacerações nas costas, das quais o oficial tinha-se aproximado furtivamente, e repentinamente chicoteado. Chicoteado. Estava com a perna infectada seriamente, porém, quando eles tinham aberto fogo contra a sua unidade e o agarrado, nenhum osso tinha sido atingido, apenas o músculo da coxa e por isso podia, de vez em quando, mover-se com dificuldade.

Agora, já não lhe faziam mais perguntas, não o ameaçavam, nem mesmo conversavam com ele. Sempre faziam gestos para lhe indicar o trabalho a executar: descarregar as águas usadas, cavar latrinas, montar fogueiras para cozinhar. Como fingisse não entender a língua deles, encarava o fato de não lhe dirigirem uma única palavra como uma forma de punição. Ainda assim, à noite, lá no buraco, escutava as conversas indistintamente e, pelas palavras esparsas, depreendeu, satisfeito, que mesmo durante os momentos de inconsciência não lhes relatara o que desejava saber. Após a emboscada e sua captura, o resto da unidade da qual fazia parte devia ter continuado o caminho rumo ao objetivo, pois agora ouvia comentários a respeito das fábricas explodidas e descobriu que aquele acampamento era um entre muitos nas montanhas à espera de outros guerrilheiros americanos.

Pouco depois, mandaram-no executar muitas tarefas, mais pesadas, alimentando-o menos, obrigando-o a trabalhar por mais tempo e deixando-o dormir menos. Então, começou a compreender. Já se tinha passado muito tempo para que pudesse saber onde estaria sua unidade.

De vez que não lhes podia mais fornecer informações, tinham tratado dos ferimentos para que pudessem divertir-se com ele um pouco mais e descobrir a quantidade de trabalho que seria capaz de suportar, antes que isso o matasse. Pois muito bem, teriam que esperar muito tempo por isso.

Não havia muitas coisas que pudessem fazer que seus instrutores já não o tivessem feito suportar. A escola das Forças Especiais e os oito quilômetros que era obrigado a cobrir correndo antes do café da manhã, os dezesseis quilômetros de corrida depois do café, sentindo ânsias enquanto corria, mas tendo o cuidado de não sair do alinhamento, pois qualquer pessoa que o fizesse seria obrigada a correr outros dezesseis quilômetros extras como castigo. Subindo em torres altas, gritando seu número para o instrutor, saltando lá do alto, as pernas juntas, os pés atados, cotovelos colados ao corpo, berrando "Mil, dois mil, três mil, quatro mil" enquanto caía, o estômago subindo até a garganta, o equipamento de salto puxando-o para cima antes de alcançar o solo. Trinta movimentos de ginástica de elevação do corpo e sustentação através dos impulsos e retesamento dos braços e mais um outro extra, gritando "Pelo Transporte Aéreo!" Mais trinta movimentos de ginástica, do mesmo exercício, se o berro fosse fraco, mais um outro "Pelo Transporte Aéreo!" No rancho, no banheiro, em qualquer lugar, os oficiais esperavam gritando abruptamente "Ataque", e era obrigado a atirar-se ao solo em posição de salto, gritando: "Mil, dois mil, três mil, quatro mil", mantendo-se em atenção até que fosse dado o comando de descansar, e, então, gritava "Tudo bem, senhor!", saindo correndo para fora, berrando: "Transporte Aéreo! Transporte Aéreo!"

Transporte Aéreo!" Saltos diurnos no meio de florestas. Saltos noturnos sobre pântanos, para passar uma semana ali, tendo apenas uma faca como equipamento. Aulas sobre armamentos, explosivos, vigilância, interrogatório, combate corpo-a-corpo. No meio do gado, ele e os outros alunos segurando facas. Tripas e estômagos espalhados pelo campo, os animais ainda vivos e berrando. Carcaças esburacadas, e a ordem para rastejar, envolver o corpo com elas, banhar-se em sangue.

Aí estava a vantagem de ser um Boina Verde. Podia aguentar qualquer coisa. Porém, tornava-se cada dia mais fraco no acampamento da selva e, finalmente, sentiu medo de que seu corpo não pudesse mais suportar. Mais trabalho, mais tarefas pesadas, menos comida, menos horas de sono. O que via foi ficando nublado e enevoado; cambaleava, resmungando, falando sozinho. Depois de três dias sem comida, atiraram uma cobra que serpenteava dentro do buraco onde se encontrava, contorcendo-se no meio da sujeira, e ficaram observando enquanto ele

arrancava a cabeça da serpente e comia a carne crua. Só conseguiu engolir alguns pedaços. Pouco depois - alguns minutos, alguns dias, o tempo não fazia diferença -

começou a imaginar se a cobra seria venenosa ou não. Isso, além dos percevejos que descobriu no buraco e a boa quantidade de lixo que atiravam de vez em quando em sua direção, foi o que lhe deu vida nos dias que se seguiram... ou semanas não saberia precisar. Puxando uma árvore morta através da selva até ao acampamento, deixaram-no colher algumas frutas e comê-las e, ao cair da noite, estava com disenteria. Ficou no buraco, entorpecido, atolado nas próprias fezes, ouvindo-os comentar a respeito de sua idiotice.

Porém, não tinha sido tolo. Durante o delírio sua mente pareceu melhor do que jamais fora desde sua captura e a disenteria era proposital. Tinha comido apenas o suficiente para que fosse uma diarreia leve, de modo que, no dia seguinte, quando o puxassem para cima pudesse simular que as cólicas intestinais eram mais violentas do que na realidade, portanto poderia fingir que desmaiava enquanto estivesse arrastando as árvores mortas para o acampamento. Talvez, quem sabe, não o obrigassem a trabalhar por alguns dias. Talvez o guarda o deixasse sozinho na selva para ir buscar auxílio no acampamento e, quando retornasse, quem sabe não teria conseguido fugir?

Porém, percebeu que sua cabeça não estava nada melhor. Comera frutas em demasia e as cólicas estavam mais fortes do que esperara e, de vez que não podia mais trabalhar, o guarda atiraria nele com o maior prazer e, ainda que escapasse, quanto tempo poderia viver, até que ponto seria capaz de ir, faminto, meio morto com diarreia? Não conseguia lembrar-se, se percebeu tudo isto antes ou depois. Tudo ficou confuso e, de repente, estava sozinho, deslocando-se através da selva, atirando-se num rio. Depois disso, recordava-se de estar rastejando por sobre samambaias, subindo uma encosta, levantando-se no topo, caindo sobre a relva, tornando a se erguer e lutando para atravessar a planície; em seguida, rastejando para subir uma outra encosta, sem ter possibilidade de ficar de pé, só podendo mesmo rastejar. "As tribos da montanha", pensava ele. "Vá até uma tribo", só conseguia pensar nisso.

Alguém lhe estava dando de beber. Os soldados o tinham apanhado, estava certo disso, e lutou para escapar, mas alguém o obrigava a ficar deitado e engolir. Não eram os soldados, não podia ser: deixaram-no fugir, tropeçando pela floresta. Às vezes, pensava que estava de volta ao buraco, sonhando que tinha escapado. Outras vezes, achava que ainda estava saltando do avião com o resto da turma, o paraquedas sem abrir, as montanhas crescendo cada vez mais em sua direção.

Acordou esparramado sob alguns arbustos, deu-se conta de que estava correndo, viu-se deitado de encontro a uma rocha. Quando o sol começou a se pôr, orientou-se por ele e rumou para o sul. Então, teve medo de estar trocando as horas novamente, de ter jazido inconsciente durante a noite, de ter confundido o nascer com o pôr-do-sol e tomado o rumo errado, para o norte ao invés do sul. Imobilizou-se e o sol continuou a se pôr, e sentiu-se aliviado. Então, a noite chegou e, quando não conseguiu mais enxergar, adormeceu.

Voltou a si de manhã, agarrado aos ramos mais altos de uma árvore.

Quando ou como se tinha içado até lá não conseguia lembrar-se, porém, estaria morto se não o tivesse feito: um homem sozinho, inconsciente, não teria sobrevivido contra os animais noturnos que infestavam a selva. Ficou na árvore durante todo o dia, torcendo os galhos, aqui e ali, para ter uma melhor proteção, dormindo, comendo lentamente a carne desidratada e os bolinhos de arroz que teve a surpresa de encontrar amarrado a seu pescoço, dentro de um saco feito com os trapos que vestia. As pessoas que não o tinham deixado levantar e tinham-no forçado a comer deviam ser camponesas, e aquela comida tinha que ser delas. Guardou o que sobrou para a noite, quando desceu da árvore, e, orientando-se pelo sol poente, continuou a caminhada rumo ao sul. Porém, por que o tinham ajudado?

Teria sido seu aspecto que os levara a lhe dar uma nova oportunidade?

Fugia durante a noite, usando as estrelas como bússola, alimentando-se de raízes, quina e agrião dos rios. No meio da escuridão, escutava com frequência os soldados quase ao seu lado e ficava imóvel, deitado sob a vegetação rasteira até que todos os ruídos morressem. Muitas vezes, os delírios terminavam para voltar depois mais confusos do que nunca, fazendo-o imaginar o estalido de um rifle automático sendo puxado para trás, obrigando-o a rolar para o meio dos arbustos, antes que se desse conta de que o ruído fora causado apenas por um galho sobre o qual pisara.

Dali a duas semanas, chegaram as chuvas, torrenciais e ininterruptas.

Lama. Madeira em decomposição. As águas descendo tão fortes que sentia dificuldade para respirar. Continuou o caminho, atordoadado pelo fustigar da chuva, enfurecido pela aspiração da lama, pelos arbustos encharcados que se lhe agarravam. Já não sabia mais dizer qual era o rumo do Sul - só raramente as nuvens noturnas afastavam-se, quando, então, podia orientar-se por uma estrela, mas depois tornavam a se juntar e era obrigado a deslocar-se às cegas. Quando as

nuvens voltavam a abrir uma brecha, constatava que tinha perdido a direção. Certa manhã, descobriu que tinha estado andando em círculos e, depois disso, passou a viajar apenas durante o dia. Tinha que ir mais devagar, com muito mais cautela, para evitar ser localizado. Quando as nuvens obscureciam o sol, avançava rumo aos mais distantes pontos de referência, um pico de montanha ou uma árvore altaneira. E a cada dia, todos os dias, as chuvas caíam.

Saiu da floresta, cambaleando através de um campo, e alguém disparou contra ele. Atirou-se ao solo, rastejando de volta para as árvores. Mais outro tiro. Pessoas correndo pelo meio da relva.

- Pedi que se identificasse - dizia um homem. - Se não tivesse notado que estava desarmado, eu o teria matado. Que diabo, levante-se e identifique-se.

Americanos. Começou a gargalhar. Não conseguia parar de gargalhar.

Mantiveram-no no hospital durante um mês até que sua histeria terminou.

Saltara de paraquedas no Norte no começo de dezembro e disseram-lhe que já estavam no início de maio. Não sabia quanto tempo ficara prisioneiro.

Também ignorava o tempo de duração de sua fuga. Contudo, nesse meio tempo, tinha coberto a distância entre a área do salto e essa base americana no Sul, num total de seiscentos e vinte e quatro quilômetros. E o que o fizera começar a soltar gargalhadas foi o fato de que devia estar em território ocupado pelos americanos há muitos dias; alguns dos soldados que ouvira durante a noite, e dos quais se escondera, deviam ser seus compatriotas.

Procurou ficar no chuveiro o maior tempo que lhe foi possível. Sabia que não seria capaz de aguentar quando Teasle encostasse a tesoura em sua cabeça e começasse a usá-la. Enquanto o jato de água caía em cima dele, lançou um olhar para o lado de fora e viu, de repente, Galt no alto da escada, segurando a tesoura, um pote de creme de barbear e uma navalha.

Sentiu um aperto no estômago. Observou, desesperado, Teasle apontar na direção de uma mesa e uma cadeira que estavam aos pés da escada dizendo alguma coisa para o policial e que foi abafada pelo barulho do chuveiro.

Galt pegou a cadeira, colocou-a diante da mesa, apanhou algumas folhas de jornal guardadas dentro de uma gaveta, e espalhou-as embaixo da cadeira.

Aquilo deixou-o sem ação. Teasle aproximou-se do boxe, chegando bem perto para se fazer ouvir.

- Feche a água - ordenou.

Rambo fingiu não ter escutado. Teasle aproximou-se ainda mais.

- Feche a água - repetiu.

Rambo continuou a lavar os braços e o peito. O sabonete era grande, amarelo e exalava um forte cheiro de desinfetante. Voltou a ensaboar as pernas. Era a terceira vez que o fazia. Teasle sacudiu a cabeça e saiu do seu campo visual, dirigindo-se para a esquerda do boxe onde devia haver um registro, pois, um segundo depois, a água parou de esguichar. As pernas e os ombros de Rambo ficaram retesados, a água que gotejava do corpo escorria para dentro do ralo de metal no fundo do boxe e, em seguida, Teasle tornou a aparecer, segurando uma toalha.

- Não faz sentido agir assim - comentou Teasle. - Vai acabar se resfriando.

Rambo não tinha escolha. Saiu bem devagarinho. Sabia que, se não o fizesse, Teasle entraria no boxe para pegá-lo e não desejava que o outro o tocasse. Secou-se repetidas vezes com a toalha. E esta, devido ao frio, deixava-lhe marcas sobre o braço. Os testículos estavam à mostra.

- Continue a se enxugar e acabará vestindo a toalha - disse Teasle.

Continuou secando-se. Teasle tentou agarrá-lo para conduzi-lo até a cadeira, mas Rambo, dando um passo atrás, manteve-o, bem como Galt, diante de si enquanto se encaminhava de costas para a cadeira. Sem uma interrupção, tudo estava pronto numa sequência rápida.

Primeiro, Teasle tocou-lhe num dos lados da cabeça com a tesoura, fazendo barulho com as lâminas. Inutilmente, Rambo tentou controlar-se.

- Fique quieto - disse Teasle. - Se bater contra a tesoura poderá se machucar.

Em seguida, Teasle cortou uma mecha larga de cabelos e Rambo sentiu que sua orelha esquerda estava gelada e desprotegida sob o ar úmido do porão.

- Você tinha mais cabelo do que eu imaginava - disse Teasle, e atirou a mecha em cima do jornal espalhado pelo chão. - Em menos de um minuto vai sentir a cabeça bem mais leve.

O jornal estava ficando cinzento, empapado de água.

Depois, Teasle cortou mais, e Rambo foi forçado a recuar mais uma vez. O

Chefe de Polícia foi para trás dele e o rapaz ficou tenso, pois não tinha condições de ver o que estava acontecendo às suas costas. Balançou a cabeça para ver, e Teasle empurrou-a para baixo. Rambo conseguiu libertar a cabeça da pressão do outro.

Contudo, Teasle voltou a encostar a tesoura em sua cabeça, Rambo tornou a recuar e o cabelo ficou preso no engate, o que provocou um puxão no couro cabeludo. Não podia mais suportar aquilo. Pulou da cadeira e, dando uma volta, ficou de frente para Teasle.

- Afaste-se.

- Sente-se nessa cadeira.

- Não vai cortar mais nada. Se quer ver meu cabelo cortado, traga um barbeiro até aqui.

- Já passam das seis. Todas as barbearias estão fechadas. Não vestirá este uniforme, até que esteja com o cabelo cortado.

- Pois bem, ficarei como estou.

- Trate de se sentar nessa cadeira. Galt, vá até lá em cima e traga Shingleton até aqui. Já fiz todas as concessões que me eram possíveis.

Cortaremos o cabelo dele tão depressa que teremos a impressão de estar usando um aparelho de tosquiar.

Galt parecia contente por sair dali. Rambo ouviu-o destrancar a porta no alto da escada, o barulho ecoando lá embaixo. Tudo estava acontecendo com muito mais rapidez do que antes. Não desejava machucar ninguém, mas sabia o que vinha pela frente, sentia sua fúria aumentando, tornando-se incontrolável. Logo depois, um homem descia a escada às pressas, com Galt em suas pegadas. Era o homem que estava sentado ao lado do rádio, na parte da frente da delegacia. Shingleton. Agora, de pé, dava a impressão de ser mesmo alto, a cabeça praticamente encostada nas luzes brilhantes presas ao teto. Os ossos acima dos olhos e em volta da parte inferior do rosto sobressaíam sob a claridade. Olhou para Rambo e este sentiu-se duplamente despido.

- Que foi? - Perguntou Shingleton, dirigindo-se a Teasle. - Ouvi dizer que está com problemas.

- Não, ele sim - replicou Teasle. - Você e Galt mantenham-no sentado na cadeira.

Shingleton aproximou-se logo. Galt hesitou; em seguida, chegou mais para perto.

- Não sei que confusão é esta - disse Shingleton a Rambo. - Contudo, sou razoável. Dou-lhe uma oportunidade para escolher. Vai andando ou terei que carregá-lo?

- Acho melhor não me tocar. - Estava resolvido a manter o controle. Seriam apenas mais cinco minutos de toque contínuo da tesoura e, então, tudo estaria terminado, tudo estaria bem.

Começou a se deslocar na direção da cadeira, os pés deslizando sobre a água, e Shingleton disse por detrás dele: - Bom Deus! Onde conseguiu todas essas cicatrizes nas costas?

- Na guerra. - Isso fora uma fraqueza. Não deveria ter respondido.

- Oh, claro! É claro que esteve na guerra. Em que exército?

Àquela altura, Rambo teve vontade de matá-lo.

Mas Teasle agarrou uma outra mecha de cabelos e isso o atemorizou. Havia pedaços de cabelos compridos espalhados por cima do jornal cinzento e molhado, alguns deles presos em volta dos pés descalços do rapaz.

Esperava que Teasle continuasse trabalhando só na cabeça. Juntara todas as forças nesse sentido. Mas então, o Chefe de Polícia chegou próximo demais do olho direito do rapaz, cortando a barba, e Rambo, instintivamente, abaixou a cabeça para a esquerda.

- Fique quieto! - Exclamou Teasle. - Shingleton, você e Galt façam com que ele fique parado.

Shingleton puxou a cabeça dele para cima de uma só vez, e Rambo, com um safanão, afastou o braço do outro. Teasle meteu a tesoura no meio da barba, agarrando-a e beliscando as maçãs do rosto.

- Porra! - Gritou. Eles estavam muito próximos. Sentia-se asfixiado e por isso tinha vontade de gritar.

- Isto pode demorar a noite inteira - disse Teasle. - Galt, apanhe o creme de barbear e a navalha que estão sobre a mesa.

Rambo contorceu-se.

- Você não me vai barbear. Não deixarei que se aproxime de mim com essa navalha.

Então, reparou que Galt já estava entregando a Teasle o que lhe fora pedido. Rambo, ao ver a longa lâmina refulgindo sob as luzes, recordou-se do oficial inimigo retalhando seu peito, e isso foi o fim. Não suportou mais, agarrou a navalha e, pondo-se de pé, afastou-os de si. Lutou contra a vontade de atacá-los. Ali não. Não naquela infernal delegacia. Tudo quanto queria era ver a navalha fora do alcance deles. Mas Galt estava pálido, os olhos presos à navalha e com a mão na arma.

- Não, Galt! - Gritou Teasle. - Nada de armas!

Mas Galt continuava a mexer no revólver e conseguiu, desajeitadamente, sacá-lo. Devia ser realmente um calouro no emprego: a impressão que dava era de não poder acreditar estar segurando uma arma, a mão trêmula, em cima do gatilho, e Rambo passou a navalha na altura de seu estômago. Galt olhou, apavorado, para o corte profundo que atravessava sua barriga, o sangue empapando a camisa e descendo pelas calças abaixo, os órgãos saltando para o lado de fora, como se fosse uma câmara de ar cheia escapando através de um rasgão num pneu. Tentou, com a ajuda de um dedo, enfiar os órgãos de volta aos devidos lugares, mas estes teimavam em ficar onde estavam, o sangue enchendo as calças, escorrendo pelos punhos, caindo sobre o chão, enquanto ele deixava escapar um ruído estranho e cava da garganta e desabava sobre a cadeira, virando-a de pernas para o ar.

À esta altura, Rambo já estava subindo a escada a toda. Tinha olhado para Teasle e Shingleton. Um estava junto às celas, o outro grudado à parede.

Rambo sabia que estavam muito afastados de si para que os pudesse anavalhar sem que pelo menos um deles tivesse tempo para sacar a arma e dispará-la. Ainda assim, quando contornava o patamar no meio da escada, partiu o primeiro tiro às suas costas, estilhaçando-se contra a parede de concreto.

O patamar superior situava-se num ângulo oposto ao outro; portanto, naquele momento estava fora do campo visual dos policiais, sobre as suas cabeças, avançando pesadamente rumo à porta, no hall principal. Ouviu gritos lá embaixo e, logo depois, uma correria no primeiro lance da escada.

A porta. Tinha-se esquecido daquele detalhe. Teasle tinha advertido a Galt para não se esquecer de mantê-la sempre trancada. Correu mais ainda, rezando para que o policial a tivesse deixado destrancada, devido à pressa, quando voltara acompanhado por Shingleton. No instante em que agarrou a maçaneta, ouvindo atrás de si um "Pare!" E o ruído de uma arma ao ser engatilhada, puxou-a e, Deus, a porta abriu-se. Acabava de dobrar o corredor quando dois disparos penetraram na parede branca do lado oposto ao que se encontrava. Arremessou-se contra o andaime dos pintores. Este desabou com estardalhaço, tábuas, latas de tinta e tubos de aço empilhavam-se e atravancavam o caminho.

- O que está acontecendo? - Perguntou uma voz às suas costas. Virou-se.

Deparou com um policial de pé, surpreso, olhando para ele, atônito diante de sua nudez, tentando sacar a arma. Com quatro passos rápidos, Rambo atingiu-o com a palma da mão sobre o nariz e pegou o revólver que caía da mão do homem.

Alguém estava empurrando o que restava do desabamento do andaime. Rambo disparou por duas vezes, escutando o berro de Teasle, desejando que os disparos o mantivessem onde estava apenas o suficiente para que ele alcançasse a porta da frente.

Conseguiu o que queria. Atirou novamente contra o andaime antes de correr para o lado de fora, totalmente nu, sob o calor do sol que se punha.

Uma senhora de idade que se encontrava na calçada soltou um grito; um homem diminuiu a marcha do carro e ficou atônito. Rambo pulou os degraus da frente da delegacia e caiu na calçada, ultrapassou a senhora que gritava e rumou na direção de um homem que estava passando, montado numa motocicleta e com roupas de trabalho. Este cometeu o erro de diminuir a velocidade para apreciar a cena. Quando resolveu acelerar outra vez, Rambo já o tinha alcançado e o jogado para fora da moto. O homem bateu primeiro com a cabeça no chão o capacete amarelo rolando pelo asfalto. Rambo pulou para a moto, as nádegas nuas acomodadas no assento quente e preto. A motocicleta partiu roncando, enquanto ele disparava as últimas três balas contra Teasle que tinha aparecido na porta da frente da delegacia e depois recuara, quando percebeu que o rapaz fazia pontaria contra ele. Rambo passou a toda pelo tribunal, dando voltas, ziguezagueando para evitar que Teasle acertasse nele. Mais adiante, havia algumas pessoas de pé numa esquina, olhando, e esperou que o risco de as atingir impedisse Teasle de atirar. Escutou alguns gritos às suas costas, e berros à sua frente que partiam das pessoas na esquina. Um dos homens saiu correndo de onde estava para tentar pará-lo, porém Rambo afastou-o com um pontapé. Logo depois dobrava a esquina à esquerda; por enquanto estava a salvo. Tratou de imprimir toda a velocidade ao veículo.

Seis balas. Teasle as tinha contado. O revólver do rapaz estava descarregado. Correu para o lado de fora, olhando de esguelha devido ao sol, em tempo de ver o rapaz desaparecer na esquina. Shingleton estava com a arma apontada. Teasle abaixou-a.

- Meu Deus, não está vendo todas aquelas pessoas?

- Poderia tê-lo alvejado!

- Poderia ter atingido mais alguém, além dele!

Voltou correndo para a delegacia, deixou a porta da frente escancarada, a tela de alumínio exibindo três orifícios feitos por balas.

- Entre ali! Veja como estão Galt e Preston! Chame um médico!

Sentindo-se atônito ao ver que Shingleton tentara atirar, atravessou a sala correndo na direção do rádio. O sujeito era tão eficiente em sua função, sempre dava bons palpites e, no entanto, agora, sem ter experiência naquele tipo de problema, tinha reagido estupidamente e obedecido a um impulso.

A porta de tela foi fechada com uma pancada quando Shingleton entrou apressado e descia o hall. Teasle empurrou um botão do rádio, falando, rápido, ao microfone. Suas mãos tremiam; suas entranhas pareciam estar cheias de fezes quentes.

- Ward! - Chamou pelo rádio, mas o outro não respondia. Finalmente, Teasle conseguiu entrar em contato, contou-lhe o que acontecera, transmitindo-lhe ordens a respeito de como deveria agir. - Ele sabe que a Center Road o levará para fora dos limites da cidade! Tomou aquela direção, rumo oeste! Intercepte-o!

Shingleton dobrou correndo a quina do corredor e entrou na sala da frente, dirigindo-se a Teasle.

- Galt está morto. Meu Deus, os intestinos dele estão para fora - despejou de uma só vez ao entrar. Engoliu em seco, tentando recuperar o fôlego. -

Preston está vivo. Não sei por quanto tempo mais. Está saindo sangue por seus olhos.

- Pare com isso! Telefone pedindo uma ambulância! Um médico! - Teasle apertou outro botão do rádio. As mãos dele não paravam de tremer. Suas entranhas pareciam mais quentes, mais moles. - Polícia Estadual - disse, rápido, junto ao microfone. - Madison chamando a Polícia Estadual.

Emergência Não respondiam. Falou mais alto.

- Não sou surdo, Madison - reclamou uma voz masculina. - Qual é o problema?

- Fuga de prisioneiro. Um policial está morto – explicou-lhe depressa, detestando perder tempo repetindo o que tinha acontecido. - Pedimos que bloqueiem as estradas. - Imediatamente a voz ficou alerta.

Shingleton desligou o telefone. Teasle não o tinha escutado fazer a ligação.

- A ambulância já está a caminho.

- Faça uma ligação para Orval Kellerman. - Teasle apertou outro botão, chamando outra radiopatrulha, dando-lhe ordens para perseguir o rapaz.

Shingleton já tinha completado a ligação. Graças a Deus já se tinha controlado.

- Kellerman está no jardim. Foi a mulher dele quem atendeu. E não me quer deixar falar com ele.

Teasle pegou o fone.

- Sra. Kellerman, aqui é Wilfred. Preciso do Orval com urgência.

- Wilfred? - A voz dela era aguda e frágil. - Mas que surpresa, Wilfred! Há quanto tempo não nos telefona! - Por que não falava depressa? -

Pretendíamos aparecer e dizer-lhe o quanto sentimos a partida de Anna.

Teasle foi forçado a interrompê-la.

- Sra. Kellerman, preciso falar com Orval. É muito importante.

- Oh! Sinto muito. Ele está lá fora cuidando dos cachorros e você sabe que não posso incomodá-lo quando está lidando com eles.

- É preciso que o faça vir ao telefone. Por favor. Acredite em mim, é importante. - Teasle ouviu a respiração dela.

- Está certo, vou falar com ele, porém não lhe posso prometer que virá.

Sabe muito bem de que jeito fica quando está treinando os cães.

Percebeu que ela largara o aparelho, e então ele acendeu um cigarro. Há quinze anos era um policial. Nunca perdera um prisioneiro, e jamais um colega tinha sido morto. Sentia uma vontade alucinada de esmigalhar o rosto do rapaz contra o cimento.

- Por que ele fez aquilo? - Disse, dirigindo-se a Shingleton. - É uma loucura total! Ele aparece procurando barulho e, numa tarde, passa da vagabundagem para o assassinato. Ei, você está bem? Sente-se e coloque a cabeça entre os joelhos.

- Nunca vi um homem atingido por uma navalha antes. Galt. Meu Deus, almocei com ele.

- Não importa quantas vezes a gente veja uma coisa assim. Devo ter visto uns cinquenta homens serem mortos a golpes de baioneta, lá na Coréia, e nunca deixei de me sentir mal. Conheci um homem lá em Louisville que estava na polícia fazia uns vinte anos. Certo dia, foi mandado a um bar para investigar um esfaqueamento. Havia tanto sangue misturado com cerveja e espalhado pelo chão que teve um ataque cardíaco e morreu tentando voltar para a radiopatrulha.

Teasle sentiu que alguém apanhava o fone do outro lado da linha. Que seja Orval, pensou.

- Will, o que está acontecendo? Espero que seja tão importante quanto o disse.

Era ele. Orval tinha sido amigo de seu pai, e os três costumavam ir caçar juntos todos os sábados da estação. Então, quando o pai de Teasle morrera, Orval passara a ser uma espécie de segundo pai para ele. Já estava aposentado; contudo, achava-se em muito melhor forma do que os homens com a metade de sua idade, e contava com uma matilha de galgos que eram os mais bem treinados do condado.

- Orval, acabamos de ter uma fuga. Não tenho tempo para lhe explicar, mas estamos perseguindo um rapaz. Matou um de meus homens e não creio que permaneça nas rodovias com a polícia estadual atrás dele. Tenho certeza de que rumará para as montanhas e estou louco para que você concorde e esteja disposto a proporcionar a seus cães a maior caçada de suas vidas.

Rambo enveredou-se com a moto pela Center Road abaixo. O vento fustigava seu rosto e o peito, os olhos lacrimejavam, e ele receava ter que diminuir a velocidade para conseguir enxergar o que estava a sua frente. Os carros estavam parando abruptamente, os motoristas enfiando as cabeças para o lado de fora, atônitos por vê-lo nu em cima da moto. As pessoas que estavam na rua viravam-se e apontavam com o dedo para ele. Lá longe, bem atrás, ouviu uma sirene começando a cantar. Acelerou a máquina até alcançar noventa e seis quilômetros, avançou um sinal vermelho, e quase não teve tempo de dar uma guinada para evitar o choque com um imenso caminhão-tanque que se arrastava pelo cruzamento. Outra sirene começou a tocar ao longe, mais à esquerda. Não havia a menor possibilidade de uma moto correr mais do que os carros-patrulhas. Porém, podia andar por lugares inacessíveis para eles: as montanhas.

A rua tinha uma descida abrupta e, em seguida, subia a encosta de uma colina. Rambo acelerou por ali, ouvindo as sirenes. A que soava à esquerda fez a volta para se juntar à que vinha atrás dele. Atingiu o topo da elevação com tanta velocidade que a moto saltou e tornou a cair sobre o asfalto, obrigando-o a diminuir a velocidade para não perder o equilíbrio. Logo depois, estava disparando novamente.

Ultrapassou a tabuleta do AGORA VOCÊ ESTÁ SAINDO DE MADISON

e passou pela vala onde tinha comido os hambúrgueres naquela tarde.

Avistou os campos de milho tostados pelo sol que ladeavam a rodovia. As sirenes aproximavam-se e as montanhas estavam situadas à direita. Tomou essa direção, penetrando numa estrada suja e quase caindo ao dar uma guinada violenta para não se chocar com um caminhão de leite. O motorista meteu o rosto para o lado de fora, esbravejando.

Agora, levantava uma nuvem de poeira à ré, mantendo a velocidade em oitenta quilômetros para não derrapar sobre o cascalho. Escutava as sirenes atrás e à direita; em seguida, bem atrás dele. Aproximavam-se rápido demais. Se continuasse na estrada de terra, jamais conseguiria escapar da perseguição em tempo de alcançar as montanhas. Tinha que sair dali e pegar outro caminho por onde seus perseguidores não pudessem ir.

Girou à esquerda, entrando por um portão aberto que dava para uma estreita trilha para carroças, com sulcos profundos e amarelos. O milho aparecia em ambos os lados, as montanhas ainda estavam longe, à direita, e Rambo procurava uma maneira de rumar para lá diretamente. As sirenes tocavam mais alto, agora. Atingiu o final dos campos de milho; virando para a direita, entrou numa área coberta de relva seca, a motocicleta saltando sobre o solo irregular, subindo e descendo, deslocando-se sobre a relva. Contudo, as radiopatrulhas ainda poderiam continuar a perseguição por ali e, então, escutou as sirenes cantando mais alto ainda, bem atrás dele.

Havia uma cerca de madeira bem à frente. Aproximou-se a toda, desesperado por causa das sirenes, vendo algumas cabeças de gado. Devia haver cerca de uma centena. Estavam naquele pasto, porém movimentavam-se bem mais à frente, passando através de uma porteira e subindo uma encosta rumo a algumas árvores. O barulho do motor fez com que comesçassem a galopar antes mesmo que Rambo se aproximasse; Jérseis marrons, mugindo, tentando passar três ao mesmo tempo através da abertura, as tetas balançando-se, cheias de leite. Quanto mais se aproximava, mais alto mugiam e estouravam, os cascos fazendo um barulhão quando forçou passagem pela porteira, ao mesmo tempo que as últimas cabeças, e disparou encosta acima. Esta era muito íngreme e foi obrigado a inclinar-se para diante para evitar que a roda dianteira pipocasse. Passou uma árvore, depois uma outra, as montanhas mais próximas, e então a subida terminou e viu-se novamente em terreno plano.

Meteu a motocicleta por dentro de um riacho e quase virou ao alcançar a outra margem. Mas as montanhas estavam, agora, juntinho. Rambo endireitou o veículo e acelerou até o máximo. A sua frente, uma fileira de árvores, depois floresta fechada, rochas, vegetação rasteira. Finalmente, viu o que procurava - uma depressão entre duas inclinações nas colinas pedregosas - rumou para lá enquanto as sirenes começavam a diminuir de intensidade na retaguarda.

Isto queria dizer que as radiopatrulhas tinham parado. Os policiais deviam estar saindo, naquele momento, fazendo pontaria contra ele. Concentrou toda a atenção na depressão. Ouviu a detonação de um revólver, a bala passou zunindo próximo a sua cabeça, penetrando no tronco de uma árvore.

Ele abriu caminho rápido na direção das árvores esparsas, ziguezagueando rumo à vala. Mais um estalido de revólver, porém a bala passou bem longe dele. Então, alcançou a floresta espessa e desapareceu de vista, pulando para o interior do valado. Dez metros mais adiante, um amontoado de pedras e árvores caídas

bloquearam sua ascensão. Saltou da motocicleta e deixou que a máquina rolasse, indo espatifar-se de encontro às pedras.

Começou a escalar a íngreme subida, os galhos finos arranhando-o por todos os cantos. Dentro em breve, haveria muito mais policiais em sua perseguição. Um grande número. Pelo menos, teria um pouco de tempo para alcançar o topo das montanhas antes que eles chegassem. Rumaria para o México. Ficaria escondido por lá, numa pequenina cidade da costa, nadaria todos os dias pelo mar adentro. Seria mesmo muito bom, se nunca mais tornasse a ver aquele filho da puta do Teasle. Tinha prometido a si mesmo nunca mais fazer mal a ninguém e, agora, aquele desgraçado o tinha obrigado a matar novamente. E se ele continuasse a persegui-lo, Rambo estava resolvido a lutar tanto que Teasle ficaria arrependido de ter começado tudo aquilo.

SEGUNDA PARTE

Teasle não teve muito tempo a sua disposição. Precisava reunir os subordinados e penetrar na floresta antes que a polícia estadual o fizesse.

Entrou com a radiopatrulha no prado, abandonando a trilha das carroças disparando por cima das marcas deixadas pelos outros dois carros da polícia e pela motocicleta do rapaz, rumando para a cerca de madeira no final do campo, em direção da porteira escancarada. Shingleton sentado a seu lado, estava com ambas as mãos agarradas ao painel, o carro dando pinotes pelo prado, onde os buracos eram tão profundos que o pesado chassi batia contra o solo, de nada adiantando as molas e atingindo até mesmo o mancaí do eixo.

- A porteira é estreita demais, - advertiu Shingleton. - Não vai conseguir ultrapassá-la.

- Os outros passaram.

De repente, deu uma freada, diminuindo a velocidade para passar pela porteira, com apenas dois centímetros de folga de cada lado. Em seguida, apertou o acelerador, imprimindo maior velocidade ao veículo, a fim de subir a encosta rumo às duas radiopatrulhas estacionadas na primeira quarta parte da subida. Deviam ter atolado ali: quando chegou perto delas, viu que a subida era tão acentuada, a ponto de o motor começar a falhar. Engatou uma primeira e apertou o acelerador até o fundo, sentindo que as rodas traseiras afundavam na relva, o carro subindo na direção do topo.

O policial Ward, avermelhado pelos reflexos do sol que já se punha por detrás das montanhas, à esquerda, esperava por ele lá em cima. Inclinou os ombros para trás, caminhando com a barriga empinada, o cinturão do revólver bem na cintura. Antes que Teasle parasse, o outro já estava a seu lado.

- Por aqui - disse, apontando na direção da depressão por trás da fileira de árvores.
- Cuidado com o riacho. Lester já caiu nele.

Os grilos cantavam junto à torrente. Teasle acabava de sair do carro quando ouviu o ruído de um motor, mais embaixo, próximo à trilha das carroças.

Olhou rápido, esperando que não fosse a polícia estadual.

- Orval.

Uma velha Kombi, avermelhada devido ao reflexo do sol poente, andava aos pulos por sobre a relva do sopé. Parou na base, pois não tinha condições de fazer aquilo que as radiopatrulhas haviam feito. Orval saltou, alto e magro, acompanhado por um policial. Teasle receou que os cães não tivessem vindo; não os ouvia ganir. Sabia que Orval os tinha treinado à perfeição e só latiam no momento exato. Contudo, não podia deixar de pensar que, se estavam silenciosos naquele instante, era porque Orval não os trouxera.

Orval e o policial subiam, rápidos, a encosta. O policial tinha vinte e seis anos, o mais jovem de todos e, ao contrário de Ward. O cinturão do revólver estava bem baixo, à maneira dos pistoleiros dos velhos tempos.

Orval passou por ele correndo, esticando bastante as pernas compridas. A parte superior da cabeça era careca e as laterais estavam recobertas de fios brancos. Estava com os óculos, vestia uma jaqueta de náilon verde, calça verde de brim, e botas de cano alto.

A polícia estadual, pensou Teasle novamente, e lançou um olhar para a trilha das carroças, certificando-se de que ainda não estavam à vista. Voltou a olhar para Orval, bem mais próximo agora. Antes, só tinha podido ver o rosto escavado, moreno, suado, mas agora distinguia os profundos sulcos e as rugas, a pele flácida na parte anterior do pescoço, e ficou impressionado com o fato de estar parecendo bem mais velho desde que o vira pela última vez, há três meses. Contudo, continuava com a mesma agilidade de sempre.

Ainda conseguia subir aquela encosta, batida pelo vento, bem mais ágil do que o jovem policial.

- Os cães - gritou Teasle. - Trouxe os cachorros?

- Claro que sim! Porém não entendi por que mandar esse policial para me ajudar a metê-los dentro da Kombi - replicou Orval, já no topo, diminuindo a velocidade. - Olhe para o sol. Daqui a uma hora já estará escuro.

- Não pense que me esqueci disso.

- Acredito que não - retrucou Orval. - Não tinha intenção de tentar dizer-lhe nada.

Teasle teria gostado, se ele tivesse ficado calado. Não podia deixar que tudo recomeçasse novamente. Aquilo era muito importante. Orval continuava a tratá-lo como se ainda tivesse treze anos, dizendo-lhe o que fazer e como fazer, da mesma maneira que costumava agir quando Teasle, ainda garoto, morava com ele. Se estivesse limpando uma arma ou preparando uma carga especial de bala, Orval aparecia logo por perto, aconselhando-o, tomando-lhe o lugar, e Teasle odiava aquilo, dizia-lhe para sumir, que podia fazer tudo por si mesmo, discutindo com ele com frequência. Compreendia por que não gostava de conselhos: conhecera alguns professores que não conseguiam controlar-se e, mesmo fora de sala de aula, não paravam de ensinar, tal o hábito que tinham de dar ordens... aí estava a razão por que não suportava que ninguém lhe dissesse o que fazer.

Porém, não era sempre que recusava conselhos. Quando bons, seguia-os.

No entanto, não podia permitir que aquilo se tornasse um hábito; para executar seu trabalho com perfeição, precisava confiar em si mesmo. Se Orval tentasse, apenas ocasionalmente, lhe dizer o que fazer, não se teria importado. Porém não daquela maneira, não todas as vezes que se encontravam. Todavia, estavam a ponto de recomeçar tudo outra vez, e Teasle seria forçado a ficar calado. Orval era o homem de que mais necessitava naquele momento, porém era tão teimoso que seria capaz de levar os cães de volta para casa, se iniciassem uma discussão. Teasle procurou controlar-se e sorrir.

- Ei, Orval, aqui estou eu bancando o idiota novamente. Não me dê atenção. Estou muito contente por tê-lo a meu lado.

Estendeu a mão para cumprimentar o amigo. Fora Orval quem lhe ensinara a apertar a mão, quando ainda era um garotinho. Tinha-lhe dito: "Demorado e firme. Torne seu aperto de mão tão valioso quanto sua palavra. Demorado e firme." Naquele instante, quando as duas mãos se encontraram, Teasle sentiu um aperto na garganta. Apesar de tudo, adorava aquele velho e não podia conformar-se com as novas rugas no rosto, os cabelos brancos nos lados da cabeça, que tinham ficado tão finos e diáfanos como os fios de uma teia de aranha.

O aperto de mão que trocaram foi embaraçoso. Teasle tinha, deliberadamente, deixado de visitar Orval durante três meses, desde o dia em que saíra da casa do amigo, aos berros, devido a uma simples observação que este fizera e que se tinha transformado numa discussão interminável sobre a maneira correta de prender um coldre; virado para diante ou para trás. Logo depois, sentira-se como um tolo por ter agido daquela maneira e, agora, estava embaraçado, tentando agir com

naturalidade e olhando Orval bem nos olhos, mas sem conseguir atingir totalmente seu intento.

- Orval... a respeito da última vez... sinto muito. Estou sendo sincero. Muito obrigado por ter respondido com tamanha presteza a meu pedido de ajuda.

Orval limitou-se a fazer uma careta; estava bonito.

- Não lhe ensinei para nunca dizer uma palavra a alguém no momento do aperto de mão? Olhe bem dentro dos olhos. Não fique tagarelando. Ainda sou de opinião que um coldre deveria ficar virado para trás. - Piscou para os outros homens. Sua voz era grave e ressonante. - O que me diz do rapaz?

Para que lado foi?

- Por aqui - respondeu Ward. Conduziu-os até a fileira de árvores, passando por entre duas pedras soltas dentro do rio e, em seguida, atingiram a vala.

Quando alcançaram o local onde a motocicleta estava tombada de lado, sobre alguns galhos caídos, estava escuro e fresco sob as árvores. Os grilos já não faziam o menor ruído. Depois, recomeçaram a cantar outra vez, assim que Teasle e os companheiros pararam de caminhar sobre a relva.

Orval balançou a cabeça ao deparar com o bloqueio formado pelas rochas e árvores caídas do outro lado da vala e sobre a vegetação rasteira dos dois lados.

É.... pode-se ver o local por onde iniciou a escalada, através dos arbustos, do lado direito.

Como se a voz dele fosse um sinal, alguma coisa grande mexeu-se por entre os arbustos e, imaginando que talvez pudesse ser o rapaz, Teasle recuou, sacando, instintivamente, a pistola.

- Nada por aqui - disse uma voz lá de cima, provocando o deslizamento de pedregulhos e terra solta. E então apareceu Lester, descendo sem muito equilíbrio através dos arbustos. Estava encharcado devido à queda no rio.

Assim que viu a arma de Teasle, seus olhos, normalmente grandes, ficaram maiores ainda. - Ei, sou eu! Estava apenas tentando descobrir, se o rapaz ainda estaria por perto.

Orval coçou o queixo.

- Teria preferido que não tivesse feito isso. Talvez tenha prejudicado o rasto. Tem alguma coisa do rapaz para que eu possa dar aos cães para cheirar?

- Na mala do carro. Cueca, calças e botas. - Respondeu Teasle.

- Então, necessitamos apenas de comida e uma noite de sono. Vamos organizar tudo agora mesmo e nós poderemos pôr a caminho ao nascer do dia.

- Não. Hoje à noite.

- O quê?

- Vamos começar a perseguição agora mesmo.

- Será que não me ouviu dizer que dentro de uma hora já estará escuro?

Hoje não teremos lua. Somos muitos e nos acabaremos separando e nos perdendo no meio das trevas.

Teasle já esperava por isso; tinha certeza de que Orval iria querer esperar até o amanhecer. Esse era o caminho prático. Porém, havia apenas uma coisa errada com relação a isso: ele não podia esperar tanto.

- Com lua ou sem ela, temos que sair atrás dele agora mesmo - falou, dirigindo-se a Orval. - Perseguiamo-lo até fora de nossa jurisdição e a única maneira de continuarmos nossa tarefa é não a interrompermos. Se esperar até amanhã, serei obrigado a entregar o trabalho para a polícia estadual.

- Pois então, faça. De qualquer maneira, é um trabalho sujo.

- Não.

- Qual a diferença? A polícia estadual deverá estar aqui dentro em breve, de qualquer maneira, tão logo o dono destas terras apresente queixa, pelo telefone, contra todos esses carros disparando a toda pelos terrenos de sua propriedade. Será obrigado a entregar-lhes o trabalho de qualquer jeito.

- Se penetrar na mata antes que eles cheguem, não precisarei fazê-lo.

Se tentasse convencer Orval sem os subordinados por perto, teria sido bem melhor. Se não fizesse pressão sobre o velho, ficaria diminuído perante os subordinados; porém, se forçasse a mão demais, Orval ergueria os braços e voltaria para casa.

De nada adiantou o que Orval disse em seguida.

- Não, Will. Sinto muito ser obrigado a desapontá-lo. Farei qualquer coisa por você..., porém essas montanhas são difíceis de serem escaladas mesmo durante o dia e não levarei meus cães lá para cima, de noite, para correrem às cegas, apenas porque você quer manter o controle total.

- Não lhe estou pedindo para fazer os cachorros correrem às cegas. Tudo quanto lhe peço é subir comigo e os cães, e assim que você achar que está escuro demais, pararemos e acamparemos. Só preciso disso para continuar na perseguição. Ora vamos, já acampamos juntos antes, apenas eu e você.

Será como no tempo em que Papai estava conosco.

Orval soltou um longo suspiro e olhou a sua volta para a floresta. Estava mais escuro e mais fresco.

- Será que não se dá conta de que isso é uma loucura? Não dispomos de equipamento para persegui-lo. Não temos rifles, nem comida, nem...

- Shingleton pode ficar para conseguir tudo quanto precisamos. Ficará com um dos cães e, pela manhã, poderá seguir-nos até o acampamento.

Disponho de um número suficiente de homens para tomar conta da cidade, portanto quatro deles poderão acompanhar Shingleton, amanhã. Tenho um amigo no aeroporto. Disse que me emprestaria seu helicóptero. Traria qualquer coisa a mais de que precisássemos e voaria na frente, para tentar localizar o rapaz. A única coisa que nos pode deter agora é você. Estou-lhe pedindo. Quer ajudar?

Orval estava olhando para baixo, na direção dos pés, espalhando a terra solta com uma das botas, esfregando o pé para frente e para trás.

- Orval, não tenho muito tempo. Se chegarmos lá em cima logo, a polícia estadual terá que deixar o controle a meu cargo. Poderão dar-me cobertura, manter as radiopatrulhas controlando as estradas principais que descem das colinas, e nos darão autorização para proceder a perseguição através da área montanhosa. Porém,

vou lhe dizer uma coisa, também posso desistir de tudo, se não resolver trazer logo os cães para me auxiliar.

Orval olhou para cima e, bem devagarinho, apanhou dentro da jaqueta o pacote de fumo e o papel de cigarro. Meditava sobre o assunto, enquanto enrolava um cigarro com todo o cuidado. Teasle sabia que não era aconselhável apressá-lo. Finalmente, antes de riscar um fósforo, Orval disse: - Poderia concordar, se conseguisse entender. Will, o que lhe fez esse rapaz?

- Quase divide um policial em dois, e atingiu um outro, que corre o risco de ficar cego.

- Está bem, Will - disse Orval, riscando o fósforo e acendendo o cigarro. -

Porém, não respondeu a minha pergunta. O que lhe fez esse rapaz?

A região era montanhosa e agreste, apinhada de árvores, rasgada por ravinas e valas, e repleta de cavernas. Exatamente igual às montanhas da Carolina do Norte, nas quais fora treinado. Bastante semelhantes às colinas através das quais fugira durante a guerra. O mesmo tipo de terra, o mesmo tipo de luta, e ninguém deveria aproximar-se demais ou ele revidaria violentamente. Aproveitando a fraca claridade, correu o mais rápido que lhe foi possível, sempre para o alto. O corpo nu estava coberto por uma fina camada de sangue devido aos galhos que o arranhavam; os pés descalços estavam feridos e sangrando por causa dos gravetos pontiagudos que crivavam o caminho por onde seguia, bem como pelas encostas pedregosas e as paredes dos penhascos. Alcançou um outeiro onde tinha sido fñcada uma torre de força no cume e uma clareira fora aberta no meio das árvores, para impedir que os fios de alta-tensão se agarrassem nas copas. A área aberta era pedregosa, coberta de vegetação rasteira, e Rambo arrastou-se com dificuldade encosta acima, vendo os cabos de alta-tensão a sua frente.

Precisava atingir o ponto mais elevado que lhe fosse possível antes que a escuridão o envolvesse; tinha que ver o que havia do outro lado do aclave e decidir qual o rumo a tomar.

Lá em cima, sob a torre, a atmosfera estava clara e límpida. Enquanto se deslocava com rapidez para lá, os últimos raios do sol que se punha, à esquerda, bem distante, tocaram-no. Parou, deixando que a claridade fraca e tépida o banhasse, deliciando-se com a suave sensação do solo sob seus pés. O próximo pico, em frente ao que se encontrava, também estava inundado pelo sol, mas a encosta estava cinzenta e o vale na sua base já se encontrava na penumbra. Era para ali que rumava, para longe do solo macio do cume, caminhando sobre mais cascalhos e calhaus, na direção do vale. Se não encontrasse lá o que desejava, seria obrigado a rumar para o alto e para a esquerda na direção de um rio que avistara e, depois, teria que acompanhar a torrente. Seria bem mais fácil seguir o caminho da margem e, com toda a certeza, aquilo que buscava deveria estar perto de um rio.

Começou a descida correndo, escorregando, caindo, o suor fazendo arder os cortes espalhados pelo corpo. Quando atingiu o vale, constatou que não servia, era coberto por um pantanal, cheio de água estagnada e escura. Mas, pelo menos, o terreno era macio novamente. Contornou o pântano para a esquerda até que alcançou o rio que o alimentava. Uma vez ali, começou a subir a margem, sem

correr, limitando-se a andar depressa. Julgava ter caminhado uns oito quilômetros e sentia-se cansado. Ainda não estava com aquela forma que adquirira antes de ser preso na guerra, ainda não se recuperara das semanas passadas num leito de hospital. Ainda assim, recordava-se de todos os recursos para alcançar um objetivo e, se não estava em condições de correr bem depressa, cobrira os oito quilômetros muito bem.

O rio serpenteava, fazia curvas e ele o acompanhou. Sabia que, dentro em breve, haveria cães em sua perseguição, porém não se deu ao trabalho de caminhar pela água para afastá-los do rastro. Isso apenas serviria para atrasá-lo, e como seria forçado a sair do rio de quando em quando numa das margens, o homem que "dava com os cães teria apenas que dividir a matilha ao longo delas até que estes reencontrassem a pista. Quanto a ele, teria tão-somente perdido tempo.

A noite caiu bem mais rápida do que pensara. Subindo colina acima, pegou ainda um pouco da penumbra, mas, em seguida, a floresta e a vegetação rasteira mergulharam na sombra. Pouco depois, apenas as árvores maiores e as rochas estavam distintas no horizonte e, em seguida, tudo ficou negro.

Escutava o ruído do rio batendo sobre o leito pedregoso, o barulho dos grilos, dos pássaros noturnos, dos animais domésticos e começou a gritar.

Certamente, se houvesse alguém naquelas paragens não deixaria de notar que ele ali estava, pois limitara-se a acompanhar o rio e a gritar. Tinha que achar uma maneira de despertar-lhe o interesse. Precisava aguçar sua curiosidade, a ponto de querer descobrir que diabo seria aquilo. Gritou em vietnamita e no pobre francês que aprendera no ginásio. Imitou o sotaque do Sul, do Oeste, dos negros. Desencadeou uma imensa lista das piores obscenidades de que se pôde recordar.

O rio mergulhou num pequeno vale ao lado da encosta. Não havia ninguém ali. Em seguida, a torrente se elevou e deslizou para outro vale, serpenteou, deslizou, e Rambo não notava a presença de ninguém, nada... e continuou a gritar. Se não encontrasse logo alguém, subiria tanto que o rio acabaria alcançando a própria nascente e então não teria mais o que seguir. Foi exatamente isto que aconteceu. Com o suor esfriando sob a brisa da noite, chegou ao local onde o rio penetrava num pequeno charco e escutou uma fonte cantando.

Tanto esforço para isso! Gritou, mais uma vez, deixando que os palavrões ecoassem em todas as direções da colina escura; esperou e, depois, continuou a ascensão. Julgou que, ocasionalmente, encontraria uma outra torrente para seguir,

se continuasse a subir e a descer as encostas. Estava a uns dez metros da nascente, quando duas lanternas foram acesas, focalizadas sobre ele, da esquerda e da direita, e então parou, completamente imóvel.

Em qualquer outra circunstância, ele teria escapulado do fecho de luz e rastejado para a escuridão. A vida de um homem valia muito para ficar perambulando por aquelas colinas, em meio à escuridão surgindo num local onde nada havia para se fazer. Quantos homens ao assumirem uma atitude igual a dele, tinham recebido uma bala na cabeça e tinham sido atirados numa vala rasa para que os animais noturnos os descobrissem?

As luzes fortes da lanterna foram focalizadas bem em cima dele, uma no rosto, a outra sobre o corpo despido. Ainda assim, não se moveu, continuou onde estava, cabeça erguida, os olhos fixos, calmamente, num ponto em frente entre os dois feixes de luz como se fizesse parte do lugar e agisse assim todas as noites sua vida. Insetos brilhavam voando, ao entrarem e saírem dos facho de luz. Um pássaro levantou voo, batendo as asas, do alto de uma árvore.

- Muito bem, é melhor jogar fora essa arma e a navalha - disse um homem velho, à direita, com um tom de voz irritado.

Rambo respirou com mais facilidade: não tinham intenção de matá-lo, pelo menos não naquele instante. Deixara-os bastante curiosos. Dava no mesmo, ficara com a arma e a navalha apenas por brincadeira. Assim que os homens as tinham visto, poderiam ter-se sentido ameaçados e disparado contra ele. Porém, não podia dar-se ao luxo de perambular pelas matas, à noite, sem alguma coisa para se defender, caso necessitasse brigar.

- Sim senhor - disse Rambo com tranquilidade, e atirou a arma e a navalha no chão.

- Não precisa se preocupar. A arma não está carregada.

- Claro que não.

Rambo pensou: "Se o da direita é um velho, o da esquerda deve ser jovem.

Talvez sejam pai e filho. Ou tio e sobrinho. Era assim que aqueles ranchos eram geridos, um homem velho que dava as ordens, e um ou mais jovens que efetuavam o trabalho."

Rambo sabia que aqueles dois, por trás das lanternas, o estavam examinando. Naquele momento, o velho mantinha-se calado, e Rambo não tinha a menor vontade de dizer qualquer coisa a mais até que lhe fosse perguntado. Era um intruso e era melhor ficar calado.

- Bem, todas essas imoralidades e vilezas que estive berrando - disse o velho. - Estive nos chamando de frescos ou a quem se dirigia?

- Papai, pergunte a ele por que está andando por aí inteiramente nu, com o pau balançando de um lado para o outro. - Disse o da esquerda. Parecia muito mais jovem do que Rambo esperava.

- Fique calado! - Ordenou o velho. - Disse que não queria ouvir um pio de sua parte.

Rambo escutou o estalido de uma arma ao ser engatilhada partindo do ponto em que estava o velho.

- Espere um instante - disse com rapidez. - Estou sozinho. Preciso de ajuda.

Não atire até que tenha me escutado.

O velho não respondeu.

- Estou falando sério. Não estou aqui à procura de barulho. Não faz a menor diferença o fato de saber que não são dois homens que estão aqui, que um de vocês é apenas um garoto. Não vou tentar machucar ninguém, mesmo sabendo disso.

Era uma atitude arriscada. Talvez o velho tivesse apenas perdido a curiosidade e estivesse resolvido a atirar. Porém, Rambo imaginava que nu e ensanguentado, poderia dar ao velho a impressão de ser perigoso e, talvez, este não estivesse disposto a se arriscar, ao constatar que Rambo descobrira que ali só havia um homem e um menino.

- Estou fugindo da polícia. Tiraram minhas roupas. Matei um deles. Estive berrando para ver se conseguia arranjar alguém para me ajudar.

- É, precisa de ajuda - murmurou o velho. - Mas resta saber de quem.

- Eles porão os cachorros atrás de mim. Encontrarão a destilaria, se não procurarmos impedi-los.

Tinha alcançado a parte mais sensível. Se estavam resolvidos a matá-lo, tinha chegado o momento.

- Destilaria? - Indagou o velho. - Quem lhe disse que havia uma destilaria aqui em cima? Acha que tenho uma destilaria aqui?

- Estamos metidos num canto escuro de um vale, próximo a uma nascente.

O que mais o traria até aqui? Deve tê-la camuflado muito bem. Embora sabendo que está aqui, não consigo ver as labaredas da fornalha.

- Acha que se eu soubesse da existência de uma destilaria por essas bandas estaria aqui, perdendo tempo com você, ao invés de ir correndo para junto dela? Sou um caçador de guaxinim.

- Sem cães? Não podemos perder tempo com isso. Precisamos arrumar tudo antes que aqueles cachorros de verdade cheguem até aqui amanhã.

O velho praguejava feito uma puta de bordel.

- Você está metido numa enrascada. - Disse Rambo. - Sinto muito por tê-lo envolvido; porém, não me resta alternativa. Preciso de comida, roupas e de um rifle. Não sairei daqui até que me dê tudo isso.

- Papai, vamos atirar nele. - Disse o menino, à esquerda. – Esse filho da puta está tramando alguma coisa.

O velho não respondeu, e Rambo também ficou calado. Precisava dar ao velho tempo para pensar. Se tentasse apressar as coisas, o homem poderia sentir-se acuado e atirar no seu saco.

Rambo percebeu que o menino engatilhava a arma, à esquerda.

- Abaixе essa arma, Matthew - disse o velho.

- Mas ele está tramando alguma coisa. Será que não percebe? Será que não vê que ele é um cara do governo?

- Se não baixar essa arma darei um jeito para que fique sem ela - Em seguida, o velho soltou um muxoxo. - Homem do governo! Que idiotice!

Olhe para ele, que diabo! Onde iria ele esconder a insígnia? No cu?

- Acho melhor escutar seu pai - aconselhou Rambo. - Ele entende as coisas.

Se me matar, os policiais que me encontrarem pela manhã vão querer saber quem o fez. Então, tratarão de pôr os cachorros no rastro de vocês. Não importa onde me possam enterrar ou a maneira pela qual tentarão despistar meu rastro; eles...

- Cal viva. - Disse o garoto com bastante sabedoria.

- É claro! A cal viva ajudará a despistar meu rastro. Porém, o cheiro dela ficará em cima de vocês e os policiais farão os cães seguirem essa pista.

Calou-se. Olhou de esguelha na direção de cada um dos fachos de luz, dando-lhes tempo para refletir.

- O problema é que, se não me derem alimento, roupas e um rifle, não sairei desta área até que descubra onde está o alambique de vocês. E, pela manhã, a polícia seguirá meus rastros até lá. Não importa se desmontarem tudo esta noite e conseguirem esconder as peças. Vou segui-los até o local onde as esconderem.

- Esperaremos até o amanhecer para desmontá-lo - disse o velho. - Você não poderá ficar por aqui todo esse tempo.

- De qualquer maneira, não poderei ir muito longe com os pés descalços.

Não. Acreditem em mim. Do jeito que estou, eles têm uma possibilidade muito boa de me encontrarem. Talvez eu resolva delatá-los e serão presos também.

Após um instante, o velho voltou a praguejar.

- Porém, se me ajudarem, se arranjam tudo aquilo de que necessito, irei para bem longe daqui e a polícia não chegará perto do alambique.

Esta foi a maneira mais simples encontrada por Rambo. A ideia parecia-lhe convincente. Se eles quisessem proteger a destilaria, seriam obrigados a ajudá-lo. Talvez ficassem zangados, é claro, devido ao modo pelo qual estavam sendo encurralados e, quem sabe, resolvessem atirar contra ele. Ou talvez fossem pouco inteligentes para poderem entender a lógica que estava usando. Estava esfriando, e Rambo não conseguia deixar de tremer. Agora, que todos estavam silenciosos, os grilos pareciam cantar alto demais.

Finalmente, o velho falou.

- Matthew, acho melhor ir correndo até lá em casa e trazer o que ele pediu.

Pelo seu tom de voz, notava-se que não estava nada satisfeito.

- E traga uma lata de querosene - pediu Rambo. - Uma vez que me estão ajudando, vamos dar um jeito para que não tenham problemas. Empaparei as roupas com querosene, deixarei que sequem antes de vesti-las. O

querosene não impedirá que os cães sigam meu rastro, porém não deixará que percebam o cheiro de vocês nas roupas e, portanto, não poderão descobrir quem me ajudou.

O feixe de luz da lanterna do garoto ficou parado sobre Rambo.

- Farei o que meu pai disser e não o que você quer.

- Ande, faça o que ele disse - falou o velho. - Também não gosto dele, mas ele sabe muito bem que nos meteu numa tremenda merda.

O feixe de luz ainda permaneceu imóvel sobre Rambo por um momento, como se o garoto estivesse decidindo se iria, ou talvez procurando salvar as aparências. Então, a luz foi desviada de Rambo para fora do mato. A lanterna foi apagada e Rambo escutou o garoto enfiando-se por entre a vegetação rasteira. Provavelmente, já tinha ido e voltado tantas vezes da casa até a nascente que seria capaz de cobrir o trajeto de olhos fechados, mesmo sem a ajuda da luz.

- Obrigado - disse Rambo ao velho, que mantinha a lanterna sobre o rosto dele. Depois, a luz foi apagada. - Obrigado por isso também - falou o rapaz, sentindo ainda, por alguns instantes, nos olhos, a claridade que foi sumindo aos poucos.

- Estou apenas poupando as pilhas.

Rambo percebeu que o velho vinha-se aproximando por cima da vegetação rasteira, - É melhor não chegar muito perto - aconselhou. - Não devemos misturar seu cheiro com o meu.

- Não pretendia aproximar-me. Só estava querendo sentar em cima de um tronco que tem aqui.

O velho riscou um fósforo e aproximou-o do forninho de um cachimbo. O

fósforo não ficou aceso muito tempo, porém, quando o velho aspirou, a chama aumentou e diminuiu, e Rambo viu a cabeça com os cabelos desgrelhados, um rosto anguloso e a parte superior de uma camisa de xadrez vermelha com suspensórios sobre os ombros.

- Tem aí com você um pouco de sua bebida? - Indagou Rambo.

- Talvez.

- Está bastante frio. Gostaria de tomar um trago.

O velho esperou um pouco. Em seguida, ligou a lanterna e atirou um cântaro na direção do fecho de luz para que Rambo o pudesse agarrar. O

recipiente pesava tanto quanto uma bola de boliche e o rapaz, que não esperava por aquilo, quase o deixou cair. O velho soltou uma gargalhada. A rolha molhada rangeu de encontro ao gargalo ao ser puxada por Rambo.

Apesar do peso do cântaro, o rapaz bebeu, segurando-o com apenas uma das mãos, o dedo indicador enfiado na alça superior e equilibrando o recipiente na dobra do cotovelo, de maneira a se fazer respeitar pelo velho.

O líquido parecia ter uma graduação alcoólica igual a duzentos graus, saboroso, forte, queimando sua garganta e a língua, inundando com calor cada centímetro do corpo até chegar ao estômago. Sentiu-se asfixiado.

Quando abaixou o cântaro, os olhos lacrimejavam.

- Um pouco forte? - Perguntou o velho.

- Um pouco - confirmou Rambo lutando para conseguir falar. - O que é isso?

- Uísque de milho. Porém é um pouco forte, não achou?

- Sim, diria que é um pouquinho forte - repetiu Rambo, ainda às voltas com a voz.

O velho riu.

- É, você tem razão, de fato é um pouco forte.

Rambo ergueu o cântaro e tomou outro gole, sentindo-se sufocar com a bebida espessa e quente, e o velho soltou outra risadinha.

Teasle foi acordado pelos primeiros cantos dos pássaros da manhã, quando ainda estava escuro. Continuou deitado no chão, ao lado da fogueira, enrolado no cobertor que tinha trazido da radiopatrulha, olhando para as últimas estrelas que ainda estavam visíveis por cima das copas das árvores.

Já fazia muitos anos desde que dormira ao relento pela última vez. Mais de vinte anos, retrocedendo até 1950. Não, no final de 1950: dormindo em congeladas tocas de raposas na Coreia, isso não contava. Mas que diabo, a última vez que realmente acampara fora naquela primavera, quando recebera a notícia de sua convocação e resolvera alistar-se no Corpo de Fuzileiros. Acompanhado de Orval, rumara para as montanhas no primeiro fim de semana em que a temperatura subira. Agora, sentia o corpo moído por ter dormido sobre o chão duro, as roupas estavam úmidas nos locais onde o orvalho tinha encharcado o cobertor e, mesmo junto ao fogo, estava gelado até os ossos. Porém, há muitos anos não se sentia tão vivo, excitado para entrar novamente em ação, ansioso para perseguir o rapaz. Contudo, não havia motivo para acordar todo mundo até que Shingleton estivesse de volta com os suprimentos e o resto dos homens. Sendo o único acordado naquele momento, deliciava-se com a sensação de isolamento tão diversa das noites que tinha passado só desde a partida de Anna. E apertou mais ainda a manta de encontro ao corpo.

Em seguida, sentiu um cheiro no ar. Olhou e viu Orval sentado do outro lado do fogo, tragando um cigarro fino e enrolado por ele mesmo, a fumaça flutuando na direção de Teasle sob a ação fresca da brisa matinal.

- Não sabia que você estava acordado - sussurrou Teasle, para não incomodar os outros. - Despertou há muito tempo?

- Antes de você.

- Já acordei há mais de uma hora.

- Sei disso. Já não durmo tanto quanto antes. Não que eu não o consiga.

Apenas porque lastimo o tempo perdido.

Arregaçando o cobertor, Teasle aproximou-se de Orval e acendeu um cigarro na chama de um graveto da fogueira. As chamas bruxulearam fracas, e quando Teasle atirou o graveto de volta, elas aumentaram de intensidade, o fogo ficando mais quente, estalando. Tinha acertado quando dissera a Orval que seria como nos velhos tempos, muito embora não acreditasse naquilo, quando falara. Não gostara de recorrer àquele tipo de argumentação, puramente emocional, mas, se assim agira, fora com a finalidade de convencer o outro a acompanhá-lo, de vez que não poderia prescindir de seu auxílio. Porém, tinha-se esquecido de como era agradável e gostosa a sensação experimentada ao juntar os gravetos para fazer a fogueira, ao preparar o solo atirando para longe as pedras e galhos secos, a fim de torná-lo menos acidentado, ao estender o cobertor para dormir.

- Então, ela partiu - disse Orval.

Teasle não desejava conversar sobre aquilo. Fora Anna quem abandonara o lar, não ele, e isso lhe dava a impressão de estar errado. Talvez sim, mas ela também estava. Ainda assim, não podia atirar a culpa toda em cima dela só para que Orval não o julgasse um fraco. Procurou expor a situação de uma maneira neutra.

- Talvez ela volte. Está pensando sobre isso. Não desejo entrar em detalhes, porém, durante algum tempo andamos discutindo bastante.

- Você não é um homem de convivência fácil.

- Ora, meu Deus! Nem você tampouco!

- Porém, estou vivendo com a mesma mulher há quarenta anos e, pelo que me consta, Bea jamais pensou seriamente em me abandonar. Sei que a esta altura muitas pessoas lhe devem estar fazendo perguntas sobre isso; porém, levando em consideração o que somos, creio que eu tenha esse direito.

Quais os motivos das discussões?

Teasle quase não respondeu. Sempre se sentia embaraçado quando falava sobre coisas íntimas, principalmente nesse caso sobre o qual ainda não refletira o bastante... quem estava certo, ou se tinha alguma justificativa para si mesmo.

- Filhos - murmurou, e uma vez que tinha começado, continuou. - Pedi-lhe para que tivéssemos ao menos um. Não tenho preferências, podia ser menino ou

menina. Desejava, apenas, ter alguém que fosse para mim como fui para você. Eu... não sei como explicar. Quando falo sobre isso, sinto-me como um idiota.

- Não me diga que isso é uma idiotice, companheiro. Não para mim, que tanto tentei ter um filho que fosse da minha própria carne.

Teasle olhou para ele.

- Oh, você é como se fosse meu mesmo - disse Orval. - Como se fosse meu.

Porém, não posso deixar de imaginar que espécie de criança eu e Bea teríamos gerado. Se tivéssemos podido.

Aquilo magoava... era como se, em todos aqueles anos, nada mais tivesse sido para Orval além do filho desvalido do melhor amigo que ele perdera.

Não podia aceitar aquilo; era mais uma dúvida pessoal, além da partida de Anna, e agora, que falara sobre ela, tinha que esclarecer tudo, acabar com tudo de uma vez por todas.

- No Natal passado - prosseguiu - antes de irmos jantar em sua casa, passamos pela de Shingleton para tomarmos um drinque. Observando os dois filhos dele, a expressão de seus rostos diante dos presentes, pensei que talvez fosse bom termos um. Não há dúvida de que fiquei surpreso ao verificar que, na minha idade, ansiava por um filho, e Anna também demonstrou espanto. Nós conversamos a respeito disso. Ela obstinou-se em dizer não. Depois de algum tempo, acho que exagerei um pouco. Na realidade, Anna me comparou aos problemas que um bebê acarretaria. E

partiu. A coisa mais louca é que, da mesma forma como não consigo dormir só pensando em sua volta, sinto-me satisfeito por ela ter partido.

Estou novamente sozinho, não há mais discussões, sou livre para fazer o que quero e quando quero, para voltar tarde para casa sem ter que telefonar e dizer que sinto muito não lhe poder fazer companhia ao jantar, para sair quando me dá vontade, para perambular por aí. Às vezes, chego a pensar que a pior parte será o preço que serei obrigado a pagar pelo divórcio. E ao mesmo tempo, não lhe posso dizer o quanto necessito dela a meu lado novamente.

Soltou fumaça pela boca, devido ao frio. Os passarinhos estavam-se reunindo com algazarra. Teasle observou Orval puxar a última tragada do cigarro que já estava

grudado em seus dedos, as juntas manchadas de amarelo devido à nicotina.

- E o que me diz a respeito do rapaz que estamos perseguindo? - Indagou Orval. - Está descarregando tudo o que lhe vai no peito em cima dele?

- Não.

- Tem certeza?

- Você me conhece. Não assumo atitudes mais violentas senão quando são necessárias. Você sabe, tão bem quanto eu, que uma cidade fica a salvo por causa das pequeninas coisas que são mantidas sob controle. Não se pode fazer nada para evitar algo tão grande quanto um assalto ou um assassinato.

Se alguém tiver realmente vontade de os praticar, acabará fazendo.

Contudo, são as coisas insignificantes que moldam uma cidade, as pequenas coisas que podemos cuidar para torná-la segura. Se me tivesse limitado a sorrir e a aceitar as argumentações do rapaz, logo, logo me teria acostumado com a ideia e deixaria que outros rapazes tomassem a liderança e, em pouco tempo, estaria deixando que acontecessem outras coisas.

Estava tão preocupado comigo mesmo como com o rapaz. Não me posso permitir fazer concessões. Não posso manter a ordem uma vez e da outra não.

- Você continua tremendamente ansioso para continuar a perseguição, muito embora sua parte já tenha findado. Agora, trata-se de um assunto para a polícia estadual.

- Porém, foi um de meus homens que ele matou e a responsabilidade de trazê-lo de volta é minha. Quero que meus homens saibam que nada me deterá na perseguição a alguém que lhes fizer qualquer mal.

Orval olhou para a guimba minúscula que segurava, balançou a cabeça e atirou-a no fogo.

As sombras começavam a sumir, as árvores e os arbustos tornavam-se distintos. Era o momento da falsa madrugada pois, dentro em pouco, a luz pareceria diminuir novamente; depois, o sol apareceria, e tudo ficaria iluminado. Teasle pensou: "Poderiam estar todos de pé e iniciando a caçada agora. Onde estaria Shingleton

com os homens e as provisões? Já deveria ter voltado há meia hora. Talvez tivesse acontecido algo errado na cidade.

Quem sabe se a polícia estadual não o estaria impedindo de voltar?" Teasle remexeu o fogo que se extinguiu, com um pedaço de pau, aumentando as chamas. "Onde estaria Shingleton?"

Então, escutou o primeiro latido de um cão, vindo de muito longe, do meio da mata, e isso deixou excitados os cachorros que estavam amarrados na árvore mais próxima a Orval. Havia cinco deles ali. Haviam sido acordados, os estômagos achatados contra o solo, os olhos concentrados em Orval. Agora, estavam de pé, nervosos, ladrando em resposta.

-- Psiu - fez Orval. Os cães olharam para ele e silenciaram. As cernelhas estavam tremendo.

Ward, Lester e o jovem guarda remexeram-se no sono. Estavam deitados, um junto ao outro ao lado da fogueira, enrolados nos cobertores.

- Hum - resmungou Ward.

- Num minuto - disse Lester, dormindo.

O cachorro tornou a ladrar ao longe, embora soasse um pouco mais perto e, por sua vez, os cães de Orval colocaram as orelhas em posição de atenção e começaram a latir, excitados.

- Psiu - fez Orval mais alto. - Deitem-se.

Ao invés de obedecerem ao comando, levantaram as cabeças na direção de um outro latido distante, as narinas dilatadas.

- Deitem-se - ordenou Orval e, lentamente, um por um, todos obedeceram.

Ward remexeu-se sobre o lado do corpo, debaixo do cobertor, os joelhos encostados no peito.

- O que houve? O que está acontecendo?

- Está na hora de levantar. - Disse Teasle.

- O quê? -- perguntou Lester, e espreguiçou-se. - Meu Deus, como está frio!

- Hora de acordar.

- Já vou, num minuto.

- Eles levarão mais ou menos esse tempo para chegarem até aqui.

Algumas pessoas deslocavam-se com estardalhaço através da vegetação rasteira, ao longe, aproximando-se cada vez mais. Teasle acendeu outro cigarro, sentindo a boca e a garganta secas, e percebeu que suas forças cresciam. Talvez seja a polícia estadual, pensou inesperadamente, e pôs-se de pé, apressado, tirando uma baforada do cigarro, esforçando-se para ver o que se passava na floresta, na direção de onde vinha o barulho de ramos pisados.

- Nossa, como está frio! - Exclamou Lester. - Espero que Shingleton traga alguma comida quente.

Teasle esperou que fossem apenas Shingleton e seus outros subordinados que se aproximavam, e não a polícia estadual. Subitamente, cinco homens ficaram à vista, deslocando-se, apressados, por entre as árvores e através dos arbustos sob a luz fraca e fria, porém Teasle não conseguia distinguir a cor de suas fardas. Falavam uns com os outros; um deles tropeçou e praguejou, mas Teasle não foi capaz de identificar as vozes. Se pertenciam à polícia estadual, ele tentaria arranjar um jeito de continuar no comando.

Logo depois, estavam mais perto, apressando-se em sair do meio das árvores e subir a pequena elevação, Teasle viu Shingleton andando aos tropeções atrás do cachorro que puxava o tirante, e constatou que se tratava de seus próprios homens, sentindo-se mais feliz do que nunca ao vê-los.

Vinham carregando sacos de papel bem cheios, rifles e cordas, e Shingleton carregava um rádio pendurado sobre o ombro, o cão o arrastando rumo ao acampamento.

- Comida quente - Lester estava de pé, dirigindo-se a ele.

- Trouxe algum alimento quente?

Shingleton dava a impressão de não o ter ouvido. Estava sem fôlego, entregando o cachorro a Orval. Lester virou-se apressado para os outros homens.

- Vocês trouxeram comida quente?

- Sanduíches de presunto e ovo - respondeu um deles, o peito arquejante. -

E garrafa térmica com café.

Lester estendeu a mão na direção do saco que o outro tinha na mão.

- Aqui não - disse-lhe o companheiro. - Mitch. Atrás de mim.

Mitch estava sorrindo, abrindo o saco, entregando os sanduíches enrolados em papel, e todos os agarravam começando logo a comer.

- Você percorreu uma distância imensa na noite passada no meio da escuridão - disse Shingleton a Teasle, recuperando o fôlego, encostado a uma árvore. - Pensei que iria encontrá-lo em menos de meia hora e levei o dobro desse tempo para alcançá-lo.

- Não podíamos andar tão depressa quanto eles o fizeram ontem à noite, lembre-se de que carregávamos muito mais coisas. - Observou Mitch.

- De qualquer maneira, percorreram uma distância enorme.

Teasle não sabia se Shingleton estava-se desculpando por estar atrasado, ou se estava realmente admirado.

Teasle deu uma dentada num sanduíche, gorduroso e apenas morno, mas que estava gostoso. Pegou um copo de papel no qual Mitch tinha servido o café. Deu uma soprada e tomou um gole, queimando o lábio superior, o céu da boca e a língua, e sentindo a fria mistura do ovo e do presunto se aquecer lá dentro.

- O que está acontecendo por lá?

Shingleton soltou uma gargalhada.

- A polícia estadual ficou muito surpresa com a vantagem que você conseguiu levar. - Parou um instante para mastigar um pedaço de sanduíche. - Conforme mandou, fiquei esperando no campo a noite passada, e eles apareceram uns dez minutos depois de você ter entrado na mata. Meu Deus, estavam furiosos ao ver que você tinha aproveitado da pouca luz que havia para poder perseguir o rapaz e

continuar na brincadeira. Fiquei espantado por eles terem descoberto tão depressa suas pretensões.

- Mas, conte-me o que aconteceu na cidade.

Shingleton sorriu, cheio de orgulho, e tirou outro pedaço do sanduíche.

- Passei a metade da noite com eles, lá na delegacia. Finalmente, concordaram em colaborar com você. Irão bloquear as estradas que descem das colinas e ficarão por lá mesmo. Foi necessário gastar muita saliva para convencê-los a não virem até aqui, fique certo disso.

- Obrigado. - Sabia que Shingleton esperava aquele agradecimento.

Shingleton fez um gesto com a cabeça, mastigando.

- O que finalmente os convenceu foi o fato de eu ter dito muito melhor como ele agiria.

- Disseram alguma coisa a respeito de quem seja ele ou se está sendo procurado por alguma coisa?

- Estão trabalhando nisso. Mandaram que nos mantivéssemos em contato através deste rádio. Ao primeiro sinal de problema, eles aparecerão com tudo quanto possuem.

- Não haverá problema algum. Ei, alguém aí dê uma cutucada em Balford para que ele acorde - disse, apontando para o jovem guarda enrolado num cobertor, junto ao fogo. - Esse camarada é capaz de dormir com qualquer tipo de barulho.

Orval acariciou o cão que Shingleton lhe entregara: levou-a para perto do rosto de Balford a fim de que lhe desse uma lambida. O jovem guarda levantou-se, cuspiendo por todos os lados.

- Mas que diabo está acontecendo?

Os homens soltaram gargalhadas, porém, de repente, pararam, surpresos.

Ouvia-se um roncar de motor. Ainda estava muito distante para que Teasle pudesse identificar de que tipo era. Contudo tornava-se mais nítido a cada minuto e, então,

o helicóptero surgiu imenso e barulhento por cima das copas das árvores, descrevendo círculos enormes e refletindo a luz do sol.

- Mas que... - começou a dizer Lester.

- Como descobriram o local onde estávamos? - Perguntou Teasle.

Os cachorros começaram a latir. As hélices giravam no ar, sobrepujando o fragor do motor.

- A polícia estadual deu-me uma coisa nova - explicou Shingleton, exibindo algo que se parecia com um maço de cigarro cinzento. - Isto emite um sinal de rádio. Disseram que queriam saber onde estávamos durante todo o tempo, por esta razão deram-me isto e a outra peça foi entregue ao sujeito a quem você pediu para lhe emprestar o helicóptero.

Teasle engoliu o resto do sanduíche.

- Qual dos nossos homens está lá em cima com ele?

- Lang.

- Seu rádio tem ligação com o helicóptero?

- Claro que sim.

O rádio estava no lugar onde Shingleton o havia colocado, na parte inferior de uma árvore. Teasle girou um botão colocado no painel de controle e, olhando para cima, onde o helicóptero fazia círculos baixos, a luz do sol reluzindo sobre as hélices, falou alto ao microfone: - Lang, Portis. Tudo pronto aí em cima?

- Quando o senhor quiser, Chefe.

A voz soava fraca e irregular. Dava a impressão de estar vindo de quilômetros de distância.

Teasle mal a escutava devido à barulheira do motor. Lançou um olhar para os homens a sua volta. Orval estava juntando, depressa, os copos de papel e o papel dos sanduíches, atirando-os no fogo. Os outros estavam apertando as correias dos equipamentos, colocando os rifles a tiracolo. Depois dos copos e do papel terem-se transformado em cinzas, Orval atirou um punhado de areia sobre as chamas.

- Tudo pronto - disse Teasle. - Vamos andando. Sentia-se tão excitado que teve dificuldades para conseguir recolocar o microfone de volta a seu lugar.

Durante toda a manhã, enquanto corria e caminhava, caminhava e corria, Rambo escutou o roncar de um motor a quilômetros de distância. De vez em quando, ouvia tiros abafados e uma voz masculina, profunda, falando através de megafone. Depois, o ruído do motor ficou mais perto.

Reconheceu o barulho dos helicópteros na guerra e começou a deslocar-se mais rápido.

Fazia praticamente doze horas que estava vestido, porém, após as subidas que realizara, nu, na direção das montanhas sob o ar frio da noite, ainda se deliciava com o toque tépido e áspero das roupas. Usava velhos e pesados sapatos que o menino tinha levado até o vale, perto da nascente, por volta da meia-noite. Logo no começo, sentira que os sapatos estavam grandes demais, porém tinha enfiado folhas nas pontas e isso os tornara justos de modo que seus pés não ficassem entrando e saindo, o que certamente provocaria bolhas. Ainda assim, o couro era duro e áspero de encontro aos pés, e desejou que o garoto se tivesse lembrado de levar um par de meias.

Talvez as tivesse esquecido intencionalmente. A calça estava apertada demais e, pensando que o garoto fizera aquilo de propósito também, foi obrigado a rir. Sapatos grandes demais, calça muito apertada, aquilo era uma boa piada.

A calça dava a impressão de ter feito parte de um terno, anteriormente.

Estava puída no assento e remendada, e agora era calça de trabalho, de cor clara, com manchas escuras de óleo e graxa. A camisa era de algodão branco, esgarçada nos punhos, casas e colarinho; passada por cima da cabeça, o manteria aquecido durante as noites, e o velho chegara até mesmo a lhe dar a camisa de lã de xadrez vermelho. Ficara surpreso ao constatar que o velho se tornara tão amigo e generoso, no final de contas.

Talvez tivesse sido uma consequência do uísque. Depois dele e o velho terem comido as cenouras e o frango frito que o filho levava, tinham virado o cântaro da bebida por diversas vezes, inclusive o garoto. Finalmente, o velho chegara ao ponto de lhe entregar o rifle e um lenço cheio de cartuchos.

- Certa ocasião, também tive de me esconder nas montanhas durante alguns dias - dissera o velho. - Já faz muito tempo. Era pouco mais velho do que meu filho. - Não tinha explicado a razão, e Rambo tivera o cuidado de não lhe perguntar. - Não tive oportunidade de ir até em casa apanhar meu rifle.

É claro que não o poderia usar contra eles. Quando sair desta enrascada, poderá mandar-me algum dinheiro pela arma. Quero que me dê sua palavra. Não é pelo dinheiro, isso não me importa. Deus sabe que posso comprar outro com essa bebida que produzo. Porém, se conseguir safar-se desta, quero saber como o conseguiu, e acho que o rifle não o deixará esquecer de me contar. É uma arma muito boa.

E realmente era: uma 30-30 acionada com alavanca, capaz de meter uma bala num homem a oitocentos metros de distância com a maior facilidade.

O velho tinha acolchoado a extremidade da coronha com uma camada espessa de couro para diminuir a força do coice. Colocara um ponto de tinta luminosa sobre a mira, na parte mais alta do cano, para ajudar a pontaria durante a noite.

Em seguida, Rambo tinha feito o que prometera. Descera a torrente, afastando-se do local onde o velho poderia ter instalado sua caldeira, as serpentinas do alambique e os cântaros; pouco depois, dirigira-se para o oeste, ainda planejando tomar a direção do Sul, rumando, eventualmente, para o México. Não procurara enganar-se: chegar até lá não seria fácil.

Como não pretendia arriscar-se a ser preso por ter roubado um carro, seria obrigado a viajar a pé, durante meses, através do outro lado do país, subsistindo às custas do que retirasse da terra. Não conseguia imaginar qualquer outro lugar, mais próximo, onde pudesse sentir-se a salvo e, como a fronteira estava muito distante, servia-lhe, ao menos, como ponto de referência. Depois de ter andado uns poucos quilômetros, obrigado a deslocar-se devagar por causa da escuridão, dormiu sobre uma árvore, acordou com o sol e comeu mais cenouras e frango que tinha poupado na véspera para levar consigo. Agora, com o sol alto e brilhante, estava a quilômetros de distância, deslocando-se com impetuosidade por entre as árvores que encimavam um desfiladeiro comprido e largo. Os tiros soavam mais alto, a voz que partia do megafone estava mais nítida e ele sabia que, dali a pouco, o helicóptero estaria examinando aquele desfiladeiro junto com os outros. Saiu do mato para correr por uma região extensa e livre, repleta de relva e samambaia. Escutou as batidas das hélices, partindo de uns quatrocentos metros do lado oposto e vindo em sua direção. Girou, em pânico, em busca de um esconderijo. Tudo

quanto viu foi um pinheiro caído, isolado no meio da relva, o tronco partido possivelmente por um raio e constatou que já não havia mais tempo para procurar refúgio no mato.

Correu e mergulhou por debaixo dos galhos espessos e sufocantes, que arranhavam as costas à medida que se arrastava sob eles. Em seguida, olhando através das folhas do pinheiro, viu a coisa aparecer sobrevoando baixo o desfiladeiro. Crescia rapidamente. Os esquis de aterrissagem quase batiam nos galhos mais altos da floresta.

"Aqui fala a polícia", ressoou a voz do homem através do alto-falante do helicóptero. "Não tem a menor chance, desista. Quem quer que se encontre na mata, escute: talvez um fugitivo perigoso esteja perto de você. Apareça.

Acene se tiver visto um jovem sozinho."

A voz calou-se. Depois recomeçou a ser ouvida falando de modo estranho, como se as palavras estivessem sendo lidas em algum papel.

"Aqui fala a polícia. Não tem a menor chance, desista. Quem quer que se encontre na mata, escute: talvez um fugitivo perigoso esteja perto de você..."

E assim continuou. Depois parou, e recomeçou novamente. Rambo deixou-se ficar deitado, totalmente imóvel sob os galhos, enquanto observava o helicóptero passar por sobre as árvores, rumando para a selva, sabendo que o monte de folhas o escondia de quem estivesse ao nível do solo, porém, sem ter certeza se estaria visível lá do alto. O aparelho estava bastante próximo, a tal ponto que enxergava a cabina, cuja parte anterior era de vidro. Havia dois homens olhando através das janelas abertas de cada lado, um piloto à paisana e um policial, com a farda cinzenta usada pelos homens de Teasle, apontando para fora com um poderoso rifle munido de mira telescópica. Pi-ium! O tiro escoou, na direção de um emaranhado de rochas e arbustos na orla da floresta, de onde o aparelho acabara de sair.

Nossa! Teasle estava realmente decidido a agarrá-lo, ordenando aos subordinados para que atirassem contra todos os possíveis esconderijos, sem medo de acertar um inocente, pois a maioria das pessoas responderia ao apelo feito pelo megafone e sairia para o campo aberto. Sob o ponto de vista de Teasle, por que não? Rambo era um matador de tiras. Portanto, não poderia permitir que escapasse, pensava transformá-lo num exemplo para qualquer outra pessoa que pretendesse assassinar um tira. Contudo, Teasle era um bom policial para ordenar que o matassem sem

primeiro lhe dar uma oportunidade de se entregar. Aí estava a explicação para o comunicado transmitido pelo helicóptero. A ideia de atirar contra locais onde pudesse estar escondido era, provavelmente, muito mais para assustá-lo do que para feri-lo. Todavia, sempre havia a possibilidade de ser atingido de qualquer maneira, logo não fazia diferença, se os tiros eram para assustá-lo ou não.

Pi-ium! Outro disparo contra uma moita de galhos na orla das árvores.

Agora, o helicóptero sobrevoava a relva. Dentro de segundos estaria bem em cima dele e com certeza o policial dispararia. Colocou o rifle em posição, por entre os galhos, mirando bem no meio do rosto do atirador, à medida que se aproximavam, pronto para mandá-lo para o inferno, no mesmo instante em que abaixasse os olhos para a mira da arma. Não queria mais matar, porém não lhe restava uma alternativa. Contudo, poderia ser bem pior ainda. Se disparasse contra o policial, o piloto poderia atirar-se ao chão do aparelho, fora de sua pontaria. Afastando-se o mais rápido possível, pediria ajuda através do rádio, e então todos ficariam sabendo onde ele se encontrava. A menos que detivesse o piloto explodindo os tanques de combustível do aparelho, o que sabia ser uma tolice. Está claro que poderia atingi-lo. Mas, explodi-los? Somente em sonho: um homem que não dispusesse de munição com revestimento de fósforo, jamais teria qualquer possibilidade de realizar tal proeza.

Ficou rijo, esperando, o coração batendo acelerado, enquanto o helicóptero se aproximava fazendo um barulhão. O atirador encostou logo o rosto na mira telescópica. Rambo já estava a ponto de apertar o gatilho quando percebeu o alvo da pontaria do homem. Graças a Deus, tivera tempo de afrouxar o dedo. Havia, a uns cinquenta metros de distância, uma muralha de pedras e galhos próxima a uma poça de água. Quando Rambo escutara o barulho do helicóptero ao aproximar-se do desfiladeiro pela primeira vez quase tinha-se escondido ali, porém desistira, pois estava muito distante do local para poder chegar até lá a tempo. Agora, o aparelho estava-se precipitando para lá - Pi-ium! - E o rapaz pensou que os olhos lhe estavam pregando uma peça, não podia acreditar no que via. As moitas estavam-se movendo. Rambo piscou. As moitas deram um pulo... e então viu que não eram seus olhos, quando os arbustos se afastaram e um veado imenso, com uma galhada enorme, muito bem nutrido, saltou, pisoteando as pedras.

Caiu, levantou-se, dando saltos sobre o solo recoberto de relva e dirigindo-se para a mata do lado oposto, sempre perseguido pelo helicóptero. O

animal perdia muito sangue por um ferimento num dos lados, porém, da maneira como o veado se deslocava, dando longos e maravilhosos saltos na direção das árvores, com o helicóptero o perseguindo, aquilo não parecia ter muita importância. O coração de Rambo disparou.

Tinha a impressão de que não ia mais parar. Eles voltariam. O veado tinha sido apenas um divertimento. Assim que sumisse por entre as árvores, saindo do campo visual do aparelho, este voltaria. Como tinham descoberto alguma coisa escondida no meio das moitas perto da água, talvez julgassem que também poderia haver algo embaixo da árvore caída. Rambo precisava sair dali e bem depressa.

Contudo, teria de esperar até que o rabo do aparelho estivesse virado para ele, os homens olhando bem para a frente na direção do veado que estavam perseguindo. Sentiu-se tenso de tanto esperar e, finalmente, não aguentou mais ficar onde estava. Rolando sob os galhos, disparando como um louco, por onde a relva era mais baixa, para não correr o risco de deixar rastros. Já se aproximava das moitas e pedras. Logo depois, o barulho do aparelho modificou-se, dando a impressão de estar mais alto. O veado conseguira esconder-se no mato. O helicóptero fazia a volta para retornar. Alucinado, correu a toda na direção da proteção das pedras, enfiando-se embaixo dos galhos, tomando coragem para atirar, se eles o tivessem visto correr.

Pi-ium! Pi-ium! O primeiro disparo quando o aparelho passou por cima do pinheiro caído, o segundo enquanto o sobrevoava deslocando-se lentamente, rodando sobre si mesmo bem devagarinho para continuar a subir o desfiladeiro, deixando-o finalmente.

"Aqui fala a polícia", gritava aquela voz mais uma vez. "Não tem a menor chance, desista. Quem quer que esteja na mata. Um fugitivo perigoso pode estar perto de você. Apareça. Acene, se tiver visto um jovem sozinho."

Uma golfada azeda com gosto de cenoura e frango subiu de seu estômago e ele cuspiu-a sobre a relva, a acidez tomando conta de sua língua. Aquele era o ponto mais estreito do desfiladeiro. Penhascos em ambos os lados, fechando-se lá no alto sentindo-se enfraquecido por ter vomitado, observou, através dos galhos, o aparelho aproximando-se de onde estava, por sobre as árvores, para depois elevar-se; margeou o alto de um penhasco e enfiou-se pelo desfiladeiro seguinte, o barulho do motor morrendo aos poucos, a voz no megafone tornando-se indistinta.

Não podia levantar-se, as pernas estavam tremendo demais. Por estar tremendo, tremeu ainda mais: o helicóptero não deveria tê-lo assustado tanto. Durante a guerra, enfrentara combates bem piores do que aquele, e tinha saído deles terrivelmente agitado, porém jamais se vira em tal estado, a ponto de não conseguir dominar o próprio corpo. Sua pele estava pegajosa. Tinha necessidade de beber, porém a poça no meio dos galhos tinha uma coloração esverdeada, era formada por água estagnada e só serviria para piorar, ainda mais, sua condição.

Disse para si mesmo: "Já faz muito tempo que está afastado de combate, é isso. Está fora de forma. Dentro em breve estará acostumado."

"Claro", pensou. "A resposta era esta."

Agarrando-se a uma rocha, obrigou-se a levantar, bem devagarinho, e, mantendo a cabeça por sobre os galhos, virou-se para ver se havia alguém pelas redondezas. Satisfeito, encostou-se de encontro à rocha, as pernas sem firmeza, e retirou as folhas do pinheiro que tinham ficado presas ao mecanismo de disparo do rifle. Apesar dos pesares, tinha que manter a arma protegida. O cheiro de querosene com o qual havia empapado as roupas desaparecera e fora substituído pelo odor ligeiramente acre da terebintina que o pinheiro tinha deixado nele. Este misturou-se ao amargo de sua boca, e ele achou que ia ficar nauseado outra vez.

Logo de início, não estava certo de ter ouvido bem: uma lufada de vento tinha passado por ali e dispersara o som. Depois, tudo ficou parado e não teve dúvidas de que os ouvira, os primeiros ecos fracos de cachorros ladrando, lá atrás, na extremidade mais larga do desfiladeiro. Sentiu um novo tremor percorrer suas pernas. Virou para a direita onde a relva subia até as rochas, as árvores eram esparsas, mais além viu um penhasco e, forçando os músculos das pernas, correu.

"O rapaz não levava muita vantagem", calculava Teasle, enquanto ele e os subordinados avançavam por entre as árvores e a vegetação rasteira, atrás dos cães. Fugira da cadeia às seis e meia. Tinha escurecido às oito e meia e não podia ter ganho muita vantagem naquelas montanhas durante a noite; uma hora, talvez duas, no total. Deveria ter recommçado a fuga com o nascer do sol, da mesma maneira que eles, portanto devia estar com uma vantagem de quatro horas, no máximo. Porém, levando-se em consideração outras coisas, talvez estivesse duas horas mais a frente ou, quem sabe, menos ainda: estava nu e isso deveria tê-lo feito andar mais devagar; não conhecia a região; logo, de vez em quando, deveria ter se dirigido para vales encharcados e desfiladeiros que não tinham saída, e isto o faria perder mais tempo, pois seria forçado a retroceder e procurar um outro caminho.

Além disso, não tinha alimento e isso o esgotaria, iria retardá-lo ainda mais, diminuiria a distância.

- Está com menos de duas horas de vantagem sobre nós, isso é certo - disse Orval, correndo. - Não pode estar com mais de uma hora a nossa frente.

Olhe para esses cães. O cheiro dele está tão fresco que nem precisam encostar o focinho no chão.

Orval estava na frente de Teasle e dos outros, correndo com os cachorros, o braço esticado como um prolongamento do tirante que segurava, enquanto Teasle subia, remexia por entre os galhos, tentando manter-se junto dele.

De certo modo, era engraçado, um homem com setenta e dois anos abrindo o caminho, deixando todos os outros para trás. Porém, naquela época Orval percorria, diariamente, oito quilômetros em passo acelerado, fumava apenas quatro cigarros por dia e nunca bebia, enquanto ele próprio fumava um maço e meio de cigarros, bebia seis latas de cerveja e, há anos, não fazia exercícios. Já era alguma coisa Teasle conseguir acompanhar o passo de Orval como fazia. Respirava com tanta rapidez e tão profundamente que os pulmões ardiam, sentia ferroadas nos ferimentos que tinha nas pernas, porém, pelo menos, já não corria tão desajeitado quanto no começo. Tinha sido um lutador de boxe no Corpo de Fuzileiros e lá lhe tinham ensinado a maneira correta de correr para treinar. Porém, há muito tempo que seu corpo estava fora de forma e tinha que reaprender a dar um passo suave,

rápido e confortável, inclinando-se um pouquinho para a frente, deixando que a tração do corpo forçasse as pernas a puxá-lo para diante de modo que não caísse. Gradualmente, estava conseguindo, correndo mais rápido, com maior facilidade, a dor diminuindo, sentindo crescer em seu íntimo o prazer pelo esforço despendido.

A última vez que experimentara aquela sensação fora há cinco anos, quando voltara de Louisville como o novo Chefe de Polícia de Madison. A cidade não tinha sofrido grandes mudanças, mas ainda assim parecia-lhe diferente. A velha casa de tijolos onde crescera, a árvore no quintal onde o pai tinha pendurado um balanço, as sepulturas dos pais - durante aqueles anos que estivera longe dali a recordação deles tinha praticamente desaparecido como acontece com as fotografias em preto e branco. Porém, naquele momento, os túmulos possuíam comprimento e profundidade.

Eram verdes, marrons e vermelhos, e as pedras sepulcrais eram de mármore cor de púrpura. Não pensara que o fato de rever as sepulturas iria tornar tão triste sua volta. A garotinha, na realidade um feto, estava metida em seu caixão, envolta num saco de plástico, aos pés de sua mãe. Ambos os corpos de há muito transformados em pó. Tudo porque a mãe era uma católica. O

feto a estava envenenando, a Igreja não tinha concordado com o aborto e, como fizera questão absoluta de obedecer, morrera, e com ela o bebê. Isto acontecera quando ele contava dez anos e não tinha compreendido naquele tempo, por que o pai deixara de frequentar a Igreja. O pai procurara subsistir a mãe, ensinando-lhe tudo com relação a armas e peixes, a maneira correta de cerzir as próprias meias e cozinhar para si mesmo, o modo de limpar a casa e lavar as roupas, tornando-o independente, quase como se o homem tivesse sabido, com antecedência, que iria ser morto a tiros, três anos mais tarde, nas matas. Depois, fora Orval quem terminara de educá-lo, em seguida a Coréia e Louisville e, então, aos vinte e cinco anos, estava de volta ao lar.

Contudo, ali já não era mais o seu lar, apenas o lugar onde tinha crescido, e esse primeiro dia da volta, visitando os lugares que antigamente lhe eram familiares, só serviu para fazê-lo constatar que já tinha praticamente chegado à metade de sua vida. Estava arrependido por ter retornado, quase telefonara para Louisville a fim de saber se poderia voltar a trabalhar lá.

Finalmente um pouco antes do horário do fechamento, dirigiu-se até uma imobiliária. Naquela noite, ele e o corretor selecionaram algumas casas que estavam para alugar ou vender. Porém, todos os imóveis que visitou ainda estavam

ocupados, e não conseguiu se imaginar morando sozinho em nenhum deles. O corretor entregou-lhe um álbum com uma série de propriedades disponíveis, com as respectivas fotografias, a fim de que as examinasse antes de dormir. Folheando-o em seu pequenino quarto de hotel, descobriu o lugar que precisava uma casa de campo nas colinas, perto da cidade, com um rio em frente, uma ponte de madeira e uma encosta íngreme aos fundos, repleta de árvores. As janelas estavam arreventadas, o telhado caído, a varanda da frente arruinada. A pintura estava estourada e descascava, os trincos, partidos e soltos.

Na manhã seguinte, ela era sua. Nos dias, noites e semanas que se seguiram esteve sempre muito ocupado. Das oito às dezessete organizava a força policial, entrevistando os homens que já faziam parte dela, despedindo aqueles que não se dispunham a ir até o stand de tiro durante noites seguidas ou não queriam frequentar a escola noturna da polícia estadual, contratando homens que não se importavam com encargos extras, jogando fora os equipamentos obsoletos e adquirindo novos, dando forma à organização confusa deixada por seu predecessor que tinha morrido de um ataque cardíaco nos degraus da frente da delegacia. Depois, das dezessete até a hora em que caía na cama, trabalhava na casa, colocando um telhado novo, construindo uma nova varanda, trocando os vidros das janelas e calafetando-as, pintando a casa com uma tonalidade ferrugem para que combinasse com o verde das árvores. Usava a madeira apodrecida, retirada do telhado e da varanda, para fazer, todas as noites, uma fogueira no quintal. Costumava sentar-se ao lado dela, cozinhando, comendo chili com carne, bife com batatas cozidas ou então hambúrgueres. A comida lhe soube melhor, as calosidades das mãos deixavam-no orgulhoso, a rigidez das pernas e dos braços transformando-se em força e lhe aumentando a agilidade.

Durante três meses, as coisas correram assim. Depois, o trabalho da casa terminou e, durante algum tempo, descobriu pequeninas coisas para serem consertadas; mas, depois, chegaram as noites quando nada tinha para fazer e saía para tomar uma cerveja, ou demorava-se mais no stand de tiro, ou então ia para casa assistir à televisão e beber cerveja. Em seguida, casou-se e agora aquilo havia terminado; e correndo por entre as árvores na direção da relva, a respiração acelerada, banhado de suor, sentia-se tão bem que ficou imaginando por que tinha parado de se cuidar.

Os cães ladravam à frente e as compridas pernas de Orval esforçavam-se para ficar ao lado deles. Os policiais procuravam manter-se junto de Teasle que dava tudo para alcançar Orval; houve um momento, enquanto disparava por sobre a relva, o sol brilhante e quente em cima dele, as pernas e os braços num ritmo constante e

agradável, em que teve a sensação de que poderia continuar daquela maneira para todo o sempre.

Inesperadamente, Orval ganhou vantagem lá adiante, e Teasle não conseguiu mais acompanhar-lhe o ritmo. As pernas pareciam-lhe mais pesadas. A sensação agradável desapareceu.

- Vá mais devagar, Orval!

Contudo, Orval continuou a acompanhar a cadência dos cães.

Quando Rambo alcançou a fileira de árvores e as pedras, foi obrigado a moderar a marcha, colocando os sapatos, cuidadosamente, de modo a que não escorregasse nas pedras e, quem sabe, quebrasse uma perna. Na base do penhasco apressou-se, procurando o caminho mais fácil para atingir o cume. Descobriu uma brecha com quase um metro de profundidade e que se dirigia reta para cima e por ali procedeu a escalada. Próximo ao topo, as pedras salientes que tinha usado como ponto de apoio para as mãos estavam muito afastadas umas das outras e foi obrigado a rastejar, a alçar o próprio corpo, mas depois a subida voltou a ficar mais fácil até que, pouco depois, já estava fora da depressão e no nível das rochas.

Os ganidos dos cachorros ecoavam alto lá em cima. Agachou-se para ver se o helicóptero estava por perto. Não estava, nem ao menos podia ouvi-lo, e não havia o menor sinal de alguém que o estivesse observando de uma altura próxima ou lá embaixo. Deixou-se escorregar por debaixo de alguns galhos e árvores, perto da borda do penhasco. Deslocou-se de gatinhas, devagarinho, na direção de um afloramento, à direita, que dominava o desfiladeiro. Ali ficou, observando as faixas alternadas de relva e mata.

Dois quilômetros de distância, viu alguns homens, saindo do meio de umas árvores, atravessando o campo aberto, rumo à proteção de um novo grupo de árvores. Os homens estavam pequenos e quase imperceptíveis, devido à distância; Rambo contou uns dez. Não podia descobrir quantos eram os cães, porém, pelo barulho que faziam, deviam ser muitos. Contudo, não era a quantidade deles que o preocupava. O que o aborrecia era o fato de terem descoberto seu rasto, disso não tinha dúvidas e além do mais, estavam seguindo a pista muito rápidos. Mais quinze minutos e eles estariam ali onde se encontrava naquele momento. Teasle não deveria ter podido alcançá-lo tão depressa assim. Deveria estar muito mais atrás. Tinha que haver alguém, talvez o Chefe de Polícia, talvez um de seus subordinados, que conhecia a região como a palma da própria mão, que estava a

par da localização dos atalhos mais favoráveis para que pudessem diminuir tanto a diferença que havia entre eles.

Voltou correndo para o abrigo no alto do penhasco: não ia permitir que Teasle subisse com tanta facilidade quanto ele. Colocou o rifle sobre um montículo de terra coberto de relva onde ficasse livre de qualquer sujeira, e começou a empurrar um galho seco que estava próximo ao penhasco. O

galho era grande e pesado, porém, assim que conseguiu fazê-lo rolar, o deslocamento do próprio peso ajudou-o a empurrar. Pouco depois, tinha conseguido colocá-lo onde queria, bloqueando totalmente a parte de cima da depressão, um dos lados ultrapassando a beira do penhasco. Um homem chegando ao galho, vindo da parte inferior, não seria capaz de contorná-lo, nem o galgar. Seria obrigado a tirá-lo do caminho antes de poder subir.

Contudo, devido à posição em que se encontraria, não teria meios para deslocá-lo. Iria precisar do auxílio de muitos homens, porém a depressão era estreita demais para conter diversas pessoas ao mesmo tempo. Teasle teria que perder algum tempo imaginando de que maneira poderia livrar-se do galho e, a essa altura, ele já se teria afastado há muito tempo.

Assim esperou que acontecesse. Lançando um olhar lá para baixo, na direção do desfiladeiro, ficou surpreso ao constatar quando colocava o galho na posição desejada, o grupo deslocara-se com tamanha rapidez que já tinha alcançado a poça e os galhos sob os quais estivera escondido. Os homens minúsculos lá embaixo pararam, ficaram olhando para o local, observando os cães farejarem o solo, ladrando em círculos. Alguma coisa deve ter confundido a pista. O veado ferido, lembrou-se. Quando embarafustara pelo meio dos galhos, tinha roçado, de leve, sobre o sangue do animal e agora os cães estavam tentando resolver qual a pista a seguir, se a dele ou a do veado. Fizeram a escolha rápido demais. No instante em que se lançaram, ganindo, na direção do penhasco no rasto dele, Rambo virou, agarrou o rifle e correu por entre touceiras e árvores, adentrando-se mais ainda. Quando a vegetação rasteira ficava muito densa, ele dava uma volta e, em seguida, corria para diante até que, novamente, via-se obrigado a recuar. O esforço despendido, lá no penhasco, ao puxar o galho morto para cima da depressão, tinha-lhe coberto o rosto e o peito de suor que, agora, incomodava e provocava-lhe coceiras. Naquele momento transpirava ainda mais, ao embarafustar por uma cerca de urtigas, que lhe arranhavam as articulações até ficarem em carne viva, enchendo-as de sangue. Depois, de repente, estava livre. Saiu da mata escura para a luz brilhante do sol, sobre uma encosta formada por rochas e argila xistosa. Fez

uma parada rápida para recuperar o fôlego e deixou-se escorregar, cautelosamente, para a beira. Lá embaixo havia um penhasco e uma floresta densa, as folhas com uma coloração vermelha, laranja e marrom. O penhasco era íngreme demais para que pudesse descer por ele.

Portanto, havia naquele momento, um penhasco na frente e outro atrás dele, o que significava que só lhe restavam dois caminhos. Caso rumasse para o leste, estaria deslocando-se de volta à extremidade mais larga do desfiladeiro. Contudo, Teasle - não tinha dúvida quanto a isso - já deveria ter colocado turmas de busca vasculhando as terras montanhosas em ambos os lados do desfiladeiro, imaginando a possibilidade de ele voltar. Isto só lhe deixava uma outra rota, para o oeste, na direção seguida pelo helicóptero. Correu, até que alcançou uma outra descida escarpada e descobriu que tinha armado uma cilada contra si mesmo.

Meu Deus. Os cães estavam ladrando mais alto. Agarrou o rifle, xingando-se por ter ignorado uma das mais básicas regras que jamais aprendera.

"Sempre escolha um caminho que não o prenda." Meu Deus. Será que sua memória tinha enfraquecido, juntamente com seu corpo, por ter ficado deitado em todos aqueles leitos de hospital? Não deveria, nunca, ter subido aquele penhasco lá de trás. Merecia ficar encurralado. Merecia ser agarrado. Merecia tudo de ruim que Teasle faria com ele, se se deixasse apanhar.

Os cães estavam latindo mais perto ainda. O suor que lhe banhava o rosto dava-lhe aflição. Ergueu a mão, sentiu a aspereza da própria barba e, ao abaixá-la, estava toda pegajosa devido ao sangue que saía dos locais onde as moitas e as urtigas o tinham arranhado e cortado. A visão do sangue deixou-o furioso consigo mesmo. Tinha pensado que fugir de Teasle seria muito simples e rotineiro, que, depois de tudo porque passara na guerra, seria capaz de lidar com qualquer coisa. Agora, dizia para si mesmo que precisava refletir. A maneira como tremera de medo diante do helicóptero deveria ter-lhe servido como uma advertência, sabia disso, mas, ainda assim, tinha tido tanta certeza de que poderia ludibriar Teasle que continuará e encurralara-se. Agora, julgava-se com muita sorte, se conseguisse escapar de tudo aquilo apenas com aquele sangue que já tinha sobre si. Só havia mais uma coisa que ainda poderia fazer. Disparou ao longo da orla do penhasco, olhando para baixo a fim de controlar a altura, parando onde ela parecia menor. Sessenta metros.

"Muito bem", disse de si para si. "O erro foi todo seu, agora terá que pagar por ele."

"Vamos ver o quanto seu traseiro é resistente."

Enfiou o rifle com todo o cuidado entre o cinto e o cós da calça deslizando-o para o lado, de tal forma que a arma ficou com a coronha perto da axila e o cano à altura do joelho. Seguro de que ela não escorregaria e cairia lá embaixo, espatifando-se de encontro às rochas, deitou-se sobre o ventre, acomodou-se na beira do penhasco e, dependurado pelas mãos, os pés balançando no ar, procurou um ponto de apoio. Porém, não conseguiu achar nada sobre o que se apoiar.

Os cães começaram a ladrar de maneira histérica, dando a impressão de terem chegado ao nicho do outro penhasco, que ele havia bloqueado.

Teasle devia ter-se comunicado pelo rádio quase que imediatamente com o helicóptero, a fim de poder usar a polia e o guincho do mesmo para retirar o galho caído, para verificar se Rambo ainda estaria ali, ou então, por qualquer outra razão. O rapaz estava uns dezoito metros da descida quando tornou a escutá-lo, roncando a distância, aumentando de volume. Rambo calculava que devia ter levado quase um minuto para escorregar cada metro "oitenta. Era difícil encontrar uma greta ou saliência onde se garrar. Cada apoio para o pé tinha que ser experimentado, testado, antes de descarregar o peso do corpo sobre ele, bem devagarinho, respirando de alívio quando este se mantinha firme. Por diversas vezes tinha ficado dependurado como acontecera lá no alto, na beira do penhasco, os sapatos batendo contra a superfície rochosa, lutando em busca de um suporte. As saliências, às quais se agarrara, ficavam tão separadas uma das outras que tentar subir novamente, para evitar ser localizado pelo helicóptero, seria tão difícil quanto o fora a descida. Além disso, era provável que não conseguisse chegar lá em cima antes que o aparelho sobrevoasse o local onde se encontrava; assim, não havia razão para tentá-lo. Dava no mesmo se prosseguisse na descida; esperava apenas não ser localizado pelos ocupantes do aparelho.

As rochas, lá embaixo, cresciam, imensas, atraindo-o como se as estivesse observando por trás de uma lente de aumento. Então, Rambo procurou convencer-se de que aquilo não passava de um exercício na escola de paraquedismo. Porém não era e, à medida que ouvia os cachorros latindo, o helicóptero roncando mais próximo, tentou apressar a descida, indo até o máximo a seu alcance, tomando menos cuidado ao testar os apoios para os pés. O suor, escorrendo pelas maçãs do rosto, fazia-lhe cócegas e acumulava-se, irrequieto, sobre os lábios e o queixo. Antes, quando escutara o ruído do helicóptero, ao atravessar correndo o matagal em busca da proteção do pinheiro caído, o som de sua aproximação tinha agido como uma força propulsora e constante que o compelia a avançar. Porém, naquele

instante, sentindo-se limitado, percebendo que se deslocava morosamente apesar da pressa que o premia, o fragor crescente dava-lhe a sensação de uma coisa fugidia que se deslocava, pouco a pouco, por suas costas acima, tornando-se mais impetuosa à medida que subia. Quando aquela sensação atingiu a base do crânio, olhou para o céu atrás de si e ficou imóvel, colado ao paredão de rochas, enquanto o aparelho crescia com uma rapidez vertiginosa por sobre as árvores, rumando para o penhasco. A camisa de lã vermelha fazia um contraste gritante contra o cinzento da pedra. Então, rezou para que, de alguma maneira, o atirador não o visse.

Contudo, sabia que tal não poderia suceder... o atirador, simplesmente, não podia deixar de vê-lo.

Os dedos ensanguentados estavam enfiados numa fenda do penhasco. As pontas dos sapatos exerciam uma forte pressão sobre uma saliência estreita.

Ao notar que um dos pés escorregava do ressalto, sentiu um aperto na garganta. O impacto da bala, de encontro ao penhasco, à altura do ombro direito, atordoou-o. O susto foi tão grande que quase soltou as mãos.

Sacudiu a cabeça para desanuviá-la e começou a descer como um alucinado.

Tudo quanto conseguiu achar foram mais três pontos de apoio para os pés, e, depois, mais nenhum. Pi-ium! O segundo tiro ricocheteou contra o penhasco, batendo mais em cima, mais próximo de sua cabeça, estonteando-o tanto quanto o primeiro e, então, teve consciência de que estava praticamente morto. Não tinha sido atingido até aquele momento devido aos trancos do aparelho que atrapalhavam a mira do atirador; por outro lado, o piloto imprimia a cada minuto maior velocidade ao motor, o que só servia para fazer o helicóptero sacudir ainda mais. Porém, não seria necessário muito tempo para que o piloto percebesse e mantivesse o aparelho parado. Os braços e as pernas de Rambo tremiam devido ao esforço despendido. Tateou, mais para baixo, em busca de um lugar onde se agarrar, depois um outro e mais outro, e em seguida arriou os pés, arriscando-se, balançando-se outra vez, roçando os sapatos sobre a parede do penhasco procurando alguma coisa, qualquer coisa, sobre a qual apoiar-se.

Porém, não havia nada. Ficou dependurado pelos dedos ensanguentados. O

helicóptero precipitou-se em sua direção com um movimento semelhante ao de uma libélula. "Oh, adorado Jesus, faça esse aparelho infernal continuar se

movimentando, não permita que fique um só instante parado, pois assim o atirador não conseguirá disparar um tiro certo." Pi-ium!

Pequenos estilhaços de pedra e bala fundida penetraram-lhe na carne do rosto, desencadeando uma sensação de queimadura. Olhou de esguelha para as rochas trinta metros mais abaixo. Apesar do suor que lhe toldava a visão, localizou, com grande dificuldade, uma árvore viçosa que se erguia em sua direção, os galhos mais altos a uns três metros de distância. Ou quatro e meio, ou seis: não podia afirmar com precisão.

Ao constatar que o helicóptero se agigantava, sentindo o deslocamento de ar provocado pelas hélices, acima da própria cabeça, conseguiu calcular a distância que separava seu corpo da copa da árvore, tomou um impulso, soltou os dedos flácidos e saltou. Sentiu o estômago revolver-se, a garganta dilatar-se, sob a ação do vazio inesperado. Aquela sensação perdurou por muito tempo, parecendo que nunca iria acabar, até que ultrapassou os primeiros galhos, caiu verticalmente através dos ramos, indo bater, finalmente, de encontro a um dos galhos principais.

Totalmente aturdido.

Não conseguia respirar. Fez um esforço para inspirar e uma dor tomou conta de seu corpo; o peito latejou repentinamente, bem como as costas, e ele teve certeza de que fora atingido por uma bala.

Mas tal não acontecera. O fragor do helicóptero sobre a árvore e o assobio de uma bala passando pelos galhos fez com que se movesse. Estava bem no alto da árvore. O rifle ainda continuava entre o cinturão e a calça, porém o impacto da queda o tinha empurrado violentamente contra o lado de seu corpo, quase o deixando paralisado. Desesperado, fazendo força para dobrar o braço, agarrou a arma, puxou-a com força, porém não conseguiu soltá-la. Lá em cima, o helicóptero fazia círculos, voltando para disparar outra vez, enquanto Rambo continuava a puxar a arma; ao conseguir soltá-la, o arranco foi tão forte que o galho sobre o qual se encontrava começou a balançar. Rambo perdeu o equilíbrio, esfolando o quadril ao roçar pelo tronco fino, passando o braço de qualquer maneira em volta do galho que estava acima dele. Ouviu um estalido... prendeu a respiração. Se a madeira não suportasse seu peso, despencaria em cima dos últimos ramos, indo acabar lá embaixo... sobre as rochas. O galho tornou a estalar, porém nada mais aconteceu, e Rambo soltou um suspiro de alívio.

Porém, o ruído do helicóptero estava diferente. Constante. Regular. O

piloto estava começando a entender... mantinha-o parado. Rambo não sabia se os homens dentro dele poderiam ou não o avistar lá na árvore, porém isso não importava muito - a área, na parte superior da árvore, era tão pequena que, se o atirador a enchesse de tiros, ele tinha certeza de que seria atingido. Não teve tempo de passar para um galho mais forte. O tiro seguinte talvez o liquidasse. Apressado, desesperado, afastou algumas folhas, alguns ramos mais leves e distinguiu o lugar onde o helicóptero pairava, vibrando no ar.

Agora, achava-se do lado oposto ao que se encontrava... a uns três metros acima da copa. E o atirador estava com a cabeça do lado de fora da janela aberta da cabina. Rambo viu, com muita clareza, o rosto dele, redondo e narigudo ao se preparar para disparar mais uma vez. Só precisava dar uma rápida olhadela. Com um gesto instintivo e suave, ergueu o cano da arma até alcançar o galho em cima dele, acomodou-o ali e mirou na direção do centro do rosto redondo, bem na ponta do narigão.

Uma ligeira pressão sobre o gatilho. Acertou em cheio no alvo.

Viu quando o atirador, dentro da cabine, colocava a mão sobre o rosto esfaqueado. Antes mesmo de ter uma chance de abrir a boca e gritar, já estava morto. Por um instante, o piloto continuou a manter o aparelho parado, como se nada tivesse acontecido. De repente, Rambo pôde observar, através do vidro colocado na parte dianteira da cabina, o momento em que o homem percebeu que o companheiro estava com a parte superior da cabeça esfaqueada e todo cheio de fragmentos de osso, cabelos e miolos pelo corpo. Rambo viu-o desviar os olhos para baixo, horrorizado diante de tanto sangue respingado na própria camisa e na calça.

Os olhos do homem arregalaram-se; a boca contraiu-se. Logo depois lutava com o cinto de segurança, agarrando o manete como um louco, enquanto atirava-se ao chão da cabina.

Da árvore onde se encontrava, Rambo tentava disparar contra ele, também.

Não podia ver o piloto, porém fazia uma ideia do local onde deveria estar agachado. Estava fazendo pontaria para esse ponto quando o aparelho, numa manobra rápida, rumou para o alto do penhasco. A parte superior conseguiu ultrapassar a borda muito bem, porém o ângulo era tão acentuado que a ré bateu na beira do penhasco. Em meio ao ronco do motor, julgou ter escutado um estalido metálico quando a seção traseira se chocou com as rochas; não podia ter certeza. O

aparelho dava a impressão de estar preso ali para sempre, então, sacudindo violentamente para trás, mergulhou diretamente contra a parede do penhasco, guinchando estalando, as pás das hélices dobrando-se e espatifando-se. Então, sobreveio a explosão, ouviu-se um zumbido de metal, uma bola de fogo passou como um bólido inflamado por sobre a árvore e se extinguiu. Os galhos exteriores começaram a crepitar. O ar ficou impregnado de um cheiro fétido de gasolina e carne assada.

Rambo pôs-se em movimento imediatamente, escorregando com dificuldade árvore abaixo. Os galhos eram grossos demais. Ele tinha que contornar o tronco para descobrir por onde descer. Os cães estavam ladrando mais alto, com muito mais ferocidade, como se já tivessem ultrapassado a barricada lá de cima e estivessem junto à borda. Aquele galho deveria ter levado muito mais tempo para ser deslocado. Não conseguia compreender como Teasle e seus homens tinham podido chegar ao topo tão depressa. Segurou a arma com força, arranhando-se ao passar entre os galhos, as folhas espinhosas penetrando-lhe na carne das mãos e do rosto. O peito latejava devido ao salto que dera para atingir a árvore, doía-lhe como se algumas costelas estivessem fissuradas ou quebradas, porém não podia permitir que aquilo o perturbasse. Os cães ganiam mais próximo; tinha de descer mais depressa, girando, escorregando. A camisa de lã prendeu-se num galho e ele rasgou-a para se soltar. Mais depressa. Aqueles malditos cães. Tinha de andar mais rápido.

Perto do solo, alcançou uma fumaça espessa e escura que sufocou seu pulmão e viu, indistintamente, através dela os destroços contorcidos do helicóptero que queimava e estalava. A seis metros do chão não pôde mais descer, não havia mais nenhum galho. Não podia açambarcar o tronco com os braços e escorregar por ele: era grosso demais. Pular, não havia outro jeito. Os cães ladravam lá no topo; Rambo observou as pedras e os galhos secos a seus pés e escolheu para saltar, um local onde a terra solta, o limo e as folhas secas e marrons estavam amontoados numa depressão entre as rochas e, sem se dar conta, sorriu... esse tipo de coisas... fora para enfrentá-las que tinha sido treinado... na escola de paraquedismo, saltando das torres durante muitas semanas. Segurando o rifle numa das mãos, agarrou-se ao último galho da árvore com a outra, deixou escorregar o corpo para baixo e soltou-se. Tocou o solo com perfeição. Os joelhos estavam "bem unidos como deviam estar, afundou, rolou e pôs-se de pé com toda a perícia, como já o fizera mil vezes antes. Somente após sair do meio daquela fumaça asfíxiante, que envolvia o tronco da árvore e rastejar por cima das pedras, é que a dor no peito

piorou. Piorou demais. E o sorriso desapareceu de seus lábios. "Meu Deus, estou perdido."

Arremessou-se por sobre as rochas de uma encosta abaixo rumo à floresta, as pernas pesadas, o peito latejando dolorosamente. Havia mato à frente, e então, longe das rochas e no meio da relva, correu a toda na direção das árvores. Neste momento escutou os cães ladrando como uns loucos atrás dele, lá no alto. Deviam estar no local por onde tentara descer o penhasco.

Dali a pouco a turma estaria atirando contra ele. Numa área aberta como aquela, não teria a mínima chance; precisava alcançar as árvores.

Esquivando-se, abaixando a cabeça, lançava mão de todos os recursos para se transformar num alvo difícil, retesando-se para receber o primeiro disparo que lhe seria desferido contra as costas e o peito, enquanto se embarafustava no meio das moitas e arrastava-se para o meio da mata, obrigando-se a avançar, tropeçando sobre as plantas rasteiras e raízes até que, num dado momento, ao dar um passo em falso, caiu e ficou esparramado, arquejando sobre o solo úmido da floresta, de onde partia um cheiro adocicado.

Eles não tinham atirado. Rambo não podia entender aquilo. Ficou onde estava, sem fôlego, inspirando profundamente, expirando, tornando a respirar profundamente, ignorando o recrudescer da dor no peito cada vez que o fazia. Por que não tinham atirado? Então, descobriu por quê: em primeiro lugar, porque não tinham conseguido alcançar o cume do penhasco. Ainda estavam subindo. Tivera, apenas, a impressão de que já estavam lá. Sentiu o estômago contrair-se, mas, desta feita, nada lhe subiu à boca. Deixou-se cair ruidosamente para trás, olhando na direção do céu profundo, por entre as folhas de tonalidades outonais. O que estava acontecendo com ele? Jamais se enganara daquela maneira.

México. A imagem de uma praia, quente, batida pelas ondas, passou-lhe, rápido, pela cabeça. "Continue andando." Precisava recomeçar a caminhar.

Lutou para pôr-se de pé e começava a avançar floresta adentro, quando escutou, atrás de si, gritos masculinos e latidos de cães. Sem dúvida, a turma tinha alcançado o cume do penhasco naquele instante. Parou e ficou prestando atenção. Ainda lutando para respirar, fez meia-volta e retornou para o ponto de onde saíra.

Porém, sem seguir o mesmo caminho. A relva na floresta estava alta e Rambo sabia que deixara nela um rasto, bem claro, se observada lá do alto do penhasco.

Os policiais estariam examinando a parte da floresta por onde entrara e, ao retroceder, poderia ter deixado algum sinal, alguma pista de onde se encontrava. Por isso, rumou para a esquerda, aproximando-se de uma área na orla da mata, onde os perseguidores não teriam motivos para suspeitar de sua presença. Quando as árvores começaram a ficar mais raras, atirou-se ao chão e rastejou para a beira da floresta. Agachando-se por detrás de alguns galhos secos, viu algo maravilhoso: a uns cem metros de distância, bem nítidos no alto do penhasco, estavam os homens e os cães.

Todos eles corriam em direção ao ponto por onde ele havia descido, os cachorros ladrando, um homem atrás deles agarrado a um tirante, acompanhado por todos os outros. Em seguida, imobilizaram-se, ao deparar com o fogo e a fumaça que se elevavam dos destroços do helicóptero.

Desde que a perseguição começara, aquele era o momento em que Rambo os via mais próximos. O sol batia-lhes em cheio, forte, dando-lhe a impressão de estarem mais perto e, estranhamente, agigantados. Conseguiu contá-los seis cães e dez homens. Nove deles usavam a farda cinzenta dos homens de Teasle e o outro, aquele que mantinha o tirante nas mãos, estava com uma jaqueta e calça verdes. Os cães farejavam o local por onde havia alcançado a borda, faziam círculos para verificar se seu cheiro seguia em qualquer outra direção, retornavam a borda e latiam frustrados. O homem de verde era mais velho e mais alto do que os outros; estava afagando os animais, acariciando-os, falando-lhes com delicadeza, e as palavras chegavam abafadas até o local onde Rambo estava. Alguns policiais estavam sentados, outros de pé, olhando para baixo, na direção do helicóptero em chamas ou, então apontando para o local da floresta por onde ele tinha passado.

Porém Rambo não estava interessado neles, mas sim naquele que andava de um lado para o outro, batendo com a mão sobre a coxa: Teasle. Não havia jeito de cometer um engano, só podia ser Teasle... aquele corpo atarracado aquele peito estofado, aquela cabeça abaixada que se deslocava de um lado ao outro como um galo de briga. Claro. Como um galo. Isso é o que você é Teasle. Um galo.

A ideia fê-lo sorrir. O local onde se encontrava, debaixo das moitas, estava na sombra e era delicioso descansar. Enquanto Teasle falava com o homem de verde, Rambo ajustou a mira na direção dele. Será que Teasle ficaria surpreso ao constatar que, no meio de uma palavra, um tiro havia entrado e saído de sua garganta? Que brincadeira fantástica iria ser aquela! Rambo ficou tão fascinado que quase puxou o gatilho.

Teria cometido um erro. Desejava matá-lo, certo: depois do pavor que sentira ao ficar entre o helicóptero e a turma de busca; já não se importava mais com o que devia fazer para escapar e, agora, ao pensar nos dois homens que tinha matado no aparelho, tomou consciência de que não estava arrependido, como acontecera ao assassinar Galt. Estava, mais uma vez, começando a se acostumar com a morte.

Contudo, havia uma determinada prioridade. O penhasco não iria deter Teasle; só serviria para retardá-lo por mais uma hora, mais ou menos.

Porém, matando-o, não conseguiria deter a turma de busca: ainda contariam com os galgos para ajudá-los a localizá-lo. Os galgos... Estes não eram tão maus quanto os pastores alemães que tivera oportunidade de ver durante a guerra, mas eram, da mesma forma, caçadores por instinto e, se conseguissem pegá-lo, talvez chegassem a atacá-lo ao invés de se limitarem a encurralá-lo como haviam sido ensinados. Portanto, tinha que atirar contra eles, antes de mais nada. Depois, sim, mataria Teasle. Ou o homem de verde, caso aparecesse na sua frente, antes do Chefe de Polícia. Pela maneira como lidava com os cães, Rambo estava certo de que conhecia muitas coisas a respeito de rastos e, com a morte dele e de Teasle, os outros, certamente, sem saber como agir, seriam forçados a voltar para a cidade.

Uma coisa era certa: não demonstravam grandes conhecimentos sobre esse tipo de luta. Mantinham-se de pé, ou sentados, lá em cima, oferecendo-lhe um alvo perfeito... só de recordar isso, Rambo fungou com desprezo.

Estava patente que nem tinham considerado a possibilidade de ele ainda estar por perto. O homem de verde estava tendo um trabalhão enorme para conseguir acalmar os animais; estavam todos juntos, embaraçados nas próprias guias. O homem separou o tirante principal e entregou três cães a um policial. Rambo deitou-se sob a fresca vegetação e mirou contra os três, que ainda estavam sob o controle do homem de verde, conseguindo acertar dois deles com a maior facilidade. Teria atingido o terceiro animal com a bala seguinte, se o homem de verde não o tivesse afastado da borda do penhasco. Os policiais gritavam, atirando-se ao solo, escapando-lhe da mira. Os outros cães comportavam-se como loucos, uivando, fazendo força para escapar do policial que os segurava. Rambo atirou contra um deles com muita rapidez. Outro tiro, um segundo animal desequilibrou-se na beira do penhasco e o policial que segurava a trela tentou puxá-lo de volta ao invés de soltá-lo, por isso perdeu o equilíbrio e arrastando o último animal com ele, despencou lá de cima. Soltou apenas um grito... quando bateu de encontro as rochas bem lá embaixo.

Houve um momento em que ficaram deitados, imóveis, o sol batendo em cima deles, sem uma viração, sem nada. Aquele instante prolongou-se.

Então, juntando suas forças, Shingleton mirou para baixo, na direção da floresta, disparando contra toda a orla. Já atirara quatro vezes quando outro homem se uniu a ele, depois um outro e, então, salvo Teasle e Orval, todos estavam deitados formando uma fileira de fogo cerrado, as detonações partindo ao mesmo tempo, como se uma cartucheira tivesse sido jogada dentro de uma fornalha e as cápsulas, aquecidas, estivessem explodindo umas após as outras.

- Basta! - Mandou Teasle.

Porém, ninguém obedeceu. Estavam espalhados ao longo da borda, deitados, atrás das rochas e de montículos de terra, disparando o mais rápido que podiam. Pi-ium, pi-ium, pi-ium! As mãos sobre os gatilhos, mexendo-se sem parar, disparando velhas cápsulas, outras novas em folha sem realmente fazer pontaria, enquanto arrancavam as balas, os coices sacudindo-os Pi-ium, pi-ium, pi-ium. E Teasle deitado numa depressão da rocha, gritando: Já basta, não disse? Parem! Estou mandando! Porém eles continuavam, metralhavam a fileira de árvores e moitas, miravam para onde uma ou outra bala tinha agitado as folhas e dado a impressão de que alguém se mexia ali.

Alguns estavam carregando as armas e recomeçavam a disparar. A maioria fizera isso. Os rifles eram de modelos diferentes: Winchester, Springfield, Remington, Marlin, Savage. Calibres diversos: 270, 300 30-06, 30-30. Os ferrolhos, as alavancas e os carregadores eram de diversos tamanhos, contendo seis, sete ou nove cartuchos as cápsulas vazias estavam espalhadas por todos os lados e sempre surgiam outras novas. Orval estava segurando com firmeza seu último cão enquanto berrava: - Parem com isso!

Teasle levantava-se da depressão, agachando-se para saltar, as veias do pescoço engrossando enquanto gritava: - Que inferno, parem, já disse! O primeiro homem que puxar o gatilho perde o pagamento relativo a dois dias!

Isso tocou-os. Alguns ainda não tinham recarregado as armas pela segunda vez. Os outros detiveram-se, tensos, os rifles ao ombro, dedos encostados no gatilho, ansiosos para recomeçar. Logo depois, uma nuvem cobriu o sol e eles dominaram-se. Respiraram, engoliram em seco e baixaram os rifles vagarosamente.

Começou a soprar uma brisa, levantando suavemente as folhas secas que jaziam na floresta, lá em cima, às suas costas.

- Meu Deus - exclamou Shingleton. Estava com as faces tão pálidas e tensas quanto um couro de tambor.

Ward desviou o peso do corpo de cima dos cotovelos para o estômago e passou a língua pelos cantos da boca.

- Cristo, está certo - disse.

- Nunca senti tanto medo - alguém murmurava sem parar. Teasle olhou e viu que era o jovem guarda.

- Que cheiro é esse? - Perguntou Lester.

- Nunca senti tanto medo.

- Ele. Está vindo do lado dele.

- Minha calça. Eu...

- Deixem-no em paz - ordenou Teasle.

A nuvem que tinha encoberto o sol continuou a se deslocar devagarinho. O

brilho forte voltou a tocá-lo e, olhando para o local onde o sol estava baixo no vale, Teasle notou uma outra nuvem aproximando-se, bem maior e, por trás dela, não muito afastado, o céu estava cheio delas, escuras e pesadas.

Desgrudou a camisa empapada de suor do peito e agarrando-a novamente, pois voltara a grudar em sua pele, rezou para que chovesse. Pelo menos, serviria para acalmar os ânimos. Escutou Lester falando a respeito do jovem guarda, próximo dele.

- Sei que ele não pode fazer nada para impedir isso, mas, Deus do Céu, que cheiro!

- Nunca senti tanto medo.

- Deixe-o em paz - disse Teasle, continuando a observar as nuvens.

- Quem quer apostar como acertaremos esse rapaz agora mesmo? -

Perguntou Mitch.

- Alguém está ferido? Todos estão bem? - Indagou Ward.

- Ora, claro - replicou Lester. - Todos estamos ótimos. Teasle olhou para ele com severidade.

- Está enganado. Somos apenas nove agora. Jeremy caiu penhasco abaixo.

- E três dos meus cães foram junto com ele. E outros dois foram mortos a tiro - disse Orval. Sua voz mantinha-se num único tom, como o som de uma máquina, e todos viraram para seu lado estranhando aquilo. - Cinco.

Cinco deles mortos. - Seu rosto estava cinzento, da dor do cimento em pó.

- Orval, sinto muito - disse Teasle.

- E não pode ser diferente. Em primeiro lugar, essa ideia partiu de você.

Não podia esperar e deixar que a polícia estadual cuidasse de tudo.

O último cão estava tremendo, ganindo.

- Quietos, quietos - ordenou Orval, acariciando seu dorso, enquanto olhava através dos óculos os dois animais mortos ao lado da beira do penhasco. -

Não se preocupe, sairemos dessa. Se ele ainda estiver lá embaixo, nós os vingaremos. - Desviou o olhar para Teasle, e sua voz ficou mais alta. - Não podia esperar até que a infernal polícia estadual tomasse conta de tudo, não é?

Os homens ficaram olhando para Teasle à espera de uma resposta. Este movimentou os lábios sem emitir o mínimo som.

- O que há? - Perguntou Orval. - Meu Deus, se tem alguma coisa a dizer, faça-o de maneira clara, como um homem.

- Falei que ninguém o obrigou a vir. Divertiu-se muito mostrando-nos que velho vigoroso era, correndo à frente de todos, ultrapassando depressa aquela vala no penhasco para deslocar o galho caído e provar o quanto era esperto. A culpa foi toda sua, se os cachorros foram atingidos. Sabe tanto, conhece as coisas tão bem, então deveria tê-los mantido afastados da beira do penhasco.

Orval estremeceu devido à raiva, e Teasle desejou não ter falado nada daquilo. Ficou com os olhos presos ao solo. Não tinha o direito de zombar da necessidade de Orval em sobrepujar todo o mundo. Tinha ficado imensamente grato a Orval, quando este descobriu a maneira de soltar o galho, trepando em cima dele a fim de amarrar a extremidade de uma corda a sua volta, mandando outros puxarem lá na outra ponta, enquanto ele usava um pedaço de pau grosso para servir como alavanca. O galho soltara-se com estrondo, espatifando-se e partindo na pedra, dando-lhes apenas tempo suficiente para recuar e safarem-se dos destroços.

- Está bem, Orval, escute - disse, já mais calmo. - Sinto muito. Eles eram ótimos exemplares. Acredite em mim, sinto muito.

De repente, percebeu um movimento inesperado perto do local onde Shingleton estava fazendo pontaria com o rifle, disparando para baixo contra um monte de galhos secos.

- Shingleton, eu disse para parar!

- Vi alguma coisa movendo-se.

- Isso vai lhe custar dois dias de salário, Shingleton. Sua mulher ficará louca de raiva.

- Mas, estou-lhe dizendo que vi alguma coisa se mexendo.

- Não me diga o que pensa ter visto. Está atirando sob a ação da excitação, da mesma maneira como quis fazê-lo lá na delegacia, quando o rapaz escapou. Escute aqui. E isso serve para todos vocês. Escutem. Não conseguirão acertar próximo ao local onde o rapaz se encontra. O tempo que levaram para responder a seus tiros, seria suficiente para que fizesse as necessidades, as enterrasse e escapasse.

- Ora vamos, Will, dois dias de salário? - Disse Shingleton. - Você não pode estar falando sério.

- Ainda não terminei. Todos vocês, vejam quantas cápsulas desperdiçadas...

Metade da munição se foi.

Os policiais correram os olhos pelas cápsulas vazias atiradas por todos os cantos sobre a terra solta, parecendo surpresos diante da quantidade delas.

- O que farão quando estiverem, novamente, atrás dele? Usarão o resto da munição e depois atirarão pedras?

- A polícia estadual poderá trazer-nos mais algumas - disse Lester.

- E será que se sentirão bem, quando eles aparecerem por aqui, e se mostrarem divertidos com a maneira como desperdiçaram tanta munição?

Apontou com o dedo, mais uma vez, para as cápsulas vazias e, pela primeira vez, reparou que um grupo de balas era diferente de todas as outras. Os homens foram obrigados a baixar os olhos embaraçados, enquanto ele remexia nas balas.

- Estas aqui nem foram disparadas. Um de vocês, seus idiotas, tirou todas as balas, ainda intactas, sem nem ao menos ter puxado o gatilho.

Tudo lhe parecia bastante claro. Excitação da caçada. Um homem, no primeiro dia da estação de caça, poderia ficar tão excitado ao avistar uma presa que, estupidamente, retirava todas as cápsulas sem que tivesse puxado o gatilho, ficando inteiramente surpreso sem saber por que não acertara no animal que tinha mirado. Teasle não podia deixar passar uma coisa daquelas, tinha que transformar aquilo num debate.

- Vamos, quem fez isso? Quem é a criança? Entregue-me a arma, e eu lhe darei uma que atire.

O número gravado no cartucho era 300. Estava prestes a verificar qual o rifle que tinha aquele calibre quando viu Orval apontando para a beira do penhasco... e em seguida escutou o ganido. Nem todos os animais, contra os quais o rapaz atirara, estavam mortos. Um deles tinha perdido a consciência, devido ao impacto da bala, e agora estava voltando a si, esperneando, ganindo.

- Que bom tiro! - Disse Orval, com tristeza. Cuspiu, acariciou o cão que estava segurando, entregou a trela a Lester que estava junto dele. - Segure com força - recomendou. - Veja como ela está tremendo. Está sentindo o cheiro do sangue do outro animal e está a ponto de enlouquecer. - Tornou a cuspir, pôs-se de pé, as roupas verdes manchadas de terra e suor.

- Espere aí! - Exclamou Lester. - Está querendo dizer que ela poderá ficar com raiva?

- Talvez. Porém duvido. Acho que tentará libertar-se e fugir a toda daqui.

Trate de segurá-la com força.

- Não estou gostando nada disso.

- Ninguém lhe disse para gostar...

Deixou Lester segurando a trela e dirigiu-se para perto do cão ferido. O

animal estava deitado de lado, esperneando, tentando rolar e ficar de pé, porém tornando a cair de lado, ganindo em desespero.

- Claro - disse Orval. - Bom tiro. Esse canalha o acertou. - Passou a manga da camisa na boca e olhou para o cão que ainda restava. Este estava puxando a trela para conseguir safar-se de Lester. - Trate de ficar segurando muito bem esse aí - recomendou-lhe Orval.- Terei de fazer uma coisa que o fará pular.

Abaixou-se para examinar o ferimento no estômago do animal, levantou-se sacudindo a cabeça, triste, diante da visão das vísceras e, sem esperar por mais nada, deu um tiro atrás da orelha do cão.

- Mas que tristeza! - Resmungou, olhando o corpo contorcer-se espasmodicamente e depois imobilizar-se. O rosto de Orval tinha passado do cinzento para o vermelho, e estava mais enrugado do que nunca.

- Então, por que estamos esperando? - Disse, com calma, dirigindo-se a Teasle. - Vamos acabar com esse rapaz.

Assim que deu o primeiro passo para longe do cachorro, perdeu o equilíbrio de maneira violenta, deixando o rifle cair, colocando de maneira estranha a mão sobre a coluna, a detonação da arma partindo do meio do mato, lá embaixo, ecoando, enquanto o velho se dobrava para diante e batia no chão, com o rosto e o peito. O impacto da queda partiu os óculos em dois sobre seu nariz. E desta feita ninguém respondeu ao fogo.

- Abaixem-se! - Gritava Teasle. - Todo mundo abaixado!

Todos atiraram-se ao chão. O último animal conseguiu libertar-se de Lester, saltou para o ponto onde Orval jazia e também caiu sob o impacto de um tiro. Colado à depressão, os punhos cerrados, Teasle estava prometendo a si mesmo perseguir aquele rapaz para todo o sempre, até que o agarrasse, o mutilasse. Não iria desistir nunca. Não mais por causa de Galt, ou porque não pudesse deixar que alguém que

tinha matado um de seus homens escapasse. Agora, era um assunto pessoal. Por ele mesmo.

Pai, pai adotivo. Ambos mortos. Lembrou-se da revolta alucinada que experimentara quando seu verdadeiro pai tinha sido morto, desejando estrangular o rapaz que o alvejara, até que sentisse a garganta dele quebrada, os olhos saltando fora das órbitas. Seu canalha. Seu miserável filho da puta. Foi somente quando pensava sobre a maneira como poderia descer daquele penhasco e pôr as mãos em cima do rapaz que, inesperadamente, compreendeu o grande erro que havia cometido. Não estivera perseguindo o rapaz. O que acontecia era exatamente o oposto.

Tinha permitido que o rapaz preparasse uma emboscada para eles.

E, meu Deus, que emboscada! Com a cidade mais próxima a cinqüentacinquenta quilômetros de distância e por um terreno acidentado, com o helicóptero espatifado e os animais mortos, o rapaz poderia acertar em qualquer um que escolhesse. Isso porque o terreno atrás deles não era plano. Porque a dois metros e meio da beira do penhasco a terra subia. Se desejassem recuar, teriam que correr colina acima, em campo aberto, enquanto o rapaz dispararia contra eles, lá do mato. E onde, que diabo, tinha conseguido o rifle? E como é que sabia preparar uma armadilha como aquela?

Naquele instante, quando as nuvens se acumulavam negras no céu, trovejou forte.

Orval. Teasle não conseguia afastar os olhos dele. O velho estava esparramado, imóvel, caído sobre o rosto junto à beira do penhasco, Teasle quase não conseguia respirar. "Por minha causa. Apenas uma vez na vida fora descuidado e não o advertira a ter cuidado e manter-se abaixado."

Começou a rastejar na direção dele, para afagá-lo.

- O rapaz dará a volta por ali - disse Lester, com voz áspera.

"Áspera demais", pensou Teasle. Virou-se, relutante, preocupado com seus homens. Agora, eram apenas sete, os rostos tensos, os dedos em cima do gatilho, parecendo praticamente inúteis. Todos, à exceção de Shingleton.

- Estou dizendo que o rapaz dará a volta - disse Lester. Os joelhos apareciam sob a calça. - Ele vai dar a volta lá por cima, e aparecerá por trás de nós.

Os homens deram um pulo para olhar para a parte de cima da elevação que havia por trás deles, como se esperassem que o rapaz já estivesse ali.

- Ele virá, isto é certo - disse o jovem guarda. Na parte de trás de sua calça havia uma mancha de líquido marrom que gotejava, e os homens tinham-se afastado dele. - Meu bom Jesus, quero sair daqui. Tire-me daqui.

- Pois então vá - exclamou Teasle. - Corra encosta acima. Veja até onde consegue ir antes de ser baleado.

O jovem engoliu em seco.

- O que está esperando? - Falou Teasle. - Ande logo. Escale a encosta.

- Não - Retrucou o jovem. - Não o farei.

- Então pare com isso.

- Mas precisamos chegar lá em cima - disse Lester. - Antes que levemos a pior. Se esperarmos demais, ele conseguirá chegar até lá e nunca mais poderemos sair deste lugar.

As nuvens escuras que se aglomeravam ali perto foram iluminadas pelo clarão de um relâmpago. Mais uma vez voltou a trovejar, demorado e alto.

- O que foi isso? Escutei alguma coisa - disse Lester. Seus joelhos estavam arranhados, vermelhos, no local onde estavam expostos.

- O trovão - disse Shingleton. - Está-se divertindo conosco.

- Não. Também ouvi - acrescentou Mitch.

- Escutem.

Parecia que alguém tinha ânsias de vômito, como um homem sem conseguir respirar. Orval... começava a se mexer, agachava-se os joelhos e a cabeça mantendo a barriga afastada do chão, as mãos sobre o peito, procurando sustentar-se. Parecia um trator erguendo a traseira para conseguir a tração necessária para um deslocamento mínimo para diante.

Porém, ele não estava indo para lugar algum. Arqueando as costas para cima, empertigou-se e despencou no chão. Havia um filete de sangue escorrendo por seu braço, e ele estava babando, cuspiendo sangue.

Teasle estava parado sem acreditar no que via. Tinha certeza de que Orval estava morto.

- Orval - disse ele. E em seguida corria na direção do amigo, antes de se dar conta do que fazia. "Mantenha-se abaixado", teve que lembrar a si mesmo, ficando agarrado às pedras, tentando não se transformar num alvo para o rapaz como acontecera a Orval. Porém, Orval encontrava-se muito junto da borda do penhasco. Teasle estava certo de que seria visto do mato lá embaixo. Agarrou o ombro do velho e esforçou-se para puxá-lo de volta até a depressão. Mas Orval era pesado demais, a operação estava demorando muito, a qualquer momento o rapaz poderia atirar. Deu um puxão no amigo, arrastou-o, tornou a puxar e, lentamente, Orval deslocou-se. Porém, não o suficientemente rápido. As pedras eram muito irregulares. As roupas de Orval estavam-se prendendo nas rochas afiadas, próximo à beira do penhasco.

- Ajudem-me - gritou Teasle para os homens que estavam atrás dele.

Orval cuspiu mais sangue.

- Alguém venha-me ajudar! Venham-me ajudar! - Implorou Teasle.

E, em seguida, num piscar de olhos, alguém estava ao lado dele, ajudando-o, ambos puxando Orval para longe da borda do penhasco e, num instante, estavam a salvo. Teasle soltou a respiração de uma só vez. Secou o suor que lhe enchia os olhos e não teve de olhar para ver quem o tinha ajudado: Shingleton.

E o outro estava rindo, soltando gargalhadas, não alto, não com hilaridade, mas assim mesmo, gargalhando. Aquilo tudo fazia mais parte de seu íntimo. O peito arquejava e ele ria.

- Conseguimos. Ele não disparou, conseguimos.

E, é claro, era engraçado, e Teasle começou a gargalhar também. Depois, Orval tornou a cuspir mais sangue e Teasle percebeu o sofrimento estampado no rosto do amigo e, depois disso, nada mais teve graça.

Começou a desabotoar a camisa ensanguentada de Orval.

- Acalme-se, Orval. Vamos examiná-lo e cuidaremos de você.

Tentou abrir a camisa com delicadeza, porém o sangue tinha aderido o tecido à pele. Finalmente, foi forçado a dar um puxão para desgrudá-la, e Orval gemeu.

Teasle não queria olhar por muito tempo para o ferimento. Do peito aberto saía um bafo quente.

- Muito... ruim? - Perguntou Orval, estremecendo.

- Não se preocupe com isso - disse Teasle. - Trataremos de você. -

Enquanto falava, desabotoava a própria camisa, deixando-a escorregar pelos braços.

- Perguntei... se está muito ruim.

Cada palavra era um sussurro distinto e doloroso.

- Você já teve oportunidade de ver muita gente ferida, Orval. Sabe, tão bem quanto eu, o quanto está ruim. - Teasle estava enrolando a camisa molhada, formando uma bola, acomodando-a no buraco no peito de Orval.

Imediatamente, ficou empapada de sangue.

- Quero que me diga. Perguntei-lhe...

- Está bem, Orval, poupe suas forças. Não fale. - As mãos de Teasle estavam pegajosas devido ao sangue, enquanto ele abotoava a camisa do velho por cima do bolo que tinha colocado no ferimento. - Não mentirei para você e sei que não quer que o faça. Há muito sangue e está muito difícil para constatar, porém parece-me que a bala atingiu um pulmão.

- Ó meu Deus.

- Agora quero que pare de falar e poupe suas forças.

- Por favor. Não me pode abandonar. Não me deixe aqui.

- Isso é a última coisa que deve preocupá-lo. Vamos levá-lo conosco e faremos tudo que pudermos por você. Porém, também terá que fazer uma coisa para mim.

Está ouvindo? Tem que se concentrar e ficar apertando o peito. Coloquei minha camisa por dentro da sua e quero que a mantenha bem junto do local onde foi atingido. Precisamos parar com o sangramento.

Está-me ouvindo? Está compreendendo?

Orval umedeceu os lábios, fez um sinal afirmativo, bem fraquinho, com a cabeça, e Teasle teve a sensação de que sua boca estava cheia de terra. Não tinha a mínima esperança de que uma camisa enrolada fosse capaz de estancar o sangue num ferimento daquela extensão. A sensação na boca persistiu e ele sentiu fios de suor descendo-lhe pelas costas nuas. Há muito tempo que o sol tinha desaparecido por trás das nuvens, mas o calor continuava a bater e ele pensou em água, dando-se conta do quanto Orval devia estar sedento.

Sabia que não lhe devia dar água. Aprendera isso lá na Coréia. Um homem ferido no peito ou no estômago vomitaria a água que bebesse e, conseqüentemente, o ferimento aumentaria e a dor também. Mas Orval passava a língua sobre os lábios, não parava de passá-la sobre a boca e Teasle não aguentava presenciar aquele sofrimento. Daria só um pouquinho. Um pouquinho só, não faria mal.

No cinto de Orval havia um cantil. Teasle soltou-o, sentiu a aspereza da lona que o revestia, desatarraxou a tampa, entornando um pouco de água dentro da boca de Orval. O velho tossiu, e a água saiu aos borbotões juntamente com sangue.

- Meu Deus - exclamou Teasle. Por um momento, sua mente ficou em branco: não sabia como proceder. Depois, pensou no rádio e ligou-o. -

Teasle chamando a polícia estadual. Polícia Estadual. Isso é uma emergência. - Elevou mais a voz. - Uma emergência.

O rádio estalou devido à estática das nuvens, - Teasle chamando a polícia estadual. Emergência!

Tinha resolvido não ligar o rádio para pedir ajuda acontecesse o que acontecesse. Mesmo quando viu os destroços e o helicóptero em chamas, não o usou. Porém, Orval... Orval ia morrer.

- Polícia estadual, responda.

O rádio zumbia com o relâmpago e depois uma voz falou, indistinta e áspera.

"Estadual... aqui... Teasle não podia perder tempo pedindo-lhe para repetir.

- Não consigo ouvi-lo - disse depressa. - Nosso helicóptero caiu. Estou com um homem ferido aqui. Preciso de um outro helicóptero para ele.

"...feito."

- Não consigo escutá-lo. Preciso de outro helicóptero. "... impossível. Uma tempestade elétrica está-se aproximando. Todos... base."

- Mas que diabo, ele vai morrer!

A voz respondeu alguma coisa, porém Teasle não conseguiu entender. Em seguida, a voz desapareceu em meio à estática e, quando voltou, estava no meio de uma frase.

- Não consigo ouvi-lo! - Gritou Teasle.

".. Claro que pegamos... sujeito que estão caçando... Boina Verde...

Medalha do Mérito."

- O quê? Repita isso.

- Boina Verde? - Indagou Lester.

A voz estava começando a repetir, porém sumiu e nunca mais voltou a falar. Tinha começado a chover, pequeninas gotas salpicavam a poeira e a terra, batendo na calça de Teasle, encharcando-a, e caindo frias contra as costas nuas. Nuvens negras escureciam a área. Os relâmpagos estouravam e iluminavam o penhasco como se fossem um refletor. E a claridade, tão depressa quanto vinha, passava, e as nuvens voltavam, trazendo consigo outros trovões que estouravam em ondas.

- Medalha do Mérito? - Perguntou Lester, dirigindo-se a Teasle. - Foi atrás disso que nos colocou? Um herói de guerra? Um danado de um Boina Verde?

- Ele não disparou! - Disse Mitch.

Teasle olhou para ele, apreensivo, com medo de que tivesse perdido o juízo. Mas tal não acontecia. Estava excitado, tentava dizer-lhe alguma coisa, e Teasle sabia do que se tratava: já tinha refletido a respeito e achara que não era nada bom.

- Quando você arrastou o Orval - estava dizendo Mitch - ele não atirou. Ele já não está mais lá embaixo. Está dando a volta por trás de nós e chegou o momento de nos mexermos.

- Não - ordenou Teasle, com a chuva fustigando seu rosto.

- Mas temos uma oportunidade para...

- Não. Talvez esteja dando a volta, mas o que faremos, se não estiver? Que tal se ele não quer apenas um alvo, se está esperando lá embaixo por todos nós, aguardando que apareçamos sem cuidado, deixando-nos à mostra.

Todos os rostos assumiram uma coloração acinzentada. As nuvens descarregaram e começou a chover a cântaros.

A chuva caiu com vontade, despencando violenta sobre eles. Teasle nunca tinha enfrentado algo parecido. O vento fazia a chuva bater-lhe de encontro aos olhos e penetrar-lhe pela boca adentro.

- Que tempestade, puxa! Chove pra caralho!

Ele estava deitado sobre a água. Não pensou que a tempestade pudesse piorar, mas, depois, a chuva aumentou e quase ficou sob a água. Os relâmpagos refulgiam tão brilhantes quanto o sol; de repente, começou a escurecer por todos os cantos, uma escuridão que se tornava cada vez mais intensa até dar a impressão de que a noite caíra. Contudo, ainda estavam na parte da tarde, e a chuva fustigava cegamente seus olhos. Teasle não conseguia enxergar nem a beira do penhasco. Um trovão fê-lo estremecer.

- O que foi isso?

Protegeu os olhos com as mãos. Orval estava deitado, o rosto virado para cima, a boca aberta na direção da chuva. "Ele vai-se afogar", pensou Teasle. "Sua boca ficará cheia de água, ele inspirará e vai-se afogar."

Deu uma espiada na direção dos homens, deitados sobre a água que enchia o ressalto, e se deu conta de que não era apenas Orval que corria o risco de se afogar. O local onde todos estavam deitados transformara-se no leito de uma torrente caudalosa. Da elevação atrás deles escorria um fluxo de água, correndo por onde estavam, deslizando para a beira do penhasco. Embora não pudesse enxergar o ressalto, sabia qual deveria ser o seu aspecto. Era a parte de cima de uma cachoeira: se a tempestade piorasse mais um pouquinho, seriam arrastados pela borda abaixo.

E o primeiro a ir seria Orval.

Agarrou as pernas do amigo.

- Shingleton! Ajude-me! - Gritou, a água enchendo-lhe a boca.

Suas palavras foram abafadas por um trovão.

- Agarre os braços dele, Shingleton! Vamos dar o fora daqui!

A temperatura sofrera uma queda brusca. Naquele momento, a chuva batia-lhe, gelada, sobre as costas nuas. Recordou-se de histórias a respeito de homens surpreendidos pelas enchentes nas montanhas, sobre pessoas arrastadas por desfiladeiros, atiradas em cima de penhascos, espatifadas e esmigalhadas nas rochas embaixo - Temos que sair daqui!

- E o rapaz? - Alguém gritou.

- Não tem condições de nos ver agora! Não pode enxergar nada!

- Mas poderá estar-nos esperando lá em cima!

- Não temos tempo para nos preocupar com ele! Temos que abandonar este ressalto antes que a tempestade piore ainda mais. Se não sairmos, seremos varridos daqui.

Os raios coriscavam, brilhantes. Sacudiu a cabeça diante do que viu. Os homens. Seus rostos. A chuva e os raios tinham transformado seus rostos em verdadeiras caveiras brancas. Tão rápido quanto tinham aparecido, as caveiras sumiram. Teasle piscou no meio das trevas, e os trovões alcançaram-no como se fosse um rastilho de explosões de morteiros.

- Estou aqui! - Gritou Shingleton, agarrando os braços de Orval. - Peguei-o! Vamos embora!

Retiraram-no da água, dirigindo-se para a elevação. A chuva piorara, caindo mais pesada e rápida. Fustigava os lados do corpo, ensopando-os, escorrendo de seus corpos numa torrente constante. Teasle escorregou.

Caiu sobre o ombro e largou Orval em meio ao torvelinho. Lutou, debateu-se tentando agarrar o velho; procurando manter a cabeça dele fora d'água, tornou a escorregar e, então, sua própria cabeça mergulhou sob as águas e ele respirou.

Inspirou. A água penetrou-lhe pelas fossas nasais, obstruindo-as, asfixiando-o, para em seguida jorrar pelos dois pequenos orifícios na parte posterior do céu da boca, dilatando-os muito. Teasle, já fora da água, estava desatinado, alucinado, tossindo.

- Não! Orval! Agarrem o Orval! Não conseguiam encontrá-lo.

- Ele será arrastado lá para baixo!

- Aqui! - Alguém gritou. Teasle piscou, procurando afastar a chuva dos olhos, tentando ver quem tinha gritado. - Orval! Consegui pegá-lo!

A água já alcançava os joelhos de Teasle. Ele avançou com dificuldade, as pernas fazendo espuma enquanto se dirigia para o local onde o homem mantinha a cabeça de Orval acima da água.

- A correnteza o estava arrastando! - Disse o homem. Era Ward. Estava agarrado a Orval, puxando-o, lutando para levá-lo até a área mais elevada. -

Estava sendo arrastado na direção do penhasco! Bateu em mim quando passou!

Em seguida, apareceu Shingleton. Os três levantaram Orval e começaram a rumar para a encosta, cambaleando. Quando a alcançaram, Teasle empreendeu porque a água estava subindo tão depressa. Havia um Sinclinal na vertente da colina, e as águas, caindo lá de cima, rumavam para lá, descendo em seguida, como uma torrente, em cima deles.

- Precisamos avançar mais! - Exclamou Teasle. - Temos de encontrar um caminho mais fácil para alcançar o topo!

O vento mudou de direção e a chuva começou a fustigá-los vindo da esquerda. Formando um todo, rumaram para a direita, o vento ajudando-os a se deslocarem. Mas, onde estava o resto da turma? Teasle desejava saber.

Será que já estariam escalando a encosta? Estariam ainda no ressalto? Por que, diabo, não estavam ali para ajudar a carregar Orval?

O nível da água ultrapassou a altura dos joelhos. Ergueram Orval e continuaram a caminhar. Então, o vento mudou, mais uma vez, de direção: já não os empurrava mais para onde desejavam ir, puxava-os de volta para o local de onde vinham e tiveram que lutar contra a força conjugada do vento e da chuva. Shingleton estava com os braços passados em volta do ombro de Orval, Teasle segurava-lhe as pernas, Ward amparava as costas.

Escorregaram e cambalearam no meio da tempestade até que, finalmente, alcançaram o ponto onde a subida parecia ser mais fácil. Por ali também descia uma torrente de água, porém não tão violenta quanto no Sinclinal e havia rochas grandes que serviam como ponto de apoio para as mãos. "Se pelo menos pudesse

enxergar o cume", pensou Teasle. "Se ao menos pudesse estar certo de que havia rochas até lá em cima..."

Começaram a subir. Shingleton era o primeiro; caminhava de costas, inclinando o corpo para diante a fim de manter Orval à altura dos próprios ombros. Ultrapassou com esforço uma pedra atrás dele, olhou de esguelha e viu uma outra... colocou o pé por trás dela, com dificuldade, porém conseguiu ultrapassá-la também. Em seguida, vinham Teasle e Ward, inclinados, sustentando a maior parte do peso de Orval, deixando que Shingleton se preocupasse onde colocar os pés de modo que pudesse subir mais. A torrente descia caudalosa encosta abaixo, esparrinhando água contra as pernas deles.

Porém, Teasle queria saber onde estavam os outros. Meu Deus, por que não estavam ajudando? A chuva caía-lhe, gélida, sobre as costas. Carregava o amigo às cegas. Sentia a presença de Shingleton à frente, andando de costas puxando Orval com ele, os braços de Teasle estavam doendo nas articulações, os músculos contorcidos devido ao peso do velho. Avançavam muito devagar. Sabia que não iriam conseguir carregá-lo por muito tempo mais. Precisavam atingir a parte mais alta. E, então, Ward escorregou, caiu, e Teasle quase largou Orval. Esparramaram-se sobre o aclave, escorregaram alguns metros, puxados pela correnteza e todos lutaram para não soltar Orval.

Conseguiram. Começaram a escalar o aclave de forma mais rápida.

E foi até aí que chegaram. Shingleton gritou de repente, soltou Orval, despencou, batendo de encontro ao peito de Teasle. Cambalearam para trás, caindo, e Teasle não pôde continuar segurando Orval. Depois, deu-se conta de que estava caído de costas na base do aclave, a água passando-lhe por cima, o corpo batendo de encontro às pedras.

- Não pude evitar! - Gritou Shingleton. - A pedra sobre a qual estava escorregou, fugiu debaixo de meus pés!

- Orval! A correnteza arrastou-o!

Teasle começou a ir para a beira do penhasco, patinhando sobre a água.

Passou o braço em cima dos olhos, pestanejando para enxergar através do aguaceiro. Não podia deixar-se arrastar até muito próximo da orla do penhasco... a correnteza era forte demais ali. Deus, ele precisava pegar Orval.

Diminuiu o avanço, procurando chegar mais perto, limpando os olhos. Os raios iluminaram a área. E lá estava o corpo de Orval, distinto, claro, quase caindo lá embaixo. Em seguida, as trevas voltaram e o estômago de Teasle contraiu-se. Lágrimas quentes misturadas à chuva fria sobre o rosto, ele gritou até que sua garganta não suportou mais: - Que Deus amaldiçoe esses canalhas! Vou matá-los por não nos terem ajudado!

Shingleton apareceu a seu lado.

- Orval! Você o está vendo?

Teasle abriu caminho, gritando o mais alto que lhe foi possível: - Vou matá-los!

Procurou agarrar-se numa rocha, ergueu-se, colocou o pé de encontro a uma pedra e, com um impulso do corpo, galgou-a, agadanhou-a e procurou um apoio para as mãos no meio da água que passava por ele, puxando-o.

Subitamente alcançou a parte de cima arremessando-se para dentro da mata. O fragor ali era ensurdecedor. O vento vergava as árvores. A chuva cantava por entre os ramos e, bem próximo, um raio refulgente bateu contra um tronco com um som agudo, semelhante ao de um machado espatifando uma peça inteiriça de madeira.

A árvore despencou bem na frente de Teasle. Dando um salto, trepou em cima dela.

- Chefe! - Alguém gritou. - Por aqui, Chefe!

Não pôde ver o rosto. Tudo quanto conseguiu enxergar foi o corpo escondido por uma árvore.

- Por aqui, Chefe!

O homem agitava os braços, em gestos largos. Teasle atirou-se sobre ele, agarrando a parte anterior de sua camisa. Era Mitch.

- O que está fazendo? - Indagou Mitch. - O que se está passando com você?

- Ele caiu lá embaixo! - Exclamou Teasle. Afastando o punho cerrado, desfechou com toda a força um soco nos dentes de Mitch, atirando-o, primeiro, de encontro à árvore, e o fazendo despencar, depois, sobre a lama.

- Meu Deus! - Exclamou Mitch. Sacudiu a cabeça, tornou a sacudi-la.

Resmungou alguma coisa e pôs a mão sobre a boca ensanguentada. Meu Deus, o que está acontecendo com você? - Dizia. - Lester e os outros fugiram! Fiquei para trás para me juntar a vocês!

Teasle já devia ter conseguido chegar à mata àquela altura. Rambo estava certo disso. A tempestade tinha caído violenta e durante muito tempo.

Teasle e seus homens não podiam ter ficado onde estavam, naquele ressalto, sem proteção. Como a chuva dava-lhes cobertura, pois ele não tinha condições para enxergar e disparar, deviam ter procurado escalar a encosta e entrar pela mata. Não tinha importância. Não deviam estar muito longe. Rambo tinha procedido da mesma maneira, muitas vezes, sob a proteção da tempestade e sabia, exatamente, como dar perseguição aos homens.

Abandonando árvores e moitas, abriu caminho através da chuva na direção do sopé do penhasco. Tinha consciência de que, se quisesse, poderia fugir na direção oposta, adentrando-se mais na floresta. A camada de nuvens densas, escuras, que recobria o céu lhe teria oferecido uma maravilhosa oportunidade para distanciar-se ainda mais, ficando com uma vantagem de horas, de quilômetros sobre Teasle, antes que a tempestade abrandasse o bastante para que o policial prosseguisse na caçada. Estaria, então, tão longe que o Chefe de Polícia jamais seria capaz de alcançá-lo. Era bem possível que depois da emboscada e da chuva, Teasle não tivesse coragem para persegui-lo, porém isso não vinha ao caso. Naquele momento, estava decidido a não correr mais, estivesse ou não sendo perseguido. Estivera deitado sob as moitas, observando o cume do penhasco à espera de um novo alvo, pensando como Teasle o tinha levado a cometer um outro assassinato, fazendo-o ser procurado por esse crime. Pensando nos meses, pelo menos dois, que seria obrigado a fugir e esconder-se, fugir e esconder-se constantemente, até que chegasse ao México, a revolta foi crescendo cada vez mais. Por enquanto, estava resolvido a inverter a brincadeira...

faria Teasle fugir dele, haveria de mostrar-lhe como aquilo era terrível.

Aquele canalha lhe iria pagar por todas as tensões que experimentara.

"Porém, você mesmo pediu algumas dessas coisas. Não foi Teasle apenas.

Poderia ter recuado."

"Pela décima-sexta vez? Pelo amor de Deus! De jeito nenhum!"

"E daí? Ainda que fosse pela centésima vez... recuar teria sido muito melhor do que isso. Mas, deixe isso para lá. Acabe com isso. Vá embora."

"E deixar que faça a mesma coisa com outra pessoa? Que loucura!"

Precisava deter Teasle.

"O quê? Não foi por isso que agiu assim? Admita que desejou que tudo isso acontecesse. Procurou esta situação... para que lhe pudesse mostrar tudo quanto sabia, surpreendê-lo, quando descobrisse que você era o camarada errado para pôr à prova e com quem lidar. Você gosta disso..."

"Não fui eu quem procurou nada. Mas que diabo, é verdade que me estou divertindo. Esse canalha vai me pagar."

A região estava escura. As roupas agarravam-se, geladas, à pele. Mais adiante, a relva, comprida e acetinada, estava vergada sob o fustigar da chuva. Avançou com dificuldade, o mato deslizando pela calça empapada.

Alcançou as pedras e rochas que conduziam à base do penhasco. Com o maior cuidado, subiu sobre elas. A água redemoinhava, violenta, por entre as rochas e por cima delas também. Seria muito fácil cair, machucar mais ainda as costelas devido ao vento forte que soprava. Sentia-as latejar desde o instante em que tinha escorregado do penhasco e despencado contra o ramo principal da árvore. Todas as vezes que respirava sentia alguma coisa fazendo pressão, uma pressão muito forte, dentro do peito. Era como se estivesse com um anzol imenso lá dentro ou então uma quantidade descomunal de cacos de garrafa. Precisava dar um jeito naquilo. E rápido!

Muito rápido "

Escutou um ronco. Já o tinha percebido quando ainda se encontrava junto às árvores e o tinha atribuído ao som do vento conjugado ao da chuva.

Contudo, o fragor aumentava, tornava-se mais alto à medida que subia sobre as rochas rumo ao penhasco, dando-se conta de que não era a chuva.

Inesperadamente, o penhasco apareceu diante dele, nublado e, então, Rambo a viu. Uma catarata. O penhasco tinha-se transformado numa cachoeira. O aguaceiro descia encosta abaixo, rugindo, batendo com fragor de encontro às pedras, levantando borrifos muito altos que se misturavam à chuva. Não era prudente

aproximar-se mais. Começou, então, a se deslocar para a direita. Sabia que a uns cem metros dali encontraria a árvore sobre a qual caíra. E, bem próximo a ela, deveria jazer o corpo do policial que despencara lá do alto, juntamente com os cães.

Rambo não encontrou o corpo por perto da árvore. Estava decidido a dar uma olhada nos destroços do helicóptero, porém imaginou que a enxurrada deveria tê-lo arrastado por cima das rochas até atirá-lo sobre o mato alto.

Abaixou-se. O homem estava na beira do matagal, o rosto enfiado dentro da água. A parte de cima da cabeça estava afundada, os braços e as pernas esticados num ângulo estranho. Rambo sentiu curiosidade de saber que tinha acontecido aos cães, porém não conseguiu achá-los. Os corpos deveriam ter sido arrastados para mais longe, para o meio do mato alto.

Ajoelhou-se, depressa, para remexer no corpo.

Precisava apoderar-se do cinto do camarada, onde estavam os equipamentos. Segurou o rifle de maneira a não o deixar cair dentro d'água e, com uma das mãos, puxou o corpo. O rosto até que não estava em muito más condições, tinha visto outros na guerra, com aspecto bem pior.

Desviou o olhar e concentrou-se no ato de desafivelar o cinto a fim de soltá-lo. O esforço fê-lo estremecer... as costelas cortavam seu peito.

Finalmente, conseguiu puxar o cinto e verificou o que continha.

Um cantil, amassado, mas não furado. Destampou-o, bateu e ainda restou metade do conteúdo. A água estava choca e com gosto de metal.

Um revólver metido num coldre. Uma tampa de couro protegia a coronha: não devia ter penetrado muita água. Retirou a arma e ficou impressionado ao constatar como Teasle mantinha seus homens bem equipados. Era um Colt Python, com um cano de dez centímetros de comprimento e dotado de mira na ponta. Aquele modelo era sempre vendido com uma coronha de plástico, porém fora substituída por outra, manufaturada com um tipo de madeira resistente, desenhada de maneira a não escorregar caso ficasse molhada. A alça de mira, localizada junto ao cão, também tinha sido trocada. Geralmente era fixa, porém aquela tinha sido adaptada para tiros de longo alcance.

Rambo não esperava encontrar uma arma daquele quilate. A câmara operava com cartucho Magnum 357 uma das munições mais potentes.

Podia-se matar um gamo com ela. Aquela bala tinha força para atravessar o animal de lado a lado. Comprimiu a alavanca do lado e o tambor deslizou para fora. Havia cinco cápsulas; a câmara, logo abaixo do detonador, estava vazia. Enfiou, depressa, a arma de volta ao coldre para protegê-la da chuva examinou a cartucheira, onde encontrou mais quinze balas. Em seguida, afivelou o cinto em volta da cintura, abaixou-se para remexer nos bolsos do policial, o que lhe provocou dores nas costelas. Ali, nada havia que se aproveitasse. Principalmente, nada de comestível. Pensara que o camarada carregasse consigo, ao menos, algumas barras de chocolate.

O peito doía-lhe mais ainda quando estava abaixado. Precisava dar um jeito naquilo. Agora. Desafivelou o cinto que prendia a calça do policial, ergueu-se com grande dificuldade devido à dor, desabotoando a camisa de lã e a outra de algodão branco que usava sob ela. A chuva castigou seu peito.

Passou o cinto em volta das costelas e puxou-o, como se fosse um rolo de esparadrapo, para que ficasse bem apertado.

E a dor deixou de ser aguda. Tornou-se uma pressão dolorosa sob o cinto.

Difícil de respirar. Apertado.

Porém, pelo menos a dor já não era mais tão aguda.

Abotoou e sentiu a camisa de algodão encharcada e fria contra a própria pele. Teasle. Já era tempo de ir procurá-lo. Hesitou por um instante e quase se meteu pela floresta adentro: perseguir o Chefe de Polícia significaria perder tempo de fuga... se houvesse uma outra turma de busca naquelas colinas, talvez estivesse indo em sua direção. Porém, duas horas não era tanto assim. Só necessitaria desse espaço de tempo para colocar as mãos nele, e depois, sob a proteção da noite, ainda teria tempo para escapar.

Valeria a pena perder apenas duas horas, para dar uma lição naquele canalha.

Pois então, muito bem, qual o caminho a seguir? O abrigo no penhasco, resolveu. Se Teasle quisesse descer dali às pressas, havia grandes possibilidades de que voltasse para lá. Com um pouco de sorte, talvez conseguisse adiantar-se ao inimigo

e enfrentá-lo quando estivesse descendo. Andou rápido rumo à direita, acompanhando a beira do mato.

Pouco depois, tropeçou num segundo corpo.

Tratava-se do velho vestido de verde. Porém, como tinha despencado do penhasco indo acabar ali? O cinturão de equipamento não tinha uma arma.

Mas tinha uma faca de caça, uma cartucheira e, no lado de dentro, Rambo tocou em alguma coisa... comida. Pedacos de carne. Um punhado. Mordeu, quase sem mastigar, engolindo, dando outras dentadas. Salsicha, tacos de salsicha defumada, molhados e um tanto ou quanto amassados por ter o velho batido de encontro às rochas, mas era comida, e ele arrancava os pedacos, mastigava-os e os engolia depressa. Em seguida, controlou-se para fazê-lo mais devagar, mastigando-os, passando-os por todos os cantos da boca. Pouco depois, já não tinha quase mais nada. Meteu os últimos pedacos dentro da boca e chupou os dedos. Depois, tudo quanto restava era o ardor da língua devido às pimentas que estavam enfiadas dentro da carne.

Repentinamente, raios riscaram o céu, trovões rimbombaram como se a terra se tivesse espatifado. Era melhor acautelar-se. Estava tendo sorte demais. Primeiro, a arma, as balas, o cantil... depois a faca e as salsichas.

Tinha sido tão fácil apoderar-se de tudo aquilo que era melhor tomar cuidado. Sabia como essas coisas aconteciam e como desapareciam. Num momento tem-se sorte e no seguinte... bem, tomaria todo o cuidado para que a sorte ficasse a seu lado.

Teasle massageou o punho, abrindo e fechando a mão. As articulações tinham batido de encontro aos dentes de Mitch. Estavam começando a inchar. Porém os lábios do outro estavam inchando ainda mais. Mitch tentou erguer-se quando trovejou; um dos joelhos falseou, e ele caiu, gemendo, de encontro a uma árvore.

- Não devia ter dado um soco tão forte - observou Shingleton.

- Sei disso - concordou Teasle.

- Você é um pugilista treinado. Não precisava ter batido com tanta força.

- Já disse que sei disso. Não devia era ter-lhe batido. Vamos esquecer tudo.

- Mas olhe só para ele. Não consegue ficar de pé. Como conseguirá cobrir o percurso?

- Não se preocupe com essas coisas - disse Ward. - Temos problemas bem piores. Os rifles, o rádio, tudo despencou pelo penhasco abaixo.

- Ainda temos as armas de mão.

- Porém, não possuem alcance - disse Teasle. - Não contra um rifle. Mesmo à luz dos relâmpagos, o rapaz pode-nos acertar a uma distância de mil e seiscentos metros.

- A menos que prefira aguardar até que a tempestade amaine - disse Ward.

- Não. Temos que admitir a possibilidade de que venha em nossa perseguição. Já fomos bastante descuidados e precisamos começar a agir com se o pior ainda estivesse por acontecer. Ainda que ele não venha, estamos mal. Não temos alimentos, nem equipamentos. Estamos desorganizados. Mortos de cansaço. Devemos dar-nos por muito felizes, se ainda tivermos condições de rastejar quando chegarmos de volta à cidade.

Olhou para o local onde Mitch estava, sentado sob a chuva, em cima da lama, com as mãos sobre a boca, gemendo.

- Ajudem-me com ele - disse, pondo Mitch de pé. Mitch empurrou-o para longe.
- Estou bem - murmurou, através dos dentes que faltavam. Já fez o bastante. Não se aproxime de mim!
- Deixe-me tentar - disse Ward. Porém, Mitch o empurrou também.
- Estou-lhes dizendo que estou bem. - Os lábios mostravam-se arroxeados e inchados. Mantinha a cabeça pendida e escondia o rosto com as mãos. -

Que diabo, estou bem.

- Claro que está - disse Ward e agarrou-o, quando falseou o pé.
- Eu... meu Deus, meus dentes!
- Já sei - replicou Teasle, e junto com Ward, segurou-o. Shingleton olhou na direção de Teasle, balançando a cabeça.
- Que confusão! Veja como os olhos dele estão inexpressivos. E olhe para você mesmo. Como vai aguentar a noite inteira sem uma camisa? Vai ficar duro de frio!
- Não se preocupe. Trate de procurar Lester e os outros.
- A essa altura, já estão longe.
- Não com uma tempestade dessas. Não terão condições de enxergar e andar numa linha reta. Devem estar andando em círculos aqui por perto.

Todo o cuidado será pouco, se dermos de cara com eles. Lester e aquele jovem policial estão tão apavorados com o rapaz que talvez pensem que somos ele, e começarão a disparar. Já vi acontecer algo parecido antes.

Teasle pensava, sem ter tempo para lhes explicar, na sentinela que tinha atirado contra um companheiro, por engano, lá na Coréia, durante uma tempestade de neve. Recordava-se da noite chuvosa em Louisville, quando dois policiais atrapalharam-se e atiraram um contra o outro. O pai dele.

Também acontecera algo parecido com o pai dele... mas não podia permitir-se pensar naquilo, recordar...

- Vamos indo - disse, repentinamente. - Temos muitos quilômetros a cobrir e não estamos ficando mais fortes. Guiaram Mitch através das árvores, a chuva empurrando-os. No início, suas pernas atolavam na lama; depois, conseguiu andar desajeitado, quase arrastando-se.

"Um herói de guerra", pensou Teasle, com as costas entorpecidas devido à chuva fria que escorria por elas. "O rapaz tinha dito que estivera na guerra, mas quem teria pensado em acreditar nele? Por que o rapaz não dissera mais alguma coisa?"

"Será que isso teria feito alguma diferença? Será que teria lidado com ele de um jeito diferente?"

"Não. Não poderia agir assim."

"Ótimo, portanto, preocupe-se apenas com aquilo que ele poderá fazer contra você quando aparecer."

"Se vier. Talvez esteja enganado. Talvez não apareça."

"Ele voltou à cidade por diversas vezes, não? E voltará desta feita também.

Oh, ele voltará... tenho certeza."

- Ei, você está tremendo - disse Shingleton.

- Limite-se a procurar Lester e os outros.

Não podia deixar de pensar naquilo. Enquanto ele e os outros arrastavam-se por entre as árvores, sob a chuva, as pernas retesadas, encontrando dificuldade para deslocá-las, amparando Mitch, Teasle não conseguia deixar de recordar o que acontecera ao pai e aos outros seis homens, naquele sábado, quando tinham ido caçar veados. O pai quisera levá-lo, porém três dos companheiros opinaram contra, afirmando que era jovem demais. O pai não gostara da maneira como tinham dito aquilo, porém não quisera replicar. Aquele era o primeiro dia da estação de caça, e uma discussão estragaria tudo. E toda a história voltou-lhe à mente. A maneira como tinham tomado posições ao longo do leito seco do rio, onde tinham encontrado rastos frescos de veado e excrementos. Como o pai tinha dado a volta para atingir a parte mais elevada. Ali chegando, tinha feito barulho para assustar o animal e fazê-lo rumar para o leito seco do rio, onde os outros poderiam avistá-lo e disparar. A ordem era: todos deveriam permanecer nas mesmas posições para que

não houvesse a possibilidade de ninguém se enganar quanto à localização de qualquer outro homem.

Contudo, um deles, na primeira caçada da qual participava, cansado de aguardar o dia inteiro pela aparição do veado, começou a perambular pelas redondezas para ver se conseguia encontrar o animal. Escutou um barulho, viu um movimento no meio dos galhos secos, atirou e esfaqueou a cabeça do pai de Teasle, em duas partes. O corpo não tinha ficado exposto durante muito tempo; a cabeça estava bem mais espatifada do que parecera de início. Mas o dono da casa funerária usou uma peruca e todos foram de opinião de que ele parecia estar vivo. Orval tomara parte nessa caçada e, agora, também estava morto. Enquanto Teasle orientava Mitch através da tempestade e da ribanceira, o medo que sentia aumentava cada vez mais, aterrorizado diante da ideia de que ele também iria morrer. Fez um esforço para ver se Lester e os outros estavam lá adiante, no meio do arvoredo escuro. Se tivessem perdido a direção e atirassem assustados contra eles, sabia que a culpa seria inteiramente sua. Afinal de contas quem eram os seus subordinados? Policiais de trânsito ganhando cinco mil e setecentos dólares anuais, investigadores de cidade pequena, treinados para lidarem com crimes de cidade pequena, sempre ansiosos para que não acontecesse nada de sério, sempre buscando ajuda quando necessitavam. E ali estavam eles, nas montanhas agrestes do Kentucky, sem nenhum auxílio por perto, lutando contra um matador experiente e só mesmo Deus sabia como tinham conseguido aguentar todo aquele tempo. Se deu conta de que jamais deveria tê-los levado até ali. Deveria ter esperado pela polícia estadual.

Durante cinco anos, estivera enganando a si mesmo, dizendo que aquele departamento era tão duro e disciplinado quanto o de Louisville, mas, naquele momento, compreendia que seus homens, durante esses anos, tinham-se acostumado, pouco a pouco, com a rotina, e tinham perdido força. E o mesmo acontecera a ele. Pensando como tinha discutido com Orval ao invés de concentrar toda a atenção no rapaz, como tinham perdido todo o equipamento, com a turma de busca estava dividida, perdida, e Orval morto, é que começou a se dar conta... a ideia crescia dentro de si, ele a afastava, ela tornava a crescer e novamente era afastada... como tinha, na realidade, se tornado mole e descuidado.

Por exemplo, ao atacar Mitch com um soco.

Não advertindo a Orval para se manter abaixado.

O primeiro disparo confundiu-se com o trovão e não podia ter certeza de que realmente o tinha ouvido. Parou e olhou para os outros.

- Vocês ouviram?

- Não estou muito certo - respondeu Shingleton. - Mais acima, creio. Mais para a direita.

Depois, foram ouvidos mais três estampidos e não mais tiveram dúvidas de que se tratava de tiros de rifle.

- É o Lester - disse Ward. - Mas não está atirando nesta direção.

- Não creio que tenha conseguido conservar o rifle - disse Teasle. - Quem está atirando é o rapaz.

Escutou outro disparo, novamente de um rifle. Ficou esperando por mais um, porém nada mais ouviu.

- Deu a volta e agarrou-os na abertura do penhasco - observou Teasle. -

Quatro disparos. Quatro homens. O quinto foi para acabar com alguém.

Agora, virá atrás de nós. - Apressou-se em guiar Mitch na direção oposta aos tiros.

Ward parou.

- Espere aí. Não vamos tentar ajudá-los? Não podemos abandoná-los assim.

- Pode estar certo. Eles estão mortos.

- E agora o rapaz virá atrás de nós - disse Shingleton.

- Com toda certeza - concluiu Teasle.

Ward lançou um olhar ansioso na direção de onde os tiros tinham partido.

Fechou os olhos, sentindo-se mal.

- Pobres coitados! - Sustentou Mitch a contragosto, e todos, dirigiram-se para a esquerda, apressando o passo. A chuva diminuiu de intensidade para, pouco depois, cair mais pesada.

- O rapaz, com toda a probabilidade, nos esperará lá no penhasco, se levar em conta a possibilidade de não termos escutado os tiros - disse Teasle. -

Isso nos dará uma vantagem. Assim que tiver certeza de que não passaremos por lá, abandonará a ribanceira para tentar descobrir nosso rasto. Mas esta chuva apagará tudo e não conseguirá encontrar nada.

- Então ficaremos a salvo - disse Ward. - Estaremos salvos - repetiu Mitch.

- Não. Quando não conseguir encontrar nosso rasto, tratará de correr na direção da extremidade da ribanceira e tentará passar nossa frente.

Descobrirá um local por onde pensará que devemos descer e ficará por ali a nossa espera.

- Pois muito bem, - disse Ward - tudo quanto teremos que fazer é chegar lá antes dele, não?

- Antes dele, não? - Repetiu Mitch, atordado.

Ward fez aquilo parecer tão fácil. A repetição de Mitch fora tão engraçada que Teasle riu, nervoso.

- Mas claro! Só teremos que chegar lá antes - disse, olhando para Shingleton e Ward, impressionado com a convicção dos dois e, de repente, achou que afinal as coisas poderiam dar certo.

Às seis horas da tarde, a chuva transformou-se numa violenta tempestade de granizo. Shingleton recebeu tantas pancadas no rosto que foram forçados a ficar grudados uns nos outros sob a proteção de uma árvore. As folhas já tinham caído, porém os galhos eram suficientes para desviar algumas pedras de gelo. Outras passavam pelos espaços vazios, batendo com força de encontro ao peito e as costas nuas de Teasle e sobre os braços que ele mantinha erguidos para proteger a cabeça. Ele estava alucinado para recomençar a caminhada, porém reconhecia que seria uma loucura tentá-lo: algumas poucas vergastadas de pedras daquele tamanho seriam suficientes para atirar um homem ao chão. Porém, quanto mais tempo ficassem agachados junto à árvore, mais tempo teria o rapaz ir alcançá-los.

A única esperança que ainda lhe restava era o granizo ter obrigado o rapaz a parar também e procurar um abrigo.

Esperou, olhando em volta, preparado para um ataque. Finalmente, a tempestade de granizo parou, assim como a chuva. Começaram a movimentar-se, rápidos, pela ribanceira, já que clareara um pouco e o vento parara de soprar. Os ruídos que faziam correndo sobre a vegetação rasteira, agora sem o cantar da chuva e do vento, tornaram-se bem nítidos fortes, e eram um sinal para o rapaz. Tentaram prosseguir mais lentamente, mas os ruídos continuavam tão fortes quanto antes, por isso aceleraram o passo novamente, movimentando-se com estardalhaço.

- Será que essa elevação não termina nunca? - Indagou Shingleton. - Já estamos andando há séculos, já cobrimos muitos quilômetros.

- Muitos quilômetros - repetiu Mitch. - Oito quilômetros. Nove. Dez. -

Mais uma vez, arrastava os pés.

Em seguida, caiu. Ward levantou-o. E, logo depois, foi levantado, por sua vez, despencando para trás. A detonação do rifle retumbava através das árvores. Ward jazia de costas, braços e pernas levantados num frenesi mortal. Teasle, de onde estava, deitado sobre o chão, pôde ver que o companheiro fora atingido no peito. Ficou estarecido por estar estirado no solo. Não se lembrava de ter-se atirado ali. Estava surpreso ao constatar que empunhava a pistola.

Meu Deus, Ward também estava morto. Desejou rastejar para junto dele...

mas de que adiantaria? E Mitch? Ele também. Tinha caído no meio da lama, jazendo imóvel, como se tivesse recebido um tiro, também. Não. Ele estava bem... os olhos se abrindo... pestanejando... olhando para uma árvore.

- Conseguiu ver o rapaz? - Indagou Teasle a Shingleton, com rapidez. - Viu de onde o tiro partiu?

Nenhuma resposta. Shingleton estava grudado ao chão, os olhos fixos, sem expressão, num ponto mais adiante, o rosto contraído.

Teasle sacudiu-o.

- Perguntei-lhe se o viu. Não fique assim!

Sacudi-lo foi a mesma coisa que abrir uma válvula de escape. Shingleton reagiu, o punho cerrado juntinho do rosto de Teasle.

- Não ponha essas mãos imundas em cima de mim!

- Perguntei-lhe se ouviu.

- Respondi que não!

- Não disse nada!

- Nada - ecoou Mitch como um tolo. Olharam para ele.

- Vamos, ajude-me, depressa - disse Teasle. Puxaram-no mais para diante, para dentro de uma depressão rasa delimitada por arbustos, com uma árvore apodrecida, caída ao longo da borda anterior. A cavidade estava cheia de água da chuva. Teasle foi mergulhando aos poucos, sentindo o frio tomar conta do peito e do estômago.

As mãos tremiam, enquanto examinava a pistola para ver se tinha entrado água no tambor. Sabia o que tinha que ser feito e ficou com medo. Porém não encontrava outra saída... se refletisse demais sobre aquilo, talvez não conseguisse realizá-lo.

- Fique aqui com o Mitch - falou, dirigindo-se a Shingleton. A boca estava seca. Há horas que não bebia nada. - Se alguém voltar através destes arbustos e não disser logo que sou eu, atire.

- O que está querendo dizer com esse fique aqui? Onde...

- Mais para a frente. Se tentarmos correr de volta por onde viemos, o rapaz só precisará seguir-nos. Podemos poupar-nos da corrida e tentar acabar com isto aqui mesmo.

- Mas ele tem experiência numa luta desse tipo.

- E eu recebi treinamento para realizar patrulhas noturnas na Coréia. Já faz vinte anos, porém ainda não me esqueci de tudo. Talvez esteja lento e fora de forma, mas não me vem à cabeça nenhuma ideia melhor.

- Fique aqui e espere por ele. Deixe-o aproximar-se. Sabemos que virá.

Estamos preparados para isso.

- E o que acontecerá quando a noite cair, e ele vier rastejando em nossa direção antes que o percebamos?

- Sairemos daqui quando escurecer.

- Claro. E faremos tanto barulho que nem precisará avistar-nos para nos matar. Tudo quanto terá que fazer é mirar na direção do ruído. Acabou de declarar isso. O rapaz recebeu um treinamento especializado, e aposto como pensa que chegamos ao nosso limite. Não acredita que eu seja capaz de, com um pouco de sorte, abandonar a posição em que me encontro e passe a agir como ele o faria. Espere que eu fuja... não que ataque.

- Pois, então, vou com você.

- Não. Precisa ficar ao lado de Mítch. Se nós dois ficarmos rastejando por aí, talvez o barulho seja suficiente para alertar o rapaz.

Teasle tinha uma outra razão para fazer aquilo sozinho, porém não quis perder tempo dando maiores explicações. Já tinha esperado demais.

Imediatamente, rastejou para fora da depressão, rumo à esquerda, contornando a árvore caída. A lama estava tão gélida contra seu estômago que foi preciso muita força de vontade para se manter colado ao solo.

Avançou serpenteando por diversos metros, parou para ouvir, tornou a serpentear para diante, e todas as vezes que enfiava os sapatos na lama para dar impulso ao corpo, escutava um ruído igual ao de uma sucção e ficava tenso. O ruído aumentou ainda mais, até que, finalmente, deixou de usar os pés e passou a avançar com a ajuda dos cotovelos e joelhos, tendo sempre o cuidado de manter a pistola distante da lama. Enquanto se enfiava por baixo de alguns arbustos, gotas de água escorreram pela espinha abaixo.

Parou, escutou e tornou a rastejar.

"De qualquer maneira, Shingleton não teria mesmo compreendido a outra razão que o levava a agir assim", pensou. "Não fora Shingleton que estava no comando e cometera todos os erros, provocando a morte de Orval e Lester, do jovem policial, de Ward e de Galt, isso sem falar nos dois homens que estavam no helicóptero e tudo o mais. Logo, como poderia Shingleton entender por que ele não ia deixar ninguém morrer em seu lugar? Desta feita, seria apenas ele e o rapaz, ninguém mais. Da mesma maneira como tudo havia começado. Se houvesse mais outros erros, seria apenas ele quem pagaria."

Quando Teasle abandonara a depressão, o relógio de pulso marcava seis e meia. Estava tão ocupado concentrando-se nos movimentos e nos ruídos a sua volta que já eram sete horas, quando tornou a olhar para o mostrador.

Um esquilo que subia por uma árvore deu-lhe a impressão de que era o rapaz, e aproximou-se para disparar contra ele. A luz estava começando a diminuir novamente, não devido às nuvens, mas sim porque a noite começava a cair. O ar estava mais fino, e Teasle tremia ao rastejar. Ainda assim, pequenos fios de suor escorriam rosto abaixo, pelas costas e sob os braços.

Era o medo. A pressão escaldante no ânus. A adrenalina esguichando no estômago. Sentiu uma vontade louca de dar meia-volta e retornar, porém, exatamente por isso, dominou-se, avançando ainda mais. "Meu Deus do céu, se perdesse aquela oportunidade, seria por sentir medo de enfrentar a morte, Cristo, não! Tinha de fazer aquilo por Orval. Por todos os outros, também."

Sete e quinze. Já se tinha afastado muito, rastejando. Andara para frente e para trás através da mata, parando, analisando com toda a atenção o interior de grutas e de moitas espessas, a fim de se certificar de que o rapaz não se encontrava escondido ali. Pequenos ruídos, barulhos pelos quais não esperava, como o estalar de um galho, fazia-o supor que era o rapaz preparando-se para disparar; ou então o roçar

de folhas levava-o a pensar que o rapaz se aproximava dele por trás. Rastejava devagar, tentando vencer o pânico, para não sair correndo a toda e terminar logo com aquilo, lutando para se concentrar em tudo que havia a sua volta. Tudo quanto o rapaz necessitava era de uma proteção mínima. Tudo quanto ele tinha que fazer era relaxar e não vasculhar cada arbusto, ou cada toco de árvore ou uma depressão do terreno, pois isso poderia representar o fim. Tudo aconteceria tão depressa que nem ao menos teria tempo de escutar a explosão do tiro que o mataria.

Eram sete e meia. As trevas já tinham caído, profundas, o suficiente para enganá-lo. O que lhe parecera o rapaz não passava do tronco escuro de uma árvore retorcida, lá ao longe na escuridão. Uma tora caída por detrás de um arbusto também lhe trouxera uma decepção, e Teasle tinha consciência de que dera tudo de si. Era tempo de voltar. Aquele era o pior momento.

Sentia os olhos cansados, as sombras tocavam-no e tinha vontade de voltar correndo para o lado de Shingleton, ansiava para relaxar um minuto e deixar que o companheiro ficasse vigiando o rapaz. Porém, não podia desistir da busca e retornar a toda para o ponto de partida. Ainda que voltasse, teria de ser devagar, observando cada arbusto, cada árvore, antes de se deslocar. Tinha que olhar para trás para se certificar de que o rapaz não se aproximava rastejando.

Suas costas pareciam-lhe tão nuas, tão claras na escuridão que tinha a impressão de que, se olhasse em volta, veria o rapaz mirando para a reentrância entre as suas omoplatas, sorrindo. A bala espatifaria o osso das costas, estraçalharia as entranhas e ele morreria instantaneamente. Apesar de não o querer fazer, apressou-se em voltar.

Quase se esqueceu de avisar a Shingleton que era ele. Não ser ia gozado?

Depois de se arriscar tanto à procura do rapaz... acabar sendo morto por um dos companheiros...

- Sou eu - sussurrou. - Sou eu, Teasle. Mas ninguém respondeu.

Pensou consigo mesmo: "Sussurrei muito baixo e ele não me ouviu."

- Sou eu - tornou a dizer, mais alto. - Teasle. Contudo, não obteve nenhuma resposta. Teasle sabia que alguma coisa tinha de estar errada.

Circundou a depressão, aproximando-se por trás, e alguma coisa estava mais do que errada. Shingleton não se encontrava ali. Mitch estava deitado de costas, em cima da água, a garganta cortada de uma orelha a outra, o sangue que escorria exalava fumaça devido ao frio exterior. Shingleton.

Onde estava Shingleton? Preocupado, cansado de esperar, talvez tivesse saído também em perseguição ao rapaz. Abandonara Mitch. O rapaz fora até ali e cortara a garganta de Mitch, para não quebrar o silêncio. O rapaz, Teasle se deu conta, o rapaz deveria estar por perto. Agachou-se e esperou.

A visão de Mitch, a ânsia de tentar proteger-se sob todos os ângulos deu-lhe vontade de gritar: Shingleton, volte aqui. Shingleton! Quem sabe se dois homens, ocupando posições opostas, não poderiam localizar o rapaz antes que este fizesse alguma coisa contra eles. Teve vontade de chamar: Shingleton!

Contudo, aconteceu o inverso. Foi Shingleton quem o chamou do local onde se encontrava, à direita.

- Cuidado, Will, ele me pegou!

O aviso de Shingleton foi acompanhado por um tiro de rifle, e foi o máximo que Teasle pôde suportar. Não aguentou mais, começando a correr antes que o percebesse, berrando, disparando, embrenhando-se pelas trevas, embarafustando-se por entre as árvores e arbustos. Aaaaeiii, gritava. "O

nicho no penhasco", era tudo quanto podia pensar. O penhasco, o penhasco!"

Rambo atirou contra Teasle, porém quase não havia claridade, as árvores eram muito espessas. Porém, Shingleton agarrara o rifle, fazendo a bala desviar-se para baixo. Já devia ter morrido... recebera um tiro no crânio...

como tinha conseguido levantar-se, agarrar o rifle e desviá-lo do alvo?

Rambo não pôde deixar de admirar aquela atitude, enquanto disparava novamente contra Shingleton, desta feita num dos olhos. Agora tinha certeza de que o policial estava morto.

Começou a perseguir Teasle imediatamente. O rumo dele, era óbvio, seria para o nicho no penhasco, e Rambo preparou tudo para acabar com ele ali.

Não seguiu exatamente a mesma trilha de Teasle... este poderia readquirir o autocontrole e ficar deitado em algum lugar à espera dele. Por isso, correu paralelamente, esforçando-se para chegar antes ao penhasco.

Mas não conseguiu alcançar seu intento. Correu a toda através da mata.

Naquele momento, podia ver a beira do penhasco e a parte de cima do nicho. Deixou-se cair sobre os joelhos, escondendo-se para aguardar a passagem de Teasle. Mas, então, escutou algumas pedras rolando pela encosta abaixo e o som de uma respiração ofegante. Correu e chegou a tempo de ver Teasle pular para o interior do nicho, escondendo-se na depressão da parede do penhasco. Viu também os corpos dos quatro homens, lá embaixo, no local onde os tinha abatido, e não gostou da posição em que se encontrava. Teasle estava agora com uma vantagem sobre ele. Se começasse a descer na direção do nicho, haveria de se tornar um alvo tão fácil para o Chefe de Polícia como tinha acontecido com os quatro policiais com relação a ele mesmo.

Sabia que Teasle não aguentaria passar toda a noite, ali, à espera dele. Dali a pouco, resolveria arriscar-se e sairia de onde estava; e ele ficaria lá em cima, suspeitando de que Teasle abandonara a posição, mas, ao mesmo tempo sem desejar arriscar-se, caso ainda lá estivesse. Precisava descobrir uma outra maneira de abandonar aquela elevação para se pôr a salvo. Essa maneira só poderia ser na direção que o Chefe de Polícia tomaria para voltar à cidade.

Voltou correndo para o ponto onde tinha matado Shingleton. Passou por ele, continuou a toda rumo ao local onde esperava que a elevação desse acesso ao desfiladeiro. E foi exatamente isso que aconteceu. Meia hora mais tarde Rambo estava no vale, correndo através da mata na direção de uma extensão de relva que tinha visto lá de cima. A luz ficava cada vez mais fraca. Apressava-se para alcançar a relva antes que as trevas o impedissem de localizar a pista de Teasle. Atingiu a relva, correu através da fileira de árvores que a bordejava, sem desejar transformar-se num alvo, enquanto procurava rastos, que, partindo dali, fossem até o espaço aberto.

Olhou... correu para dar uma olhada mais adiante. Mas não descobriu nenhum rasto. Julgou que Teasle talvez se tivesse demorado a abandonar o penhasco, começou a se preocupar, achando que o Chefe de Polícia estava atrás dele, aproximando-se, observando-o. Somente quando recomeçou a chover, quando tudo ficou ainda mais escuro, é que encontrou um local onde a relva fora pisada. Mais adiante. Porém, tinha que aguardar, evitando dar a Teasle uma vantagem. Apesar de desejar ardentemente sair a toda atrás dele pelo campo aberto, tinha de esperar até que tudo estivesse totalmente escuro: talvez Teasle não estivesse correndo à frente dele, poderia estar escondido sob os arbustos, lá do outro lado, fazendo pontaria contra ele. Mais tarde, quando julgou que já estava bastante escuro para que pudesse correr sem se tornar um alvo, teve uma decepção, pois, ao atingir o lado oposto, constatou que o Chefe de Polícia não estava por ali.

A chuva caía, leve, através das árvores, abafando muito pouco os ruídos e, mais adiante, alguma coisa lutava para abrir passagem por entre a densa vegetação rasteira.

Seguiu naquela direção, parou, escutou, corrigiu o rumo de acordo com o barulho que percebia, em seguida recomeçou a correr. Esperava que, dentro em breve, Teasle desistisse de correr, tentando armar-lhe uma cilada.

Contudo, enquanto pudesse distinguir os sons dos passos de Teasle, era mais seguro continuar na perseguição, fazendo os barulhos que fossem necessários. Então, num dado momento, parou para prestar atenção e notou que a correria a sua frente também tinha parado, por isso mergulhou contra o solo e começou a rastejar, silenciosamente, para diante.... Um minuto depois o som da corrida recomeçou. Rambo pôs-se de pé, prosseguindo o caminho. As coisas desenrolaram-se assim durante uma hora: correndo, parando, escutando, rastejando, correndo. A chuva continuava a cair fina e fria. O cinto que estava passado em volta do seu peito afrouxou-se, e foi forçado a apertá-lo para diminuir a dor. Naquele momento,

estava certo de que as costelas estavam fraturadas e dilaceravam a parte interna de seu peito. Teria desistido de tudo, mas sabia que agarraria Teasle em poucos minutos. Dobrou o corpo devido às dores, mas o Chefe de Polícia continuava a correr. Fez um esforço, empertigou-se, obrigando-se a avançar.

A perseguição continuou através de uma inclinação coberta de árvores, por uma lombada coberta de pedras e descendo na direção de um rio. Dali, prosseguiu ao longo da margem, pelo meio da mata que havia do outro lado da corrente de água, e através de uma ravina. A dor que sentia no peito crescia a cada pulo que dava. Rambo quase escorregou na ravina, endireitou o corpo, tentou escutar os ruídos produzidos por Teasle, conseguiu e continuou atrás dele. Todas as vezes que o pé direito tocava o chão, o impacto deslocava-se pelo mesmo lado acima, dando origem à dor.

Estava duplamente doente.

A configuração do terreno repetia-se, subida e descida. Deslocando-se aos tropeções, encosta acima por entre rochas e arbustos, Teasle teve a impressão de que estava de volta ao ressalto, tentando chegar ao alto da elevação onde estava a mata. Não conseguia ver o cume no meio das trevas que o envolviam. Gostaria de saber a que distância estava. Não poderia continuar subindo por muito tempo mais. A chuva estava deixando as pedras escorregadias, ele perdia o equilíbrio, caindo com violência de encontro ao solo. Experimentou prosseguir rastejando, mas as pedras rasgaram sua calça e cortaram seus joelhos, enquanto que, lá atrás, junto às árvores do sopé, escutava o rapaz abrindo caminho através da vegetação rasteira.

Arrastou-se mais rápido. Se, ao menos, pudesse distinguir o cume e saber a distância que ainda teria que percorrer... Naquele momento, o rapaz já devia ter abandonado a mata e começado a ascensão. Teasle pensou em atirar às cegas para mantê-lo onde estava. Impossível! Os clarões da pistola proporcionariam um alvo para o rapaz. Meu Deus, tinha que fazer alguma coisa!

Numa única e desesperada arrancada atingiu o cume, porém, só se deu conta disso quando deu um passo em falso e quase não teve tempo de se agarrar a uma pedra para não rolar encosta abaixo. Agora. Agora estava em condições de poder disparar. Atirou-se ao chão e tentou descobrir o ponto por onde o rapaz procedia à subida da encosta. Quando percebeu o barulho, atirou por seis vezes naquela direção. Em seguida, achatou-se de encontro ao solo, aguardando o resultado. Um tiro passou zunindo por cima dele.

Ouviu o rapaz desviando-se para a esquerda; disparou, novamente, na direção do som, antes de começar a descer, correndo, o outro lado da encosta. Tornou a falsear o pé. Desta feita bateu com o ombro de encontro a uma pedra e não pôde evitar de rolar até lá embaixo, enquanto agarrava o ombro machucado.

Deixou-se ficar deitado sobre o solo, estonteado. Sentia-se sem fôlego, lutou para respirar, mas não conseguiu. Contraiu e relaxou os músculos do estômago, mas estes teimavam em ficar relaxados. Depois, conseguiu inspirar um pouco de ar, mais outro pouco, e já estava começando a respirar num ritmo normal quando escutou o rapaz arrastando-se de encontro às pedras lá do topo. Pôs-se de joelhos, depois levantou-se e descobriu que, durante a queda, tinha largado a pistola. Estava

em algum ponto, lá no alto da encosta. Não dispunha de tempo para retroceder e ir buscá-la. Não havia luz suficiente para que pudesse encontrá-la.

Entrou pelo meio do mato. Teve a impressão de que andava em círculos, sem se dirigir para nenhum lugar, apenas dando voltas até que estava novamente no ponto de partida. Os joelhos já estavam sem forças. Andava sem direção. Batia de encontro às árvores. Uma visão alucinada apareceu diante dele. Viu-se, lá na delegacia, os pés descalços em cima da mesa, a cabeça inclinada, tomando sopa quente. Sopa de tomate. Não, era feijão com bacon. Aquela de qualidade saborosa e cara, cujo rótulo recomendava para não se adicionar água.

Agora, era apenas uma questão de tempo. Mais alguns poucos minutos e poria as mãos em cima dele. Os sons a sua frente estavam diminuindo, tornando-se mais raros, menos nítidos. Podia escutar a respiração difícil de Teasle... encontrava-se bem próximo dele. O Chefe de Polícia o tinha feito correr, isso era verdade. Rambo pensara que iria conseguir agarrá-lo muitos quilômetros antes, contudo a caçada ainda prosseguia. Porém não seria por muito tempo mais. Apenas uns poucos minutos. Só isso.

Fora forçado a diminuir o ritmo devido à dor nas costelas, mas ainda assim mantinha uma boa velocidade. Não estava muito preocupado, de vez que Teasle também começava a deslocar-se lentamente. Mantinha as mãos sobre as costelas, para aumentar a pressão do cinto. Estava com todo o lado direito inchado. O cinto, sob a ação da chuva, tinha afrouxado ainda mais e, por isso, era obrigado a fazer pressão com as mãos.

Pouco depois, tropeçou e caiu. Isso já lhe tinha acontecido antes. Não, estava enganado. Tinha tropeçado lá na ravina. Tornou a falsear o pé e, ao endireitar o corpo, tendo que lutar para conseguir seu intento, pareceu-lhe que talvez fossem necessários mais do que alguns minutos para poder pegar Teasle. De qualquer maneira, seria dentro em pouco. Disso não tinha dúvida. Apenas um pouquinho mais do que alguns minutos. Só isso.

Será que tinha dito aquilo em voz alta?

Quando esbarrou contra as sarças, estas bateram-lhe em cheio sobre o rosto. As pontas penetraram-lhe na carne. Recuou, colocando a mão sobre as maçãs do rosto todas arranhadas. Sabia que não era a chuva que lhe molhava as faces e as mãos. Contudo, não se importava com isso, pois mais adiante podia perceber o rastejar de Teasle por entre as sarças. Isto era o que importava. Alcançara-o. Passou para o lado esquerdo, acompanhando o alinhamento das plantas, esperando que estas se desviassem para baixo, levando-o até a base, onde poderia repousar e esperar até que Teasle saísse dali. Não poderia ver a expressão de surpresa estampada no rosto de Teasle quando atirasse nele, devido à escuridão.

Contudo, quanto mais depressa andava acompanhando a borda da fileira de sarças, mais esta alongava-se. Começou a se perguntar se, por acaso, aquelas plantas não

cobririam toda aquela parte da encosta. Prosseguiu para a frente, mas as sarças não mudavam de rumo e, então, ficou quase certo de que se espalhavam por toda a elevação. Quis parar e retornar, porém julgou que, se insistisse um pouco mais, as plantas teriam forçosamente que descer. Perdeu o controle do tempo. Cinco minutos pareciam-lhe quinze, depois vinte. Estava perdendo tempo, deveria ter-se dirigido para o local onde estava Teasle, mas então já era tarde. No meio das trevas que o envolviam, não fazia ideia para que lado o Chefe de Polícia tinha ido.

"Volte. Talvez as sarças não se estendam tanto na outra extremidade da encosta, talvez se desviem para a base, naquele local." Prosseguiu no mesmo sentido em que ia, até que não acreditou mais que elas se alongassem até o sopé. Quando tornou a tropeçar e caiu, deixou-se ficar de barriga para baixo sobre a relva enlameada.

Tinha perdido o outro. Empregara tanto tempo e forças para conseguir aproximar-se dele e o tinha perdido. Sentia dor no rosto devido aos talhos feitos pelas sarças. As costelas pareciam estar em fogo, as mãos inchadas, as roupas em farrapos, o corpo todo cortado. E o tinha perdido. A chuva caía em gotas finas e frescas. Rambo ficou estirado no chão, respirando profundamente, deixando que o peso morto dos braços e pernas repousasse a cada expiração lenta... e pela primeira vez, ao que se recordava, chorava, chorava baixinho.

A qualquer momento, o rapaz surgiria do meio das sarças correndo atrás dele. Teasle rastejava como um alucinado. Depois, as plantas ficaram mais junto ao chão, mais espessas, até que se viu forçado a ficar colado de encontro ao solo e serpentear. Ainda assim, os ramos mais baixos arranharam suas costas, agarraram-se ao fundo da calça e, ao tentar libertar-se, outros galhos prenderam-se aos braços e aos ombros. Pensou: "Ele está-se aproximando." Então, lutou desesperadamente para avançar, deixando os espinhos penetrarem na carne. A fivela do cinto mergulhou na lama e esta penetrou-lhe pela calça abaixo.

Mas, afinal, para onde estava indo? Como poderia estar certo de não estar andando em círculos, voltando para junto do rapaz? Parou, amedrontado. A terra descia abruptamente. Devia estar na encosta de uma colina. Se continuasse rastejando para baixo, poderia avançar numa linha reta. Será que sim? Era difícil refletir, sufocado no meio daquele emaranhado escuro e pela chuva ininterrupta. "Seu canalha, conseguirei safar-me e vou matá-lo por isto tudo."

Matá-lo por isto.

Afastou a cabeça da lama. Não conseguia lembrar-se se tinha avançado um pouco. E, paulatinamente, se deu conta de que tinha estado sem sentidos.

Aprumou-se e olhou em volta. O rapaz poderia ter rastejado até junto dele enquanto estivera desacordado e cortado sua garganta, exatamente como tinha feito com Mitch.

- Meu Deus - disse em voz alta. A voz soou tão lúgubre que o assustou. -

Cristo! - Falou alto, novamente, para clarear a voz. Porém, a palavra partiu-se como uma crosta de gelo.

"Não, estou errado", pensou, sentindo que a mente começava a clarear. O

rapaz não se teria aproximado, rastejando, enquanto eu estava desmaiado, para me matar. Antes de mais nada, me teria despertado. Faria questão de que eu tomasse conhecimento do que se estava passando."

Então, onde estava ele? Observando-o de um lugar próximo? Será que tinha descoberto meus rastros, estaria vindo? Prestou atenção para ver se partia algum barulho do meio do matagal. Não escutou nada. Não podia parar, precisava manter a distância entre os dois.

Porém, ao tentar rastejar mais depressa, só teve forças para avançar muito pouco. Devia ter ficado inconsciente durante muito tempo. Naquele momento, a escuridão não era completa, havia um pouco de claridade, e pôde distinguir as sarças por todos os lados, espessas, feias, com espinhos muito longos. Passou os dedos pelas costas. Estava parecendo um porco espinho, dúzias de espinhos estavam enterrados em sua carne. Olhou para as mãos cheias de sangue e recomeçou a rastejar. Talvez o rapaz estivesse ali, bem pertinho, observando-o, deliciando-se com seu sofrimento.

Depois, tudo ficou confuso. O sol tinha-se levantado e, através das copas das sarças, viu o céu, um céu azul brilhante e forte. Riu. "Por que está rindo?"

"Rindo de quê? Não consigo lembrar-me do momento em que parou de chover e agora o céu está límpido e, meu Deus, já amanheceu!" Tornou a rir e percebeu que estava ficando tonto. E como aquilo era gaiato, soltou uma gargalhada. Tinha rastejado uns três metros, afastando-se da proteção das sarças, entrando num campo arado no outono, antes que compreendesse o que tinha feito. Aquilo era uma piada! Olhou de revés e tentou enxergar o final da plantação, mas não o conseguiu. Procurou vê-lo de pé, mas também não pôde. Sentia a cabeça girando tanto que não pôde deixar de soltar outra gargalhada. De repente, silenciou. O rapaz deveria estar por ali, em algum lugar, fazendo pontaria. Está-se divertindo, vendo-me sair das sarças todo retalhado, antes de disparar. O...

Filho da puta eu...

Feijão com sopa de bacon...

Sentiu ânsias de vômito.

E isso também era uma piada. Afinal, o que tinha dentro do estômago para vomitar? Nada. Isso mesmo, nada. Então, o que era aquilo ali no chão, diante dele? Torta de framboesa, pilheriou. E só de pensar tornou a sentir náuseas.

Recomeçou a engatinhar até alcançar dois sulcos deixados por carroças e caiu. Em seguida, conseguiu rastejar mais um pouco. Havia uma poça de água negra entre os

dois sulcos. Passara toda a noite virando a cabeça para o alto a fim de beber a água da chuva, porém a língua ainda estava inchada, dando-lhe uma sensação de afixamento, a garganta seca, e bebeu da água lamacenta, chegando o rosto bem junto da poça, lambendo, quase tocando-a com a face. A boca ficou cheia de depósitos adocicados e saibrosos.

"Apenas mais alguns metros. Procure avançar mais um pouquinho. Vou conseguir sair dessa enrascada, matarei esse canalha, esse rapaz... vou estraçalhá-lo."

"Pois eu sou um...", então aquela ideia abandonou-o.

"Sou um", não conseguia lembrar-se. Em seguida, teve que parar e descansar, com o queixo apoiado sobre um sulco macio, o sol aquecendo as costas. "Não posso parar. Desmaiar. Morrer. Avançar..."

Mas não conseguia mover-se.

Não tinha condições de se apoiar nas mãos e nos joelhos, andar de quatro.

Tentou agarrar-se à terra solta a sua frente a fim de puxar o corpo para adiante, mas, nem assim, conseguiu deslocar-se. Tinha de fazê-lo. "Não posso desmaiar. Morrer." Apoiou os sapatos de encontro a um sulco e fez força, mais força, muita força e, desta feita, avançou um pouquinho.

Sentindo o coração dilatar-se, empurrou os pés contra o sulco com mais violência ainda e deslizou para frente por cima da lama. Não ousou acomodar-se não se permitiu parar: sabia que não seria mais capaz de reunir as forças necessárias para avançar. "Sapatos contra o sulco. Empurre.

Rasteje. O rapaz. Assim." Recordou-se então. Iria dar um jeito no rapaz.

"Não sou um grande lutador."

"Oh, sim, o rapaz era um lutador melhor."

"Oh, sim, mas eu..." E a ideia escapou de sua mente, enquanto mergulhou no ritmo mecânico dos sapatos contra o sulco... "Empurre... mais uma vez...

e empurre... mais uma vez." Não tinha noção de quanto os braços haviam recomeçado a trabalhar, as mãos enterrando-se na terra solta, puxando-o para

diante. "Organizar." Esta era a palavra que andara tentando lembrar-se. Em seguida, rastejou para frente e tocou em alguma coisa.

Levou algum tempo para percebê-lo.

Um fio.

Olhou para o alto e lá estavam outros fios. Uma cerca. "Ó meu bom Jesus", do outro lado havia alguma coisa tão bonita que nem podia acreditar no que via. Uma vala. Uma estrada de pedra. O coração de Teasle disparou como um doido. Ele ria, enfiando a cabeça pelos fios de arame; deslizando por eles, o arame farpado da cerca arranhando ainda mais suas costas... ele ria, deixando-se rolar para dentro da vala. Estava cheia de água. Teasle caiu de costas, e a água entrou-lhe pelos ouvidos. Em seguida, fez um esforço para subir na direção da estrada, escorregando para baixo, endireitando o corpo, escorregando, içando o corpo para cima, um dos braços tocando o cascalho da estrada. Não podia sentir o cascalho. Claro que podia vê-lo. Arrastava-se em cima dele. Porém não o sabia.

"Organizar." Era isso, agora, recordava-se de tudo.

"Sei como organizar as coisas."

"O rapaz é melhor lutador. Porém, sei como... organizar as coisas."

"Por Orval."

"Por Shingleton, Ward, Mitch, Lester, o jovem policial e todos eles."

"Por mim."

"Vou reduzir este canalha a nada." Deixou-se ficar deitado no acostamento da estrada, repetindo tudo isso, por diversas vezes, para si mesmo, fechando os olhos contra a luz do sol, dando risadinhas ao verificar como a calça estava em farrapos, como ele estava todo ensanguentado; o sangue escorria pela lama que recobria seu corpo, enquanto ele ria, repetindo a ideia, contando-a para o patrulheiro que disse "Meu Deus!", e desistiu de tentar erguê-lo para colocá-lo na radiopatrulha, e correu para falar no aparelho do carro.

TERCEIRA PARTE

Era noite, e da traseira do caminhão exalava um cheiro de óleo e graxa.

Uma lona encerada tinha sido colocada na parte superior para servir de cobertura, e Teasle sentou-se num banco sob ela, os olhos presos num mapa enorme que estava numa das paredes. A única claridade provinha de uma lâmpada que oscilava sobre o mapa. Próximo a este havia um rádio de duas ondas em cima de uma mesa.

O rádio operador usava fones de ouvido.

- O caminhão vinte e oito da Guarda Nacional em posição - estava transmitindo para um policial. - A cinco quilômetros mais abaixo da curva do rio.

O policial fez um sinal afirmativo com a cabeça, enfiando outro alfinete vermelho no mapa, junto a outros na região sul. Alfinetes amarelos, na área leste, mostravam a posição da polícia estadual. Os negros representavam a polícia das cidades e condados das redondezas, os brancos, ao norte, eram a polícia de Louisville, Frankfurt, Lexington, Bowling Green e Covington.

- Não vai ficar a noite inteira aqui, vai? - Alguém perguntou, lá de fora, dirigindo-se a Teasle. Este virou-se e viu que se tratava de Kern, o capitão da polícia estadual. Estava bem afastado da traseira do caminhão, de tal modo que a claridade da lâmpada só iluminava uma parte do rosto, os olhos e a testa estavam na penumbra. - Vá para casa, durma um pouco, que tal? -

Perguntou Kern. - O médico aconselhou-o a repousar; além do mais, não vai acontecer nada de sério por aqui, por enquanto.

- Não posso.

- Não?

- Os repórteres estão-me procurando lá em casa e na delegacia. A melhor maneira de repousar será não falar a respeito de tudo quanto passei.

- De qualquer modo, daqui a pouco rondarão por aqui para ver se o encontram.

- Isso não acontecerá. Avisei aos homens que você colocou uma barreira na estrada para que não os deixem passar.

Kern encolheu os ombros, deu um passo à frente na direção da claridade.

As linhas da testa e as rugas na pele em torno dos olhos estavam mais profundas e acentuadas, dando-lhe um aspecto de mais velho. Os cabelos ruivos não recebiam luz, o que os deixava sem brilho e baço.

"Está com a minha idade. Se está com essa aparência, como deverei estar depois desses dias?", pensou Teasle.

- Aquele médico quase ficou famoso depois de tratar das feridas em seu rosto e mãos - observou Kern. - Que mancha escura é essa que está aparecendo aí na camisa? Não me diga que está sangrando outra vez.

- Algum tipo de unguento que ele usou em demasia. Estou cheio de ataduras sob as roupas, também. As que colocou em volta das pernas e joelhos estão tão apertadas que quase não posso andar. - Deu um sorriso forçado, como se as ataduras apertadas tivessem sido uma pilhéria por parte do médico. Não queria dar a perceber a Kern como se sentia mal, enjoado, tonto.

- Sente alguma dor? - Indagou Kern.

- Sentia-me melhor antes dele ter colocado essas ataduras tão apertadas.

Mandou que tomasse umas pílulas de hora em hora.

- E adiantaram?

- Bastante.

Aquilo soava verdadeiro. Precisava tomar cuidado ao conversar com Kern a respeito de seu estado, minimizando a dor, mas sem exagerar, para que o outro não deixasse de acreditar nele e insistisse para que voltasse para o hospital. Quando Teasle ainda se encontrava lá, Kern tinha-se mostrado furioso por ter ele se embrenhado pela floresta sem aguardar a chegada da polícia estadual.

- Trata-se de uma região sob minha jurisdição. Você abusou e agora trate de ficar de fora -- tinha-lhe dito Kern.

Teasle tinha suportado tudo aquilo, deixando que Kern derramasse toda a revolta guardada em seu íntimo. Depois, lentamente, tinha feito tudo a seu alcance para convencer o outro de que era necessária mais de uma pessoa para organizar uma busca daquela dimensão. Havia um outro argumento do qual não lançou mão, porém tinha certeza de que Kern pensava nele: era bem possível que ainda enterrassem muitos outros homens em quantidade idêntica aos que já tinham sido mortos, portanto era melhor contar com alguém mais para dividir a responsabilidade. Kern era um chefe com esse tipo de fraqueza... gostava, com frequência, de se apoiar nos outros. Teasle já tivera ocasião de presenciar isto. Por essa razão é que se encontrava ali, ajudando, embora não por muito tempo. Apesar de suas fraquezas, Kern preocupava-se com os subordinados e com o bem-estar deles. Se suspeitasse de leve dos sofrimentos de Teasle, não hesitaria em mandá-lo embora.

Lá fora, os caminhões passavam na escuridão, caminhões de transporte imensos cheios de soldados, disso Teasle estava certo. Uma sirene soou, um veículo aproximou-se rápido, ultrapassando-os, rumando para a cidade.

Sentiu-se satisfeito por poder mudar de assunto, de não ser obrigado a continuar falando sobre si mesmo, a respeito de como se sentia.

- Para que essa ambulância?

- Um outro civil foi alvejado. Teasle meneou a cabeça.

- Estão morrendo de vontade de nos ajudar. - Morrendo é quase a palavra exata.

- O que aconteceu?

- Idiotices. Um grupo de civis estava acampado no mato, na tentativa de estar ao nosso lado assim que iniciássemos a perseguição, amanhã pela manhã. Ouviram um barulho partindo da escuridão. Julgaram que pudesse ser o rapaz tentando rastejar para baixo e atravessar a estrada. Então, agarraram as armas e foram verificar. Primeira coisa: atrapalharam-se na escuridão. Um camarada escutou o barulho que um outro fazia, e pensou que fosse o rapaz... começou a disparar, o outro cara respondeu ao tiro, e todo o mundo começou a atirar também. A bondade de Deus permitiu que ninguém morresse, que fosse apenas um ferimento sério. Nunca vi uma coisa assim.

- Pois eu já. - Um instante antes, quando estivera olhando para o mapa, teve a sensação de que sua cabeça estava cheia de palha, e, agora, de repente, experimentava a mesma impressão. Os ouvidos também pareciam cheios de palha e as palavras "pois eu já" davam a impressão de ter partido de um eco, vindas de bem longe. Sem equilíbrio, sentindo-se ligeiramente nauseado, tinha vontade de parar e se deitar em cima do banco, porém não podia permitir que Kern percebesse o que se estava passando. - No tempo em que trabalhava em Louisville - disse Teasle, e quase não pôde continuar. - Faz uns oito anos mais ou menos. Havia uma cidadezinha próxima onde uma garotinha de seis anos tinha sido raptada. A polícia local julgou que talvez tivesse sido violentada e largada em algum lugar.

Resolveram então organizar uma busca. Alguns dentre nós, aqueles que estavam de folga, no fim de semana, dirigiram-se para lá a fim de dar uma ajuda. O pessoal encarregado de organizar a busca resolveu colocar um pedido de auxílio nas estações de rádio e jornais. Foi então que surgiu o problema, pois todos os camaradas que desejavam receber de graça uma refeição e experimentar alguma excitação resolveram aparecer por lá.

Teasle estava resolvido a não se deitar. Porém, a luz começava a ficar fraca, o banco onde se encontrava parecia inclinar-se. Finalmente, não aguentando mais, teve que ceder um pouco e recostar o dorso contra a parede do caminhão, esperando dar a impressão de estar se colocando mais à vontade.

- Quatro mil - disse, esforçando-se para pronunciar as palavras de modo claro. - Não havia lugar para dormirem nem comerem. Não havia possibilidade de implantar disciplina a tanta gente. A cidade cresceu da noite para o dia e tudo ficou fora de controle. A maioria bebeu a metade do tempo e, mais tarde, apareceu dependurada nos ônibus que partiam para a área de busca. Um homem quase morreu afogado num pântano. Um grupo se perdeu e a busca teve de ser interrompida para que todos os outros pudessem procurá-lo. Mordidas de cobra. Pernas quebradas. Ataques de insolação. Enfim, tudo ficou tão tumultuado que todos os civis receberam ordens para retornar as suas casas, e apenas a polícia prosseguiu no trabalho.

Acendeu um cigarro, tirou uma tragada bem grande, tentando mascarar a tonteira que sentia. Olhou em volta e constatou que o rádio operador e o policial estavam virados para ele, prestando atenção ao que dizia. Há quanto tempo estava falando? Talvez uns dez minutos, muito embora não pudesse fazê-lo por tanto tempo assim. A recordação, ora nítida, ora apagada, assemelhava-se a um traçado ligeiramente irregular.

- Ora, não pare - disse Kern. - O que sucedeu à garota? Conseguiram achá-la?

Teasle meneou a cabeça bem devagar.

- Seis meses mais tarde. Numa sepultura rasa, cavada numa estrada secundária, a cerca de dois quilômetros de onde a busca inicial havia terminado. Um tipo de meia-idade, após beber uns tragos num bar em Louisville, fez algumas brincadeiras referindo-se aos sentimentos que nutria com relação a garotinhas e o comentário chegou até nós. Havia uma possibilidade muito remota de que houvesse alguma ligação, porém resolvemos seguir a pista de qualquer modo. Como eu participara da busca e conhecia todo o caso, me mandaram proceder ao interrogatório. Quarenta minutos mais tarde, ele despejou toda a história. Como passara de carro pela fazenda e vira aquela menininha mergulhando numa piscina plástica, na parte da frente da casa. Disse que se sentira atraído pela roupa de banho amarela. Então, agarrou-a ali mesmo, meteu-a dentro do carro sem que ninguém visse. Levou-nos até à sepultura. Era a segunda. A primeira tinha sido escavada bem no meio da área da busca. Enquanto os civis tinham perambulado em volta, remexendo tudo, ele tinha voltado uma noite e mudara-a de lugar. - Tirou outra tragada grande, sentindo a fumaça encher a garganta, os dedos enfaixados, inchados e entorpecidos segurando o cigarro. - Esses civis também vão remexer tudo por aqui. Não se devia ter deixado escapar nenhuma notícia sobre isso.

- O erro foi meu. Um repórter, que sempre anda lá pela delegacia, escutou os homens conversando sobre o assunto antes que eu tivesse podido recomendar-lhes para que ficassem de boca fechada. Já mandei alguns deles retirarem os intrusos e levá-los de volta à cidade imediatamente.

- Claro. E aquela turma na mata poderá ficar assustada novamente e atirar contra um dos policiais. De qualquer maneira, jamais conseguirá afastar todos. Amanhã, pela manhã, essas montanhas estarão cheias de civis. Você viu a maneira como tomaram conta da cidade. São muitos para que se possa mantê-los sob controle. O pior ainda não aconteceu. Espere até que os profissionais apareçam por aqui.

- Não sei quem são esses profissionais a que se refere. Afinal, quem são eles?

- Na verdade, trata-se de amadores, porém julgam-se profissionais. Homens que não têm nada melhor para fazer do que ir para todos os pontos do país onde esteja havendo uma busca. Conheci alguns, quando procurávamos a garotinha. Um deles acabava de chegar de Everglades, onde andara procurando algumas pessoas acampadas que se tinham perdido. Antes disso, tinha estado na Califórnia ajudando

na busca de uma família que ficaria isolada na floresta devido a um incêndio na mata. Durante o inverno, estivera no Wyoming procurando esquiadores que tinham sido atingidos por uma avalanche. Entrementes, estivera no local da enchente provocada pelo Mississipi ou onde alguns mineiros tinham ficado soterrados sob um desmoronamento. O problema é que, tipos com ele, nunca trabalham segundo a orientação dos chefes das buscas. Querem ser os organizadores de seus próprios grupos, saírem sós e, pouco depois, atrapalham o plano básico da busca, interferem com os grupos oficiais, dirigem-se, às pressas, para lugares que parecem interessantes, com fazendas abandonadas, deixando extensões enormes sem serem vasculhadas...

De repente, o coração de Teasle palpitou, deu uma parada, acelerou e ele colocou a mão sobre o peito, ofegante.

- O que está sentindo? - Perguntou Kern, - Está...

- Ótimo. Estou ótimo! Estou precisando tomar outra pílula. O médico avisou-me de que isso ia acontecer. - Não era verdade. O médico não lhe tinha dito nada, mas já era a segunda vez que o seu coração se comportava assim. Da primeira vez, uma pílula o tinha feito recuperar o batimento normal; portanto, tratou logo de tomar outra. Não podia permitir que Kern soubesse que havia algo errado com seu coração.

Kern não pareceu satisfeito com aquela resposta. Porém, nesse momento, o rádio operador ajustou os fones ao ouvido como sise estivesse escutando um relatório. Em seguida, disse ao policial: - Caminhão trinta e dois da Guarda Nacional em posição. - Correu o dedo por uma lista. - Ou seja, no começo da Branch Road. - E o policial enfiou outro alfinete no mapa.

O gosto de giz da pílula ficou na boca de Teasle. Respirou, e o aperto em volta do coração começou a diminuir de intensidade.

- Jamais consegui entender por que aquele velho transferiu o corpo da garotinha para outra sepultura - disse, dirigindo-se a Kern, sentindo o mal-estar no coração melhorar. - Recordo-me de quando a retiramos dali.

Lembro-me do seu aspecto após seis meses sob a terra e o que ele fizera a ela. Pensei então, ó Deus, deve ter sido uma maneira triste de morrer.

- O que aconteceu com você, ainda há pouco?

- Nada. Cansaço, explicou-me o médico.

- Seu rosto ficou tão cinzento quanto a camisa.

Outros caminhões passaram na estrada, e Teasle não teve que lhe responder no meio do barulho que faziam. Logo depois, uma radiopatrulha parou atrás de Kern, os faróis batendo em cheio em cima dele e Teasle sentiu-se aliviado por não precisar mais dar nenhuma resposta.

- Acho que preciso ir - disse Kern a contragosto. - Aqui estão os walkie-talkies para serem distribuídos. - Deu um passo na direção da radiopatrulha, hesitou, depois voltou atrás. - Por que não se deita sobre o banco e tenta tirar uma soneca enquanto não estou aqui? Não adianta nada ficar olhando para o mapa... não lhe vai revelar a localização do rapaz. Além do mais, acredito que queira estar descansado quando iniciarmos a busca amanhã.

- Farei isso, se me sentir cansado. Quero estar duplamente certo de que todos estão onde deveriam estar. Não me encontro em condições de acompanhá-lo até as montanhas, portanto devo procurar ser útil por aqui mesmo.

- Escute uma coisa. O que lhe falei, lá no hospital a respeito da maneira alucinada como saiu em perseguição ao rapaz...

- Está feito. Esqueça isso.

- Mas escute aqui. Sei perfeitamente bem o que está tentando fazer. Está pensando em todos os homens mortos e procura castigar o próprio corpo.

Bem, talvez seja verdadeiro aquilo que eu disse... que Orval poderia estar vivo ainda, se tivéssemos trabalhado em conjunto, desde o início. Porém, quem puxou o gatilho contra ele, contra todos os outros, foi o rapaz. E não você. Lembre-se disso.

Teasle não precisava que ninguém lhe lembrasse aquilo. O rádio operador estava dizendo: - Unidade dezenove da polícia estadual em posição.

Teasle tirou outra tragada do cigarro, observando, com atenção, o policial enfiar outro alfinete amarelo na área leste do mapa.

O mapa era muito pobre, no que se referia aos detalhes ao interior.

- Jamais alguém tentou antes uma fuga através dessas montanhas - explicou o supervisor do condado quando trouxera o mapa. - Talvez, se algum dia passar uma estrada por ali, sejamos forçados a demarcar esta região.

Entretanto, um levantamento topográfico é muito caro, principalmente numa região agreste como esta. Por isto, jamais julgamos justificável aplicar o orçamento numa coisa que não seria proveitosa para ninguém.

Pelo menos, as estradas que ficavam nas redondezas estavam demarcadas.

Formavam, ao norte, a parte superior de um quadrado; porém, a estrada rumo ao sul descrevia uma curva semelhante à metade de um círculo, unindo-se a outras rodovias que se dirigiam retas para ambos os lados. O

caminhão de comunicações em que Teasle se encontrava estava estacionado na parte mais baixa do arco da estrada do sul. Foi ali que o patrulheiro o tinha encontrado. Como o rapaz fora visto pela última vez naquelas redondezas, era o ponto de onde a busca estava sendo dirigida.

O rádio operador olhou para Teasle.

- Um helicóptero está tentando comunicar-se. Estão falando, mas não o bastante claro para que o possa compreender.

- O helicóptero número dois acaba de partir. Nenhum deles devia estar voltando tão cedo assim.

- Talvez seja algum problema com o motor.

- Ou então não é nenhum dos nossos. Talvez seja uma outra equipe de jornalistas sobrevoando o local para tirar fotos. Caso afirmativo, não quero que aterrem.

O rádio operador chamou-os, pedindo que se identificassem. Nenhuma resposta foi ouvida. Em seguida, Teasle escutou o fragor das hélices que se aproximavam. Levantou-se, saiu andando todo empertigado, mas com dificuldade, na direção da

traseira aberta do caminhão. Próximo, estava o campo arado por onde rastejara naquela manhã. Estava escuro. Depois, distinguiu os sulcos, sob a desagradável claridade dos holofotes colocados na parte de baixo do aparelho, enquanto eram movimentados para baixo e por toda a extensão do campo. Era a mesma espécie de refletores que tinham sido usados pela turma de fotógrafos para baterem as fotos, um pouco antes.

- Estão parados - disse, dirigindo-se ao rádio operador. - Tente comunicar-se com eles novamente. Certifique-se de que não aterrem.

Porém, àquela altura, o aparelho já estava descendo, o motor morrendo, as hélices rodando no ar, produzindo um assobio constante que se foi tornando cada vez menos frequente. Havia uma luz na cabina. Teasle viu um homem deixar o aparelho: por seu porte, ao caminhar através do campo rumo ao caminhão, tranquilo, esbelto e ereto. Teasle sabia que não se tratava de nenhum jornalista, nem de um policial estadual voltando devido a algum problema de motor, antes mesmo de estar em condições de ver as roupas que envergava. Aquele era o homem que tinha mandado chamar.

O Chefe de Polícia, sentindo dores, abandonou lentamente a traseira do caminhão, rumando para a beira da estrada. O homem acabava de alcançar a cerca de arame farpado onde terminava o campo.

- Desculpe-me, já andei de Seca a Meca para encontrar alguém - disse o homem. - Não sei se o encontrarei aqui. Informaram-me que sim. Wilfred Teasle.

- Sou Teasle.

-- Muito bem, sou Sam Trautman - disse. - Vim até aqui por causa do meu rapaz.

Outros três caminhões passaram por ali, com homens da Guarda Nacional, de pé, na traseira, com as armas em punho, os rostos sem cor sob os capacetes nas trevas; e quando os faróis iluminaram o local, Teasle conseguiu ver a farda de Trautman, a insígnia de capitão, a boina verde enfiada com todo o cuidado sob o cinturão.

- Seu rapaz?

- Não exatamente, creio. Não fui eu quem o treinou pessoalmente. Foram os meus subordinados que o fizeram. Contudo, treinei os homens que o treinaram, logo é

meu rapaz sob determinado sentido. Fez mais alguma coisa? A última notícia que me deram foi que havia matado treze homens.

Disse aquilo com bastante clareza, diretamente, sem ênfase, mas, ainda assim, Teasle percebeu tudo quanto estava reprimido sob aquela voz.

Estava habituado a ouvi-lo com muita frequência, partindo da boca de muitos pais chocados, desapontados, embaraçados com o procedimento dos filhos.

Mas aquilo não era a mesma coisa, não era tão simples assim. Havia alguma coisa a mais escondida sob a voz de Trautman, algo tão inusitado numa situação como aquela que Teasle estava tendo problemas para conseguir classificá-lo e, quando o conseguiu, ficou fora de si.

- O senhor parece estar sentindo orgulho pelo que ele fez - disse Teasle.

- É mesmo? Sinto muito. Não lhe queria dar essa impressão. Acontece que ele foi o melhor estudante que jamais tivemos, e as coisas não ficariam muito boas para a escola, se não tivesse realizado uma boa luta, disso tenha certeza.

Rumou para a cerca de arame farpado e começou a transpô-la com a mesma economia de movimentos que adotara ao descer do helicóptero e ao atravessar o campo. Alcançando a vala do outro lado, ficou bem perto de Teasle, a tal ponto que este pôde notar que a farda se ajustava a seu corpo perfeitamente, sem uma ruga ou prega. Ali, na penumbra, sua pele tinha a coloração do chumbo. Possuía cabelos negros, curtos, penteados para trás, o rosto era fino, o queixo bem definido, mas ligeiramente proeminente, e Teasle lembrou-se de que Orval, às vezes, costumava associar as pessoas aos animais. Orval teria dito então, Trautman não. Truta não. Mas, um cachorrinho. Ou furão. Ou doninha. Alguma espécie de predador.

Recordou-se dos oficiais de carreira com os quais lutara na Coréia, matadores profissionais, homens inteiramente à vontade diante da morte e que jamais lhe despertaram o desejo de avançar. "Afinal de contas não sei se realmente o quero por aqui", pensou.

Talvez tenha sido um erro ter-lhe pedido para vir.

Porém, Orval tinha-lhe ensinado a julgar um homem por seu aperto de mão e quando Trautman, com três passadas, deixou o buraco, seu modo de cumprimentar

não foi do tipo esperado por Teasle. Ao invés de ser violento e arrogante, era, estranhamente, delicado e firme ao mesmo tempo. Com isso, sentiu-se bem melhor.

Talvez Trautman fosse um bom sujeito.

- O senhor chegou antes do que pensei - disse-lhe Teasle. - Muito obrigado.

Precisamos de toda a ajuda que pudermos conseguir.

Como estivera pensando em Orval ainda há pouco, sentiu-se repentinamente surpreso ao constatar que já mantivera um diálogo semelhante àquele, há duas noites, quando tinha agradecido ao velho por ter respondido a seu chamado, usando praticamente as mesmas palavras que pronunciara ao se dirigir a Trautman.

Mas Orval estava morto.

- O senhor realmente necessita de toda a ajuda - retrucou Trautman. - Para usar de sinceridade, estava pretendendo vir até aqui antes mesmo de receber seu chamado. Ele já não está mais incorporado, este é um assunto estritamente civil, porém, ainda assim, não posso evitar de me sentir um tanto responsável. Porém há uma condição... não estou disposto a me envolver numa carnificina. Só ajudarei se vir que tudo está sendo organizado de modo conveniente, não com a intenção de matá-lo sem lhe dar uma oportunidade, mas sim para capturá-lo. Talvez seja morto, porém não gostaria de pensar que a finalidade era essa. Está de acordo com meu modo de pensar?

- Sim. - E dizia a verdade. Não desejava que o rapaz fosse estraçalhado longe de seus olhos, lá no cume das montanhas. Queria que o trouxessem de volta, queria assistir a tudo de ruim que lhe iria acontecer.

- Então está bem. - Disse Trautman. - Muito embora não tenha muita certeza de que minha presença possa ser de alguma valia. Creio que nenhum de vocês conseguirá aproximar-se o bastante, mesmo que seja para avistá-lo a distância, muito menos para agarrá-lo. Ele é muito mais inteligente e resistente do que possam imaginar. Como conseguiu escapar?

Não posso entender de que maneira o senhor conseguiu fugir dele.

Novamente, lá estava aquele tom que mesclava orgulho e desapontamento.

- Está dando a impressão de que está triste por eu o ter conseguido.

- Bem, estou mesmo, num sentido, porém não vejo necessidade de encarar isso de um modo pessoal. Falando com honestidade, não deveria ter escapado para o cimo das montanhas. Não com sua esperteza e treinamento. Se o senhor fosse um inimigo que ele tivesse deixado escapar, isso poderia transformar-se numa coisa bem séria, e gostaria de descobrir por que as coisas aconteceram assim, para ver se existe alguma lição que possa transmitir a meus homens. Conte-me como planejou tudo isso até agora. Como conseguiu mobilizar a Guarda Nacional tão depressa?

- Eles estavam com exercícios de guerra programados para este fim de semana. O equipamento já estava todo preparado, portanto só foi necessário ativarem seus homens alguns dias antes.

- Mas, este é um posto de comando civil. Onde está localizado o centro de operações militares?

- Num outro caminhão estacionado mais adiante, na estrada. Contudo, os oficiais permitiram que as ordens partissem de nós. Desejam verificar o comportamento de seus homens ao agirem só, portanto estão-se limitando a adverti-los, da mesma forma como se estivessem praticando exercícios bélicos.

- Exercícios - repetiu Trautman. - Meu Deus, todos gostam de exercícios.

Por que tem tanta certeza de que o rapaz ainda está por aqui?

- Porque todas as estradas das redondezas estão sendo vigiadas a partir do instante em que ele fugiu para as montanhas. Não poderia ter descido sem que fosse visto. E, ainda que o tivesse conseguido, eu teria pressentido.

- O quê?

- É algo que não sei como explicar. Uma espécie de sentido extra que se desenvolveu em mim desde que o rapaz me meteu nessa confusão. Tenho certeza de que está lá em cima. E, amanhã, de manhã, colocarei uma quantidade imensa de homens atrás dele até que haja um para cada árvore.

- O que será impossível, portanto, ele ainda está com vantagem. Ele é um perito em combate de guerrilhas, sabe como sobreviver com os produtos da terra, portanto não tem os problemas que vocês enfrentam, precisando carregar alimentos e provisões para alimentar seus homens. Ensina-los a ser paciente, logo poderá esconder-se em qualquer lugar e esperar mesmo durante um ano, até que essa luta

tenha terminado. Está sozinho, não precisa obedecer a ordens, não tem que coordenar os movimentos com mais ninguém, portanto pode movimentar-se com rapidez, atirar, fugir e esconder-se em outro local qualquer e, depois, recomeçar tudo de novo.

Exatamente como meus homens lhe ensinaram.

- Isso é ótimo - disse Teasle. - Agora, o senhor vai ensinar-me.

Rambo acordou em cima de uma pedra lisa e fria na mais completa escuridão. Despertou por causa do peito. Estava tão inchado, dolorido, que foi preciso afrouxar o cinto que tinha passado em volta. Cada vez que inspirava, as costelas feriam-no e era obrigado a se encolher.

Não sabia onde estava. Achou que devia ser de noite, porém não podia entender a razão daquela escuridão tão profunda, porque não havia tonalidades acinzentadas mescladas ao negrume, nenhuma estrela brilhava, nenhuma irradiação, ainda que fraca, partindo da camada de nuvens.

Piscou, as trevas permaneceram imutáveis, e temendo que tivesse sofrido algum dano com relação aos olhos, passou rapidamente a mão na pedra sobre a qual jazia, tateou como um louco a sua volta, tocou sobre paredes de rocha úmida. Uma caverna, pensou intrigado. Estou numa caverna. Mas como? E, ainda se sentindo zozinho, começou a cambalear, procurando uma saída.

Teve que parar e retornar ao ponto de partida, o mesmo onde despertara, porque não estava com a arma na mão. Porém, a tonteira melhorou um pouco e constatou que o rifle estava com ele todo o tempo, enfiado entre o cinturão do equipamento e a calça, por isso tratou de buscar um jeito de sair dali. O solo da caverna descia gradualmente. Tinha consciência de que a entrada deveria estar em algum ponto mais acima, e não embaixo. Portanto, mais uma vez, foi obrigado a dar meia-volta e recomeçar tudo outra vez. A direção da brisa, entrando pelo túnel abaixo e vinda do exterior, deveria tê-lo orientado no rumo a tomar, porém, só se deu conta desse detalhe após ter contornado uma curva e alcançado a saída.

Lá fora a noite estava cristalina, as estrelas cintilando, a lua no quarto crescente as silhuetas das árvores e das rochas bastante nítidas lá embaixo.

Não sabia quanto tempo tinha ficado sem sentidos, nem como fora até aquela caverna. As últimas coisas de que se recordava eram a luta para subir uma encosta do local onde estava, próximo às sarças, o perambular pela floresta e o momento que se atirara junto a um riacho para beber um pouco de água. Lembrava-se de que rolara para dentro do curso d'água, deixando que o líquido frio corresse por cima dele, reanimando-o. Naquele instante, encontrava-se na entrada daquela caverna, já caíra a noite e havia todo um dia, além da mudança de posição, da qual não

conseguia recordar-se de modo algum. Rambo julgava que se tinha passado pelo menos um dia. De repente, pensou: "Ter-se-ão escoado outros?"

Lá embaixo, bem distante, havia luzes que se pareciam com centenas de pontinhos brilhantes, mas estes iam e vinham, amarelos e vermelhos na maioria. "Trânsito de estrada", pensou, "uma rodovia, talvez." Porém, havia muitos, em demasia, para ser uma coisa normal. E, além disso, davam a impressão de não estarem indo para nenhum lugar. As luzes estavam diminuindo de velocidade. Em seguida, pararam, uma fileira ampla partindo da esquerda para a direita, a uns três quilômetros de distância do local onde se achava. Talvez estivesse enganado quanto à distância, mas agora tinha certeza de que as luzes estavam ligadas à sua perseguição.

"Toda essa atividade lá embaixo", pensou. "Teasle deve estar querendo agarrar-me como jamais desejou pegar alguém."

A noite estava muito fria. Não havia insetos, nem animais andando por ali, apenas um vento leve que roçava as folhas caídas e passava suavemente sobre os ramos despidos. Fechou a camisa que usava por cima da outra, estremeceu de frio, depois escutou o helicóptero deslocando-se ruidosamente à esquerda, transformando-se num fragor, diminuindo à medida que se afastava do local. Havia um outro atrás do lugar onde se encontrava, outro à direita e, também vindo daquela direção, escutou o fraco eco de cães ladrando. Logo depois, o vento mudou de direção, vindo lá de baixo, do ponto onde estavam as luzes, rumando para cima dele, trazendo consigo o latido de outros cães e o murmúrio distante, conjugado, dos motores de caminhões pesados. Rambo pensou: "Uma vez que as luzes estão sendo mantidas acesas, os motores não podem ser desligados."

Tentou contar os pontos de luz, porém a distância fez com que se atrapalhasse. Multiplicou a quantidade deles pelo número de homens que cada caminhão tinha capacidade para transportar, vinte e cinco, talvez trinta. Estava certo de que Teasle queria pôr as mãos em cima dele. E, desta feita, não iria correr nenhum risco, apareceria com todos os homens e todas as peças de equipamento que pudesse reunir.

Mas Rambo já não desejava mais lutar contra ele. Estava doente, sofrendo e, em algum momento entre o instante em que perdeu Teasle no meio das sarças e o despertar na caverna, sua raiva tinha passado. Ela tinha começado a se acentuar enquanto a perseguição contra o policial estava em andamento.

Mesmo sentindo-se exausto, desejara desesperadamente agarrar o homem, não mais pelo prazer de lhe dar uma lição, mas apenas para que pudesse, enfim, terminar com aquilo e ficar livre. Depois de ter matado todos aqueles homens, após ter sacrificado tanto tempo e forças tão necessários à fuga, nem ao menos saíra vencedor. Pensou: "Que perda de tempo inútil e estúpida! De que adiantara tudo aquilo? Deveria ter aproveitado a tempestade e fugido."

Muito bem, é o que faria desta feita. Tinha lutado contra Teasle, fora uma luta dura, e o Chefe de Polícia conseguira sobreviver: aquilo era o fim de tudo.

"Que tipo de mentira é essa, agora? Está tentando tapar o sol com a peneira?", disse de si para si. "Está enganando a quem? Você sentia uma vontade louca para entrar em ação novamente, assim como tinha certeza de que sairia vencedor, porém perdeu e viu que, agora, chegou o momento de partir. Teasle ainda não está procurando por você, não enquanto estiver escuro, porém, assim que o sol nascer, sairá em sua perseguição com um pequeno exército contra o qual não terá a mínima possibilidade de vencer.

Não vai lutar porque ele levou a melhor e tudo acabou. Tudo que deseja é escapar enquanto ainda pode. Embora Teasle esteja liderando todos os outros, às claras, tudo que lhe resta a fazer é desaparecer e ficar vivo."

Depois, tomou consciência de que não seria nada fácil. Enquanto estava ali, tremendo, enxugando o suor que lhe brotava da testa, das sobrancelhas, sentiu uma fonte de calor que partia da base da coluna e ia até a nuca, seguida por um arrepio repentino. A sequência repetiu-se, e Rambo compreendeu que não tremia por causa do frio ou da brisa que soprava.

Estava com febre. E muito alta, para tremer daquele modo. Se tentasse afastar-se, se procurasse passar rastejando por aquela fileira de luzes lá embaixo, acabaria desmaiando. Estava enfrentando problemas apenas para conseguir manter-se de pé. Calor... era disso que precisava. E proteção, algum lugar para suar e descansar as costelas. E alimento; não tinha comido nada desde o momento em que havia encontrado a carne desidratada no corpo do velho que fora arrastado pela correnteza, do alto do penhasco abaixo; e já se passara muito tempo depois disso.

Estremeceu, curvou o corpo, teve que colocar uma das mãos de encontro à entrada da caverna para conseguir manter-se de pé. As coisas tinham que ficar como estavam, a caverna tinha que lhe continuar servindo de abrigo, não tinha as forças necessárias para encontrar um lugar melhor. Sentia-se enfraquecer tão depressa que

já nem tinha mais certeza se iria ser capaz de preparar a caverna. "Pois então, não fique parado aí repetindo para si mesmo como está fraco. Aja."

Escolheu uma faixa de argila para se dirigir até as árvores que tinha visto mais adiante. As primeiras que alcançou, estavam com os galhos despidos de folhas, portanto não serviam para nada. Continuou a caminhar com dificuldade por cima das folhas até que, finalmente, sentiu sob os pés a suavidade das mudas de abetos. Começou a remexer no meio deles, procurando, às apalpadelas, os galhos viçosos que pudessem ser quebrados com facilidade, tendo sempre o cuidado de só arrancar um de cada árvore para que não ficasse evidente demais que estivera por ali colhendo-os.

Quando recolheu cinco ramos, suas costelas não suportaram mais o esforço despendido para conseguir quebrá-los. Gostaria de poder contar com mais alguns, porém cinco teriam que bastar. Levantou-os com muita dificuldade, colocou-os sobre o ombro oposto às costelas quebradas e começou a subir na direção da caverna, o peso dos ramos fazendo-o cambalear ainda mais do que antes. A subida da trilha de argila foi realmente dura. Mantinha-se inclinado para um lado, ao invés de caminhar ereto. De uma feita, falseou o pé e escorregou para a frente, batendo com o rosto, contra o solo e deslizando para baixo.

Quando alcançou o topo, após arrumar os ramos na entrada da caverna, ainda foi preciso voltar até lá embaixo para apanhar algumas folhas mortas e pedacinhos de madeira que estavam espalhados pelo chão. Enfiou o máximo que pôde por dentro da camisa de lã, encheu os braços com galhos mortos e carregou-os até a caverna. Uma vez ali, fez duas viagens rumo à parte interna, primeiro carregando os galhos secos que estavam nas mangas, em seguida com os ramos dos abetos. Refletia melhor, fazia o que devia ser feito. Após terminar o exame do local, tão logo atingiu uma área bem profunda, além do ponto onde tinha acordado, verificou as condições do solo mais adiante com os pés para evitar uma queda inesperada. Quanto mais se aprofundava, mais baixa a caverna se tornava, e quando teve que se agachar unindo as costelas, desistiu. A dor era insuportável.

A caverna era úmida naquele lugar. Rambo apressou-se em empilhar as folhas mortas sobre o chão e espalhar alguns gravetos de madeira sobre elas. Em seguida, usando os fósforos que o velho da destilaria lhe tinha dado algumas noites antes, ateou fogo às folhas. Os palitos tinham ficado encharcados com a chuva, com a água do rio. Porém já tinha decorrido tempo suficiente para que já estivessem secos. Os dois primeiros que riscou falharam, o terceiro não, mas logo se apagou, o quarto ficou aceso, ateando fogo às folhas. As chamas alastraram-se. Rambo

acrescentou outras folhas, mais gravetos, cuidando de tudo até que, finalmente, conseguiu uma brasa bastante grande para que pudesse anexar galhos maiores e, depois, os galhos mortos.

A madeira já estava bem velha e, por isso, a fogueira não fazia muita fumaça. Os poucos rolos que se elevavam do fogo eram carregados pelo túnel abaixo devido à brisa que penetrava pela entrada da caverna. Rambo ficou olhando para as chamas, as mãos expostas, aquecendo-as, sentindo calafrios. Desviou o olhar para as sombras refletidas sobre as paredes da caverna. Mas... tinha-se enganado. Não era uma caverna, como pensava inicialmente. Alguém, há alguns anos, tinha trabalhado o local... uma mina.

Isto ficava patente devido à simetria das paredes, do teto e da falta de irregularidade do chão. Contudo, não havia ferramentas atiradas por ali, nem carrinhos de mão enferrujados, nem picaretas ou caçambas apodrecidas - fosse quem fosse que tivesse abandonado o local, o tinha respeitado, deixara-o limpo. Apesar disso, não tinha bloqueado a entrada.

Aquilo tinha sido um descuido muito estranho de sua parte. Agora, as pilastras e vigas de madeira que serviam de sustentação estavam velhas e vergadas. Se algum dia algumas crianças fossem até ali para explorar a área, poderiam bater de encontro a uma viga, ou então fazer muita algazarra, e estavam arriscadas a provocar o desabamento do teto em cima delas. Mas, afinal, o que fariam crianças por ali? O local ficava a quilômetros de distância de qualquer área habitada. Ainda assim, ele o encontrara... poderia suceder o mesmo a outras pessoas. Mas claro, eles iriam descobri-lo amanhã, portanto, o melhor que tinha a fazer era tomar cuidado e partir antes que chegassem. Pela posição da lua no céu, Rambo calculava que fossem umas onze horas. Isso deixava-lhe umas poucas horas para descansar. Era só isso de que precisava, disse para si mesmo. Claro.

Depois, poderia partir.

A fogueira desprendia um calor agradável. Rambo trouxe os brotos de abetos para junto dela, empilhou-os uns sobre os outros, à guisa de colchão, deitou-se ali, de costas para o fogo. Em alguns pontos, as extremidades das folhas atravessavam suas roupas e espetavam-no, porém, não podia fazer nada contra aquilo: precisava das mudas para manter-se livre da umidade do chão. Estava tão extenuado que os brotos se tornaram macios e confortáveis sob o corpo. Fechou os olhos e ficou ouvindo o crepitar da madeira em chamas. No final do túnel, a água gotejava, provocando ecos.

Quando observara as paredes da mina pela primeira vez, esperava ver desenhos, pinturas animais com chifres, homens segurando lanças, caçando. Não conseguia lembrar-se quando, mas tinha certeza de que já tinha visto algumas fotografias desse tipo. Talvez tivesse sido no colégio.

Sempre se sentira atraído por pinturas de caçadas. Quando ainda era garoto, lá no Colorado onde fora criado, tinha saído perambulando pelas montanhas sozinho, por diversas vezes e, numa determinada ocasião, entrara com todo o cuidado numa caverna, contornara uma curva, acendera a lanterna e lá encontrara o desenho de um búfalo, apenas um, amarelo, bem no meio da parede. Parecera-lhe tão real, que tivera a impressão de que o animal ia sair em disparada, assustando-se por vê-lo ali. Ficou admirando-o a tarde inteira, até que a luz da lanterna terminou. Depois disso, tinha voltado até aquela caverna pelo menos uma vez por semana, sentava-se ali e olhava. Era o seu segredo. Uma noite, o pai tinha-lhe batido no rosto diversas vezes porque não tinha querido dizer por onde andara. Ao relembrar o caso, Rambo sacudiu a cabeça por não lhe ter contado. Já fazia muito tempo que não entrava na caverna e o lugar onde se encontrava fez com que se sentisse bem escondido, como no outro. Um búfalo, com uma corcova imensa, os chifres abaixados, olhando para ele. Lá no alto das montanhas, longe das planícies nativas.... Há quanto tempo estava ali e quem o desenhara? E quem tinha escavado aquela mina e há quanto tempo?

A outra caverna tinha sempre feito recordar-lhe uma igreja, e o mesmo acontecia com o lugar onde estava, porém, naquele momento, aquela associação de ideias deixava-o confuso. Ora, quando era um garotinho, não se tinha sentido assim. Primeira Comunhão. Confissão. Lembrava-se perfeitamente o que sentira ao afastar a pesada cortina negra, ao entrar no confessionário escuro, os joelhos sobre a madeira acolchoada, a voz do padre, sussurrante, dando a absolvição ao pecador que se encontrava do outro lado. Em seguida, a tampa de madeira tinha sido afastada e ele começara a confessar. Confessar o quê? Os homens que tinha acabado de matar. "Foi em autodefesa, Padre."

"Mas, senti prazer em agir assim, meu filho? Foi num momento de pecado?"

Isto deixou-o ainda mais confuso. Não acreditava em pecado e não gostava de pensar sobre isso. Porém, a pergunta foi repetida: "Foi um momento de pecado?" Ficou imaginando qual teria sido sua resposta na infância, enquanto sua mente estava entorpecida pelo conforto do fogo.

Provavelmente teria respondido sim. A sequência das mortes era muito complicada. Poderia justificar-se com o padre, dizendo que matara os cachorros e o velho de verde em legítima defesa. Porém, depois, quando teve oportunidade de fugir, e ao invés disso perseguira Teasle matara os policiais enquanto estavam alvoroçados aquilo fora um pecado. E agora Teasle voltaria, dessa vez para valer: pensou, como já o fizera antes, que tinha chegado o momento de pagar por tudo que fizera. No final do túnel, a água gotejava, emitindo um som cavo.

No final do túnel. Deveria ter verificado aquilo de saída. Uma mina era um esconderijo natural para um urso. Ou cobras. O que acontecera... por que não a tinha ainda explorado? Pegou um galho em chamas na fogueira e usou-o como uma tocha para atingir o fim do túnel. O teto tornava-se cada vez mais baixo. Detestou ter que se abaixar, sentia dores no lado, mas aquilo tinha de ser feito. Após uma curva, atingiu o local onde a água, que estivera ouvindo gotejar do teto, acumulava-se numa poça e se escoava por uma fenda no chão, e ali era o fim. Com a tocha ameaçando apagar, conseguiu alcançar a parede final, sobre a qual havia uma brecha de sessenta centímetros formando um ângulo para baixo. Rambo achou que estava seguro ali. Quando finalmente a tocha apagou, já estava bem próximo do local da fogueira, tão perto dela que podia ver o bruxulear das chamas.

Lembrou-se, então, de que tinha outras coisas a fazer. Verificar se a claridade da fogueira não estaria sendo vista lá de fora. Arranjar comida. O

que mais? A ideia de repousar naquela mina lhe tinha parecido muito simples logo no começo, porém, à medida que o tempo se escoava, tornava-se aborrecido e estava decidido a esquecer tudo e fazer uma tentativa para atravessar, rastejando, as fileiras de luzes que via lá embaixo.

Conseguiu ir até a entrada da mina, mas, ao chegar lá, sentiu-se tão tonto que foi obrigado a sentar-se. Não havia jeito. Não tinha escolha. Seria obrigado a permanecer ali por mais algum tempo, ainda. Apenas um pouquinho mais.

O primeiro tiro de rifle ecoou lá em cima vindo de algum ponto embaixo, à direita. Logo depois, escutou mais três disparos. Estava escuro demais e estavam tão afastados que o alvo não podia ser ele. Ouviu mais três tiros e, depois, o som abafado de uma sirene. Mas que diabo... o que estaria acontecendo, afinal?" "Comida. Essa é a única coisa com que se deve preocupar. Comida." E Rambo sabia exatamente de que tipo: uma coruja enorme que vira alçar voo de uma árvore mais embaixo, quando saíra da caverna pela primeira vez. O pássaro tinha fugido, e poucos minutos depois voltara ao mesmo lugar. Rambo o tinha visto proceder desta

maneira por duas vezes. O pássaro se tinha afastado novamente e ele aguardava que completasse a volta.

Escutou outros tiros vindo da direita, a distância. Mas, por quê? Ficou ali, tremendo, esperando, intrigado. Pelo menos, o tiro que ele desse iria ser confundido com os outros disparos lá de baixo, não revelaria o lugar onde estava. Fazer pontaria à noite era sempre difícil, porém com a ajuda do ponto de tinta luminosa que o velho da destilaria tinha colocado na alça de mira do rifle, teria uma chance bem grande. Esperou... esperou... e quando o suor no rosto e o arrepio que lhe subia pela coluna acima tornaram-se insuportáveis, escutou o bater das asas, olhou e viu a rápida silhueta fazer a volta e pousar sobre a árvore. Um, dois e o rifle estava apoiado sobre o ombro, mirando contra a mancha escura da coruja. Três, quatro, ele tremia, procurando dominar os músculos. Pi-ium! O coice da arma repercutiu nas costelas provocando-lhe dores, e teve que se encostar à entrada da caverna.

Achava que poderia ter errado a mira, receava que a coruja pudesse levantar voo outra vez e não voltar mais, quando a viu se mexer, apenas um pouquinho. Em seguida, caiu graciosamente da árvore, bateu num galho, escorregou, desaparecendo nas trevas. Escutou quando a ave tombou sobre as folhas caídas. Tratou de descer, depressa, a trilha de saibro, rumo à árvore, sem ousar desviar os olhos do ponto onde julgava que o pássaro estava. Perdeu o senso da direção, não conseguiu encontrá-lo. Somente após uma longa busca, descobriu-o por acaso.

Finalmente, ao chegar de volta junto à fogueira, caiu sobre o leito de folhas, a cabeça rodando, sentindo calafrios terríveis. Procurou ignorar a dor, concentrando-se nas presas fechadas da coruja, acariciando as penas eriçadas. Era uma coruja velha, concluiu, e observou a expressão de sabedoria da cabeça, porém não conseguia manter as mãos tranquilas para afagar bastante as penas.

Também não conseguia entender o porquê do tiroteio lá fora. A ambulância passou pelo caminhão de comunicações, a sirene tocando, correndo a toda, rumo à cidade. Atrás dela vinham três carros abertos de combate, apinhados de homens à paisana, alguns reclamando em voz alta, gritando coisas incompreensíveis para os homens da Guarda Nacional espalhados ao longo da estrada. Logo depois, passaram duas radiopatrulhas da polícia estadual, tomando conta de tudo. Teasle ficou no acostamento, as luzes dos faróis batendo sobre ele, no meio das trevas. Balançou a cabeça e encaminhou-se lentamente para o caminhão.

- Já lhe informaram quantos mais foram atingidos pelos disparos? -

Perguntou, dirigindo-se ao rádio operador.

O rádio operador estava circundado por uma auréola de luz que se originava da lâmpada dependurada no teto do veículo.

- Agora mesmo, infelizmente - replicou devagar e baixo. - Um deles. Um dos nossos. O civil foi atingido na rótula, o outro na cabeça.

- Oh! - Fechou os olhos por um momento.

- O enfermeiro da ambulância acha que não chegará com vida ao hospital.

"Deus, queira que isso não aconteça", pensou. "Do jeito que as coisas estavam-se passando nos últimos três dias, Ele não vai permitir uma coisa dessas. Não tenho dúvida. Ele não permitirá."

- Sabe quem era ele? Não. Espere. Acho melhor não me dizer. Já morreram homens demais que eu conhecia. Será que já conseguiram reunir todos aqueles bêbedos para evitar que disparem contra mais alguém? Esses carros de combate que passaram estavam transportando todos eles?

- Kern acha que sim, porém não está em condições de afirmar nada.

- O que significa que ainda pode haver uns outros cem acampados lá em cima.

"Meu Deus, não acha que há uma outra maneira de fazer isso? Quem me dera que estivéssemos apenas nós dois, eu e o rapaz, sozinhos. Quantos outros morrerão, antes que tudo isto esteja terminado?"

Estivera perambulando por ali, excedera-se demais. Estava-se sentindo tonto novamente. Encostou-se de encontro à traseira do caminhão para não despencar, as pernas fracas. Tinha a impressão de que os olhos iam virar para dentro das cavidades orbitais. "Como acontece com as bonecas", pensou.

- Talvez fosse melhor voltar aqui para dentro e descansar - disse o rádio operador. - Embora esteja praticamente na penumbra, posso ver o suor escorrendo pelo rosto e através das ataduras...

Teasle concordou, balançando a cabeça imperceptivelmente.

- Mas não diga uma coisa dessas quando Kern estiver por perto. Pode dar-me esse café?

As mãos tremiam quando apanhou o copo de café e tomou um gole com duas pílulas. A língua e a garganta estavam amargas devido ao sabor acre.

Foi então que Trautman voltou, após ter conversado com os componentes da Guarda Nacional, mais adiante, na estrada escura. Deu uma olhada em Teasle e disse-lhe: - Devia estar na cama.

- De jeito nenhum. Só farei isso quando tudo estiver terminado.

- Bem, parece que isso vai demorar mais do que espera. Não estamos de volta à Coreia nem ao Reservatório de Chosin. Seria muito interessante uma tática de combate em larga escala, desde que contasse com dois grupos se enfrentando: se um deles tomasse uma posição errada, o inimigo seria tão numeroso que você poderia vê-lo aproximar-se em tempo de reforçar o outro flanco. Porém, não poderá fazer uma coisa dessa aqui, não ao dar combate a apenas um homem, principalmente este. Ele é tão difícil de ser localizado que pode passar por seus homens, ao menor sinal de tumulto, sem que o percebam.

- - Já apontou muitos erros. Será que pode dizer algo positivo? - Teasle falara mais alto do que pretendia. Quando Trautman respondeu, "Sim", havia alguma coisa nova, um ressentimento, talvez, escondido naquela minúscula palavra.

- Ainda tenho que acertar uns pequenos detalhes. Não sei como administra o seu departamento de polícia, porém gostaria de estar seguro antes de prosseguir com meus planos.

Teasle fez um sinal afirmativo e tentou, logo, diminuir a tensão.

- Sinto muito. Acho que desta feita agi errado. Não ligue para isso. Não consigo sentir-me feliz, a menos que sofra, de vez em quando. Mais uma vez estava acontecendo aquela clara repetição de uma cena anterior, ou melhor, duas noites antes, quando Orval tinha dito: "Daqui a uma hora já estará escuro", ele replicara "Acha que não sei?", para logo depois se desculpar junto ao amigo, usando praticamente as mesmas palavras de ainda há pouco, com Trautman.

Talvez fosse uma consequência das pílulas. Não sabia o que continham, porém não tinha dúvida de que agiam. A tonteira já estava melhorando, a cabeça começava a

parar de girar. Contudo, estava preocupado, pois os intervalos entre as tonteiras estavam diminuindo e estas eram mais prolongadas. Mas, pelo menos, já não sentia o coração acelerar para em seguida, dar uma parada. Agarrou-se à traseira do caminhão para subir, porém não teve a força necessária para se içar.

- Ei. Segure minha mão - disse o rádio operador.

Conseguiu subir com o auxílio do outro, porém bem devagar. Teve que esperar um pouco, até que estivesse bastante firme para prosseguir, sentar-se no banco e finalmente, relaxar o corpo com os ombros encostados à parede do caminhão. Pronto. Conseguiu. Nada mais lhe restava a fazer, além de ficar sentado e descansar. Era a mesma sensação de cansaço e alívio que experimentava, às vezes, depois de vomitar.

Trautman, após subir com uma aparente facilidade, ficou no fundo do caminhão, observando-o. Teasle recordou-se de que o outro lhe tinha dito alguma coisa há alguns instantes, que o havia deixado intrigado. Não conseguia recordar-se do que se tratava. Alguma coisa sobre...

Ah, conseguiu lembrar-se.

- Como sabe que estive no Reservatório de Choisin? Trautman olhou, surpreso.

- Ainda há pouco - disse Teasle. - Mencionou...

- Sim. Antes de sair de Fort Bragg, comuniquei-me com Washington e pedi-lhes para que lessem para mim sua folha de serviço.

Teasle não gostou daquilo. De maneira nenhuma.

- Tinha que fazer isso - disse Trautman. - Também não vejo necessidade de encarar isso de uma maneira pessoal, como se eu estivesse interferindo em sua privacidade. Precisava conhecer o tipo de homem que você era, para verificar se esse problema com Rambo não se originara por culpa sua; se, por acaso, não estava querendo ver sangue, para que eu pudesse prever os problemas que teria que enfrentar. E se foi um dos erros que cometeu com relação ao rapaz. Saiu em perseguição de um homem sobre qual nada sabia, nem ao menos o nome. Sempre ensinamos esta regra aos nossos alunos: jamais enfrente um inimigo até que o conheça tão bem quanto a si mesmo.

- Está certo. O que o Reservatório de Choisin esclareceu a meu respeito?

- Após ter-me contado um pouco do que aconteceu nas montanhas, explica, em parte, como conseguiu escapar de Rambo.

- Não há nenhum mistério. Corri mais depressa. - A lembrança de como disparara em pânico, abandonando Shingleton deixou-o amargo, desgostoso.

- Eis aí a questão - disse Trautman. - Não deveria poder correr mais depressa do que Rambo. Ele é mais moço, está em melhores condições, e recebeu um treinamento mais duro.

O rádio operador ficara sentado à mesa, escutando-os. Agora, olhou-os, passando os olhos de um para outro, e disse: - Gostaria de saber sobre o que estão falando. Que reservatório é esse?

- Você não serviu nas Forças Armadas? - Perguntou Trautman.

- Claro que sim. Fiquei dois anos na Marinha.

- Pois aí está a razão pela qual nunca ouviu qualquer referência sobre esse assunto. Se tivesse servido no Corpo de Fuzileiros, conheceria os mínimos detalhes, de cor e salteado, e sentiria orgulho. O Reservatório de Choisin foi uma das batalhas mais famosas da campanha da Coreia. Na verdade, foi uma retirada, porém tão arrojada quanto um ataque, e custou ao inimigo trinta e sete mil homens. Teasle encontrava-se bem no meio dela. A tal ponto que foi agraciado com a Cruz do Mérito Militar.

O modo de Trautman referir-se a ele pelo primeiro nome fez com que Teasle se sentisse estranho. Era como se não estivesse ali, ao lado deles, mas sim ao lado de fora, escutando, e Trautman, sem se dar conta desse fato, discorresse a seu respeito.

- Gostaria de saber - prosseguiu Trautman - se Rambo tinha conhecimento de sua participação naquela retirada.

Teasle deu de ombros.

- O diploma e a medalha estão dependurados na parede de minha sala. Ele os viu. Se é que significou alguma coisa para ele.

- Ora, claro que sim, não tenho dúvida sobre isso. E foi exatamente isto que lhe salvou a vida.

- Não entendo como. Perdi a cabeça quando Shingleton foi baleado e fugi como um rato apavorado. - Sentiu-se melhor depois de ter dito aquilo, após tê-lo confessado às claras, sem dar ensejo a que lhe fizessem críticas quando estivesse ausente.

- Mas é claro, perdeu a cabeça e correu - prosseguiu Trautman. - Está afastado desse tipo de ação há anos. E quem não fugiria, se estivesse em seu lugar? Porém, procure compreender uma coisa, Rambo não esperava que agisse assim. Ele é um profissional e, é lógico, acredita que alguém possuidor daquela condecoração também seja um profissional como ele....

Oh, talvez um pouco fora de forma e certamente não tão bom quanto ele, mas ainda assim pensaria em você como um profissional... e acho que o perseguiu nessa base. Já teve alguma vez a oportunidade de assistir a uma partida de xadrez entre um amador e um profissional? O amador, em geral, consegue comer mais peças. Isto porque o profissional está habituado a competir com pessoas possuidoras de um sistema de jogo que seguem um padrão para cada jogada... no caso citado, o amador move as pedras por todos os lados, sem ter um conhecimento de suas pretensões, tentando, tão-somente, fazer o melhor que pode com o pouco que sabe. Muito bem, o profissional fica tão atrapalhado, procurando descobrir uma regra inexistente, que, de repente, está com uma desvantagem. Em seu caso, você lutava às cegas, e Rambo o estava perseguindo, tentando antecipar os movimentos que alguém como ele faria em busca de proteção. Deve ter achado que ficaria por lá, aguardando-o, tentando armar-lhe uma emboscada. Tudo isto deve tê-lo atrasado até que compreendeu, mas então já era tarde demais.

O rádio operador acabava de colocar os fones ao ouvido para escutar um relatório que estava sendo transmitido. Teasle se deu conta de que olhava, desorientado, para o chão.

- O que aconteceu? O que se está passando? - Perguntou.

- O nosso homem, aquele que foi baleado na cabeça... acaba de morrer.

"Claro", pensou Teasle. "Infelizmente, era claro."

"Então, por que está permitindo que isso o perturbe, como se fosse uma coisa inesperada? Afinal, tinha certeza de que ele iria morrer..."

"Aí está o problema. Eu tinha certeza. Ele e muitos outros morrerão antes que tudo isto esteja terminado."

- Que Deus o tenha - exclamou Teasle. - Não vejo outra maneira de perseguir esse rapaz a não ser com todos esses homens. Porém, daria qualquer coisa para sermos, outra vez, apenas um contra o outro.

O rádio operador retirou os fones dos ouvidos, afastando-se muito sério do local onde estava.

- Fazíamos parte de turmas diferentes, porém tive oportunidade de trocar ideias com ele, algumas vezes. Se não se importam, gostaria de dar um giro por aí... - Desceu do caminhão, distraído, parou na estrada por um momento antes de falar novamente. - Talvez o caminhão de provisões ainda esteja estacionado na estrada. Vou ver se arranjo algumas roscas e mais café. Ou qualquer outra coisa.

Continuou parado onde estava por um segundo depois começou a andar, desaparecendo nas trevas.

- Se ainda fossem você e o rapaz apenas - disse Trautman - a esta altura ele já saberia como persegui-lo. Numa corrida em linha reta. Não tenho dúvida de que ele o mataria.

- Não. Porque desta feita eu não correria. Quando estava nas montanhas, sentia medo dele. Agora, já não sinto mais.

- Pois deveria sentir!

- Não, pois estou recebendo lições de você. Não persiga um homem até que o compreenda. Foi isso que disse. Muito bem, neste momento, já sei muita coisa a respeito dele. Portanto, levaria vantagem.

- Isso é uma tolice. Não lhe disse praticamente nada a respeito dele. Talvez um psiquiatra do Exército pudesse elaborar uma teoria, tomando como base determinados dados: a mãe morrendo de câncer quando ele ainda era jovem, o pai um alcoólatra, o fato de o pai ter tentado matá-lo com uma faca e a maneira como fugiu de casa, naquela noite, carregando um arco e uma flecha que atirou contra o velho, quase o matando; por não ter dinheiro suficiente para comer e ser forçado a largar os estudos para trabalhar numa garagem. Isto soaria lógico, porém nada significaria. Não alistamos loucos.

Rambo passou por testes e possui tanto equilíbrio quanto você ou eu.

- Mas eu não vivo para matar.

- Claro que não. Você adota um sistema que permite que outros o façam por você. E quando eles voltam da guerra, não suporta o cheiro da morte que exala deles.

- No começo, ignorava que ele estivera na guerra.

- No entanto, viu que ele não estava agindo de um modo normal e não se deu ao trabalho de descobrir o porquê. Limitou-se a afirmar que era um vagabundo. Mas, afinal, que mais poderia ser? Deu três anos da sua vida para participar de uma guerra que, supostamente, ajudaria seu país, e a única coisa que aprendeu lá foi matar. Onde iria encontrar um emprego que exigisse uma experiência nesse setor?

- Ele não precisava alistar-se. E poderia ter voltado a trabalhar na garagem.

- Apresentou-se como voluntário por achar que seria convocado de qualquer maneira. Sabia que os regimentos mais bem treinados, aqueles que dão aos homens uma melhor oportunidade para sobreviverem, não pegavam os convocados, mas tão somente os voluntários. Afirmou que poderia ter voltado a trabalhar na garagem. É uma maneira simplista de resolver as coisas, não acha? Três anos... recebe uma Medalha de Honra, sofre uma depressão, e arranja um emprego para lubrificar carros. Agora, você fala em lutar sozinho contra ele, mas apesar disso insinua que há alguma coisa deteriorada num homem que mata para sobreviver. Meu Deus! Você não me enganou, é tão militarizado quanto ele, é por isso que tudo começou. Quisera lutar com ele, corpo a corpo. Seria a última surpresa de sua vida, pois ele é uma coisa fora do comum nos dias que correm. É um perito nesse assunto. Obrigamo-lo a isso no exterior e agora está trazendo tudo de volta para cá. Seria necessário observá-lo durante anos para conseguir compreendê-lo ao menos um pouquinho. Teria que fazer todos os cursos que ele frequentou, tomar parte em todos os combates dos quais Rambo participou...

- Sendo um capitão, falando dessa maneira, dá a impressão de não apreciar muito o militarismo.

- Claro que não gosto. Quem gostaria, estando em seu juízo perfeito?

- Então, por que continua entre os militares, principalmente no setor em que está ensinando homens a matar?

- Não faço isso, absolutamente. Ensino-lhes a se manterem vivos. De vez que enviamos homens para lutar em algum lugar, a coisa mais importante que posso fazer é ter a certeza de que, pelo menos, alguns deles voltarão.

Meu negócio é salvar vidas, não as tirar.

- Você afirma que não o enganei, que sou tão militar quanto ele. Creio que está errado. Executo meu trabalho da melhor maneira possível. Contudo, deixemos isso para depois. Você também não me enganou. Diz que veio até aqui para ajudar, mas, por enquanto, nada mais fez além de criticar.

Declara que está disposto a salvar vidas, no entanto ainda não fez nada para evitar que ele matasse outras pessoas.

- Vamos imaginar uma coisa - disse Trautman. Acendeu um cigarro, calmamente, depois de tê-lo tirado de um maço que estava sobre a mesa do rádio. - Você está certo. Absteve-me até agora. Porém, imagine que ajudei.

Refleta sobre isso. Desejaria, realmente, minha ajuda? Ele foi o melhor aluno que jamais saiu de minha escola. Lutar contra ele seria a mesma coisa que lutar contra mim mesmo, porque suspeito que ele foi forçado a isso...

- Ninguém o forçou a matar um policial com uma navalha. Vamos deixar isso claro.

- Focalizarei a coisa de outra maneira: tenho aqui um conflito de interesses.

- Tem o quê? Mas que diabo, ele...

- Deixe-me finalizar. Rambo parece-se muito comigo, e não seria honesto de minha parte não admitir que simpatizo com a posição em que está, o bastante para que gostasse de vê-lo escapar. Por outro lado, meu Deus, ele enlouqueceu. Não precisava persegui-lo depois de constatar que estava batendo em retirada. A maioria dos homens não teria morrido, se Rambo tivesse fugido quando se lhe apresentou uma oportunidade para tal. E isso...

é indesculpável! Porém, não importa como me sinta a esse respeito...

continuo nutrindo simpatia por Rambo. O que me diz se eu, sem ter consciência disso, elaborasse um plano contra ele que lhe propiciasse a fuga?

- Não teria coragem para fazer uma coisa dessas. Ainda que escapasse, seríamos obrigados a continuar a perseguição e mais alguém poderia ser baleado. Já admitiu que sua responsabilidade é tão grande quanto a minha.

Portanto, se ele é seu melhor aluno, que diabo, prove-o. Crie todos os obstáculos que possa imaginar contra ele. Então, se conseguir transpô-los e fugir, terá feito tudo quanto podia e, aí sim, terá razões de sobra para se orgulhar dele. Não pode deixar de ajudar por diversas razões.

Trautman olhou para o cigarro, puxou uma tragada bem grande e, em seguida, atirou-o para fora do caminhão, as centelhas brilhando em meio à escuridão.

- Em primeiro lugar, não sei por que acendi esse cigarro. Deixei de fumar há três meses.

- Não fuja à pergunta - disse Teasle. - Vai ou não vai ajudar?

Trautman desviou os olhos para o mapa.

-- Creio que nada do que eu disse tem importância. Dentro de poucos anos, uma busca desse tipo não se fará necessária. Contamos com instrumentos que podem ser montados na parte inferior de um avião, pelo lado externo.

Tudo quanto se tem a fazer, é sobrevoar a região onde se supõe que a pessoa esteja e o aparelho acusará o calor de seu corpo. No presente momento, não dispomos de aparelhos suficientes para que possam ser emprestados. A maioria está na guerra. Porém, quando estiverem de volta, um homem em fuga não terá a mínima chance de escapar. E, um homem como eu, não será mais necessário. Isso é o fim de tudo. Isso é péssimo.

Tenho medo do dia em que as máquinas substituirão os homens, assim como odeio a guerra. Pelo menos agora, um homem ainda pode recorrer aos próprios talentos.

- Continua evitando a pergunta.

- Sim, vou prestar ajuda. Ele tem que ser contido. Gostaria muito que a pessoa encarregada disso fosse alguém como eu, que o compreenda e sofra com ele.

Rambo segurou a coruja pelo dorso macio e flexível, agarrou um punhado de penas da barriga e puxou-as. Estas, ao saírem, produziram um ruído estranho e áspero. Gostava da sensação desencadeada pelo contato das penas nas mãos. Depenou a ave, deixando a carcaça limpa, cortou a cabeça, as asas, as garras. Em seguida, enfiou a ponta da faca na parte inferior das costelas, deslizando a lâmina afiada até a entreperna. Separou as duas partes, enfiou a mão à procura das tripas mornas e úmidas e, devagar, seguro, puxou-as para o lado de fora trazendo junto praticamente todas as entranhas, logo na primeira tentativa. Em seguida, passou a faca pelo lado de dentro para limpar o que ainda ficara ali. Poderia ter ido lavar a ave no local onde a água gotejava do teto da mina, porém, não tinha certeza se estaria contaminada ou não. De qualquer maneira, agir assim significaria, apenas, mais uma complicação, quando tudo que desejava era terminar logo com aquilo, comer e sair dali. Já despendera muita energia com tudo que fizera. Pegou um galho comprido, que estava longe da fogueira, afinou uma das extremidades e enfiou-a na carne da coruja, colocando-o, em seguida, sobre o fogo. Os pedaços de penas e penugens, que ainda tinham ficado presos à carcaça, crepitaram sob a ação do fogo. "Sal e pimenta", pensou. Como a coruja era velha deveria estar dura, rija. O cheiro do sangue queimado era acre e provavelmente, a carne teria o mesmo sabor e, por isto mesmo, desejou muito contar, pelo menos, com um pouco de sal e pimenta.

"Fora àquela situação infernal que conseguira chegar", pensou. Depois de acampar na floresta sob a proteção do saco de dormir, comendo hambúrgueres com Coca-Cola sobre a relva empoeirada da beira da estrada, chegara àquela situação: uma cama de brotos de abetos numa mina, uma coruja para se alimentar sem nem ao menos ter um pouco de sal e pimenta. A situação em que se encontrava não era muito diversa do tempo em que acampara nas florestas, subsistindo com o mínimo necessário, porém considerava aqueles momentos um verdadeiro prazer, já que a opção fora apenas sua. Contudo, a partir de agora, talvez fosse obrigado a viver dessa maneira por muito tempo, o que, na realidade, era um mínimo.

Dentro em breve, talvez nem contasse com tantas coisas e quem sabe se ainda não se recordaria com prazer da boa noite que passara na mina e cozinhou aquela coruja velha e dura. O México já não estava mais incluído em seus projetos. Tudo

quanto o preocupava era a refeição seguinte e em que árvore poderia acomodar-se para dormir. Dia após dia.... noite após noite...

Sentindo o peito latejar, levantou as duas camisas e olhou para as costelas, espantado ao constatar o quanto estavam inchadas e inflamadas. "Era como se tivesse um tumor ou então como se alguma coisa se estivesse desenvolvendo lá dentro", pensou. Com toda a certeza, não seriam mais umas poucas horas de sono que iriam curar aquilo. Pelo menos, as tonteiras já tinham passado. Era tempo de se mexer. Ativou a fogueira para que a ave cozinhasse mais rápido. O calor do fogo alcançou-lhe a testa e o nariz.

Quem sabe não seria a febre, pensou. Deitou-se de costas sobre os brotos de abeto, o rosto suado virado na direção do fogo. Sentia a boca seca. Teve vontade de tomar um gole do cantil, porém como já bebera água em excesso, julgou melhor poupar um pouco para mais tarde. Porém, todas as vezes que entreabria os lábios, uma posta de saliva espessa grudava-se neles. Finalmente, não suportando mais, tomou um gole e bochechou com a água morna e de gosto metálico por toda a boca, juntando toda a saliva, refletindo se devia ou não a cuspir. Contudo resolveu que não devia, e engoliu tudo.

Assustou-se ao escutar uma voz. Ela ecoou, indistinta, no fundo do túnel, dando a impressão de que havia um homem do lado de fora, dirigindo-se a ele através de um alto-falante. Como tinham conseguido descobrir onde estava? Apressou-se em verificar se a pistola, a faca e o cantil estavam presos ao cinturão de equipamento, agarrou o rifle, o pau com a coruja e disparou na direção da entrada. A brisa que circulava pelo poço era fresca e agradável. Um pouco antes da entrada, parou, prestando atenção para ver se não havia alguém lá fora a sua espera. Porém não conseguiu enxergar ninguém... em seguida, tornou a escutar a voz. Agora tinha certeza de que ela partia de um alto-falante. De um helicóptero. O motor rimbombava no meio da escuridão, por cima da elevação, e uma voz sobrepujando o fragor do aparelho clamava: "Grupos doze a trinta e um. Reúnam-se em direção à encosta leste. Grupos trinta e dois a quarenta, inclusive. Espalhem-se pela área norte."

A fileira de luzes ainda continuava lá embaixo, bem distante, aguardando.

Teasle estava realmente decidido a agarrá-lo. E Rambo pensou: "Teasle deve contar com um pequeno exército lá embaixo. Porém, qual a finalidade do alto-falante? Será que não havia um número suficiente de rádios de campo para coordenar os grupos?"

Ou farão todo esse estardalhaço para estraçalhar com meus nervos? Ou será para me assustar? Ou para que me torne conhecedor de quantos homens estão vindo em minha perseguição? Talvez tudo isso seja um stratagema...

talvez não contem com tantos homens ao norte e a leste. Pode ser que só tenham o suficiente para cobrir as regiões sul e oeste." Rambo tivera oportunidade de ver as próprias Forças Especiais usando um alto-falante, de maneira idêntica durante a guerra. Aquilo, geralmente, atrapalhava o inimigo e induzia-o a imaginar o que os americanos iriam fazer, e com isso era levado a mudar de tática. Porém, existia uma contrarregra: quando alguém deseja que você modifique de estratégia, nem o deve tentar. A melhor atitude é continuar com os planos iniciais, como se não tivesse escutado nada.

Naquele momento, a voz estava repetindo as ordens novamente, diminuindo de volume à medida que o helicóptero ultrapassava a elevação.

Mas Rambo não fez caso do que ouvira. Por ele, Teasle poderia levar quantos homens quisesse para as montanhas e que viessem de todos os lados. Não fazia mal. Eles passariam bem ao lado dele... sabia para onde ir.

Desviou os olhos para leste. O céu estava acinzentado para aqueles lados.

Dentro em breve, o sol nasceria. Acomodou-se sobre as rochas na entrada da mina, experimentou a temperatura da ave com a ponta do dedo para se certificar de que não estava muito quente para comê-la. Em seguida, cortou uma lasca de carne, mastigou-a e achou-a detestável. Era muito pior do que pensara. Esturricada, seca e amarga. Teve que se esforçar para morder outro pedaço... mastigou... mastigou muito, antes de conseguir engoli-lo.

Teasle não conseguira pregar olho. Uma hora antes do amanhecer, Trautman deitou-se no chão e fechou os olhos, mas Teasle continuou sentado no banco, as costas apoiadas na parede do caminhão; pediu ao rádio operador que passasse o som dos fones de ouvido para os alto-falantes e ficou escutando as comunicações que iam sendo transmitidas sobre as respectivas posições, sem, praticamente, desgrudar os olhos do mapa. Pouco depois, os comunicados diminuíram de frequência. O rádio operador inclinou-se sobre a mesa, colocou a cabeça sobre os braços e adormeceu; e, mais uma vez, Teasle estava só.

Cada unidade já tinha tomado a posição certa. Viu, em pensamento, os policiais e os homens que integravam a Guarda Nacional espalhados ao longo das

extremidades dos campos e das áreas da mata, apagando os cigarros, carregando os rifles. Estavam divididos em destacamentos de cinquenta homens, cada um contava com um rádio de campo, e, às seis horas, seria dada a ordem para atacar. Espalhados num amplo círculo, eles vasculhariam os campos e as matas, deslocando-se a partir dos principais pontos da bússola. Levariam dias para conseguir cobrir uma região tão extensa e alcançar o centro. Contudo, acabariam agarrando o rapaz. Se um dos grupos penetrasse numa região pantanosa, o que iria dificultar-lhe a caminhada, o rádio operador se comunicaria com os outros grupos a fim de que diminuíssem de ritmo e esperassem. Isto evitaria que um grupo se atrasasse demais, a ponto de ficar mais atrás da linha principal, mudando de direção, imperceptivelmente, com a possibilidade de começar a vasculhar uma área que já tinha sido coberta pelos outros. Não poderia haver nenhuma brecha na linha, salvo aquelas que tinham sido planejadas para funcionarem como armadilhas. Nesse caso, uma turma de homens devia ficar deitada, colada ao solo, para agarrar o rapaz caso este pretendesse tirar proveito daquela falha. O rapaz. Teasle, embora já soubesse seu nome, não conseguia acostumar-se a usá-lo. Ao amanhecer, a temperatura pareceu esfriar. Teasle colocou uma manta do Exército em cima de Trautman, deitado no chão, depois enrolou-se em outra. Em qualquer plano, sempre havia alguma coisa a mais para fazer, alguma falha: recordava-se de ter aprendido isso durante o treinamento recebido na Coreia. Trautman também dissera o mesmo. Por isso, revia toda a busca, todos os ângulos, procurando alguma coisa que talvez tivesse esquecido. Trautman exigira que os helicópteros lançassem patrulhas nos cumes mais altos, de onde poderiam localizar o rapaz caso ele corresse adiante da linha de busca.

Descer as patrulhas por meio de guinchos, em meio às trevas, for uma manobra perigosa, porém tinham contado com a sorte e não ocorrera nenhum acidente. Trautman quisera que os helicópteros voassem para frente e para trás, lá em cima, transmitindo ordens falsas a fim de atrapalhar o rapaz, e isto já estava sendo feito. Trautman achava que o rapaz tentaria a fuga pelo Sul: fora esta a direção que tomara durante a guerra, quando escapara dos vietcongs e havia uma probabilidade bem grande de que tentasse isso novamente. Portanto, a linha sul fora reforçada, exceto nas falhas intencionais que serviriam como armadilhas. Os olhos de Teasle ardiam devido à falta de sono, mas não conseguira dormir. Depois, quando já não havia mais nenhum ponto do plano de busca para reexaminar, começou a pensar sobre outras coisas que queria esquecer. Tinha-as afastado da cabeça, mas agora, que esta começava a doer, os fantasmas apareceram por conta própria.

Orval e Shingleton. Os jantares nas sextas-feiras, semana após semana, na casa de Orval.

- Esta é uma boa maneira de começar o fim de semana - dizia a Sra.

Kellerman, que lhe telefonava todas as quintas, para a delegacia, para saber o que desejava comer no dia seguinte. Nos tempos passados, hoje seria o dia em que ela telefonaria e amanhã estariam comendo juntos... comendo o quê? Não, a ideia de comer era-lhe intolerável. Jamais era Beatrice quem telefonava. Era sempre a Sra. Kellerman. Quando o pai morrera e fora viver com Orval, tinham resolvido que ele a trataria de Sra. Kellerman, não conseguia imaginar a si mesmo chamando-a de "Mãe", ou "Tia Beatrice", que soava estranho; portanto, fora sempre a Sra. Kellerman.

Orval, que sempre tratara os pais de "senhor" e "senhora", gostara da ideia.

Com Orval era diferente. Aparecia com bastante assiduidade na casa de seu pai, e Teasle acostumara-se a chamá-lo pelo primeiro nome, e aquele hábito era difícil de quebrar. Os jantares das sextas-feiras... A Sra. Kellerman estaria cozinhando. Ele e Orval ficariam do lado de fora, com os cachorros.

Depois, entrariam para tomar os aperitivos antes do jantar. Orval já tinha deixado de beber, portanto apenas ele e a Sra. Kellerman tomariam bebidas alcoólicas. Orval beberia um suco de tomate temperado com sal e molho Tabasco. A boca de Teasle encheu-se de saliva amarga, ao relembrar de tudo aquilo. Procurou não pensar em comida, e recordou como se tinham iniciado as discussões e de que maneira os jantares nas sextas-feiras tinham terminado. Por que não dera razão a Orval? Seria, realmente, tão importante a maneira de sacar uma arma ou treinar um cão, a ponto de discutirem a respeito? Será que Orval tinha medo de envelhecer e tinha que provar que ainda estava tão hábil quanto antes? Talvez fossem íntimos demais e cada ponto de discórdia era como que uma traição, e tinham de discutir. Teasle pensou: "Quem sabe se não me sentia orgulhoso demais e achava ser uma necessidade demonstrar-lhe que já não era mais um jovem.

Quanto a Orval, era incapaz de tolerar que um filho adotivo se dirigisse a ele de uma maneira que jamais ousara adotar com relação aos próprios pais.

A Sra. Kellerman estava com sessenta e oito anos. Estava casada há quarenta. O que iria fazer agora sem o marido? Toda a sua vida estava presa à dele. Para quem continuaria a cozinhar? Para quem limparia a casa e lavaria as roupas?"

"Creio que para mim", pensou Teasle.

"E quanto a Shingleton? E os torneios de tiro dos quais tinham participado como representantes da polícia de Madison? Shingleton também tinha mulher, e três filhos pequenos. O que faria ela? Arranjaria um emprego, venderia a casa, pagaria uma empregada para tomar conta das crianças enquanto estivesse no trabalho? E como vou explicar às duas a maneira como os maridos perderam a vida?", pensou. Deveria ter-lhes telefonado há horas, porém faltara-lhe coragem.

O copo de papel estava repleto de guimbas de cigarro encharcadas de café.

Acendeu o último, amassou o maço, sentiu a garganta seca ao relembrar o pânico que experimentara na encosta, enquanto Shingleton gritava: - Cuidado, Will! Ele me acertou!

Logo depois a arma fora disparada e ele fugira a toda. Se tivesse ficado, talvez tivesse tido a chance de acertar um tiro no rapaz. Se tivesse conseguido um meio de chegar até onde se encontrava Shingleton, se ele estivesse vivo, quem sabe não o teria salvo. Meneou a cabeça, enojado, ao recordar a corrida desenfreada pelo penhasco abaixo. "Você é um homem duro", disse de si para si. "Pois sim, não passa de um imbecil! E se tivesse que passar por tudo novamente, agiria da mesma maneira."

"Não", pensou. "Não. Morreria ao invés de fugir."

Os corpos lá no alto do penhasco. A polícia estadual tentara achá-los com um helicóptero, porém, lá de cima todos os penhascos pareciam idênticos e, finalmente, iniciaram a busca por terra. Será que a chuva tinha encoberto parcialmente os corpos com terra e folhas? Será que havia animais farejando em volta deles e insetos passeando por cima dos rostos? Qual seria o aspecto de Orval, depois da queda lá de cima? O enterro de Galt fora realizado na véspera, de manhã, enquanto ele corria, desorientado, pelo campo. Estava satisfeito por não ter comparecido. Gostaria de não ter de ir ao sepultamento de todos os outros quando fossem, finalmente, encontrados e levados para a cidade, ou aquilo que restaria deles após tantos dias expostos às intempéries na floresta. Um enterro com missa.

Todos os caixões enfileirados diante do altar, as tampas abaixadas, todos os habitantes da cidade presentes, olhando para ele, depois para os caixões e novamente para ele. Como poderia explicar àquelas pessoas o que acontecera, por que julgara melhor manter o rapaz longe da cidade e por que razão o rapaz, em sua

amargura, sentira necessidade de desafiá-lo, sem que nenhum dos dois se pudesse conter, desde o início.

Olhou para Trautman, adormecido sob a manta do Exército, e percebeu que começava a ver o rapaz sob o prisma do capitão. O prisma de Trautman.

Não totalmente, porém o bastante para compreender por que o rapaz fizera tudo aquilo e chegou, até mesmo, a simpatizar um pouquinho com ele.

Claro, não matou ninguém quando voltou da Coréia e tinha praticamente passado pelas mesmas coisas que ele.

Contudo, achar que o rapaz poderia ter-se controlado não ia devolver a vida a Orval, a Shingleton e a todos os outros, e a raiva que sentia contra o rapaz por ter baleado Orval era grande demais para suportar. O cansaço que sentia vinha, nas últimas horas, tornando sua revolta esmagadora. Já não tinha forças para imaginar e ver em seu íntimo todas as coisas que gostaria de fazer contra o rapaz.

Pensou sobre isso e, sob a ação do atordoamento gerado pela falta de sono, teve a impressão de que, de alguma maneira alucinada, tudo sempre estivera fora de controle, antes mesmo dele ter conhecido o rapaz, dele ter encontrado Anna, o rapaz e a guerra. Anna. Estava surpreso por não se ter lembrado dela durante dois dias, desde que a matança começara. Tinha a impressão de que ela estava mais longe de sua mente do que a Califórnia, e o sofrimento por perdê-la tinha diminuído diante de todas as coisas que vinha ocorrendo a partir de segunda-feira. Ainda assim, mesmo que pequena, era uma dor e não queria mais sentir aquilo.

Sentiu um aperto no estômago. Engoliu mais duas pílulas e o gosto de giz na própria boca ficou mais forte por estar diminuindo o espaço de tempo entre as doses. Através da traseira escancarada do caminhão, viu o sol começando a surgir no horizonte, fraco e frio, as tropas prontas para entrar em ação ao longo da estrada, a fumaça saindo das bocas dos soldados. O

rádio operador chamava cada grupo para se certificar de que todos estavam prontos.

Teasle inclinou-se e sacudiu Trautman, a fim de acordá-lo.

- Está começando.

Mas Trautman já estava acordado.

- Eu sei.

Kern apareceu e subiu, às pressas, para o interior do caminhão.

- Estive andando para cima e para baixo, ao longo das linhas, dando uma olhada nos preparativos. Parece que tudo vai indo muito bem. Sabem algo a respeito do quartel-general da Guarda Nacional?

- Estão todos prontos. Depende apenas de nós - respondeu o rádio operador.

- Pois está na hora.

- Por que está olhando para mim? - Indagou Teasle.

- De vez que foi você quem começou tudo isso, pensei que talvez quisesse dar a ordem de partida.

Deitado na parte mais alta de um ressalto, Rambo olhou para baixo e viu-os aproximando-se. Primeiro, pequenas turmas cruzando a mata mais afastada, depois um vasculhar bem-organizado e metódico da terra, por uma tamanha quantidade de homens que nem conseguia contá-los. Deviam estar a uns dois quilômetros e meio de distância do local onde se encontrava, pontos diminutos que cresciam rápidos. Havia helicópteros sobrevoando a região, transmitindo ordens que ignorou, incapaz de decidir se eram falsas ou não.

Julgou que Teasle pensasse que ele iria afastar-se da fileira de homens e se embrenhasse pela mata adentro. Ao invés disso, disparou, encosta abaixo, na direção das tropas, mantendo-se abaixado, usando todas as moitas como proteção. Quando alcançou a parte de baixo, correu para a esquerda, colocando as mãos sobre as costelas. Dentro em breve, poderia parar. Não podia permitir que a dor o retardasse. Os homens levavam uma vantagem de cinquenta minutos, talvez menos. Porém, se conseguisse chegar até onde pretendia antes deles, poderia então descansar o quanto quisesse. Subiu, com esforço, uma encosta coberta por um matagal, deslocando-se devagar, apesar de não o querer; arquejando, atingiu o topo e, lá estava ele, o rio.

Estivera procurando-o desde que abandonara a mina. O rio onde se deitara depois que Teasle tinha conseguido meter-se por entre as sarças. Pensara que deveria estar próximo à mina. Assim que começou a escalada, fora até o ponto mais elevado para procurar localizá-lo. Nada feito. O rio corria tão embaixo e estava tão bem

protegido pelas árvores que não conseguiu vislumbrar o menor reflexo da água, nem mesmo uma depressão sinuosa sobre o terreno. Já estava quase desistindo, quando percebeu que o sinal que procurava jamais deixara de estar visível. A névoa. A evaporação matinal que se desprendia da água. Tratou de se apressar naquela direção e agora, sofrendo dores fortes, despencava por entre as árvores, rumo a ele.

Alcançou-o num ponto onde era apenas um fio de água, correndo por sobre os seixos, com a margem coberta de relva de ambos os lados. Continuou a caminhar ao longo do rio, atingindo um local onde havia uma espécie de piscina profunda. Ali, finalmente, aí as margens eram íngremes, porém continuavam recobertas por relva. Continuou a caminhada até que encontrou uma outra piscina e margens íngremes, mas, desta feita, lamacentas. Do lado em que estava, havia uma árvore com as raízes à mostra, devido à erosão do solo com uma consequência do fluxo de água.

Não podia pisar sobre a lama sem deixar pegadas. Tinha que saltar de cima da relva e folhas para cima das raízes da árvore. Em seguida, entrou com todo o cuidado na água, para não deslocar o depósito sedimentar do fundo que poderia deslizar e levá-lo consigo. Dirigiu-se para uma depressão de terra batida, compreendida entre as raízes da árvore e a margem, e bem acima de onde estava. Depois, bem devagarinho, com meticulosidade, começou a se enterrar, espalhando lama nos pés, nas pernas, esfregando-a no peito, aproximando-se das raízes, contorcendo-se, enfiando-se cada vez mais no paul como fazem os caranguejos, o rosto cheio daquela pasta escura, deixando o corpo afundar cada vez mais até que sentiu o peso frio sobre si mesmo, respirando com dificuldade através de uma pequena abertura, suficiente apenas para a passagem de ar. Era o melhor que podia fazer. Nada mais podia tentar. Recordou-se de um antigo adágio que lhe pareceu uma piada: "Já que fez a cama, deite-se nela." E foi exatamente isso o que fez, e aguardou.

Eles estavam tardando muito a chegar. Por seus cálculos, os homens encarregados da busca estavam a duas elevações de distância, quando ele chegara ao rio. Rambo julgou que precisaria esperar quinze minutos, ou um pouco mais, até que atingissem o local onde estava. Achou que não estava sabendo calcular o tempo, que o fato de estar enterrado na lama, sem fazer absolutamente nada além de esperar, fazia-o imaginar que os poucos minutos escoados fossem muito mais do que na realidade. Estava tendo sérios problemas para respirar devido à pressão da lama. A passagem de ar que deixara não era suficiente, porém não podia aumentá-la sem correr o risco de espicaçar a curiosidade de alguém com relação ao buraco,

a ponto de se aproximar para ver o que era aquilo. A lama começava a endurecer em suas narinas, bloqueando-as como se fosse catarro. Os olhos estavam fechados, o lado exercendo pressão sobre os cílios.

E nada dos perseguidores. Precisava fazer alguma coisa algo que o ajudasse a ficar quieto e parado. A pressão da lama mexia com seus nervos. Então, começou a contar os segundos. No final de cada minuto achava que os homens já deviam estar ali; recomeçava a contar e ao alcançar sessenta...

ainda nada, tudo a sua volta era silêncio... mais outro minuto... e nada.

Quando repetiu tudo isso quinze vezes, teve certeza de que alguma coisa estava errada. A lama. Talvez tivesse sido ela. Talvez a lama abafasse o som das pessoas passando por ali e a turma de busca já devia ter passado por ele há muito tempo.

Talvez sim, talvez não. Se não os ouvira, ainda podiam estar para chegar.

Não podia correr o risco de sair e olhar. Talvez se estivessem aproximando do rio naquele momento; quem sabe se anteriormente não teriam tido dificuldades com a espessa vegetação rasteira ou na subida de uma das encostas. Esperou. A lama tapava suas narinas, deixando-o quase asfixiado... estava louco para respirar. A pressão sobre o peito e o rosto aumentava a cada minuto, e desejava poder afastá-la dali. Recordou-se de uma ocasião, quando ainda era um garoto e brincara sobre a areia que recobria um penhasco. Cavara para construir uma caverna, rastejara para dentro, e de repente sentira necessidade de sair dali bem depressa, quando a areia, deslizando por cima dele, lhe estava soterrando a cabeça. Ficara desesperado, apavorado. Debatera-se contra a areia, rastejando como um verme, enquanto mais quantidade de areia deslizava em cima dele. Quase não conseguira libertar-se daquilo. Naquela noite, enquanto tentava adormecer, tinha quase certeza de que, na caverna de areia, sentira uma premonição da morte, e fora exatamente isso que o fizera rastejar para trás, ainda em tempo. Agora, enterrado sob o limo e a lama, pensava que, se alguém se aproximasse e ficasse de pé sobre ele, uma parte da margem poderia deslizar, obstruindo a passagem de ar. Sentiu a mesma premonição que tivera na caverna de areia. Seria enterrado vivo, morreria ali mesmo. A lama já não o deixava mais respirar. Meu Deus, tinha de sair dali, não suportava aquele sufocamento... empurrou a lama.

Ficou petrificado ao ouvi-los. O caminhar difícil, abafado. Muitos deles.

Todos reunidos na parte mais elevada. E vozes abafadas, o chapinhar no rio, uns dois deles parando, em seguida aproximando-se barulhentos, parando bem em cima dele, fazendo pressão sobre a lama, em seu peito, nas costelas quebradas, a dor. Não conseguia mexer-se, há muito que não respirava. Há quanto tempo estava sem ar? Três minutos.... Se tivesse inspirado repetidas vezes primeiro.... Então, dois minutos ainda. Procure aguentar dois minutos. Porém, já não tinha mais noção do tempo. Um minuto pareciam-lhe dois... a sensação de asfixia era tamanha que iria debater-se, empurrar a lama, sair dali antes do que devia. Contava, quatro, cinco, seis, sete. Até vinte... até quarenta... e, à medida que continuava, os números começaram a acompanhar as batidas do coração que se tornavam mais altas e rápidas... o peito contraía-se, oprimia-o. Pronto. A lama que o recobria ficou mais leve, a pressão diminuiu, o homem que estava bem em cima dele deslocou-se. Porém, não o fez com rapidez. As vozes, o chapinhar no rio, felizmente, diminuíram. Mas muito devagar. Ainda não podia sair de onde estava. Poderia haver retardatários. Algum deles poderia olhar para trás, casualmente. Ó meu Deus, depressa. Estava em meio à contagem do segundo minuto... trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete... a garganta estrangulava-o.... quarenta e oito... quarenta e nove. Nunca chegaria aos sessenta, não podia suportar mais. De repente, achou que estava tão enfraquecido pela falta de ar que não teria força suficiente para sair dali. "Empurre. Que diabo, empurre!" Mas a lama não se afastava.

Lutou para conseguir levantar-se, para afastar a lama. E então... Ó Jesus!

Uma corrente de ar fresco chegou até ele, claridade... e estava respirando convulsivamente no meio do rio. A cabeça desanuviou. O peito ficou cheio de ar.... depois sentiu a pontada nas costelas, inspirou com força, expirou, tornando a inspirar com mais força. Estava fazendo muito barulho. Iriam escutá-lo. Virou-se depressa para procurá-los.

Não havia ninguém por ali. Escutava vozes e passos sobre a vegetação rasteira. Mas não os podia ver, tinham-se afastado. Finalmente, estava ao ar livre... só faltava mais uma parte difícil... atravessar as estradas das redondezas. Caminhou curvado pela margem. Por si mesmo. Livre.

"Ainda não está livre, ainda não. Ainda terá que fazer muitas coisas antes de alcançar as estradas."

"Que inferno, pensa que não sei disso?", disse de si para si. "Sempre há mais alguma coisa a fazer. Sempre. Não acaba nunca."

"Ora, trate de se mexer."

"Num instante."

"Não. Agora. Se o pegarem, terá todo o tempo que quiser para descansar."

Respirou, meneou a cabeça e, de má vontade, içou o corpo para o lado do rio, andando pela água até alcançar as raízes da árvore. Espalhou um pouco de lama sobre o buraco onde estivera, atrás das raízes, a fim de que, se aparecesse outro grupo de soldados, não pudessem dizer que a turma anterior passara despercebida por onde ele se encontrava. Tinham que pensar que estava no meio das montanhas, e não perto da estrada.

Em seguida, dirigiu-se até a parte mais funda da piscina e enxaguou o corpo, retirando a lama que o cobria..., porém, tendo o cuidado de deixar o rifle na parte mais elevada da margem. Agora, já não tinha mais importância se estava revolvendo a camada do fundo. Os homens que tinham acabado de passar por ali haviam deixado a água turva. Se voltassem, ou aparecesse uma outra turma, não teriam motivo para pensar que fora ele. Abaixou a cabeça para retirar a sujeira dos cabelos e lavar o rosto. Encheu a mão, aproximou-a da boca, bochechou e cuspiu toda a sujeira que tinha dentro dela, assoando o nariz debaixo da água para se ver livre da lama que ali penetrara. "Só porque estava vivendo como um bicho não queria dizer que devia sentir-se como tal", pensou. Aprendera aquilo na escola de treinamento. Mantenha-se limpo sempre que puder. Isso o fará ir mais longe e lutar melhor.

Saiu de dentro do rio, pingando água. Escolheu uma vareta fina que encontrou caída no chão, com ela limpou a lama que penetrara no cano do rifle e retirou a sujeira do mecanismo disparador. Depois, puxou por diversas vezes a alavanca para se assegurar de que estava macia, e recolocou as cápsulas que havia tirado. Finalmente, começou a andar, movendo-se com cuidado, por entre moitas e árvores, na direção da estrada.

Estava contente por ter-se livrado da lama lá no rio. Sentia-se melhor, com mais energia, pronto para fugir.

Aquela sensação desapareceu quando escutou os cães. Duas matilhas. Uma latindo bem em frente, vindo rumo a ele, a outra à esquerda, deslocando-se com rapidez. Os que estavam à frente deviam estar seguindo o rasto que deixara quando perdera Teasle de vista na encosta das sarças, vagueara até alcançar o rio, jazera semi-

inconsciente na parte mais elevada da margem e terminara a caminhada lá na mina. Os da esquerda, estavam acompanhando o caminho que percorrera quando encurralara Teasle no meio das sarças.

Aquilo tinha acontecido há mais de um dia e, a menos que os homens com os cães fossem exímios rastreadores, não teriam condições de saber qual a pista que deixara ao correr na direção das sarças e qual a que ficara ao se afastar das mesmas. Portanto, não estavam querendo correr nenhum risco e colocaram os cães nas duas pistas.

Pensar naquilo não o ajudou em nada. Tinha de se afastar, livrar-se daquela matilha de cães que vinha, a toda, rumo ao rio.

Estava certo de que não poderia escapar deles... não com aquela dor dilacerante que sentia do lado. Poderia armar-lhes uma emboscada, atirar contra todos, como fizera com a turma de Teasle. Contudo, o barulho dos tiros revelaria sua posição, e todos aqueles homens espalhados pela mata não teriam a menor dificuldade em encontrá-lo.

Tinha que arranjar uma maneira de afastar os cães de seu rasto. Felizmente, dispunha de algum tempo para fazê-lo. Não deveriam vir diretamente até aquela parte do rio. Primeiro, seguiriam o rasto que se afastava da água, rumo ao alto das montanhas, para a mina, e só depois é que iriam até ali.

Poderia tentar ir para a estrada, porém os animais poderiam rumar para lá e os homens se comunicariam com os outros, através do rádio, mais à frente, para que lhe preparassem uma cilada.

Teve uma ideia. Não era grande coisa, porém era o melhor que poderia engendrar. Correu de volta por entre as árvores até o ponto onde se tinha enterrado, na margem do rio. Entrou, rápido, na água, deslocando-se na direção da estrada com a água na altura da cintura, tentando imaginar o que fariam os cães. Seguiriam o rasto desde a mina, encontrariam a trilha por onde andara do esconderijo até a mata, haveriam de segui-lo e ficariam farejando, confusos, quando o rasto terminasse repentinamente sobre a vegetação rasteira. Levariam algum tempo para descobrir que tinha voltado sobre os próprios passos, retornando ao rio e se deslocado pelo meio do curso de água. E, quando finalmente concluíssem o que tinha feito, ele já estaria bem longe de tudo. Talvez dirigindo um carro ou um caminhão que conseguisse roubar.

Porém, a polícia se comunicaria com as radiopatrulhas para que procurassem um carro roubado.

Então, largaria o carro depois de ter coberto uns poucos quilômetros.

E depois? Roubaria outro automóvel e o abandonaria, também? Largá-lo e correr para o meio do mato para que os cães seguissem seu rasto novamente?

Enquanto ele descia o rio, pensando, desesperado, numa maneira de fugir, aos poucos, começou a compreender o quanto seria difícil, quase impossível. Teasle não desistiria da perseguição. Nunca iria permitir que ficasse em liberdade, não deixaria que descansasse.

Preocupado com a aproximação dos cães, a cabeça abaixada para evitar as pedras e pedaços de madeira submersos, nos quais poderia tropeçar segurando as costelas, não viu o homem até que este já estava pertinho dele. Contornou uma curva do rio e lá estava o homem, sentado na margem, sem meias e sapatos, os pés dentro da água. O homem tinha olhos azuis. Estava com o rifle nas mãos, com um aspecto suspeito. Devia ter escutado a aproximação de Rambo e preparara-se para o que desse e viesse.

É claro que não acreditara que pudesse ser Rambo, pois, quando o viu, escancarou a boca e ficou como que paralisado, enquanto o rapaz investia contra ele. Sem barulho. Não podia fazer o mínimo ruído. Nada de tiros.

Rambo empunhava a faca. Deu um safanão no rifle, atirando-o a distância, o homem lutando para subir a margem, Rambo golpeou-o, enfiando a faca na caixa torácica.

- Meu Deus! - Exclamou o homem, atônito, a última sílaba transformando-se num gemido, e morreu.

- O que foi? - Perguntou alguém.

Rambo saltou involuntariamente. Não tinha tempo para se esconder.

- Não lhe disse para parar de se queixar dos pés? - Dizia a voz. Não. Não. -

Deixe disso, vamos, ponha os sapatos antes que nós...

Um homem surgiu de uma depressão, abotoando as calças. Quando avistou Rambo, foi mais rápido do que o companheiro. Deu um salto na direção do rifle que deixara encostado de encontro a uma árvore. Rambo procurou chegar antes dele, mas o camarada conseguiu agarrar a arma... não, não... a mão dele já estava sobre o gatilho, puxando-o.... disparando um tiro que acabou com todas as esperanças de Rambo. O homem preparava-se para disparar outra vez, quando Rambo atirou-se de cabeça em cima dele.

"Tinha que disparar para que todos ficassem avisados, não é, seu canalha?"

Tinha que me acertar!"

"Meu Deus, o que farei?"

Naquele momento, os homens espalhados pela floresta gritavam uns para os outros. A vegetação rasteira criara vida com o barulho dos galhos quebrados e homens correndo. A matilha que estava nas proximidades começou a ladrar na direção em que Rambo se encontrava. Não existia nenhum lugar para onde pudesse ir, nada que pudesse ser feito. Os homens deveriam estar espalhados por todos os lados: "Estou acabado."

Sentia-se quase agradecido por estar perdido. Não precisaria mais correr, não sentiria mais dores no peito, pois eles iriam levá-lo ao médico, alimentá-lo, dar-lhe uma cama. Roupas limpas. Sono.

Isso se não atirassem contra ele ali mesmo, julgando que ainda quisesse lutar.

Pois bem, atiraria o rifle para bem longe, levantaria as mãos e gritaria que se estava entregando.

Sentiu revolta diante daquela ideia. Não podia deixar-se ficar ali, à espera deles. Nunca fizera aquilo antes. Era revoltante. Tinha que haver mais alguma coisa que pudesse fazer. Voltou a pensar na mina e na regra final: se ia sair como perdedor, se iam capturá-lo, pelo menos escolheria o local onde tal viesse a acontecer, e o lugar que lhe proporcionava as melhores vantagens era a mina. Quem poderia dizer se algo mudaria? Talvez, à medida que se dirigisse para a mina, pudesse imaginar um outro meio de escapar.

Os homens aproximavam-se por sobre a vegetação rasteira. Ainda não estavam à vista. Porém apareceriam logo. "Pois muito bem, rumo a mina!"

Não dispunha de tempo para pensar em mais nada. De repente, a excitação de voltar à ação tomou conta de todo o seu corpo. Já não sentia mais cansaço... saiu da água e embarafustou pela floresta adentro. Escutou-os deslocando-se por entre as moitas espessas, mais a frente. Correu para a esquerda, mantendo-se abaixado. À direita, bem afastados, podia vê-los agora, correndo, fazendo barulho, rumo ao rio. Viu os componentes da Guarda Nacional. Fardados. Com capacetes. Na noite anterior, quando observara a cadeia de luzes a quilômetros de distância, tinha pilheriado, imaginando que Teasle contava com um pequeno exército para auxiliá-lo na busca..., Porém, Cristo, aquele era mesmo um exército.

Os homens da Guarda Nacional não paravam de transmitir as descrições da área enquanto penetravam na floresta: penhascos, pântanos, depressões, que um policial ia assinalando no mapa. Teasle afundou-se, exausto, sobre o banco, observando-o marcar um X no local onde os corpos dos dois civis tinham sido encontrados ao lado do rio. Tinha a impressão de estar olhando de muito longe, pois, finalmente, estava zozinho... tantas eram as pílulas que tinha tomado. Não dissera nada para Trautman ou Kern, porém, pouco depois de ter ouvido o comunicado sobre os corpos dilacerados e baleados, sentira uma opressão tão forte perto do coração que ficara apavorado. Mais dois mortos. Quantos eram, até ali? Quinze? Dezoito? Atrapalhou-se com os números, numa fuga para evitar o novo total.

- Devia estar rumando para a estrada quando os dois civis descobriram -

disse Trautman. - Sabe, agora, que ficaremos esperando por ele junto à estrada, portanto terá que dar meia-volta e esconder-se nas montanhas.

Quando se julgar a salvo, tentará um novo caminho para chegar a qualquer outro ponto da estrada. Desta feita, talvez se dirija para o leste.

- Pois muito bem - falou Kern. - Está cercado. A turma de buscas encontra-se entre ele e a área elevada, portanto não poderá seguir por aqui. A única direção livre é rumo à estrada, e contamos com outros homens aguardando-o ali.

Teasle continuava com os olhos presos ao mapa. Então, virou-se.

- Não. Será que não escutou? - Perguntou, dirigindo-se a Kern. -

Provavelmente, a esta altura, o rapaz já deve estar na área montanhosa.

Podemos constatar isso olhando para o mapa... toda a história está ali.

- Mais Mas isso não faz sentido para mim. Como conseguiu ultrapassar os homens?

- Com a maior facilidade - disse Trautman. - Quando os homens da Guarda Nacional escutaram os disparos atrás deles, um dos grupos afastou-se do alinhamento principal a fim de voltar e investigar. Ao assim agirem, deixaram uma brecha suficientemente grande para que Rambo pudesse atravessá-la e rumar para as montanhas. Todos eles esperavam, assim como acontece com você, que ele continuasse a se afastar das tropas regulares, de algum modo. Logo não deveriam estar alertas para localizá-lo quando se aproximou e, assim conseguiu atravessá-las sem que fosse notado. Acho melhor dar ordens no sentido de que continuem na direção das montanhas antes que fique com uma vantagem ainda maior.

Há muito tempo que Teasle esperava pela reação de Kern. E ali estava ela.

- Não sei não - dizia Kern. - Isto está ficando complicado demais. Não sei qual a melhor forma de agir. Suponha que ele não tenha refletido assim.

Imagine que não se tenha dado conta da brecha entre os homens e tenha ficado onde se encontrava, entre as tropas e a estrada. Se ordenar que penetrem ainda mais na região, acabarei com a emboscada.

Trautman ergueu as mãos.

- Suponha o que bem quiser. Pouco se me dá. Em primeiro lugar, não gosto de ajudar. Ainda assim, é o que estou fazendo.

Porém, isso não quer dizer que eu deva explicar-lhe uma porção de vezes a minha maneira de pensar, como acho que deva agir e muito menos ficar-lhe implorando para seguir minhas instruções.

- Ei, espere aí! Não me leve a mal! Não estou duvidando do seu julgamento. O que sucede é que talvez, na situação em que se encontra, não aja de maneira lógica. Talvez se sinta encurralado e comece a correr em círculos, da mesma forma como costumam agir os coelhos assustados.

Pela primeira vez o orgulho refletido na voz de Trautman estava patente.

- Não agirá assim.

- E se fizer, se houver uma possibilidade de que o faça, não será você o responsável por ter mandado os homens seguirem na direção errada. Mas eu, sim. Tenho de

examinar as coisas sob todos os ângulos possíveis.

Afinal de contas, só estamos abordando aqui as teorias. Não contamos com uma evidência para prosseguirmos.

- Pois, então, deixe-me dar a ordem - disse Teasle. Tornou a sentir a opressão no peito e teve a impressão de que o caminhão caía um metro, inclinando-se. Lutou para continuar a falar, agarrando o corpo. - Se a ordem estivesse errada, terei o maior prazer em me responsabilizar por ela.

- Empertigou-se, prendendo a respiração.

- Meu Deus, está bem? - Indagou Trautman. - Acho melhor tratar de se deitar e rapidinho.

Teasle fez um gesto para manter Trautman longe dele. De repente, o rádio operador disse: - Está chegando um comunicado.

Teasle lutou para ignorar a taquicardia que sentia e escutar o que dizia a mensagem.

- Deite-se! - Ordenou Trautman. - Ou será que serei obrigado a deitá-lo, eu mesmo?

- Deixe-me em paz! Escute!

"Aqui fala o chefe do grupo trinta e cinco da Guarda Nacional. Não consigo entender nada. Devemos ser tantos que os cães perderam o sentido do olfato. Estão-nos querendo fazer voltar às montanhas, ao invés de nos levar para a estrada."

- Não, não perderam o faro - disse Teasle, dobrando-se, a voz estrangulada devida à dor, e dirigindo-se a Kern. - Nós sim, é que perdemos, aumentando a distância entre nós e ele, enquanto se procurava tomar uma decisão. Acha que agora poderá transmitir a ordem?

Uma bala bateu com violência contra as rochas, a poucos metros à esquerda de onde se encontrava Rambo que começava a subir a encosta de saibro rumo à mina, enquanto escutava a detonação ecoando mais atrás, no meio da floresta. Sem desgrudar os olhos da entrada da mina, apressou-se pela subida acima na direção

do túnel, protegendo o rosto contra as lascas de pedras que outras duas balas tinham arrancado do lado direito da abertura.

Quando atingiu a parte mais profunda do túnel, fora do alcance de outros disparos, parou, exausto, encostou-se de encontro a uma parede, arquejante.

Não tinha conseguido manter a distância que o separava do inimigo. As costelas. Naquele momento, os soldados da Guarda Nacional estavam cerca de oitocentos metros mais atrás, aproximando-se a toda, tão alucinados que já nem se davam mais ao trabalho de atirar contra um alvo nítido. Soldados de fim de semana. Treinados para aquilo, mas sem terem a mínima experiência, portanto sem disciplina e, sob o estado de excitação em que se encontravam, eram capazes de qualquer coisa. Por exemplo: embarafustarem túnel adentro como uns tolos, ou disparar uma saraivada de balas pelo poço abaixo. Fizera muito bem ao se dirigir para ali. Se tivesse procurado entregar-se lá no rio, eles teriam reagido rápido demais, disparando contra ele. Precisava contar com uma proteção entre ele e os outros, para que não disparassem antes de ter tempo para lhes dar uma explicação.

Retrocedeu túnel acima rumo à claridade da entrada, examinando o teto.

Quando encontrou um ponto onde estava mais fendido, empurrou a pilastra de sustentação, afastando-se bem depressa antes que o teto pudesse desabar em cima dele. Não estava preocupado com o risco que corria. Se a avalanche fosse suficientemente grande para bloquear a entrada e cortar a passagem de ar, sabia que haveriam de retirá-lo antes que morresse.

Contudo, quando empurrou a pilastra, nada aconteceu. Foi obrigado a experimentar os outros suportes mais próximos, distantes uns três metros.

Desta feita, o teto desabou. Conseguiu escapar da avalanche de pedras que despencou com um estrondo ensurdecador. A passagem estava repleta de poeira. Rambo sentia-se asfixiar, recuava, tossia, esperando que o pó se depositasse a fim de ver a quantidade de rochas que caíra. Um fraco raio de luz brilhava por entre a poeira. Depois, esta acomodou-se sobre o chão e Rambo reparou que havia um espaço de uns trinta centímetros, entre a barreira de pedras e o teto, praticamente desabado. Algumas pedras deslocaram-se e o espaço vazio ficou reduzido à metade. A pouca ventilação que passava, carregava consigo algumas partículas de poeira pelo túnel abaixo. O ambiente ficou mais frio. Rambo deixou-se escorregar até alcançar o chão úmido, escutando o teto estalar e depois... silenciar.

Pouco depois, escutou algumas vozes abafadas do outro lado da barreira.

- Acha que a avalanche o matou?

- Que tal se rastejasse até lá e verificasse?

- Eu?

Alguns deles gargalharam e Rambo sorriu.

- Uma caverna ou uma mina - disse um outro. A voz soava alta e decidida, e Rambo imaginou que estava falando junto ao rádio. - Vimos quando correu para o interior... logo depois, o teto desabou em cima dele. Devia ter visto a poeirada... Claro que o pegamos. Espera um instante, aguenta um pouco a mão... - Em seguida, falou como se estivesse dirigindo a alguém lá fora. - Saia daí, afaste-se da entrada. Se ainda estiver vivo, talvez possa vê-lo e atirar em você.

Rambo rastejou por cima das pedras soltas, os joelhos exercendo pressão sobre as pontas agudas, para olhar através do espaço aberto na parte superior. Lá estavam as paredes laterais da entrada que emolduravam a encosta de saibro, as árvores despidas de folhas e o céu aberto. Em seguida, um soldado entrou em seu campo visual vindo da esquerda para a direita, o cantil batendo de encontro ao quadril à medida que se deslocava.

- Ei... não acabou de me ouvir dizer para não ficar em frente da entrada? -

Falou um homem, fora do alcance de sua vista, mais para à direita.

- Não posso escutar o que está dizendo no rádio, lá de longe.

- Meu Deus!

Se quisesse podia acabar com aquilo.

- Quero Teasle - gritou Rambo, através da pequenina abertura. - Quero entregar-me.

- O quê?

- Traga Teasle até aqui. Quero entregar-me. - As palavras rimbombavam no túnel. Prestou muita atenção para ver se o teto estalava e se não ameaçava desabar em

cima dele.

- Lá. É ele.

- Aguarde... está vivo, lá dentro - disse o homem junto ao rádio. - Está falando conosco.

Houve um instante de silêncio. Depois o homem falou bem mais perto da entrada, mas, agora, já fora de seu campo visual.

- O que quer você?

- Já estou cansado de tanto repetir a mesma coisa. Quero que tragam Teasle até aqui... pretendo entregar-me.

Logo depois escutou alguns sussurros. O homem falava pelo rádio, repetindo a mensagem. Rambo desejou que se apressassem e acabassem logo com aquilo. Não pensou que fosse sentir um vazio tão grande ao desejar entregar-se. Agora, que a luta terminara, tinha certeza de que exagerara a respeito do cansaço e dera muita importância à dor nas costelas. Não tinha dúvida de que poderia ter aguentado mais tempo.

Suportara bem mais na guerra. Mudou de posição, as costelas reclamaram, e ele se deu conta de que não tinha exagerado.

- Ei, você aí dentro - chamava o homem fora do campo de visão. - Pode ouvir-me? Teasle manda dizer que não pode vir até aqui.

- Que inferno! Esteve esperando por isso, não foi? Diga-lhe para subir até aqui.

- Não sei nada sobre isso. Só disseram que ele não pode vir.

- Acabou de dizer que era Teasle quem mandava dizer. Agora são eles.

Afinal, falou ou não com Teasle? Quero vê-lo aqui em cima. Quero que me dê sua palavra de que ninguém vai disparar contra mim por engano.

- Não se preocupe. Se um de nós disparar, não será por engano. Saia daí com todo o cuidado e não cometeremos nenhum engano.

Refletiu sobre aquilo.

- Está certo. Porém preciso de ajuda para deslocar estas pedras. Não posso fazer isso sozinho.

Escutou-os murmurando novamente. Em seguida, o homem disse: - O rifle e a faca. Jogue-os para o lado de fora.

- Atirarei o revólver também.... Tinha uma arma de mão e vocês nem suspeitavam da existência dela. Como veem... estou agindo com honestidade. Não sou tão idiota a ponto de tentar abrir caminho por entre todos vocês, portanto diga a seus homens para afastarem as mãos do gatilho.

- Assim que atirar todo o arsenal em sua posse.

- Já vai.

Detestava ter que atirá-las longe. Detestava a sensação de impotência que experimentaria sem as armas. Olhando através da abertura no alto das pedras caídas, olhando para a floresta virgem e o céu lá fora, gostou da brisa fresca que lhe roçava o rosto ao entrar e descer pelo túnel.

- Ainda não escutei o barulho das armas caindo ao chão - disse o homem fora do campo de visão. - Temos gás lacrimogênio conosco.

Então era assim! E aquele filho da puta nem se dava ao trabalho de subir até ali?

Já estava enfiando o rifle pela abertura. Estava a ponto de largá-lo quando compreendeu. A brisa. A brisa no final do túnel. Com aquela força, tinha de se dirigir para algum lugar. A corrente de ar descia pela abertura no final do túnel e dali era chupada para fora, puxada para fora por uma outra passagem para a montanha. Uma outra saída, era a única explicação que encontrava. Se assim não fosse, a brisa não circularia. Sentiu a adrenalina espalhar-se pelo estômago. Ainda não tinha perdido.

- Onde estão as armas, já perguntei - disse o homem lá fora.

"Vá para o inferno", pensou Rambo. Puxou o rifle de volta para junto de si.

Desceu, depressa, através da escuridão do túnel, o coração aos pulos. As brasas da fogueira estavam apagadas e, pouco depois, teve que tatear para descobrir o local onde estivera acampado. Agarrou os brotos de abeto e os pedaços de madeira que ainda não tinham queimado. Carregou-os até o final do túnel, a cabeça abaixada

devido à pouca altura do local, até que ouviu a água gotejando e bateu de encontro à última parede. Tinha um novo guia para orientá-lo. A fumaça que se desprendia dos brotos de abeto... ela iria ajudá-lo a localizar a direção da brisa dali por diante. "Meu Deus, quem sabe..."

A dor voltou novamente. Teasle inclinou-se para diante, mantendo os olhos presos numa mancha de óleo sobre o chão de madeira. Sabia que não iria aguentar por muito tempo mais. Precisava dormir. Oh, como precisava de um bom sono. O médico tinha que lhe dar alguma coisa. Não podia dizer o quanto se tinha esforçado e feito mal a si mesmo. Graças a Deus, tudo estava quase terminado.

"Só mais um pouquinho", disse para si mesmo. "Só isso. Aguarde mais alguns segundos e o rapaz será capturado."

Esperou que Trautman e Kern desviassem o olhar para outro lugar, e aproveitou para engolir mais duas pílulas.

- Esta caixa estava cheia ontem à noite - disse Trautman. Isso deixou-o surpreso. - Não devia abusar assim.

- Não as tomei. Deixei o vidro cair e perdi algumas pílulas.

- Quando aconteceu isso? Não vi.

- Quando você estava dormindo. Antes do amanhecer.

- Não podia ter perdido tantas. Não devia ter tomado tudo isso. Não com todo o café que bebei.

- Sinto-me muito bem. Tive apenas algumas câibras.

- Quer ir procurar um médico?

- Não. Ainda não.

- Pois, então, vou pedir ao médico que venha até aqui!

- Enquanto ele não for agarrado, não!

Kern aproximou-se dele. Por que não o deixavam em paz?

- Mas já está capturado - disse Kern.

- Não. Está apenas encurralado. Não é a mesma coisa.

- Será agarrado da mesma maneira. É apenas uma questão de tempo. Por que é tão importante assim para você ficar sentado aí, sentindo dores sem necessidade, até que ponhamos realmente as mãos em cima dele?

- Não adianta explicar. Você não entenderia.

- Pois, então, chame um médico - disse Trautman, dirigindo-se ao rádio operador. - Peça um carro para levá-lo de volta à cidade.

- Já disse que não irei. Prometi.

- A quem? O que está querendo dizer?

- Prometi ficar aqui até que tudo estivesse terminado.

- Prometeu a quem?

- A eles.

- Está-se referindo a seus homens? Àquele homem chamado Orval e a todos os outros que morreram?

Teasle não tinha vontade de falar sobre aquilo.

- Sim.

Trautman olhou para Kern e balançou a cabeça.

- Disse que não iria entender - falou Teasle.

Virou-se para a abertura na traseira do caminhão, e o sol que por ali entrava bateu-lhe forte contra os olhos. Depois, teve medo. Tudo escureceu e caiu duro, de costas sobre o chão. Lembrava-se de que as tábuas rangeram quando as tocou.

- Estou avisando para não chamarem o médico - disse devagar, sem poder mexer-se.... - Estou apenas descansando aqui.

A labareda iluminou a fenda e a fumaça flutuou para baixo devido à brisa.

Rambo teve um segundo de hesitação. Em seguida, enfiou o rifle entre o cinturão e a calça, agarrou uma tocha e, com esforço, deslizou pela passagem estreita situada entre as duas paredes. A faixa de rocha sob seus pés estava molhada e escorregadia, e inclinava-se para baixo. Comprimiu as costas contra uma das paredes a fim de que as costelas não roçassem muito contra a outra parede. Quanto mais avançava e se aprofundava, mais o teto da fenda ficava perto do chão. Depois, o reflexo alaranjado da tocha, reluzindo sobre a pedra molhada, mostrou-lhe onde o teto e as paredes estreitavam-se formando um buraco que ia diretamente para baixo.

Colocou a tocha em cima da abertura, porém a chama só iluminava uma parte. Tudo quanto conseguiu ver foi um tubo de ventilação que se ia alargando à medida que penetrava pela rocha abaixo. Tirou um cartucho do rifle e deixou-o cair. Contou até três antes que o cartucho chegasse ao fundo, produzindo um som fraco e metálico. Três segundos... não podia ser profundo. Portanto, enfiou com cuidado uma perna dentro do buraco, depois a outra e, lentamente, tentou descer. Quando chegou à altura do peito, as costelas roçaram nas paredes e não pôde mais prosseguir sem que sentisse uma dor pavorosa. Olhou para o fogo na entrada da fenda, a fumaça velando-a, irritando suas narinas, e escutou barulho do lado de fora da mina. "Outra avalanche", pensou. Não. Eram vozes, gritos que cresciam e chegavam até ele. Já estavam vindo. Suando em bicas, retesou o peito, forçando a passagem das costelas através do buraco, fechou os olhos, empenhou-se e conseguiu passar o corpo.

O espasmo no peito quase o fez cair. Não podia despencar. Não fazia a menor ideia do que havia lá embaixo. Continuou a sustentar o peso do próprio corpo com os braços e os cotovelos apoiados na borda, a cabeça ainda do lado de fora da abertura, enquanto balançava os pés à procura de um ressalto ou uma depressão onde apoiá-los. O tubo de ventilação era escorregadio e liso. Deixou-se escorregar mais um pouco, porém não descobriu nenhum ponto de apoio para os pés. O peso do corpo distendeu o peito, e as costelas cortaram-no. Escutou os homens gritando coisas ininteligíveis dentro da mina. Já estava quase soltando as mãos, decidido a se deixar cair até lá embaixo de qualquer maneira, rezando para que não houvesse

rochas para não se machucar ainda mais, quando seus pés tocaram alguma coisa fina e redonda que lhe pareceu de madeira.

O primeiro degrau de uma escada. "Uma escada da mina", pensou. "Deve ser isso. O homem que a escavara deve ter feito pesquisas por aqui."

Apoiou-se sobre o degrau. Este vergou, mas aguentou firme. Pisou, de leve, sobre o outro degrau... este partiu-se e Rambo despencou outros dois antes de parar. O barulho da queda ressoou pela câmara, deixando-o atônito.

Quando o silêncio voltou, ficou atento para ver se ouvia gritos de homens, porém, agora, já não podia mais ouvi-los, pois, a cabeça já penetrara na abertura. Enquanto descansava, o degrau sobre o qual se encontrava vergou. Tendo medo de despencar até o fundo, moveu a tocha com rapidez de um lado para o outro a fim de ver o que havia lá embaixo. Mais quatro degraus e, depois, uma base circular. Pensou: "Quando chove, a água que entra lá de fora deve se escoar por aqui. Eis a razão dessa rocha polida."

Tocou o chão, todo trêmulo. Olhou em volta. Acompanhou a única saída, uma fenda mais larga que também se dirigia para baixo. Uma velha picareta estava encostada a uma das paredes, toda enferrujada, a madeira do cabo suja e empenada devido à umidade. O cabo da picareta, sob a bruxuleante luz da tocha, projetou uma sombra sobre a parede. Rambo não podia compreender por que o mineiro tinha deixado as ferramentas ali e não na parte superior onde estava o túnel. Contornou um cotovelo, escutando a água caindo em algum lugar e encontrou o homem. Ou melhor, o que restava dele. Sob a luz alaranjada e trêmula, o esqueleto estava tão nauseante quanto o primeiro soldado mutilado que vira na vida. Sentiu, dentro da boca, um sabor parecido ao de moedas de cobre, enquanto se mantinha afastado do esqueleto por um instante... depois, deu alguns passos rumo a ele. Os ossos adquiriram uma tonalidade alaranjada devido à luz, porém tinha certeza de que a cor verdadeira era cinzenta como a argila amontoada a sua volta, e estavam em perfeito estado. Não havia um só osso fora do lugar ou quebrado. Não havia um único indício da causa mortis. A impressão que se tinha era de que se deitara para dormir e nunca mais acordara. Talvez um ataque cardíaco.

Ou envenenamento por gás. Rambo, preocupado diante daquela possibilidade, tentou sentir algum cheiro, porém do local só se desprendia um odor de água estagnada. Não percebia nenhum dos sintomas de envenenamento por gás, como tonteira, aperto no estômago ou qualquer outro sinal.

"Então, que diabo poderia ter provocado a morte daquele homem?"

Estremeceu outra vez. A visão do esqueleto perfeitamente armado era detestável. Ansioso por sair dali Rambo passou, rápido, por cima dele.

Aprofundou-se mais e a abertura bifurcou-se. Que direção deveria tomar?

Aquela ideia da fumaça não tinha sido nada boa. Àquela altura, já se tinha espalhado; portanto, não podia ver para que lado seguia e, além disso, seu olfato enfraqueceu a tal ponto que não conseguia orientar-se pelos cheiros que poderiam estar vindo de fora. A tocha estava com uma chama bastante reduzida devido à umidade do ar, tremeluzindo esporadicamente, mas sem uma direção precisa. Tudo quanto poderia fazer era uma experiência infantil. Umedeceu a ponta do dedo na boca, em seguida colocou-o em cada uma das aberturas. Sentiu um ligeiro contato da brisa sobre o dedo molhado e virado para a direita. Seguiu por ali, em dúvida, sendo algumas vezes forçado a se contrair para conseguir passar, tropeçando algumas vezes. A chama reduzia-se cada vez mais sob a ação da umidade. Atingiu uma outra série de aberturas. Desejou ter com ele uma corda ou barbante que pudesse ir desenrolando à medida que avançava, pois, caso se perdesse, poderia encontrar o caminho de volta até o ponto de onde saíra.

"Claro. E não gostaria de ter uma lanterna, também? E uma bússola? Por que não dá um pulo até a loja de ferragens e as compra?"

"Por que não para de dizer bobagens?"

Teve a impressão de que, mais uma vez, a brisa partia da direita, à medida que avançava, a passagem foi ficando mais complicada. Mais voltas, mais curvas. Mais ramificações. Pouco depois, não sabia mais como tinha alcançado o ponto em que se encontrava. O esqueleto parecia estar muito distante, como se fosse uma lembrança indistinta. No momento em que pensou voltar, a ideia parecia-lhe estranhamente engraçada, pois se deu conta de que se perdera e não tinha mais condições de fazê-lo. Na realidade, ainda não tinha vontade de retornar ao ponto de partida, estava apenas refletindo a respeito. Contudo, teria preferido ter condições de voltar se, de repente, a brisa parasse de soprar. Ela estava bastante fraca.

Rambo ficou pensando se, por acaso, não deixara passar despercebido alguma rachadura na rocha por onde ela penetrava. Meu Deus, talvez ficasse perambulando por ali até morrer... podia ter o mesmo fim daqueles ossos que encontrara.

O rumorejo não lhe desencadeou o pânico. Julgou que fossem os soldados se aproximando, mas como seria possível que o tivessem achado naquele emaranhado de caminhos que trilhara? Logo depois, identificou o barulho como o correr de águas. Sem que percebesse, começou a andar mais rápido naquela direção. Pelo menos, agora, contava com um objetivo, quase imperceptível em sua mente, e avançou batendo com os ombros de encontro às paredes, os olhos presos na escuridão depois da área iluminada pela tocha que carregava.

Já não ouvia mais nada e mais uma vez estava só. Diminuiu o ritmo dos passos, parou, encostou-se contra uma parede, desanimado. Não tinha ouvido nenhum ruído de água rolando. Tinha imaginado tudo aquilo.

Mas, parecera-lhe tão real! Não podia acreditar que sua imaginação o tivesse enganado daquela forma.

Pois bem, o que tinha acontecido com o barulho? Se era tão real, aonde estava?

"Uma curva imperceptível", pensou. Na ânsia de chegar até o local de onde o barulho partia, não tinha procurado outras entradas na pedra. "Volte.

Procure." E assim fazendo, tornou a ouvi-lo. Achou a abertura. Estava situada na parte mais escura de uma curva. Rambo penetrou por ali, e quanto mais avançava mais forte ficava o barulho.

Agora, tornara-se ensurdecedor. Com a chama da tocha diminuindo, quase se apagando, chegou a um lugar onde a fenda terminava num ressalto... e, lá embaixo, um rio redemoinhava através de um buraco na rocha, projetava-se num canal e, posteriormente, sob uma plataforma. Era ali. A brisa só podia ter seguido naquela direção.

Mas não era. A água espumava sobre a plataforma e não havia uma abertura por onde o ar fosse tragado. Ainda assim, notou que a ventilação era mais forte ali. Não podia deixar de ter uma outra saída pertinho de onde estava. A chama bruxuleou. Rambo olhou em volta, desesperado, tentando gravar na memória o formato do ressalto. De repente, ficou nas trevas...

numa escuridão tão completa, tão profunda, como jamais tivera oportunidade de ver em toda a vida... e que se ia tornando esmagadora devido ao fragor da cascata,

lá embaixo, onde corria o risco de cair, com a maior facilidade, caso não caminhasse com cuidado. Ficou tenso.

Aguardou um momento até se acostumar com o escuro. Nunca o tinha conseguido. Começou a perder o equilíbrio, a tombar. Finalmente, deixou-se cair sobre as mãos e os joelhos, engatinhando na direção de uma passagem baixa, na extremidade final do ressalto que acabara de ver instantes antes de a luz extinguir-se. Para atravessar a abertura tinha que se deitar de bruços e deslizar. A rocha era irregular rasgou as roupas, arranhou a pele, comprimiu as costelas, obrigando-o a gemer sem parar.

Em seguida, começou a gritar. Não só por causa da dor nas costelas, mas por outro motivo. Quando conseguiu ultrapassar o buraco, penetrou às cegas numa câmara onde pôde levantar a cabeça. Então, estendendo a mão para puxar o corpo para diante, sentiu os dedos baterem de encontro a algo mole. Uma gota de esterco molhado caiu em cima do seu pescoço... algo mordeu seu polegar e uma coisa diminuta deslizou por seu braço acima.

Estava deitado sobre uma espessa camada de excrementos que lhe empapavam as duas camisas esfarrapadas e escorria barriga abaixo. Ouviu um guincho vindo de cima... um seco bater de asas... e.... meu Deus, eram morcegos... estava deitado sobre suas fezes depositadas no chão... Sentiu seis coisas estranhas que lhe deslizavam pela mão, fazendo-lhe cócegas, mordiscando-as... eram escaravelhos... os insetos necrófagos que se banquetavam com os excrementos dos morcegos e com aqueles que caíam doentes sobre o chão. Aqueles pequenos animais eram capazes de deixar uma carcaça limpa e naquele momento, estavam dilacerando a carne de seus braços enquanto ele se movimentava sinuosamente, recuando até chegar ao buraco, alucinado, batendo sobre as mãos e os braços, batendo com a cabeça na parte de cima, agitando o lado do corpo. Se os morcegos despertassem, notassem sua presença poderiam atacá-lo e envolvê-lo, mordendo-o enquanto gritava. "Pare com isso", disse para si mesmo.

"Ainda fará com que o ataquem. Pare de gritar." Já começava a escutar o adejar das asas. "Oh, Deus", não conseguia controlar-se.... berrava...

deslocando-se sinuosamente ao recuar. E, então, atingiu o outro lado do buraco, passou as mãos sobre os braços, esfregou-se para se certificar com segurança, que se tinha livrado de todos os insetos; mas não, continuava a sentir as cócegas provocadas pelo deslizar das suas pernas compridas sobre a própria pele. De repente, pensou: "Talvez venham atrás de mim!" Recuou ainda mais, afastando-se da entrada baixa que dava acesso ao buraco, desorientado no meio da escuridão

que o envolvia, uma das pernas ultrapassando a beira do ressalto, balançando-se. O pavor que sentiu, diante da possibilidade da queda, deixou-o surpreso. Disparou na direção oposta, chocou-se de encontro a parede rochosa e estremeceu todo. Começou a passar as mãos imundas de excrementos de encontro à pedra, batendo na sujeira que se grudara na camisa para se ver livre de tudo. Sua camisa.

Alguma coisa estava-lhe arranhando a pele por debaixo dela. Enfiou uma das mãos por dentro da camisa, segurando-o, esmigalhando a carapaça frágil até sentir a umidade de suas entranhas sobre os próprios dedos, enquanto atirava-o, com violência, na direção do som da cachoeira.

Morcegos. Um buraco empestado. O cheiro pútrido dos excrementos enchia o nariz e a garganta. Fora assim que o camarada que explorava a mina tinha morrido... de raiva. Tinha sido mordido sem notar e, dias mais tarde, a moléstia manifestou-se, fazendo-o enlouquecer. Vagueara como um alucinado pela floresta, entrara no túnel, saíra de lá, tornara a entrar, descera pela abertura, andara em círculos até que caiu e morreu. Pobre-diabo, devia ter imaginado que tudo aquilo fora o fruto da solidão. Mas, apenas no começo. E quando começou a delirar, já tinha ido longe demais para que pudesse fazer alguma coisa por si mesmo. Ou, quem sabe, ao pressentir a aproximação do fim e sabendo que não podia ser auxiliado, descera pela abertura onde poderia morrer sem constituir um perigo para ninguém.

"Talvez as coisas não se tivessem passado assim. Que diabo pode saber a esse respeito? Se tinha sido acometido pela raiva, teria criado uma ojeriza pela água, até mesmo pelo cheiro, ou pela simples imagem dela, portanto jamais teria descido pela abertura para ficar num local úmido. Você está apenas imaginando que morrerá assim. Se é que não vão devorá-lo antes..."

"De que está falando? Os morcegos não podem comê-lo. Pelo menos não os da espécie que há por aqui."

"Não... a não ser os escaravelhos..."

Ainda continuava a tremer como vara verde, lutando para se acalmar. A ventilação lá na câmara era forte. Porém não podia passar por ali. E não sabia como voltar para o túnel superior. Tinha que enfrentar a realidade. As coisas estavam nesse pé. Estava preso.

Porém, não aceitava tal ideia. Teve de lutar contra o pânico e fingir que havia uma saída; foi preciso sentar-se de encontro à parede rochosa, tentar relaxar e talvez, se pensasse profundamente, ainda conseguisse descobrir um meio de escapar. Contudo, só havia uma maneira para fugir dali e ele a conhecia: através do antro dos morcegos, rumo à brisa. Umedeceu os lábios com a língua, tomou um gole de água do cantil que sabia a ferro e estava morna. "Sabe que terá de entrar ali onde estão os morcegos, não sabe?", perguntou a si mesmo. "Pode escolher: ou continua e enfrenta os morcegos, ou fique sentado aqui, padeça a fome, adoeça devido à umidade e morra."

"Ou, então, mate-se. Também o treinaram para isso. Caso as coisas ficassem duras demais."

"Porém, sabe que jamais faria isso. Mesmo que estivesse desmaiando e tivesse certeza de que ia morrer, sempre haveria a possibilidade de os soldados vasculharem todas as fendas até que tropeçassem em você e o encontrassem inconsciente."

"Mas não farão nada disso. Sabe que terá que seguir a brisa e passar por onde estão os morcegos. Não sabe? Sabe muito bem."

Então, disse para si mesmo: "Vamos, continue, acabe com isso de uma vez!"

Mas, ao invés disso, sentou-se sobre o ressalto, no meio da escuridão, ouvindo o fragor da água bem embaixo do local onde estava. Tinha consciência do que o barulho lhe estava causando, o deslizar monótono atordoava seus ouvidos, pouco a pouco, dando-lhe vontade de dormir.

Sacudiu a cabeça para não se deixar adormecer e resolveu prosseguir, apesar dos morcegos, enquanto ainda tinha forças para tanto. Mas não conseguia mexer-se. A água continuava a correr, estrepitosamente. Quando despertou, estava novamente na beira do ressalto, um dos braços balançando-se no vácuo. Porém, estava atordoado de sono e, desta feita, o perigo de uma queda iminente não o perturbou muito. Estava por demais exausto para se incomodar. Era tão delicioso descansar, esparramado no chão, o braço por cima do vazio. Seu corpo, acalentado pelo sono, não sentia nada, as costelas já não o incomodavam mais. Estava entorpecido.

"Vai morrer aqui", pensou. "Se não tratar de se mexer imediatamente, a escuridão e o barulho vão deixá-lo fraco demais e sem o mínimo reflexo."

"Não posso mexer-me. Afastei-me demais. Preciso descansar."

"Foi bem mais longe durante a guerra."

"É verdade. E foi nisso aqui que tudo terminou."

"Pois muito bem, morra."

"Não quero morrer. Mas acontece que já não tenho mais forças."

- Mas, que diabo... prossiga - disse em voz alta, porém, sob o fragor da água correndo, as palavras que pronunciara não tinham modulação nem eco. - Aja rápido. Trate de entrar no covil dos morcegos o mais rápido que lhe for possível, passe correndo por onde eles estão e o pior estará terminado.

- Com a breca, está com a razão! - Disse, esperou um pouco, em seguida, repetiu as mesmas palavras. "Porém, se mais além houver qualquer coisa pior ainda, não saberei suportar", pensou.

"Não. O pior é isso aqui. Não pode haver nada pior mais adiante."

"Acredito." Lenta e relutantemente, engatinhou rumo à entrada da câmara, envolto pelas trevas. Parou, reuniu as próprias forças e esgueirou o corpo para o outro lado. "Faça de conta que está pondo as mãos em cima de um mingau de tapioca", disse de si para si, dando um sorriso devido à comparação. Porém, quando as mãos esticadas agarraram o esterco, seguraram alguma coisa nojenta no meio dele; puxou-as para trás, obedecendo a um reflexo. Respirou a fedentina sulfurosa do estrume e da deterioração. O gás devia ser venenoso. Assim que estivesse com o corpo todo do outro lado, precisaria se apressar. "Muito bem, aqui está você com toda essa droga de morcego sobre os olhos", disse para si mesmo, fingindo estar contando uma piada. Recuou por um instante, em seguida disparou por cima do lodo, que se amontoava sobre os pés. Já estava tonto e nauseado devido ao gás. O esterco chegou-lhe até à altura dos joelhos, sentiu algumas coisas batendo-lhe de encontro às pernas da calça à medida que avançava. A brisa seguia reta para diante.

Não. Mais uma vez estava errado. A brisa entrava bem em frente. Aquela corrente de ar era diferente. A que estivera acompanhando, devia sair por outro caminho.

Também estava enganado sobre outra coisa. Por mais que desejasse correr, recordou-se de que não devia fazê-lo. Talvez houvesse depressões no chão.

Tinha que experimentar todas as partes em que pisava, adiantando os pés, tateando e, a cada novo avanço, esperava não mais tocar sobre lodo e excremento, mas encontrar-se ao ar livre.

O barulho na câmara estava diferente. Antes, tinha escutado guinchos e bater de asas, agora, não escutava nada a não ser o próprio deslizar das pernas através do lamaçal profundo e o fragor abafado da queda de água do outro lado da entrada. Os morcegos já deviam ter ido embora. Rambo dormira muito mais do que supunha, pois, a noite chegara e os morcegos haviam saído para caçar e se alimentar. Avançou para diante, na direção da brisa, sentia-se nauseado devido à fedentina, mas, pelo menos, eles já não estavam mais ali e ficou menos preocupado. Uma gota de substância viscosa e fétida caiu-lhe em cima do nariz, com força.

Limpou-a com as mãos. Sentiu os cabelos do pescoço levantarem-se devido a uma violenta lufada de vento provocada pelo "bater de grande quantidade de asas. Após ter ficado durante tanto tempo na beira do ressalto, o fragor da água devia tê-lo ensurdecido em parte. Na verdade, os morcegos estavam ali o tempo todo, guinchando e debatendo-se como antes, mas seus ouvidos não os perceberam. Agora, os morcegos estavam por todos os lados, silvando ao passar por ele, enquanto protegia a cabeça com as mãos e disparava.

Eles batiam contra Rambo, as asas rijas batiam-lhe no rosto, o som dos guinchos estridentes enchia-lhe os ouvidos. Atirava-os para longe, agitava os braços no ar, em seguida protegia a cabeça, para depois agitá-los novamente. Chafurdava no meio daquela sujeira toda enquanto continuava em frente; desesperado para se ver fora dali, tropeçava, escorregava por sobre os joelhos, o lodo frio alcançando-lhe os quadris, ensopando seus órgãos genitais. Os morcegos não paravam de chegar, uma infindável revoada deles, fazendo voos rasantes, agitando-se no ar. Rambo cambaleou, as mãos levantadas, dando pancadas às cegas. O ar estava cheio deles.

O

rapaz não podia nem ao menos respirar. Chocava-se com eles, agachava-se protegendo-se. Os morcegos redemoinhavam em sua direção, vindos da direita, interceptando-o, dando-lhe pancadas na cabeça. Virou de costas, agachou-se ainda mais, a pele arrepiada. "Meu Deus! Meu Deus!" Girou para a esquerda, tornou a escorregar e bateu com a maçã do rosto de encontro à parede. A dor que sentia gerou um branco total dentro da cabeça. Quase não teve forças para endireitar o corpo; oscilou, segurou o rosto inchado, enquanto os morcegos continuavam a bater nele, ultrapassavam-no, obrigando-o a se deslocar encostado àna parede.

Desesperado, abatido e semi-inconsciente, sentiu que alguma coisa dentro dele crescia, ficava tensa e finalmente arrebentava, sem nada a ver com o seu corpo. O que acontecia, na verdade, é que se encontrava no centro da revoadada dos morcegos. Parou de lutar contra eles, entregou-se, deixou que o tocassem, cambaleou, os braços caídos. Sob afeição daquela maravilhosa libertação do medo e do desespero, totalmente sem esperanças e passivo, sem se importar como que lhe iria acontecer, conseguiu compreender o que os animais queriam. Não o estavam atacando. Voavam para sair dali. E

Rambo não pôde mais controlar as gargalhadas, estremecendo de alívio. Lá fora, a noite já devia ter caído. Eles a tinham pressentido, o chefe dera o sinal e, como um todo, soltaram-se do teto da caverna na direção da saída, enquanto ele estava ali dentro, apavorara-se ao pensar que o perseguiam.

"Não estava querendo um barbante para que pudesse encontrar o caminho?" Perguntou intimamente. "Pois bem, seu tolo, já o tem. Lutou contra os morcegos quando estes tentavam apenas mostrar-lhe o caminho."

Rambo escalou bordas salientes ao lado dos morcegos, procurou localizar quedas bruscas tateando, agitou as mãos a sua frente. Pouco depois, os guinchos e o bater das asas tornaram-se conhecidos e esperados como se todos tivessem resolvido conviver com ele até que se distanciaram, somente alguns retardatários passaram depois, até que ficou sozinho. Os únicos ruídos eram, então, o ecoar das mãos e sapatos arrastando-se sobre a rocha. A brisa fresca e suave batia-lhe com força contra o rosto. Inclinando a cabeça para diante, pensou no quanto os morcegos o tinham ajudado a encontrar a saída, e começou a sentir uma afeição estranha por eles, e agora que tinham partido sentia a falta deles, como se um vínculo existente entre ele e os animais tivesse sido quebrado. Gostou de respirar, poder limpar as narinas, a garganta e os pulmões, apagando o gosto de esterco da boca. O

toque das mãos sobre a rocha irregular era uma sensação nítida e natural, intencionalmente verdadeira, pela primeira vez. Quando subiu e tocou a terra solta, acariciando-a, achou-a maravilhosa, granulada e saibrosa, e sentiu o coração pulsar mais forte. Ainda não se encontrava do lado de fora.

Aquilo era argila que a chuva tinha levado através de uma fenda na montanha, mas pressentia que estava perto. Continuou a subir com a maior calma, sem pressa, adorando toque áspero da argila, escalando um monte dela. Quando atingiu a parte mais alta, o cheiro do ar puro extasiou-o, bem como o cheiro das folhas novas, do vento soprando por sobre o mato alto, da fumaça de madeira pairando no ar.

Apenas mais alguns passos. Com todo o cuidado, estendeu a mão para a frente e bateu de encontro a uma barreira de rocha. Continuou tateando, e notou que a pedra se estendia pelos três lados a sua frente. Uma bacia. Qual seria a altura? Talvez fosse muito alta... estivera tão próximo de sair e, ainda assim, estava preso.

Embora se sentisse calmo e satisfeito intimamente, não acreditava que tivesse as energias necessárias para vencer numa subida íngreme.

"Pois, então, trate de se esquecer da subida", disse para si mesmo. "Não se preocupe com ela. Não importa se poderá galgá-la ou não. Não pode fazer nada, se a bacia for alta. Esqueça."

"Está bem", pensou, ficando sentado sobre a macia e confortável terra solta, descansado, acostumando-se com a mudança por que passara. Nunca tinha sentido tanto a presença das coisas, jamais notara que fazia parte integrante delas. É bem verdade que no passado, em momentos de ação, sentira-se um pouco assim.

Naquela oportunidade, ele faria cada gesto suave e de maneira certa -

correndo, mirando, um aperto suave sobre o gatilho, o coice atingindo-lhe o corpo em cheio, a própria vida na dependência de seus próprios atos - e teria ficado absorvido em si mesmo, a mente estaria distante, apenas o corpo estaria ali naquele instante, totalmente sintonizado com aquilo que realizava. Os aliados nativos da guerra costumavam denominar aquilo de "maneira de Zen", ou seja, a caminhada para chegar até o momento puro e crucial, conquistado apenas após um treinamento demorado e árduo, além do fato de ser necessária muita concentração e perfeita determinação. Era uma parte do movimento quando o próprio movimento acabara. As palavras que usavam não tinham uma tradução perfeita, e afirmavam que, mesmo se houvesse, o momento não podia ser explicado. A emoção era intemporal, não podia ser descrita em tempo; poderia ser comparada ao orgasmo; contudo, seria impossível defini-la como tal, já que não contava com um centro físico, mas, ao contrário era etérea em todos os sentidos.

Porém, a sensação que experimentava naquele instante era diversa. Não havia ação envolvida, porém, a emoção que vivia estava isolada em apenas um segundo, eterno. Vivia cada segundo: sentado ali sobre a terra solta e macia, as costas moldando-se de maneira repousante à rocha, procurou as palavras na cabeça e finalmente decidiu que esta palavra era "bem". Nunca se sentir tão bem.

Ficou-se perguntando se estaria louco.... As evaporações deviam tê-lo afetado mais do que julgara e, aquilo, não passava de uma loucura mansa.

Ou, quem sabe, tendo-se entregado à morte sentia-se exultante por ainda estar vivo. Depois de ter passado por todo aquele inferno, talvez devesse achar todo o resto o máximo do prazer.

Disse para si mesmo: "Porém, não se sentirá assim por muito tempo, se permitir que o descubram." Deixou-se ficar na escuridão, tateando com as mãos o vazio acima da cabeça para não bater de encontro a uma plataforma inesperada. Logo depois, esticou a cabeça, deu um pulo para cima e se deu conta de que batera de encontro à extremidade de um galho. Havia um arbusto acima de sua cabeça. Ao colocar a mão para fora, tocou na beira da bacia, à altura da própria cintura. Fora. Estivera do lado de fora todo esse tempo, mas a noite, cheia de nuvens, fizera-o supor que ainda se encontrava no subsolo.

Tomando cuidado com as costelas, içou o corpo para debaixo da moita, respirou o ar puro, saboreando sua frescura, sentindo o cheiro do córtice do arbusto. A uma boa distância e mais abaixo do local onde se encontrava, havia, sob as árvores, uma fogueira. Depois da escuridão total das cavernas, a fogueira pareceu-lhe brilhante e descomunal.

Retesou-se. Alguém falara, aos sussurros, lá embaixo, junto ao fogo. Outra pessoa mexeu-se nas rochas que lhe estavam próximas, escutou um nítido arranhar e constatou que alguém riscara um fósforo. Em seguida, a chama apagou e viu a pequena borra do cigarro.

Estavam-no esperando ali fora, claro. Teasle entendera a razão por que ele tinha acompanhado as fendas e vagara pelas cavernas. Receando que descobrisse uma saída, tivera a precaução de deslocar os grupos de busca, distribuindo-os pela montanha. Muito bem, não podiam ver com nitidez em meio a escuridão reinante. Portanto, assim que descansasse um pouco, iria descer e passaria por eles. Julgariam que ainda estivesse nas cavernas e estaria a quilômetros de distância, continuando seu caminho. Era melhor ninguém o seguir. Oh, não! Faria qualquer coisa. Sabia que faria qualquer coisa a qualquer pessoa que continuasse a persegui-lo.

Estava novamente escuro. Teasle não compreendia como fora parar na floresta espessa. Trautman, Kern, o caminhão. Onde estavam? O que acontecera com o dia? Por que andava tão rápido e aos tropeções, por entre as sombras compactas das árvores?

Encostou-se, sem fôlego, contra o tronco negro de uma árvore, a dor no peito surgindo em sua semi-inconsciência. Sentia-se tão desorientado que tinha medo. Sem direção. Sabia que devia continuar deslocando-se para frente e em linha reta, precisava ir para algum lugar a sua frente, porém não conseguia perceber por que nem como.

Trautman. Recordava-se disso. Trautman tinha querido levá-lo ao médico.

Lembrava-se de estar deitado de costas sobre o chão de madeira do caminhão. Procurava uma explicação para a maneira como saíra de lá e fora até onde se achava. Teria brigado com Trautman para não ir procurar o médico? Talvez tivesse conseguido libertar-se e escapado do caminhão, embrenhando-se pela floresta. Qualquer coisa, desde que não tivesse de renunciar à vigília antes do momento exato. Para ficar mais perto do rapaz.

Para ajudar em sua captura.

Porém, isso não estava certo.... Sabia que não estava certo. Não poderia ter lutado com Trautman nas condições em que se encontrava. Não podia pensar. Tinha que andar mais rápido, sempre para diante, apesar da opressão no peito e da terrível sensação de estar sendo perseguido por alguém, ou então que o seria dentro em pouco. O rapaz. Seria o rapaz que estava atrás dele?

A camada de nuvens dissipou-se, a lua surgiu no céu, iluminando as árvores, e viu que se encontrava entre destroços de carros acidentados, empilhados uns sobre os outros, amontoados de encontro às árvores, centenas deles, quebrados, faltando pedaços e podres. Parecia um cemitério... uma visão absurda... o luar batendo contra as linhas externas ovaladas... refletindo...

E o silêncio era total. Mesmo quando se mexia por entre as folhas caídas, os paralamas retorcidos e vidros quebrados, não fazia o menor ruído.

Deslizava. E sabia, de alguma maneira, que não era o rapaz que o estava perseguindo, mas uma outra pessoa. Contudo, por que sentia medo diante da visão da estrada, depois das carcaças fantasmagóricas? Por que tinha medo da fileira formada pelos caminhões da Guarda Nacional estacionados ao longo da estrada? Meu Deus... o que se passava com ele? Teria perdido o juízo?

Ninguém ali. Ninguém junto aos caminhões. O medo aumentando. Um carro da polícia vazio, o último da fila, a cidade mais próxima. Extasiado, afastou-se de gatinhas dos carros abandonados, sem portas, com os assentos rasgados, as tampas dos capôs levantadas, para dentro do campo, sem fazer ruído - grudado ao solo rumo ao carro.

Um barulho inesperado perturbou-o. Barulho de vidro quebrado que ressoou nos seus ouvidos, fazendo-o piscar. Estava, novamente, caído de costas. Será que alguém tinha atirado contra ele no campo? Passou a mão pelo corpo à procura do ferimento, sentiu a manta, não havia terra sob ele.

Acolchoados macios. Um caixão. Começou a entrar em pânico, e, então compreendeu. Um sofá. Mas onde, meu Deus? O que estava acontecendo?

Tateou à procura de um abajur, esbarrou contra a lâmpada e, acendendo-a, piscou, constatando que se encontrava em sua sala. E a floresta, os restos dos carros, a estrada? Meu Deus, tudo fora verdadeiro, sabia. Olhou para o relógio de pulso... já não o tinha consigo.

Deu uma olhada no relógio colocado sobre a mesa... quinze para as doze.

Através das venezianas, reparou que, do lado de fora, estava escuro. Então as doze eram meia-noite.... Mas a última coisa de que se recordava acontecera ao meio-dia. O que sucedera com o rapaz? O que lhe tinha acontecido?

Sentou-se com muita dificuldade, segurando a cabeça, pois tinha a impressão de que se iria partir em mil pedaços. Mas alguma coisa tinha erguido o assoalho do escritório, inclinando-o muito e afastando-o dele.

Praguejou, mas nenhum som saiu de sua boca. Cambaleou, inclinação acima, até alcançar a porta... segurou a maçaneta com as duas mãos e puxou-a.... mas a porta estava presa... teve que lançar mão de toda a força disponível... a porta escancarou-se, porém, o esforço despendido quase o fez rolar de volta para o lado do sofá. Lançou os braços para diante, equilibrando-se como um homem andando sobre o

aramé; os pés descalços abandonaram o tapete macio e pisaram sobre o ladrilho gelado do corredor.

Ali, tudo estava às escuras, mas a sala da frente estava acesa. A meio caminho de lá, teve que se apoiar na parede a fim de não cair.

- Está acordado, Chefe? - Disse uma voz no fim do corredor. - Está-se sentindo bem?

Responder seria complicado demais. Ainda procurava situar as coisas que lhe tinham acontecido. Deitado de costas sobre o chão brilhante do caminhão, os olhos presos à lona encerada do teto. A voz do rádio operador falando: "Meu Deus, ele não está respondendo. Correu para o fundo da mina!"

A luta com Trautman para não ser levado para a radiopatrulha. E a floresta?

As trevas...

- Perguntei se se estava sentindo bem, Chefe? - A voz soava mais alta, passos ecoavam pelo hall. O eco envolvia tudo.

- O rapaz - Teasle conseguiu dizer. - O rapaz está na floresta.

- O quê? - A voz estava juntinho dele. Teasle olhou na direção de onde ela vinha. - Não devia estar andando. Relaxe. Você e o rapaz já não estão mais na floresta. Ele não o está perseguindo.

Era um policial. Teasle estava certo de que o conhecia, porém não conseguia identificá-lo. Tentou. Uma palavra veio-lhe à boca.

- Harris? - Sim, era ele mesmo. Harris. - Harris - pronunciou com orgulho.

Acho melhor irmos lá para a frente, sentarmo-nos e tomarmos um pouco de café. Acabei de coar um pouco agorinha mesmo. Quebrei a jarra quando carregava água lá do lavatório. Espero que não o tenha acordado.

O lavatório. Sim. A voz de Harris ecoava, e a ideia do gosto do café esparramou-se pela boca de Teasle de maneira amarga, causando-lhe náuseas. O lavatório. Atravessou, cambaleando, a porta de mola, vomitando no vaso, Harris amparava-o e dizia: - Sente-se aqui, no chão. - Mas tudo já está bem, o eco havia parado.

- Não. Meu rosto. Água. - E enquanto molhava as faces e os olhos com o líquido gelado, a imagem reapareceu em sua mente, já não era mais um sonho, era real. - O rapaz - disse. - O rapaz está na floresta perto da estrada.

Naquele cemitério de automóveis.

- Acho melhor acalmar-se. Porque recordar. O rapaz estava encurralado numa mina e embarafustou por um labirinto cheio de túneis. Deixe-me segurar-lhe o braço.

Teasle afastou-o com um movimento brusco, sustentou-se na pia com o auxílio dos braços, o rosto pingando água.

- Estou-lhe dizendo que o rapaz já não está mais lá.

- Mas não pode estar a par disso.

- Como vim até aqui? Onde está Trautman?

- Lá no caminhão. Mandou alguns homens levarem-no para o hospital.

- Aquele filho da puta. Disse-lhe para não fazer isso. Como vim parar aqui, ao invés de estar no hospital?

- Também não se lembra disso? Nossa! Você os fez passar por maus pedaços. Berrou, lutou dentro da radiopatrulha e ficou agarrando o volante para impedi-los de rumar para o hospital. Não parava de gritar que, se queriam levá-lo para algum lugar, seria para aqui. Ninguém ia prendê-lo em cima de uma cama, enquanto tivesse força para lutar. Finalmente, temeram que pudesse machucar-se, se continuassem a contrariá-lo, e fizeram o que lhes ordenava. Para falar a verdade, com toda aquela confusão que aprontou e tudo o mais, creio que ficaram muito contentes quando se viram livres de você. Numa das vezes que agarrou o volante, quase bateu num caminhão de transporte. Assim que chegaram aqui, colocaram-no no sofá. Quando se retiraram, você saiu, entrou numa radiopatrulha para retornar ao local de onde tinha vindo. Tentei impedi-lo, mas não tive problemas maiores, pois desmaiou atrás do volante antes de conseguir ligar o motor. Não se recorda mesmo de nada? Um médico veio até aqui, imediatamente. Examinou-o da cabeça aos pés, disse que seu estado era regular, mas você se encontrava exausto, pois tomara pílulas em demasia. O remédio continha estimulante e sedativo. Tomou tanto que estava flutuando. O médico ficou admirado por você não ter perdido os sentidos antes e com mais violência.

A pele de Teasle estava empapada de água, enfiava o rosto nela, enxugando-se, depois, com uma toalha de papel.

- Onde botaram minhas meias e meus sapatos? Onde os enfiou?

- Para que quer saber?

- Isso não vem ao caso. Desejo apenas saber que fim deu a eles?

- Não me diga que está pretendendo voltar novamente, está? Por que não se senta e se acalma? Há homens de todo o tipo vasculhando aquelas cavernas. Não há nada a mais que você possa fazer. Avisaram para que não se preocupasse, que assim que o encontrassem se comunicariam com a delegacia.

- Acabei de lhe dizer que o rapaz não está..., mas que inferno! Onde estão meus sapatos e as meias?

O telefone começou a tocar, muito baixinho, ao longe, na ala da frente, Harris pareceu aliviado por ter de se afastar para ir atendê-lo. Saiu do banheiro. O telefone tocou, tornou a tocar e de repente, emudeceu. Teasle bochechou com água fria e, quando a cuspiu, estava leitosa. Não teve coragem de engoli-la, pensando que poderia sentir náuseas outra vez.

Desviou os olhos para o piso de cerâmica quadriculada que revestia o lavatório; achou que os faxineiros não estavam fazendo direito a limpeza e cruzou a porta, passando para o corredor. Harris estava de pé, no fim do hall, o corpo bloqueando parte da iluminação, sem saber o que dizer.

- O que foi? - Indagou Teasle.

- Não sei se devo dizer-lhe. A ligação é para você.

- É a respeito do rapaz? - Perguntou Teasle, criando alma mova. - Sobre o cemitério de automóveis?

- Não.

- Então, o que é? O que está havendo?

- É uma ligação interurbana... sua mulher.

Não sabia se por cansaço ou choque, mas foi obrigado a se encostar na parede. Tinha a impressão de que Harris falava sobre uma pessoa já enterrada. Com tudo quanto acontecera devido ao rapaz, Teasle conseguira, aos poucos, afastá-la da mente e, de tal maneira, que não conseguia recordar-se das feições dela. Tentou, mas de nada adiantou. Meu Deus, por que queria recordar-se? Ainda desejava sofrer?

- Se acha que ela poderá perturbá-lo ainda mais – disse Harris - talvez não devesse atender o telefone. Posso dizer que não se encontra aqui.

“Anna.”

- Não. Ligue o telefone na tomada da minha sala.

- Está seguro do que quer? Posso dizer-lhe que saiu.

- Ande, transfira o telefone para a minha sala.

Sentou-se na cadeira giratória, atrás da escrivaninha, acendeu um cigarro.

Fumar poderia clarear suas ideias ou então anuviá-las, deixá-lo tonto.

Contudo, a tentativa era válida, pois não podia falar com ela intranquilo como se achava.

- Alô - disse baixo. - Anna?

- Will?

- Sim, ele mesmo.

A voz dela soava mais grave do que se recordava, cavernosa um tanto partida em algumas palavras.

- Will, está ferido? Estou tão preocupada...

- Não.

- É verdade. Acredite ou não, tenho-me preocupado. Lentamente, tirou uma baforada do cigarro. Mais uma vez não se estavam entendendo.

- O que quis dizer é que não estou ferido.

- Graças a Deus. - Ficou calada por um instante. Depois, expirou ritmadamente, como se também estivesse soltando uma baforada de fumaça. - Não tenho assistido à televisão, nem lido os jornais. De repente, esta noite, soube do que lhe estava acontecendo, e fiquei apavorada. Tem certeza de que está bem?

- Claro. - Teasle pensou em contar-lhe tudo, porém poderia dar a impressão de que tentava atrair sua simpatia.

- Sinceramente, teria telefonado antes se estivesse a par de tudo. Não lhe queria dar a impressão de que não me importo com o que lhe acontece.

- Sei disso. - Desviou o olhar para a manta atirada sobre o sofá. Tinha tantas coisas importantes para lhe dizer, porém não conseguia falar. A mulher não representava mais nada para ele. A interrupção já estava muito longa. Precisava dizer alguma coisa. - Está gripada? Sua voz parece não estar muito normal, dá a impressão de estar gripada.

- Estou saindo de uma gripe.

- Orval está morto.

Notou que ela parara de respirar.

- Oh! Eu gostava tanto dele!

- Sei disso. Tenho a impressão de que eu gostava mais dele do que pensava.

E Shingleton também morreu, bem como aquele policial novato, o Galt e....

- Por favor. Não me conte mais nada, não suportaria. Refletiu demoradamente sobre aquilo e, na verdade, não havia muito mais a contar, afinal de contas. O timbre da voz de Anna não lhe despertara saudades como julgara que aconteceria e, finalmente, sentiu-se livre.

- Ainda está na Califórnia? Anna não lhe respondeu.

- Creio que isso não seja de minha conta - disse Teasle.

- Não tem nada de mal. Não me importo. Sim, ainda estou na Califórnia.

- Algum problema? Está precisando de dinheiro?

- Oh, Will!

- O que foi?

- Não diga uma coisa dessas. Não foi por isso que lhe telefonei.

- Sei..., mas está precisando de algum dinheiro? - Não posso aceitar dinheiro de você.

- Não está entendendo. Eu... eu acho que tudo ficará bem, agora. Isto é, sinto-me bem melhor com relação a tudo.

- Fico contente. Também me preocupei com isso. Assim, não tenho a sensação de que o magoei de propósito.

- Escute, o que quis dizer é que me estou sentindo muito melhor. Pode retirar o dinheiro de que necessitar, sem pensar que estou querendo prendê-la junto a mim e forçá-la a voltar para casa.

Sei disso. Mas não quero.

- Deixe-me, ao menos, pagar esta chamada. Deixe por minha conta.

- Não posso.

- Então, deixe-me mandar cobrar na conta da delegacia. Não serei eu quem pagará, mas sim a cidade. Pelo amor de Deus, deixe-me fazer alguma coisa por você.

- Não posso. Por favor, pare com isso. Não faça com que me arrependa de lhe ter telefonado. Temia que isso acontecesse e quase não completei a ligação.

Teasle sentiu o fone úmido de encontro à palma da mão.

- Você não pretende voltar, não é?

- Tudo está errado. Não estava querendo falar sobre isso. Não foi esta a razão de meu telefonema.

- Bem, mas não vai voltar mesmo, não é?

- Sim. Não pretendo retornar. Sinto muito.

Tudo quanto desejava era prolongar a conversa, nada mais pretendia além de prendê-la ao telefone. Lentamente, apagou o cigarro e acendeu outro.

- Que horas são aí?

- Nove. Ainda não me acostumei com a diferença do fuso horário. Quando cheguei, aqui, dormi durante quatorze horas, até me acostumar com a diferença horária. Para todos daqui eram onze da noite, e para mim já eram duas da madrugada. Aí é meia-noite, não?

- Certo.

- Preciso desligar, Will.

- Tão depressa assim? - Controlou-se. - Não. Não se importe com isso.

Nada tenho a ver com isso.

- Tem certeza de que não está ferido?

- Colocaram ataduras em meu corpo, mas só sofri alguns arranhões. Ainda está morando com sua irmã? Será que me pode dizer, ao menos, isso?

- Mudei-me para um apartamento.

- Por quê?

- Realmente tenho de desligar. Sinto muito.

- Mantenha-me informado a seu respeito.

- Se isso o ajuda... não sabia que seria tão difícil para você. Não sei como explicar.

- Teve a sensação de que ela estava soluçando. - Adeus.

- Adeus.

Esperou, procurando manter-se em contato com Anna o máximo que lhe fosse possível. Depois, ela cortou a ligação, o ruído para discar começou a zumbir, e Teasle deixou-se ficar sentado onde estava. Tinham dormido juntos durante quatro anos. Como podia transformar-se numa estranha?

Não seria nada fácil. Ela soluçara. Tinha razão, isso também era duro para Anna, e ele ficou triste.

Está tudo acabado. Faça alguma coisa. Mexa-se. Volte a pensar no rapaz, é o melhor que pode fazer. O rapaz... por trás do volante de um carro...

dirigindo em alta velocidade.

Avistou os sapatos e as meias atirados ao lado do móvel do arquivo e tratou de calçá-los bem depressa. Pegou uma pistola Browning no armário das armas, enfiou um pente cheio de cápsulas na coronha, colocou a pistola no coldre, virando-a para trás, como Orval sempre lhe dizia para fazê-lo. Ao atravessar o hall, cruzou a porta da sala da frente para se dirigir à saída, e Harris olhou para ele.

- Não me diga nada - disse Teasle. - Não me venha dizer que não deveria voltar para lá!

- Está bem... não falarei nada.

As luzes da rua estavam acesas. Teasle respirou o ar fresco da noite. Havia uma radiopatrulha estacionada ao lado da delegacia. Estava começando a entrar nela, quando, desviando os olhos para o lado esquerdo, viu uma das áreas da cidade toda iluminada, as labaredas subindo em ondas em direção às nuvens.

Harris estava aos berros de pé sobre os degraus que davam acesso à delegacia.

- O rapaz! Saiu das cavernas! Acabaram de se comunicar comigo, avisando que roubou um carro da polícia!

- Já sabia...

- Mas como?

O impacto da explosão sacudiu as janelas da delegacia. WHUMP, WHUMP, WHUMP! Uma série delas, partindo da estrada principal rumo à cidade. WHUMP, WHUMP!

- Deus Todo-Poderoso! O que foi isso? - Exclamou Harris. Mas Teasle já sabia do que se tratava. Estava saindo de ré, a toda, do estacionamento, a fim de chegar a tempo.

Penetrando na cidade com estardalhaço, dando uma guinada para ultrapassar um motociclista que parou para olhar para trás muito espantado, Rambo viu, pelo espelho retrovisor, a rua atrás dele tomada pelo fogo, as labaredas lambendo os galhos mais altos das árvores que estavam plantadas nas calçadas. As chamas vermelhas, violentas, irradiavam-se na radiopatrulha. Pisou no acelerador até o fundo, flechando rua abaixo, ouvindo as explosões atrás dele e que aumentavam a intensidade do fogo.

Agora, os perseguidores seriam obrigados a dar uma volta e perderiam tempo. Por via das dúvidas, tinha que fazer tudo de novo. Quantos mais desvios, mais atrapalhados ficariam. Seriam obrigados a desistir da perseguição que lhe faziam e parar para combater o fogo. Uma das lâmpadas da rua estava queimada. Percebeu o piscar das lanternas do freio de um carro, viu o motorista abrir a porta e olhar assombrado para trás em direção às chamas. Rambo pegou a alameda da esquerda, evitando, com rapidez, os faróis baixos de um carro esporte. Deu uma guinada, voltou para a alameda da direita para não bater, enquanto o outro fazia o mesmo.

Continuou derrapando rumo ao carro esporte, até que este subiu na calçada, derrubou um parquímetro e espatifou-se de encontro. àa vitrina de uma loja de móveis. "Sofás e cadeiras", pensou Rambo. "Vai cair no macio."

Enquanto apertava com vontade o acelerador, sentia-se surpreso por não haver mais carros na rua. Mas, afinal, que espécie de cidade é esta?

Passavam poucos minutos da meia-noite e todo o mundo já dormia. As luzes das lojas estavam apagadas. Ninguém saía dos bares cantarolando.

Pois bem, agora havia um pouco de vida na cidade. O roncar repentino do motor ao pegar a disparada da radiopatrulha, tudo isso o fazia recordar das noites de sábado, há muitos anos, quando apostava corridas, e estava, novamente, achando aquilo tudo maravilhoso... ele, o carro e a estrada.

Tudo seria ótimo. Iria alcançar seu objetivo. Tinha descido as montanhas, até chegar à estrada, com a maior facilidade e sem ser notado. Também fora fácil esgueirar-se por entre o amontoado de carros abandonados, entrar pelo campo adentro, apoderar-se da radiopatrulha. O policial encarregado do carro deveria

encontrar-se como os outros nas montanhas, ou, então, distanciara-se para conversar com os motoristas dos caminhões de transporte. Não tinha encontrado a chave na ignição, porém não tivera problema algum para fazer a ligação direta dos fios. Naquele momento, ao avançar um sinal vermelho, tendo a impressão de que a força do motor subia pelo acelerador tomando conta de seu corpo, teve a certeza de que ficaria livre novamente, tratava-se apenas de uma questão de horas. Estava em forma, não podia ser malsucedido. Está claro, a polícia transmitiria um comunicado através do rádio para os carros que se encontrassem mais adiante a fim de que tentassem pará-lo. Contudo, a maioria das outras unidades estaria, possivelmente, auxiliando os homens da busca, e a resistência que encontraria pela frente não deveria ser tão grande assim.

Atravessaria a cidade, pegaria uma das estradas laterais e esconderia o carro. Depois, correria por terra. Talvez pegasse a traseira de um trem de carga. Talvez se metesse num caminhão de carga. Quem sabe se não conseguiria roubar um avião. Ora, as possibilidades eram tantas!

"Rambo!" A voz deixou-o paralisado, ao sair através do rádio receptor.

"Rambo. Escute-me. Sei que me está ouvindo."

Aquela voz lhe era familiar, há muitos anos. Apenas, não estava sabendo situá-la.

"Escute-me". Cada palavra era pronunciada de modo suave e sonoro. "Meu nome é Sam Trautman. Era o diretor da escola onde recebeu treinamento."

Sim. Mas claro. Nunca era visto. Ouvia-se apenas aquela voz persistente através dos alto-falantes do campo. A qualquer hora. Dia após dia. Mais corridas, menos refeições, menos horas de sono. A voz que nunca deixava de ser dura. Então, era assim. Teasle mandara chamar Trautman para lhe ajudar. Isso explicava algumas das táticas usadas pelos homens encarregados da busca. Que canalha! Pedindo auxílio a seus próprios companheiros...

"Rambo. Quero que pare onde estiver e entregue-se antes que seja morto."

- Pois sim, seu canalha!

"Escute-me. Sei que será difícil de entender, porém só os estou ajudando por não querer vê-lo morto. Já mobilizaram mais homens para esperá-lo mais adiante. Haverá sempre e cada vez mais homens. Vão derrubá-lo até que não reste mais

nada de você. Se achasse que havia a mínima chance possível de você vencê-los, haveria de dizer-lhe, com todo o prazer, para continuar fugindo. Mas sei que não poderá escapar. Acredite em mim. Sei disso. Por favor. Desista e saia disso vivo, enquanto ainda há tempo. Não pode fazer mais nada além disso."

- Pois fique observando-me...

Ao escutar uma outra série de explosões atrás dele, Rambo deu uma guinada violenta na radiopatrulha, os pneus cantaram, o veículo entrou no posto de gasolina, àquela hora vazio e com todas as luzes desligadas. Saiu do carro correndo, deu um pontapé na porta de vidro do estabelecimento, entrou no escritório e ligou a eletricidade para poder usar as bombas. Em seguida, agarrou uma barra de ferro e disparou para o lado de fora para abrir os cadeados das bombas. Eram quatro ao todo, cada qual com duas mangueiras. Apertou-as, esguichando gasolina na rua, colocando as linguetas no ponto exato, a fim de que não se fechassem quando as largasse. No momento em que dirigiu o carro pela rua acima e parou, o pavimento, lá atrás, estava encharcado de gasolina. Um fósforo riscado e....

pronto. A noite ficou tão clara quanto o dia, a rua transformou-se num descomunal lago em chamas, com uma largura de seis metros e meio, de uma calçada a outra, as fachadas das lojas desmoronavam, as vitrinas espatifavam-se, o bafo quente alcançava-o e aquecia o carro. Tratou de afastar a radiopatrulha o mais depressa possível, as labaredas de gasolina espalhando-se atrás dele, escorrendo na direção dos carros estacionados.

WHUMP, WHUMP... os automóveis explodiam, estilhaçando-se.

WHUMP. A culpa era deles mesmos, dos proprietários. A placa de trânsito, presa ao poste de iluminação, avisava-os de que o estacionamento não era permitido após a meia-noite. Começou a pensar no que sucederia, quando a pressão diminuísse nos depósitos de gasolina do subsolo. O fogo penetraria pelas mangueiras, atingiria os depósitos e metade do quarteirão iria pelos ares. Isso haveria de impedi-los a continuar na perseguição. Tinha certeza disso.

"Rambo", disse Trautman através do rádio. "Por favor. Estou-lhe pedindo para parar. Não adianta nada. Isso não faz o menor sentido."

- Pois, então, fique observando-me - tornou a dizer para si mesmo, e desligou o rádio. Já tinha, praticamente, chegado ao centro da cidade. Mais alguns minutos, e

estaria saindo pelo outro lado.

Teasle esperou. Estava com a radiopatrulha atravessada na estrada principal, que passava pela praça da cidade. Estava encostado ao para-lama dianteiro e ao capô, a pistola pronta na mão. Via pontos brilhantes partindo das chamas e das explosões. O rapaz devia ter sido mais rápido do que ele.

Talvez já tivesse passado por ali e deixado a cidade, porém não acreditava nisso.

Analisava os fatos, sob dois ângulos ao mesmo tempo - sob o ponto de vista do rapaz, sentado ao volante do carro roubado rumando a toda para a praça da cidade, e sob seu próprio modo de julgar as coisas - quando viu os faróis transformarem-se em discos cintilantes, a cúpula na capota do carro bem distinta. Uma cúpula de sirene, um carro da polícia, e ele puxou o cão da arma, soltando-o, fazendo pontaria firme. Tinha que fazer aquilo com a maior precisão. Não haveria outra chance. Precisava assegurar-se, com absoluta certeza de que se tratava do rapaz e não de um patrulheiro desgarrado. O ruído do motor tornara-se mais forte. Os faróis faiscavam em sua direção. Olhou de soslaio para as feições do motorista. Já fazia três dias que não via o rapaz, porém não poderia enganar-se quanto ao formato da cabeça, o cabelo cortado curto, em chumaços. Era ele. Finalmente agora, um contra o outro, fora da floresta, na cidade, onde levaria vantagem por conhecê-la melhor e poder lutar sob as condições que queria.

Os faróis ofuscavam-no. Disparou contra um deles, em seguida sobre o outro, as cápsulas automáticas caindo, rolando pelo pavimento. Que tal, agora está gostando? Mirou. Rambo procurou proteção sob o painel. Teasle disparou, estraçalhou o para-brisa e, imediatamente depois, atirou nos pneus dianteiros, os três coices da arma atirando sua mão de encontro ao capô. O carro aproximou-se desenfreado, sem controle, girando. Teasle saiu da frente, dando um pulo, enquanto o carro batia contra o seu, produzindo um fragor de metal e vidro despedaçados. A patrulha da Chefe de Polícia girou sobre si mesma e atirou a do rapaz para cima da calçada mais afastada. Uma calota rolou ruidosamente pela rua, um jato de gasolina encheu o asfalto. Teasle disparou, agachado, na direção do carro do rapaz, começou a correr, atirando sem parar contra a porta... alcançou-a, inclinou-se para dentro do carro atirando para baixo do painel. Mas o rapaz não se encontrava mais ali. Tudo quanto havia era o assento manchado de sangue.

Teasle mergulhou no pavimento arranhando os cotovelos olhando intrigado a sua volta e vendo os sapatos do rapaz correndo sobre a calçada e entrando numa alameda.

Começou a persegui-lo, atingiu a parede de tijolo, pegada à alameda, e teve que se controlar para não atirar. Não podia entender as manchas de sangue espalhadas em cima do cimento da calçada. Pensara que nenhuma das balas tivesse atingido o alvo. Talvez o rapaz se tivesse ferido na batida. O sangue era demais. Muito bom. Seria obrigado a diminuir o ritmo. Escutou um barulho, que vinha da alameda, como se alguém estivesse golpeando um pedaço de madeira, como se o rapaz estivesse arrombando uma porta.

Quantos tiros ainda lhe restavam? Dois nos faróis, um no para-brisa, dois nos pneus, cinco na porta. Restavam-lhe apenas três. Não seriam suficientes.

Tratou de retirar o pente da coronha, o mais rápido possível, enfiou um outro cheio, prendeu a respiração, todo trêmulo. Em seguida, entrou correndo na alameda, atirando uma, duas, três balas... as cápsulas vazias voando pelos ares... atirou-se atrás de algumas latas de lixo e viu a porta da loja de ferragens de Ogden escancarada. As latas de lixo eram frágeis demais para lhe servirem como escudo contra as balas, mas, pelo menos, escondiam-no enquanto decidia se o rapaz estava realmente na loja ou se a porta aberta era um truque e Rambo estava escondido, de tocaia, mais ao fundo. Examinou o local e não viu o menor sinal dele. Estava rumando para a porta quando algo foi lançado em sua direção, largando centelhas. Mas quê... Dinamite... o estopim curto demais para que pudesse arrancá-lo em tempo... curto demais para segurar no ar a banana e atirá-la para longe.

Tratou de abandonar o local com a mesma rapidez de quem foge de uma cobra. Encolheu-se de encontro à parede de tijolos, as mãos em cima dos ouvidos, a explosão atordoando-o, lascas de madeira, metal e pedaços de papelão passando como bólides até alcançar a rua. Controlou-se para não voltar correndo mais uma vez, para junto da porta arrombada. "Reflita.

Reflita. O rapaz terá que fugir antes que outras pessoas cheguem até aqui.

Não pode ficar onde está e lutar. A dinamite foi usada só para mantê-lo afastado. Esqueça a alameda. Verifique a porta da frente."

Disparou para a esquina. Há muito tempo que o rapaz abandonara a loja, cruzara o quarteirão, atravessara a rua, buscando proteção sob as sombras do tribunal. Era

difícil fazer pontaria com a pistola, devido à distância.

Resolveu tentar de qualquer maneira. Apoiou-se sobre um dos joelhos como se estivesse fazendo uma gnuflexão, manteve o outro levantado para servir de apoio ao cotovelo, manteve a arma firme, segurando-a com ambas as mãos enquanto mirava... e disparou. E errou... A bala ricocheteou de encontro à parede de pedra do tribunal. Teasle notou um cintilar minúsculo, escutou o estalar do rifle junto ao prédio e uma bala passou pela caixa de correio ao lado da qual se encontrava. Julgou ter visto a silhueta escura do rapaz embarafustando-se pelos fundos do tribunal. Começou a correr atrás dele, quando três explosões em série atearam fogo ao prédio. Os destroços incandescentes saíam voando pelas janelas. "Meu Deus, ele perdeu o juízo!", pensou Teasle, aumentando a velocidade. "Isto não foi feito apenas para tentar retardar-me. Está querendo explodir toda a cidade."

A madeira que revestia a parte interior do tribunal era velha e seca. As labaredas atingiram as salas do andar de cima. Sem parar de correr, Teasle colocou a mão no lado para fazer pressão sobre um músculo atacado de câibra, resolvido a não deixar que aquilo o deixasse para trás, esforçando-se para avançar o mais que pudesse antes que a pequena energia que conseguira reunir terminasse e seu corpo sucumbisse. O incêndio no tribunal irrompia, crepitava, a fumaça cobria a rua daquele lado de tal maneira que não conseguia situar a posição do rapaz. Havia alguém do outro lado da rua em frente ao tribunal, a sua direita, mexendo-se nos degraus da delegacia. Julgou que fosse o rapaz, porém tratava-se de Harris, olhando o incêndio.

- Harris! - Gritou, apressado para dizer tudo de uma vez. - O rapaz! Recue!

Saia daí!

Mas suas palavras foram tragadas por um estrondo provocado por uma explosão muito maior que sacudiu a delegacia e destruiu a fachada, escondendo Harris por trás de um redemoinho de labaredas e destroços. O

impacto gerado pela explosão deixou Teasle sem ação. Harris. A delegacia.

Aquilo era tudo quanto possuía e já não existia mais... a sua sala... as armas... os troféus... a Cruz do Mérito Militar. Tornou a lembrar-se de Harris, xingou o rapaz, gritou. Repentinamente, começou a correr pela calçada na direção das chamas, compelido por uma fúria que irrompera em seu íntimo. "Seu filho da puta", ia pensando. "Não precisava ter feito isso.

Não precisava..."

Mais à frente, à direita da calçada, havia mais duas fachadas de lojas e depois o gramado da delegacia, repletos de pedaços de madeira em chamas.

Enquanto corria, um tiro bateu de encontro ao concreto, perto de seu pé e ricocheteou. Atirou-se na sarjeta. A rua estava iluminada pelo incêndio, porém a parte posterior da delegacia ainda continuava nas trevas.

Respondeu ao tiro, fazendo pontaria contra o local onde vira o clarão do rifle. Disparou mais duas vezes e, ao levantar-se, o joelho não suportou o peso do corpo e despencou, atravessado, em cima da calçada. As energias tinham terminado.... Finalmente, o cansaço dos últimos dias tinha tomado conta dele.

Deixou-se ficar deitado ali, pensando no rapaz. Estava perdendo sangue, portanto devia estar tão fraco quanto ele mesmo. Contudo, isso não o estava impedindo de agir. Ora, se o rapaz tinha condições de prosseguir, ele também teria.

Mas, sentia-se tão cansado.... Tinha tamanha dificuldade para se mexer...

"Quer dizer que tudo aquilo que pensara a respeito de lutar contra o rapaz sozinho, sem ninguém por perto para levar a pior, era tudo uma mentira, não? E Orval, Shingleton, e todos os outros... a promessa que fizera, também era tudo uma mentira?"

"Não se pode prometer nada a homens mortos. Uma promessa desse tipo não conta."

"Não, prometeu a si mesmo... isso é o que importa. Se não fizer alguma coisa, não valerá nada para si mesmo nem para qualquer pessoa. Não está cansado. Está com medo."

Soluçou, engatinhou, ergueu-se. O rapaz estava na parte de trás da delegacia, à direita. Contudo, não poderia fugir por ali de vez que a área dos fundos terminava numa cerca de arame farpado e alta; do outro lado, estavam sendo levantadas as fundações do novo supermercado e a diferença de nível era muito acentuada. O rapaz não teria forças, nem tempo, para escalar a cerca e descê-la. Iria correr pela rua acima. No final, havia mais duas casas, depois um playground, em seguida, um terreno baldio de propriedade da cidade, coberto de capim alto e diversos pés de

framboesas silvestres e por fim, um barracão que algumas crianças haviam construído.

Deslocou-se para diante, com cuidado, usando o gramado inclinado diante da delegacia como proteção, tentando localizar o rapaz através da fumaça, sem querer ver pela segunda vez o que tinha restado de Harris e que estava espalhado pela calçada. Agora, encontrava-se entre o tribunal e a delegacia.

As labaredas iluminavam-no, a fumaça irritava os olhos, o calor que emanava do incêndio queimava o rosto e a pele. Chegou para mais perto do gramado, a fim de se proteger contra a claridade. A fumaça dissipou-se um pouco, e Teasle viu os moradores das duas casas no final da rua, de pé, nas varandas, falando, apontando Meu Deus, o rapaz seria capaz de explodir aquelas casas também. Ia matar aquelas pessoas do mesmo jeito que fizera com Harris.

Fez um esforço para chegar junto delas, tomando cuidado devido ao rapaz.

-

- Afastem-se daí! - Gritou. - Recuem!

- O quê? - Gritou alguém.

- Ele está perto de vocês. Corram! Fugam!

- O quê? Não consigo ouvi-lo com clareza!

Rambo agachou-se junto à varanda da última casa e fez pontaria contra Teasle. O homem e as duas mulheres que ali se encontravam estavam tão distraídos falando com o Chefe de Polícia que nem perceberam que o rapaz estava escondido tão perto deles. Porém, quando o cão foi puxado, devem ter ouvido o clique, pois houve um brusco movimento sobre a madeira que revestia a varanda, e uma das mulheres debruçou-se no gradil e exclamou: - Meu Deus! Ai, meu Bom Jesus!

Foi o suficiente para Teasle. Afastou-se da calçada, subiu o gramado da primeira casa e procurou cobertura na varanda. Assim mesmo, Rambo disparou, sem esperar atingi-lo, com a intenção apenas de assustá-lo. A mulher gritou. O rapaz retirou a cápsula vazia e fez pontaria contra a quina da varanda. O sapato de Teasle estava em evidência, iluminado pelas labaredas. Puxou o gatilho....., mas não aconteceu nada. O rifle estava descarregado. Sem tempo para recarregá-lo, largou-o e pegou o revólver.

Mas já não viu mais o sapato de Teasle... desaparecera. A mulher continuava gritando.

- Oh, moça, cale a boca, pelo amor de Deus! - Disse, dirigindo-se a ela. Em seguida, disparou para a quina traseira da casa, analisando as sombras no quintal. Teasle não se arriscaria a aproximar-se vindo da parte dianteira da casa onde as chamas o transformariam num alvo preciso e fácil. Iria esgueirar-se pelo quintal da primeira casa e, em seguida, passaria para o da outra. Rambo caminhou colado à quina, passou por uma bicicleta e um depósito de ferramentas, mantendo os olhos alertas e esperou. Estava com a testa aberta em consequência da batida contra o carro de Teasle, quando se chocara contra o rádio no painel. A manga da camisa estava pegajosa, empapada do sangue que lhe escorria pelos olhos abaixo. A colisão piorara a dor nas costelas e já não sabia qual dos dois ferimentos era o pior.

Esperou durante muito tempo. Sentiu uma ligeira sonolência, porém manteve-se alerta. Não tinha escutado o menor barulho, mas uma figura escura parecia estar-se esgueirando ao longo da cerca traseira, por entre os pés de sempre-vivas. Passou a manga sobre os olhos para retirar o sangue que lhe atrapalhava a visão, fez pontaria, mas não disparou. Não atiraria até que tivesse certeza de que era Teasle, realmente. Se a silhueta que avistara tivesse sido o resultado de um engano visual, atirar só iria servir para revelar o local onde estava. Também seria mais uma bala

perdida inutilmente. Só lhe restavam cinco balas no revólver, a câmara sob o gatilho estava vazia. A pistola de Teasle disparava treze tiros. "Deixe-o desperdiçar munição. Podia dar-se àquele luxo."

Também não atirara logo contra a silhueta por uma outra razão: ao limpar o sangue que lhe escorria pelos olhos, constatou que a visão não estava normal, pois vira uma imagem dupla, como se os olhos continuassem obstruídos. Não conseguia distinguir a forma das sempre-vivas da sombra escura, tudo estava embaralhado e sentia uma dor de cabeça tão forte que tinha a impressão de que o crânio ia partir-se.

"Por que razão a sombra não se mexia? Ou será que se movimentava e ele é quem não conseguia perceber? Contudo, se fosse Teasle, deveria ter feito algum barulho. Ora, vamos! Faça algum ruído! Por que não escutava nada?" O tempo escoava-se rápido. As sirenes soavam próximas. "Talvez fosse o corpo de bombeiros, porém também poderia ser a polícia. Vamos, Teasle." Rambo escutava as pessoas falando, assustadas, na varanda.

Pressentiu alguma coisa. Olhou para trás, a fim de verificar se ainda havia alguém na varanda com uma arma, ou qualquer outra coisa que o pudesse ferir. "Ó Cristo!" Teasle aproximava-se pelo gramado da frente. Perplexo e sem percebê-lo, Rambo fez pressão sobre o gatilho, disparando a arma.

Teasle soltou um grito, rolando sobre O gramado e indo parar na calçada.

Contudo, Rambo não conseguia entender o que se estava passando com ele mesmo, porque caíra para trás, sem peso, batendo sobre o lado, caindo de rosto em cima do mato. As mãos estavam mornas, o peito molhado e logo depois estava imóvel. "Ó meu Deus! Estava ferido. Teasle conseguira disparar e acertara-o. O peito estava insensível, os nervos paralisados!

Tenho que me mexer. Preciso fugir daqui. Sirenes!"

Não podia levantar-se. Debateu-se. Rastejou. Avistou uma cerca ao lado da casa. Mais além, alguns objetos indistintos no meio da noite. As labaredas que lambiam a delegacia e o tribunal cresciam de intensidade, iluminando tudo com uma tonalidade alaranjada, porém não conseguia ver as coisas com clareza. Apertou os olhos. A visão melhorou e conseguiu enxergar.

Gangorras, a palavra ressoava na sua cabeça. Balanços. Escorregas. Um playground. Rastejou de barriga para baixo, e bem devagarinho, rumo ao local, ouvindo o crepitar das labaredas atrás dele como o cantar de uma ventania no meio das árvores.

- Vou apanhar o revólver! Onde está meu revólver? - Gritou uma voz masculina de dentro da casa.

- Não, por favor... - implorava uma mulher. - Não saia daqui. Não se meta nisso!

- Onde está meu revólver? Onde foi que meteu o revólver? Já disse para me entregar.

Enfiou os cotovelos no gramado. Rastejando mais depressa, alcançou a cerca, o portão, abriu-o, atravessou-o apoiado nos joelhos. Escutou, atrás de si, o barulho cavo de passos sobre os degraus de madeira.

- Onde está ele? - Perguntava o homem, a voz soando bem nítida do lado de fora. -- Para onde foi?

- Ali! - Disse outra mulher presa de histeria, a voz daquela que o tinha visto escondido sob a varanda. - Ali! O portão!

"Pois muito bem, seus canalhas", pensou Rambo, olhando na direção das vozes. As labaredas estavam grandes. O homem estava de pé, junto ao depósito das ferramentas, fazendo pontaria com um rifle. Rambo reparou que ele mirava canhestramente. Quando o rapaz acertou em seu ombro, o homem colocou a mão sobre ele, e, com muita graça, rodopiou, despencou em cima da bicicleta colocada ao lado do depósito e, depois, caiu, desajeitado, quando a bicicleta resvalou, fazendo um ruído mesclado de correntes e raios de roda, e os dois espatifaram-se de encontro ao chão.

- Meu Deus... estou ferido - resmungava o homem. - Ele me acertou. Estou baleado.

Contudo, o homem desconhecia a sorte que tivera. Rambo tinha mirado contra o peito e não contra o ombro. Já não tinha mais capacidade para atirar com precisão, para manter a arma imóvel, o sangue jorrava do peito, não tinha mais esperança de conseguir escapar, nem um modo de se proteger com eficiência, nada. Talvez só pudesse contar com uma coisa a mais. A banana de dinamite que ainda estava no

bolso. "A dinamite", pensou. "Pegue a dinamite." Porém, com a pouca força que ainda lhe restava, não seria capaz de atirá-la a mais de metro e meio.

- Ele me acertou - gritava o homem. - Atirou contra mim. Estou baleado.

"Pois muito bem, companheiro, também estou ferido, contudo não me está escutando fazer nenhum estardalhaço por causa disso", pensou. Como não aceitava a ideia de se deixar ficar ali à espera dos homens que viriam em sua perseguição, recomeçou a rastejar novamente. Dirigindo-se para uma poça de lama seca, bem no centro do playground. Colocou-se bem no meio.

E ali os nervos vibraram, voltaram à vida e, aos poucos, teve consciência da dor. A bala de Teasle tinha-lhe atravessado as costelas quebradas e a sensação que experimentava era de estar trespassado por uma lança imensa que destilava veneno para dentro dele. A dor aumentou a ponto de deixá-lo desesperado. Provocava-lhe coceira no peito, dilacerava-o, cortava-o.

Sacudiu a cabeça, encolheu o corpo, e estava tão tumultuado com a dor que conseguiu sair de pé da poça de lama, a cabeça abaixada, ombros encolhidos, cambaleando em direção da cerca na extremidade do playground. A cerca era baixa. Inclinou-se por cima dela, ergueu os pés no ar. Dando um salto grotesco, passou para o outro lado, esperando que as costas batessem de encontro ao chão..., mas, ao invés disso, caiu em cima de galhos sem folhas e cheios de espinhos... um campo de sarças.

Framboesas silvestres. Já estivera por ali antes. Não conseguia determinar quando, mas já estivera ali. Não, não, estava enganado. Não, fora Teasle quem estivera no meio das sarças, lá nas montanhas, quando conseguira escapar a sua perseguição. Sim, fora isso. Teasle tinha conseguido. Agora, a jogada era diferente. Chegara a sua vez. Os espinhos penetravam-lhe na carne. Experimentava uma sensação gostosa, pois ajudavam-no a esquecer a dor. Teasle tinha conseguido escapar por entre sarças iguais àquelas. Por que ele também não iria conseguir?

Teasle estava deitado de costas em cima da calçada cimentada, ignorando as labaredas, com os olhos fixos, fascinados, numa lâmpada amarelada da rua. "Se estivéssemos no verão", pensou, "haveria cupins e mosquitos voando ao redor da lâmpada." Em seguida, ficou intrigado sem saber por que tinha pensado aquilo. Estava começando a perder a visão, piscava os olhos, mantendo as mãos sobre o buraco que tinha na barriga. Estava surpreso de não ter a menor sensação, salvo um formigar nos intestinos. Sabia da existência de uma perfuração nas costas também, mas aquilo não o incomodava. "Tanto estrago e tão pouca dor", pensou. Era quase como se seu corpo não lhe pertencesse mais.

Estava ouvindo "as sirenes. Primeiro poucas, depois uma porção delas, cantando em algum ponto além do incêndio. Às vezes, soavam fortes, às vezes pareciam estar a distância.

- Bem no fim da rua - falou, a fim de ouvir a própria voz, mas esta soava tão distante que seu pensamento tinha de estar separado do corpo. Mexeu uma das pernas, depois a outra, levantou a cabeça, arqueou as costas. Muito bem, pelo menos a bala atravessara o corpo, mas não tinha quebrado a coluna. "Contudo", disse de si para si, "a verdade é que está morrendo. Essa perfuração enorme e tão pouca dor, só pode ser um sinal de que você está morrendo..." e essa constatação também o deixou perplexo... ou seja, o fato de pensar a respeito da morte sem entrar em pânico.

Desviou o olhar do poste de iluminação para o tribunal em chamas; o fogo já tinha atingido o telhado, avançava na direção da delegacia, as labaredas saindo de todas as janelas. "E acabei de mandar pintar as paredes internas", pensou.

Havia alguém a seu lado. Ajoelhado. Uma mulher. Uma senhora idosa.

- Será que posso fazer alguma coisa por você? - Perguntou ela, com delicadeza.

"É uma senhora de coragem", pensou Teasle. "Toda esta santeira e ainda assim encontrou forças para se aproximar."

- Não. Não, muito obrigado - disse, com a voz muito fraca. - Não acredito que possa fazer alguma coisa por mim. A não ser..... Sabe se consegui acertar nele?

Está morto?

- Acho que ele caiu - respondeu a senhora. - Moro na segunda casa, aquela mais embaixo. Ao lado da delegacia. Não tenho certeza de nada.

- Está certo - respondeu Teasle.

- Minha casa está pegando fogo. Penso que alguém da outra casa foi baleado. Quer que eu vá apanhar um cobertor para você? Ou água? Está com os lábios secos.

- É mesmo? Não. Não, obrigado.

Não havia dúvida, tudo aquilo era surpreendente. A própria voz vinda de muito longe, porém a dela ali, bem juntinho, soando nítida nos ouvidos, e as sirenes, oh, as sirenes, cantando bem alto dentro de sua cabeça. Tudo estava ao contrário. Ele afastado de si mesmo, porém todo o resto que havia ali fora dentro dele. Fascinante. Precisava revelar-lhe esse fato. Ela merecia saber. Porém, quando a procurou já tinha desaparecido e teve a impressão de que fora um fantasma que ali estivera. Que tipo de aviso seria aquele...

aquela senhora sumir sem que se desse conta? As sirenes. Estavam altas demais. Penetravam-lhe no cérebro como se fossem facas. Ergueu a cabeça e olhou, por entre o fogo, para a parte mais afastada da rua, próximo à praça da cidade... carros da polícia contornavam a esquina lá embaixo, aproximando-se a toda pela rua acima, as luzes vermelhas girando sobre as capotas. Constou seis ao todo. Jamais vira nada com tamanha precisão, cada detalhe muito bem focalizado, principalmente cada tonalidade de luz, as lâmpadas vermelhas brilhando rápidas, os faróis dianteiros expelindo um clarão constante e amarelo, homens por trás dos para-brisas, parecendo alaranjados devido ao brilho das labaredas. Aquela visão era muito forte. A rua começou a girar, e teve de fechar os olhos ou vomitaria. Era só isso o que faltava. Ter ânsias e arrebentar ainda mais o estômago e quem sabe morrer, ali mesmo, antes de descobrir como iria terminar tudo aquilo. Há muito estava vencido. "Agente firme." Era tudo quanto podia fazer. Se ia morrer, e tinha certeza de que ia mesmo, não podia permitir que acontecesse agora. Não, até que tudo estivesse acabado.

Escutou o cantar dos pneus e, quando olhou novamente, os carros estavam freando com estardalhaço pouco antes da delegacia, os policiais saltando com as radiopatrulhas ainda em movimento, as sirenes morrendo. Um dos guardas apontou para a rua indicando o lugar onde ele jazia. Todos aproximaram-se correndo, os

sapatos batendo de encontro ao calçamento e, entre eles, viu Trautman. Estavam com as armas em punho. Trautman também estava armado. Devia ter arranjado um revólver numa das radiopatrulhas.

Agora também avistava Kern entre eles. Enquanto corria dava ordens a um homem: - Volte para o carro! Peça uma ambulância! - Kern apontava para a rua, para ambas as extremidades da rua, ordenando aos outros: - Tirem essas pessoas daqui! Façam-nas recuar!

Que pessoas? Não estava entendendo nada. Olhou em volta e se deu conta da materialização de dúzias de pessoas. Ficou atônito diante do aparecimento repentino de toda aquela gente. Observavam o incêndio.

Havia algo estranho estampado em seus rostos. Aproximavam-se dele, os olhos alvoroçados, corpos retesados, e Teasle levantou as mãos para mantê-los afastados, sentindo um medo irracional, quase gritando "Ainda não!", quando um policial chegou junto dele, impedindo-as de se aproximarem e formarem um círculo a sua volta.

- O rapaz - disse ele.

- Não fale -- recomendou-lhe Kern.

- Acho que acertei nele - disse, com calma. Concentrou-se, procurando imaginar que era mesmo o rapaz. - Foi. Acertei nele - Vai precisar de todas as suas forças. Não fale. Já providenciamos a vinda de um médico. Podíamos ter chegado mais cedo, porém fomos forçados a contornar os incêndios na...

- Escute.

- Acalme-se. Fez tudo quanto estava a seu alcance. Deixe que cuidemos de tudo daqui em diante.

- Mas preciso dizer-lhe onde ele está.

- Aqui! - Gritou uma mulher que estava num gramado em frente a uma casa. - Aqui atrás! Tragam um médico!

- Vocês oito, acompanhem-me - comandou Kern. - Espalhem-se. Metade daquele lado, a outra metade do outro. Tenham cuidado. Os outros ajudem a afastar essa multidão.

- Mas ele não está lá atrás - disse Teasle. Mas era tarde demais. Kern e os homens já se tinham afastado. - Lá atrás não - repetiu para si mesmo. -

Kern. O que está acontecendo? Não me escuta?

Estava acontecendo a mesma coisa que se passara quando resolvera não aguardar Kern para dar início à perseguição, concluiu Teasle. Se estivessem com ele, a busca teria sido muito mais confusa e os homens de Kern teriam morrido como todos os outros.

Trautman ainda não dissera uma palavra. Os poucos policiais que tinham permanecido no local procuravam evitar a visão de todo aquele sangue.

Mas com ele era diferente.

- Não, você não, Trautman. Você não se importa com sangue. Está acostumado com ele.

Trautman não respondeu, limitou-se a ficar olhando. Um dos policiais disse: - Talvez Kern esteja com a razão. Acho melhor não tentar falar.

- Claro, foi isso que falei para Orval quando foi baleado. Porém, ele não queria morrer calado, assim como também não o desejo. Ei, Trautman, consegui o que pretendia. Não lhe disse que chegaria lá? E consegui.

- Sobre o que está falando? - Disse um dos policiais. - Não estou entendendo.

- Olhe para ele. Seus olhos - comentou um outro. - Está ficando doido.

Sem afastar os olhos de Teasle, Trautman fez um sinal para que ficassem calados.

- Falei que conseguiria agarrá-lo, não falei? - A voz de Teasle parecia-se com a de uma criança vitoriosa. Não gostava da impressão que estava dando aos outros, mas não conseguia dominar-se. Alguma coisa dentro de si compelia-o a agir daquele modo, induzia-o a revelar todo o segredo. - Ele estava lá adiante, ao lado da varanda. E eu estava ali, naquela outra casa, ao lado daquela varanda. Tinha a sensação exata de que estava aguardando minha chegada. Trautman, sua escola proporcionou-lhe um treinamento bastante bom. Ele agiu exatamente da maneira para a qual fora preparado e foi assim que o antecipei. - O ferimento coçava, passou a mão sobre ele, o sangue escorria e estava assombrado ao ver que conseguia conversar daquele jeito. Tinha consciência de que deveria estar com

falta de ar, pronunciando cada palavra após um tremendo esforço e eis que elas não paravam de brotar, umas atrás das outras, num fluxo constante como o desenrolar de uma fita. - Comecei a me colocar no lugar dele. Está entendendo? Pensei tanto sobre ele que é como se soubesse o que estava fazendo. E foi então, quando estávamos os dois ao lado das varandas, que comecei a imaginar o que ele faria. De repente, descobri o que ele esperava que eu fizesse... Rambo achava que eu não me aproximaria vindo do lado da rua, que estava iluminada pelo incêndio, mas sim através do quintal e por entre as árvores, contornando os fundos da casa. Por entre as árvores, Trautman. Está-me seguindo? A escola ensinou-o a lutar nas guerrilhas das montanhas, logo, instintivamente, recorria às árvores, ao gramado, aos arbustos no quintal. Quanto a mim, após tudo quanto me fez lá nas montanhas, estaria perdido se lutasse segundo os termos dele. Tinha que ser nos meus termos. Lembra-se do que lhe disse? Minha cidade. E se queria agarrá-lo, seria na minha rua, perto das minhas casas, com a iluminação que partia do meu escritório em chamas. E foi o que fiz. Antecipei-o, Trautman. Levou um tiro no peito.

Trautman continuava sem dizer uma única palavra. Antes de voltar a falar, levou muito tempo com os olhos fixos no ferimento sobre o estômago.

- Isto? Está-se referindo a isto que está mostrando com o dedo? Já lhe disse antes. Sua escola treinou-o muito bem. Meu Deus! Que reflexos!

De repente, no meio da noite, sobrepujando o fragor do fogo, ouviu-se uma explosão violenta que clareou toda aquela área do céu. O eco retumbou por toda a cidade.

- Cedo demais. Explodiu antes da hora - disse um dos policiais, decepcionado.

- Antes da hora por quê?

Kern estava saindo dos fundos da casa, descendo o gramado, rumando para a calçada.

- Ele não está lá nos fundos.

- Eu sei. Eu tinha avisado a você.

- Baleou um homem no ombro. Era por isso que aquela mulher estava gritando. Meus homens estão tentando descobrir o rasto dele. Estão seguindo umas marcas

de sangue. - Kern estava meio alheio, olhando para as ondas de claridade no céu numa das partes da cidade.

- O que foi? Que explosão foi essa? - Indagou Teasle.

- Meu Deus... acho que não terão tempo bastante.

- Tempo bastante para quê?

- Os postos de gasolina. Rambo ateou fogo a dois deles. Escutamos pelo rádio que os bombeiros se encontravam lá. As bombas e os prédios principais estavam tão envolvidos pelas chamas que não tiveram condições de se aproximar para fechar o registro da gasolina. Já iam cortar a energia de toda aquela área da cidade quando compreenderam que, se fechassem as bombas, a pressão puxaria o fogo para o interior dos tanques, principais no subsolo e o quarteirão inteiro explodiria. Mandeí uma das minhas turmas ajudá-los a evacuar a área. Meu Deus, espero que tenham conseguido a afastar-se antes da explosão. Ainda há mais um para explodir... quantos estarão mortos quando tudo isto estiver terminado!

Do lado da casa partiu um grito: - Ele atravessou este playground!

- Não se preocupe - disse Teasle. - Já não se encontra mais ali.

- Não pode ter certeza sobre isso. Já está deitado aqui há muito tempo.

Pode ter-se dirigido para qualquer lugar.

- Não, você precisa raciocinar como se fosse ele. Tem que fingir que é ele.

Rastejou através do playground, deu um jeito para ultrapassar a cerca lá adiante e está no meio dos pés de framboesas silvestres e das sarças. Foi assim que consegui escapar dele e, agora, o rapaz está tentando fugir da mesma forma; agora está muito ferido. Não podem avaliar a dor que sente no peito. Lá adiante, há um barracão construído por algumas crianças... é rumo a ele que o rapaz está rastejando.

Kern lançou um olhar preocupado para Trautman e para os dois policiais.

- O que aconteceu a ele enquanto eu estava atrás da casa? O que aconteceu?

Um dos policiais balançou a cabeça de maneira estranha.

- Ele pensa que é o rapaz.

- O que?

- Ficou maluco - retrucou o outro.

- Vocês dois cuidem dele. Quero que fique calmo - recomendou-lhes Kern.

E, assim falando, ajoelhou-se ao lado de Teasle. - Aguarde um pouco mais que o médico já está a caminho. Não vai demorar muito. Prometo-lhe.

- Isso não faz diferença.

- Tente. Por favor.

Campainhas e mais sirenes tocaram, enquanto dois imensos carros do Corpo de Bombeiros arrastaram-se pelo quarteirão, parando pesadamente junto aos carros da polícia. Os bombeiros pulavam, vestidos com roupas de borracha, correndo para pegarem as ferramentas para abrir os hidrantes, puxando as mangueiras.

Um outro grito partiu do lado da casa: - Ele atravessou todo o playground! Há sangue por aqui tudo! Estou vendo uma espécie de campo e arbustos.

- Já disse para não gritar! - Em seguida, Kern falou, dirigindo-se a Teasle estirado na calçada. - Está certo, vamos descobri-lo por você. Vejamos se tem razão quanto ao local onde se encontra Rambo.

- Espere.

- Ele fugirá. Preciso ir.

- Não... espere. Tem que me prometer uma coisa.

- Já fiz isso. O doutor está a caminho. Prometi-lhe, não?

- Não é isso. Trata-se de outra coisa. Quando o encontrar tem que me deixar ir até lá para assistir ao fim. Tenho esse direito. Estive envolvido demais para não ver o final.

- Odeia-o tanto assim?

- Não o odeio. Não entende. Ele é quem o quer. Quer que eu esteja lá.

- Meu Deus! - Kern olhou assombrado para Trautman e os outros.
- Acertei-o e, imediatamente, deixei de odiá-lo. Tudo quanto senti foi pena.
- Mas claro.

- Não... não por ele ter-me acertado, também. Não faria a menor diferença, se tivesse acertado ou não. Ainda assim, teria sentido pena. Tem que me prometer que estarei lá quando tudo terminar. Devo isso ao rapaz. Tenho que estar ao lado dele quando ele morrer.

Meu Deus!

- Você me promete.
- Está bem.
- Não minta. Sei o que lhe está passando pela cabeça... que estou seriamente ferido para ser levado até lá.
- Não estou mentindo - replicou Kern. - Preciso ir. - Fez um sinal na direção dos homens espalhados pelo lado da casa. Estes juntaram-se a ele.

Em seguida, começaram a subir a rua, nervosos, rumo ao playground e ao campo situado mais além.

Exceto Trautman.

- Não, você não, hem Trautman - disse Teasle - Ainda continua querendo manter-se fora disso, não? Porém, não acha que devia ver? Não acha que devia estar lá e ver como ele agiria?

Quando Trautman finalmente falou, sua voz ressoou tão seca quanto a madeira do tribunal devia estar quando começou a incendiar-se.

- Está muito ruim?
- Não estou sentindo nada. Não. Estou enganado, novamente. O cimento está muito macio.

- Oh! - Uma outra explosão violenta clareou o céu mais adiante. Trautman ficou olhando, muito pálido. A outra bomba de gasolina.

- Marque outro ponto a favor do seu rapaz - disse Teasle. - Puxa, sua escola treinou-o realmente muito bem. Quanto a isso, não havia a menor dúvida.

Trautman olhou para os bombeiros que esguichavam a água das mangueiras em cima do tribunal e da delegacia, e depois para o buraco no estômago de Teasle, e seus olhos tremularam. Colocou uma cápsula na câmara de disparo da arma, antes de começar a subir o gramado, na direção do quintal da casa.

- Para que fez isso? - Perguntou-lhe Teasle. Mas já sabia qual a resposta. -

Espere.

Trautman não disse nada. Suas costas já se afastavam da área iluminada pelo fogo na direção das poucas sombras que ainda havia no lado da casa.

- Espere - disse Teasle, mostrando pânico na voz. - Não pode fazer isso -

gritou. - Não cabe a você fazer isso!

Trautman, agindo da mesma maneira que Kern, já tinha ido embora.

- Que diabo, espere! - Berrou Teasle. Rolou de barriga para baixo batendo com as mãos sobre a calçada. - Tenho que estar lá! Tem que ser eu!

Com esforço, conseguiu apoiar-se sobre as mãos e os joelhos, tossindo, o sangue gotejando do estômago para cima da calçada. Os dois policiais agarraram-no obrigando-o a se deitar.

- Tem que repousar - disse um deles. - Acalme-se!

- Deixem-me em paz! Não estou brincando! Os homens lutavam para dominá-lo. Debatia-se.

- Tenho esse direito! Fui eu quem começou tudo isso!

- É melhor deixá-lo ir. Se continuar lutando dessa maneira vai acabar de se arrebentar.

- Veja só como estou com as roupas salpicadas de sangue! Quanto mais ainda pode ter dentro de si? - Comentou um dos guardas.

"O bastante", pensava Teasle. "O suficiente." Apoiou-se outra vez nos joelhos e nas mãos, puxou uma perna, depois a outra, concentrando-se para conseguir pôr-se de pé. Sentia na boca o sabor salgado do sangue. Pensava: "Fui eu quem começou tudo isso, Trautman. Ele me pertence. Não a você.

O rapaz deseja que seja eu."

Concentrou as energias, ergueu-se, deu um passo, em seguida aprumou-se, lutando para não perder o equilíbrio. Se caísse, tinha certeza de que jamais teria condições de tornar a se levantar. Teve de se controlar, equilibrando-se, à medida que se movia pelo gramado na direção da casa. Pensava: "Sei disso, Trautman. Ele quer que seja eu. Você não. Eu."

Agonizante, Rambo engatinhou por entre as sarças rumo ao barracão. A claridade do fogo refletia-se fraca sobre ele. Ainda assim, notou que uma das paredes estava inclinada para dentro, o telhado caído num dos cantos, porém não pôde ver o que havia lá dentro através da porta entreaberta, pois o interior estava escuro como breu. Rastejou, mas teve a sensação de estar levando muito tempo para cobrir uns poucos metros. Pouco depois, descobriu que estava fazendo apenas os movimentos sem conseguir sair de onde estava. Esforçou-se mais e, lentamente, cobriu alguma distância rumo ao barracão.

Porém, quando alcançou a entrada escura, não encontrou coragem para prosseguir. Aquilo parecia-se por demais com a cela onde estivera prisioneiro durante a guerra, escura, minúscula, apertada. Recordou-lhe, estranhamente, o boxe onde Teasle o forcara a entrar e a cela na qual o Chefe de Polícia quisera trancá-lo. Eles eram muito bem iluminados, era verdade, mas a aversão tinha sido idêntica. Como poderia ter estado tão fora de si, a ponto de desejar transformar aquilo numa luta, se era exatamente dela que tanto quisera fugir?", pensou.

De qualquer maneira, uma luta estava fora de cogitação naquele momento.

Tinha visto muitos homens morrerem em consequência de ferimentos a bala, para ignorar que sangraria até morrer. A dor persistia no peito, na cabeça, acentuando-se muito a cada batida do coração, e as pernas estavam frias e entorpecidas devido à perda de sangue. Aí estava a explicação para a dificuldade que encontrava ao engatinhar. Os dedos estavam insensíveis as mãos, as extremidades nervosas iam sendo bloqueadas gradualmente. Não tinha muito tempo de vida. Pelo menos, ainda podia escolher onde ela o iria abandonar. Ali não, assim como nas cavernas. Estava decidido a nunca mais passar por momentos coma aqueles. Não, morreria ao ar livre. Onde pudesse ver o céu sem dificuldade e sentir o ar da noite soprando livremente.

Agarrou-se ao lado direito do barracão e embarafustou-se por entre os arbustos. O lugar exato. Isso é que era necessário. Um local confortável e conveniente. Próprio para ele. Suave. Precisava encontrá-lo, antes que fosse tarde demais. Avistou uma depressão rasa, com o comprimento do seu corpo, pareceu-lhe promissora, porém, quando se deitou nela, achou que se parecia demais com uma sepultura. Ainda tinha muito tempo para fazer na sepultura. Precisava de qualquer outro lugar,

justamente o oposto, alto, sem limites, aproveitando seus últimos momentos para gozá-lo.

Rastejando, olhou por entre os arbustos e avistou uma suave elevação mais à frente. Quando lá chegou, constatou que se tratava de um aterro, com as encostas cobertas de arbustos por todos os lados, a parte de cima coberta por uma camada de relva outonal. Não era tão alto quanto desejava. Porém, situava-se acima do campo e deitar-se de costas sobre a relva era gostoso, dava-lhe a sensação de estar sobre um colchão de palha. Olhou para o alto, na direção dos desenhos cor de laranja vivos que as labaredas projetavam sobre as nuvens. Aquele era o lugar ideal.

Pouco depois estava à vontade. Porém, a dor aumentava, maltratando-o, mas, em compensação, o entorpecimento subia-lhe até os joelhos, os cotovelos. Dali a pouco atingiria o peito, fazendo a dor desaparecer, e depois? A cabeça? Ou será que já estaria morto antes que isso acontecesse?

Muito bem. Era melhor pensar para ver se não tinha mais alguma coisa a fazer, algo importante que tivesse esquecido. Retesou-se, devido à dor.

Não, achava que nada mais lhe restava fazer.

"E com relação a Deus?"

Aquela ideia deixou-o confuso. Só se lembrava de Deus nos momentos de maior pavor... então rezava, mas sempre sem jeito, porque não acreditava, e sentia-se hipócrita quando orava em meio ao medo, como se, apesar de sua descrença, Deus devesse existir. Deus que podia ser enganado por um hipócrita. Quando era criança, então sim, acreditara na existência de Deus.

Não tinha dúvida de que acreditara durante a infância. Como era mesmo o ato de Contrição que costumava recitar à noite? As palavras vieram-lhe à mente indecisas, estranhas para ele. "Ó meu Deus, pesa-me de todo o coração Vos ter.... Vos ter o quê?"

"Pesa-me de todo o coração tudo quanto ocorreu nos últimos dias. Sinto muito que tudo tenha acontecido." Mas tinha que ser assim mesmo.

Arrependia-se, mas sabia que, se aquela segunda-feira voltasse, as coisas se passariam da mesma maneira como tinha consciência de que Teasle também agiria de forma idêntica. Não tinha como evitar tudo aquilo. Se a luta deles dois tinha

sido por uma questão de orgulho, também fora ocasionada por algo mais importante.

Por exemplo?

"Como, por exemplo, uma porção de idiotices", disse de si para si.

"Liberdade e direitos." Não tinha conseguido estabelecer um princípio.

Tomara a decisão de lutar contra qualquer um que exercesse pressão sobre ele, e isso era bastante diverso - não se tratava de uma coisa ética e sim pessoal, emocional. Tinha matado muita gente e podia alegar que aquelas mortes tinham sido necessárias, pois, todas elas, eram parte daquilo que o pressionava, tornando impossível, para alguém como ele, ser bem-sucedido. Porém, não acreditava nisso de uma forma total. Gostara por demais da luta, apreciara demais o risco que correria e a confusão que gerara. Pensou que talvez a guerra o tivesse condicionado àquilo. Talvez se tivesse acostumado tanto a combater que não podia mais deixar de fazê-lo.

Não, isso também não era verdade. Se tivesse realmente querido controlar-se, tê-lo-ia conseguido. Simplesmente, não o desejara. Estava determinado a combater qualquer um que interferisse em seu modo de viver. Pois então, muito bem, de certa maneira lutara por um princípio. Mas as coisas não eram tão simples assim, pois também sentira orgulho e deliciara-se em poder mostrar o quanto era bom numa luta. Não era um homem que pudesse ser pressionado... oh, sim era... e agora estava morrendo e ninguém queria morrer... tudo quanto pensara sobre princípios era, apenas, um monte de tolices para justificá-lo. Pensar que teria feito tudo novamente era apenas um estratagema para convencer a si mesmo de que tudo o que lhe estava acontecendo, naquele momento, não poderia ter sido evitado. Meu Deus, as coisas agora estavam certas. Não podia fazer coisíssima alguma, nem princípios nem orgulho tinham nada a ver com o que estava para suceder. O que deveria ter feito era divertir-se mais com as garotas risonhas, beber mais água gelada e saborear mais melões. Isso também era pura idiotice... pensar no que deveria ter feito e todas aquelas reflexões a respeito de Deus estavam apenas complicando o que tinha constatado pouco antes, ou seja, que, se o entorpecimento que ia, aos poucos, tomando-lhe conta das coxas e braços era um modo fácil de morrer, também era desprezível. E débil. Passivamente frustrante. A única escolha que ainda lhe restava era como morrer. E não seria como um animal ferido, metido num buraco, que se vai deteriorando gradualmente, sem o perceber, calma e pateticamente.

Desde que assistira, pela primeira vez, a alguns nativos mutilando um corpo na selva, passara a recear o que aconteceria a seu próprio corpo quando morresse. Como se seu corpo ainda pudesse ter alguns reflexos nervosos... imaginara, sob a ação de uma aversão desalentadora, como se sentiria, se lhe retirassem todo o sangue das veias, injetassem nelas o líquido de embalsamento, extirpassem seus órgãos, submetessem a caixa torácica a um tratamento desinfetante. Pensara na sensação de ter os lábios suturados pelo encarregado da casa funerária, bem como as pálpebras, a fim de mantê-las cerradas, e tivera náuseas. A morte... era estranho como a morte não o preocupava tanto como aquilo que lhe aconteceria depois.

Muito bem, não lhe poderiam fazer nada disso, se nada mais restasse dele.

Pelo menos dessa maneira, fazendo-o ele mesmo, havia a possibilidade do prazer.

Retirou a última banana de dinamite do bolso, abriu a caixa de estopins e detonadores, enfiou um exemplar de cada na banana; em seguida, meteu-a entre a calça e a barriga. Antes de acender o estopim, hesitou. Aquelas reflexões a respeito de Deus estavam complicando as coisas. O que estava querendo fazer era suicidar-se, e isso o condenaria às penas do inferno. Se acreditasse nisso. Mas não acreditava. Convivera durante muito tempo com a ideia do suicídio... durante a guerra... quando levava consigo a cápsula de veneno que seu comandante lhe dera para não se deixar capturar e torturar.

Depois, quando foi capturado, não teve tempo de engoli-la. Mas, agora, acenderia o estopim.

E se Deus existisse? Bem, se Deus existia, não poderia culpá-lo por ter sido coerente com sua descrença. Mas uma sensação intensa lhe estava reservada. Sem dor. Rápida demais para que tomasse consciência da dor.

Apenas um clarão diluente. Isso seria alguma coisa, pelo menos. Já sentia o entorpecimento à altura da virilha e preparou-se para acender o rastilho.

Então, lançando um último olhar pelo playground, viu, na claridade do incêndio, a imagem fora de foco de um homem vestido com a farda dos paraquedistas, deslocando-se com cuidado, abaixado, por entre a proteção dos balanços e escorregas. Tinha um rifle consigo. Ou uma espingarda de caça. Os olhos de Rambo já não conseguiam mais distinguir a diferença entre as duas armas. Porém, via que era uma farda de paraquedista e estava certo de que era Trautman. Não podia ser mais ninguém. E por trás de Trautman, cambaleando através do

playground, com as mãos comprimindo o estômago, vinha Teasle... tinha de ser ele... andando com dificuldade, batendo de encontro a um conjunto de barras de ferro. E Rambo, então, compreendeu que havia uma melhor maneira de morrer.

Teasle agarrou-se às barras, para descansar um pouco. Depois afastou-se, andando com dificuldade em direção da cerca. Ficara alucinado ao pensar que Trautman pudesse chegar ao campo antes dele, mas agora tudo estaria ótimo... Trautman estava apenas a alguns passos a sua frente, agachado ao lado de um banco, examinando os arbustos do campo. Apenas alguns passos mais à frente. Adiantou-se, agarrou-se ao banco para não cair, encostou-se ali, respirando com dificuldade.

Sem desviar os olhos do campo, Trautman disse-lhe: - Abaixе-se. Esteja certo de uma coisa, se não fizer o que lhe digo, Rambo o verá.

- Faria isso se pudesse, porém nunca mais poderia levantar-me.

- E de que adiantaria isso? Não está em condições de fazer nada. Fique fora disso. Está-se matando!

- Acha que vou ficar deitado e deixar que termine isso por mim? Desista da ideia! De qualquer maneira, estou morrendo mesmo.

Trautman desviou os olhos na direção de Teasle.

Kern encontrava-se perto dali, fora de vista, gritando: - Meu Deus, mas que inferno... abaixe-se! O rapaz está bem protegido e não estou disposto a pôr em risco nenhum de meus homens! Mandeі apanhar gasolina! Ele gosta de brincar com fogo, pois vamos queimá-lo!

"É Kern, seu estilo é esse mesmo", pensou Teasle. Colocou a mão em cima do estômago, procurando mantê-lo no lugar, e deu um passo à frente de maneira canhestra, deixando-se cair de encontro à cerca.

- Mas que inferno! Abaixе-se! - Tornou a gritar Kern. "Desista. Queime-o, Kern, não é o que quer? Esse é o tipo da ideia que eu esperava fosse sair de sua cabeça!", pensou Teasle. "Mas pode até apostar que, antes de o fogo chegar até ele, sairá de onde está, atirando, para levar consigo alguns de seus homens. Só há um modo para acabar com o rapaz... e assim mesmo, só um homem como eu, que já não tem a menor esperança de salvação, é que poderá realizá-lo. Tem-se que ir até lá de qualquer maneira e agarrá-lo.

Desconhece isso porque ainda não perdeu muitos homens."

- Mas que diabo é isso? - Gritou Kern, e Teasle percebeu que tinha pensado em voz alta.

Ao constatar isso, o Chefe de Polícia começou a se movimentar. Precisava alcançar a cerca enquanto tinha forças para tanto. Havia sangue na cerca.

Sangue do rapaz. Muito bom. Rumou para o lugar onde o rapaz se encontrava. Reuniu as energias necessárias, o sangue gotejando por cima das gotas que Rambo perdera, e pulou a cerca. Achou que tinha batido com força de encontro ao solo, porém o cérebro não tinha registrado o impacto.

Abandonando a proteção do banco, Trautman aproximou-se com uma corrida rápida, saltou a cerca e caiu agachado ao lado dele, junto a uma moita.

- Afaste-se daqui - disse Teasle.

- Não sairei daqui. Se não calar a boca, ele ficará sabendo o que temos na cabeça.

- Não está aqui por perto. Está lá em cima, bem no meio do campo. Escute aqui, você sabe que ele quer que eu vá até lá. Tenho o direito de estar lá quando chegar o fim. Sabe disso muito bem.

- Sim.

- Pois então não se meta no que não é da sua conta.

- Comecei isso muito antes de você, e vou ajudar. Não há nada de errado em aceitar um auxílio. Agora, trate de ficar calado e vamos andando, enquanto pode.

- Muito bem... quer me ajudar? Então, ajude-me para que eu consiga erguer-me. Não tenho mais condições de fazê-lo por mim mesmo.

- Está falando sério? Mas que confusão vai haver por aqui!

- Shingleton disse isso também.

- O quê?

- Nada.

Trautman o tinha ajudado a se erguer. Em seguida, o capitão rastejou para o meio dos arbustos, desaparecendo. Teasle ficou onde estava, a cabeça por sobre o arbusto, vigiando, refletindo. "Vá. Continue e rasteje o mais rápido que puder. Não fará a menor diferença... pode fazer o que bem entender.

Chegarei junto dele antes de você."

Tossiu e cuspiu alguma coisa salgada. Abriu caminho por entre as moitas, seguindo uma linha reta, rumo ao barracão. Estava claro que o rapaz seguira por ali, pois os galhos quebrados era uma pista nítida. Teasle continuou a caminhar devagar, não querendo correr o risco de cair e não poder mais levantar-se. Ainda assim, ficou surpreso com a rapidez com que conseguiu chegar até o barracão. Porém, quando já se preparava para entrar, percebeu, por instinto, que o rapaz não se encontrava ali. Olhou em volta e, como se estivesse sendo atraído por um ímã, começou a andar trôpego, rumando para outra trilha, em direção a uma elevação. Lá. O rapaz estava lá. Sabia-o, podia senti-lo. Não tinha a mínima dúvida.

Quando estava deitado na calçada, alguém tinha dito que estava delirando.

Porém, estava enganado. Não estivera delirando. Naquele momento não.

Agora... agora sim, estava sob a ação de um delírio... seu corpo parecia estar-se diluindo, abandonando-o, apenas sua cabeça flutuava por cima do arbusto rumo à elevação; a noite estava-se transformando num dia maravilhoso, o reflexo alaranjado das chamas tornando-se mais forte, redemoinhando alucinado. Ao alcançar a elevação, deixou de experimentar a sensação de estar flutuando e deixou-se ficar ali, iluminado pelo clarão resplandecente. Ela estava chegando. Teasle já não dispunha mais de tempo. Como se sua vontade pertencesse a outra pessoa, viu os próprios braços levantando-se diante dele, a arma apontada para a elevação.

Àquela altura, o entorpecimento já atingira os ombros de Rambo, o umbigo e, ao tentar manter a arma firme, tinha a impressão de estar mirando com dois pedaços de madeira. Viu quando a imagem de Teasle dividiu-se em três focos, lá embaixo, com os olhos brilhando e sabendo que não lhe restava nenhuma saída, fez pontaria. Não iria deixar-se matar passivamente. Não acenderia o rastilho, seria autodestruição. Mas sim daquela maneira, o único modo adequado... dando o melhor de si mesmo, na tentativa de matar Teasle no último instante da luta. Sentindo-se traído pelos olhos e mãos, não pensou que ainda tivesse capacidade para ferir o Chefe de Polícia. Porém, não podia deixar de tentá-lo. Se errasse, Teasle veria o clarão da arma e dispararia contra ele. "Aí sim, terei morrido tentando", pensou. Esforçou-se por apertar o gatilho, dirigindo a mira para a figura central de Teasle. O cano balançava-se e jamais conseguiria acertar no outro. Porém não podia deixar de tentar. Tinha que dar o melhor de si mesmo naquela tentativa. Quis apertar o gatilho, mas a mão não lhe obedeceu; e, enquanto se concentrava naquilo, o revólver disparou inesperadamente. Sem pontaria e negligentemente. Xingou-se. Não era a verdadeira luta que tanto desejara, e agora a bala de Teasle iria alcançá-lo quando não o merecia. Esperou. O tiro já devia tê-lo atingido. Apertou os olhos para enxergar melhor, olhando para a parte inferior da elevação onde Teasle mantinha-se deitado junto ao arbusto. Deus, conseguira acertá-lo.

"Oh Jesus, não tinha querido isso." E o entorpecimento já estava tão forte àquela altura que não poderia mais acender o rastilho. Tão miserável. Tão pavoroso e miserável. Depois, a morte apossou-se dele... porém, não era de modo algum o sono maravilhoso, sem fim e sombrio, pelo qual tinha esperado. Era bem mais parecido com o resultado da dinamite....., mas partia da cabeça, e não do estômago. Rambo não podia entender por que era assim e ficou assustado. Então, como era, apenas aquilo que lhe restava, não opôs obstáculos e acompanhou a morte. Irrompeu livremente pela parte posterior da cabeça, e seu espírito foi atirado pelo céu, através de miríades de espectros, para frente, para trás, para sempre, deslumbrante, brilhante, e pensou que, se continuasse daquele jeito por mais tempo, talvez estivesse enganado e visse Deus, no final das contas.

"Muito bem", pensou Teasle. Jazia de costas sobre o arbusto, admirando com assombro as estrelas, repetindo para si mesmo que desconhecia o que o tinha atingido. Na verdade, ignorava-o. Vira o clarão da arma, caíra, porém, a queda tinha sido lenta e suave e não sabia realmente o que o atingira, não o percebera, não reagira. Pensou em Anna, mas afastou-a do pensamento, não porque aquela lembrança lhe fosse dolorosa, mas sim porque, depois de tudo aquilo, ela já não lhe parecia mais importante.

Percebeu que alguém se aproximava por entre os arbustos, pisando em cima deles, quebrando os ramos. "O rapaz está vindo", pensou. "Contudo, vinha devagar, muito devagar. Mas, naturalmente, ele está seriamente ferido..."

Mas tratava-se de Trautman, de pé, o contorno da cabeça bastante nítido de encontro ao céu, o rosto e a farda iluminados pelas chamas, mas nos olhos uma expressão vazia.

- Como se sente? - Perguntou-lhe Trautman. - Dói muito?

- Não - respondeu Teasle. - Na realidade, é uma espécie de prazer. Se não pensar no que está para chegar.... Que explosão foi essa que escutei? Tive a impressão de que era outro posto de gasolina voando pelos ares.

- Fui eu. Acho que fui eu. Arranquei a parte de cima da cabeça dele com a espingarda de caça.

- Como se sente agora?

- Bem melhor do que quando sabia que ele sofria.

- Sim.

Trautman retirou a cápsula deflagrada da espingarda, e Teasle ficou observando o amplo arco descrito por ela ao deslizar pelo ar. Tornou a pensar em Anna, mas ela já não lhe despertava nenhum interesse. Pensou na casa que reformara lá nas colinas, nos gatos, e nada disso lhe interessou tampouco, e um segundo antes de a

cápsula completar seu arco e alcançar o chão, ele relaxou e aceitou, conformado, o destino. E estava morto.

Fim

Digitalização e Revisão: TVCINESOM

***Nota do revisor:** Este material foi digitalizado a partir de uma tradução feita a quase 50 anos, antes do novo acordo ortográfico brasileiro. Foi feita uma adaptação do texto para os dias atuais, corrigindo a grafia e trocando palavras e frases, já desusadas, por sinônimos, mas respeitando a obra original da tradutora Wilma Ronald de Carvalho.*

Rio de Janeiro, setembro de 2022